



UFAM

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS - ICHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA -
PPGSCA**

**O Borbulhar das Águas e a Fenomenologia do Lugar: afeto e pertença em relação aos
balneários de Manaus**

EVELINE MARIA DAMASCENO DO NASCIMENTO

**MANAUS - AM
2017**

EVELINE MARIA DAMASCENO DO NASCIMENTO

O Borbulhar das Águas e a Fenomenologia do Lugar: afeto e pertença em relação aos balneários de Manaus

Tese de Doutorado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas. Linha de Pesquisa 1: Sistemas Simbólicos e Manifestações Culturais, por ocasião do Exame de Defesa, orientada pela professora doutora Iraildes Caldas Torres.

Aprovado em 27 de novembro de 2017

Profa. Dra. Iraildes Caldas Torres (UFAM)

Profa. Dra. Rosa Ester Rossini (USP)

Profa. Dra. Adorea Rebello da Cunha Albuquerque (UFAM)

Prof. Dr. Henrique dos Santos Pereira (UFAM)

Prof. Dr. Sérgio Ivan Gil Braga (UFAM)

**MANAUS – AM
2017**

DEDICATÓRIA

Para minha mãe Alaíde Damasceno do Nascimento que sempre teve muita sede em aprender e me mostrou como uma chama o caminho da paz e o gosto pelos estudos. Estendo também este estudo ao meu pai Jorge Freire do Nascimento homem dinâmico, de sabedoria, altruísta que compreende o ser humano em sua essência. Tratam-se de pessoas que sempre estiveram presentes em minha vida, às quais eu dedico esta tese.

AGRADECIMENTOS

Uma trajetória por vezes laboriosa, mas muito gratificante envolve este trabalho. A ideia de um tema que envolve a memória e a subjetividade de pessoas, a maturação dessa temática, e o contato com as fontes, foram passos que abriram caminhos e percursos significativos em minha vida.

Durante a realização do curso de doutorado, momento em que são partilhadas as incertezas, indecisões, mas também as alegrias, o esforço torna-se prazeroso nesta caminhada aonde o conhecimento é a mola mestra.

Como integrante da sexta turma de Doutorado do Programa de Pós- Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, posso dizer que sou agraciada por fazer parte de uma universidade onde tive a honra de encontrar bons amigos e esmerados mestres.

Agradeço por estar respirando nesta terra e a oportunidade de realizar algo que quiçá possa contribuir com a história de Manaus.

Meus agradecimentos alcançam a professora e orientadora Iraildes Caldas Torres, a quem devo a confiança e estímulo ao desenvolvimento desta pesquisa. Os ensinamentos por ela repassados me fortaleceram na busca pelo rigor e na leitura mais profunda. Na sua sabedoria ela insistia que lêssemos também escritores da literatura e isto me instigou a enveredar ainda que, de forma tímida na busca por autores que redundaram numa escrita um tanto poética. Agradeço por sua sabedoria em me nortear na busca dos conhecimentos que contribuíram de forma ímpar para a feitura desta tese.

Á minha filha Luise dos Anjos do Nascimento Almeida que muitas vezes esteve ao meu lado na hora da escrita e eu sempre me dividindo entre estudar e ao mesmo tempo interrompendo os estudos para poder ouvi-la participando precisamente dos frescos momentos de sua vida.

Ao amigo Milton Melo dos Reis Filho, com quem partilhei o que era o broto daquilo que veio a ser esta tese. Foi um incentivador para que eu ingressasse no curso e um fiel companheiro ao quem tantas vezes recorri. Nossas conversas durante e para além do grupo de estudo produziram bons frutos.

Aos membros do Grupo de Estudo, Pesquisa e Observatório Social: Gênero, Política e Poder – Gepos pelo convívio no processo de formação, sejam nas reuniões mensais ou nas oficinas pedagógicas realizadas na Fazenda Experimental da UFAM.

Quero pontuar a amizade com as amigas Rosa, Karla e Marilac na parceria de produções de artigos incluindo as gargalhadas nas conversas informais.

Agradeço aos autores que tive oportunidade de conhecer, muitos já não mais existem mas o seu legado é algo que não posso olvidar. Como esquecer Charles de Baudelaire em cuja obra Flores do Mal compreendi o porquê de sua envergadura, posto que é conhecido hoje como um dos mais influentes poetas franceses do século XIX. Ao ler a sua poesia Albatroz senti-me emocionada, não só pela escrita do autor, mas ao perceber que uma obra escrita há mais de 100 anos ainda faz a diferença no mundo atual. Gaston Bachelard e Ana Fani Alessandri Carlos estendo meus agradecimentos pelo quanto me inspiraram.

Gostaria de ter conhecido Públio Ovídio Nasão e por ocasião da tese tive que rever sua obra a Arte de Amar que tanto aprecio. A necessidade do encontro com esses autores por intermédio da pesquisa é algo importante para mim. E esse contato é deveras precioso.

Ofereço este trabalho a minha tia Raimunda Damasceno de Oliveira pelo seu apoio nas horas da escrita. Ela sempre inebriava e infundia na casa um cheiro de deliciosos quitutes e parecia ler meus pensamentos quando na feitura da tese ela preparava o delicioso mingau de banana com tapioca, que muitas vezes saboreei escrevendo.

Agradeço aos demais familiares e amigos que de alguma forma estão sempre presentes, cabendo mencionar meu sobrinho Erik, que sempre esteve disposto a me auxiliar quando necessitei de orientações sobre configurações ou travamento com o computador. Foi uma tábua de salvação nas horas difíceis.

Agradeço meus dois irmãos Carlos Jorge Damasceno do Nascimento e José Heraldo Damasceno do Nascimento, meus sobrinhos e cunhadas pelo incentivo e carinho.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam) pela concessão da bolsa de estudo, o que permitiu-me a realização deste doutorado.

Aos sujeitos desta pesquisa que deram anuência para que suas histórias pudessem vir a público e colaboraram com grande disposição nas conversas informais que tanto contribuíram ao trabalho desta tese.

Aos professores doutores Sérgio Ivan Gil Braga, Adorea Rebello da Cunha Cavalcante e Milton Melo dos Reis Filho pela significativa contribuição no Exame de Qualificação. Suas arguições foram importantes para nortear e iluminar a pesquisa.

Sou grata a todos que direta e indiretamente contribuíram para a feitura conclusão desta tese.

RESUMO

Este estudo se ocupa de uma análise sobre os balneários de Manaus e assume o propósito de reconstituir os fragmentos e retalhos da vida dos frequentadores desses espaços naturais, buscando perceber a expressão de suas subjetividades na participação aos banhos e lazer. Incursionar pela ontologia do discurso dos frequentadores dos banhos nos permitiu perceber a fenomenologia do lugar, buscando identificar a subjetividade desses banhistas. Interessa-nos perceber de que forma ocorre o entrelaçamento dos banhistas com sua memória, com seus sentimentos. Enfim, buscamos identificar como esses lugares do lúdico usufruídos pelos habitantes da nossa cidade foram soterrados, perdidos. Os informantes desta pesquisa são os frequentadores dos balneários da cidade Manaus (homens e mulheres). O estudo traz uma discussão sobre Manaus e seus múltiplos problemas no que diz respeito às questões ambientais, chamando a atenção para a necessidade de implementação de políticas públicas de conservação e revitalização dos espaços públicos e de memória da cidade. A perspectiva metodológica adotada neste estudo é pautada na história oral, sob a técnica da entrevista profunda. A amostra empírica é composta de 20 sujeitos, sendo 16 banhistas das décadas de 1960, 1970, 1980 que foram ouvidos sob a técnica de entrevista profunda. Ouvimos também, sob técnica de entrevista semiestruturada 01 representante do poder público local, 02 representantes de movimentos sociais vinculados à política urbana, e 01 intelectual historiador de balneários. Dentre os múltiplos resultados revelados ficou claro o fato de que o progresso gerou mudanças significativas na cidade onde a utilização dos recursos naturais aumentou consideravelmente. Se, por um lado, esse aumento possibilitou um crescimento expressivo da população na cidade, por outro, foi responsável pela gradativa degradação dos ecossistemas. Compreender tais questões é importante para subsidiar a construção de políticas públicas, que atuem nas múltiplas causas dos problemas socioambientais urbanos. Deve-se reconhecer, à guisa de conclusão que, nesse processo de expansão da área urbana de Manaus, o poder público procedeu à expropriação desse bem público que é o balneário, sem considerar a função social que esse aparelho coletivo possui, enquanto lugar.

PALAVRAS- CHAVES: Balneários, Manaus, Memória, Subjetividade, Cidade, Imaginário.

ABSTRACT

This research is about an analysis about balnearios (i.e. a set of swimming rivers in a given place) of Manaus and assumes the purpose of rebuilding the fragments and patchworks of the users of these natural places, aiming to perceive the expression of their subjectiveness during the bath and leisure. To venture through the ontology of these balnearios users' speeches will allow us to perceive the phenomenology of the place, aiming to identify the subjectiveness of these users. Our purpose consists in understanding the leisure, the playful space, the aquatic ecosystem: the rivers, streams, fishes, ciliary environment. Interesting the wakening of city's history, the embracement of Manaus citizens with their memories and feelings. What happened to the balnearios? These playful places, once enjoyed by the inhabitants of our city, have been buried, lost. One of the central concerns of this study is also utilize this theme as an excuse to instigate and discuss not only the history of Manaus and, particular, of Amazonas, but also the matters that currently affect its cultural property and symbolic, seeking elements of our historic memories to support the comprehension of our contemporary day by day. The informers of this inquiry are frequent users of balnearios of the city of Manaus (men and women). These users gave their impressions about the historic moments when they could enjoy the cool and clear water that the balnearios used to have. The discussion about Manaus and its multiple problems concerning environmental matters attracts considerable academic interest, not only by history standpoint, but also due to existing political and social implications. A relevant cascade of proposed problem is to link this discussion directly to the public policies of conservation and revitalization of public places and memories of the city. The great question that rules this study consists in acknowledging which way these users perceive the abrupt closure of the balnearios of Manaus, which ways of leisure forged by themselves to fulfill their needs of overflowing and relaxation, and how the lack of leisure contributes to the social degradation of people and environment. Our look is focused in understanding the remained past that emerge in the minds of balnearios's users of the city. Moreover, the situation of these people create questions of the following subject: who are these balnearios's users? How did they elaborate the loss of so meaningful moments in their living, in their subjectiveness? It must forcibly acknowledge, therefore, to conclude that, in this process of expansion of urban areas of Manaus, the government proceeded to expropriate this public asset that is the balneario, without considering the social function that this collective device has, while a place that remains unique at leisure and entertainment levels.

KEY WORDS: Balnearios, Manaus, Memory, Subjectiveness, City, Imaginary

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I: UM POUCO ANTES E ALÉM DEPOIS	
1.1 - Uma análise histórica e cultural de Manaus.....	15
1.2 – Manaus e a recente presença do plano diretor.....	30
1.3 – Manaus, sua gente e o sentimento de pertença.....	45
CAPÍTULO II: A LEMBRANÇA DO LUGAR: O BALNEÁRIO COMO EXPRESSÃO DOS AFETOS E DA PERTENÇA	
2.1 Os balneários de Manaus: história e cultura.....	57
2.2 A função social do balneário: lazer e alegria.....	74
2.3 O balneário como o lugar dos afetos e dos amores.....	92
CAPÍTULO III – OS BANHISTAS: IMAGINÁRIO E SUBJETIVIDADE	
3.1 – Os banhistas, quem somos?.....	112
3.2 – As memórias e o eco dos banhistas.....	126
3.3- As águas de rio, que saudade!.....	138
CAPÍTULO IV – A PERDA DOS RECURSOS HÍDRICOS E A QUESTÃO SOCIOAMBIENTAL DE MANAUS	
4.1 – Aterrar os igarapés e cursos d’água: uma agressão ao meio ambiente.....	153
4.2 – O que dizem os poderes públicos sobre o extermínio dos balneários.....	167
4.3 – O que dizem os banhistas atuais sobre o fim dos balneários.....	177
CONSIDERAÇÕES FINAIS	183
REFERÊNCIAS	187
ANEXOS	206

INTRODUÇÃO

*Ad cidade é o local de sua reprodução.
Contida na ordem distante ela se
sustenta; encarna-a; projeta-a sobre
um terreno (o lugar) e sobre um plano,
o plano da vida imediata.*

Henri Lefebvre

Esta tese se ocupa de uma análise sobre os balneários de Manaus com o propósito de reconstituir fragmentos e retalhos da vida dos frequentadores desses espaços naturais, buscando perceber a expressão de suas subjetividades participação aos banhos e lazer. Trata-se de uma busca de compreensão da cidade, da pertença a ela, podendo-se dizer, que se trata de um empreendimento diversificado do ponto de vista da compreensão. Manaus não contempla mais no seu planejamento esses espaços naturais, foram excluídos de seu ordenamento social. Espaços às margens de igarapés e riachos são considerados como periféricos, desvalorizados aos olhos do capital e do poder constituído. Foram modernizados para agregar valor financeiro, capitalizado. Foi, então, nessa linha de entendimento que o progresso suplantou os valores humanos e ambientais, destituindo o homem de seu lugar de pertença.

A vida urbana compreende o direito à cidade que se delineia pelos simbolismos e representações imaginárias da natureza construída pelos cidadãos. As especificidades dos lugares, dos banhos de igarapés determinam modos diferenciados de relacionamento dos banhistas com o seu espaço. Manaus foi adquirindo novas configurações, novos contornos. Este tema exigiu-nos que buscássemos na memória dos banhistas o sentido simbólico dessa experiência vivida por eles, os quais lembraram com prazer os momentos felizes de reinvenção de suas subjetividades nos balneários.

Manaus passou por um processo de urbanização que culminou em mudanças significativas e difíceis de serem assimiladas pela população em geral. Não se deve pensar unicamente a cidade como o corolário da barbárie. Ela é o espaço de ações que sustentam a vida e também o espaço da produção de ações que impedem o desenvolvimento humano. Não se pode querer entender a cidade senão pelas pessoas que a fazem e, a partir de sua cultura, ou seja, se quisermos compreender a cidade é preciso olharmos fundamentalmente para as relações sociais.

Esta tese se sustenta no argumento de que os banhos ou os espaços de lazer são impregnados na vida das pessoas que os frequentam, os banhistas, que guardam em suas memórias os momentos eternos vividos nestes espaços. São lembranças vivas de paisagens, riachos e de um lazer sadio que não sai do imaginário, reabilitando a alegria e a felicidade num processo de intersubjetividade e, nisto, consiste ser o balneário um constructo cultural.

A grande questão que preside esta tese consistiu em sabermos de que forma esses banhistas percebem os fechamentos abruptos dos balneários de Manaus, quais as formas de lazer forjadas por eles próprios para suprir suas necessidades de extravasamento e descontração, e como a ausência de lazer contribui para a degradação social das pessoas e do meio ambiente.

A discussão sobre Manaus e seus múltiplos problemas no que diz respeito às questões ambientais vem despertando grande interesse das ciências humanas e sociais, sobretudo pelo risco que esta questão representa para o planeta. Há necessidade de implementação de políticas públicas de conservação e revitalização dos espaços públicos e memória da cidade. Para Sposito (2001, p. 60), “a cidade revela a dinâmica do processo civilizatório [...], mas a perda dos referenciais urbanos como produto da rapidez com que a morfologia se transforma redefine a prática socioespacial e nos faz mergulhar, hoje, na vertigem do vácuo”.

Reavivar as lembranças e construir a memória dos balneários, em particular os já extintos, devido as constantes alterações no espaço urbano e, sem a devida conservação do espaço natural, justifica a relevância deste estudo. A memória aflora o existir latente das coisas, das ideias. É um clarear que faz sentido na medida em que instaura no sujeito, no seu modo de ser e estar no mundo, porque a reflexão é puro viver. Ricoeur (2008, p. 441), considera que “reconhecer uma lembrança é reencontrá-la”. Nada melhor do que a memória para registrar que algo aconteceu, ocorreu, se passou antes que declarássemos nos lembrar dela.

O verde aroma dos banhos tinge-se às imagens dos banhistas gravadas nas suaves impressões de suas memórias. É onde a vida lateja, revigora-se inundando o ser. No entendimento de Calvino (2003, p. 11), “a memória é redundante: repete os símbolos para que a cidade comece a existir”. Trata-se de uma fonte de informação que testemunha através dos tempos as reminiscência de um passado que se movimenta, que se pereniza. É no mundo que se projeta os sonhos, não obstante, num mundo onde se experimenta também os infortúnios e a dor. “O mundo é ainda o lugar vago de todas as experiências” (MERLEAU-PONTY, 1999,

p.459). Esses rastros de memórias adquirem consistência na elucidação da compreensão da cidade, de sua história, de sua gente.

Há necessidade de novas produções nesse campo temático de estudos investigativos em face do pouco que tem sido produzido em relação à história dos balneários no Amazonas, mais efetivamente, quando se trata exclusivamente da década de 1980, uma década de grandes transformações. Apesar de sua importância, a temática dos banhos tem sido **pouco** explorada. Há estudos de Moacir de Andrade publicado no livro *Manaus: Ruas, Fachadas e Varandas* (1984, p.63) no qual o autor tematiza os antigos balneários da cidade. Há também a contribuição do professor José Aldemir de Oliveira que expõe de forma panorâmica alguns banhos da cidade. Não deixa de ser, também, uma tentativa de contribuição à História Social de nossa região, estudos de outros autores que tratam dos igarapés da cidade de Manaus, tais como o trabalho de Larissa Christianne Melo de Almeida (2012) “os igarapés na cidade de Manaus: uma dupla visão”, o de Emanuele Gurgel Freitas Melo (2006) intitulado “Influência antrópica sobre águas de igarapés na cidade de Manaus-Amazonas” dentre outros.

Importa visualizar novos ambientes naturais destinados ao lazer da população manauense e as formas de enfrentamento que esses moradores vivenciam diante das abruptas mudanças processadas na cidade, no espaço onde se desenvolve sua existência, seu mundo. E como sublinha Caetano (2008, p. 181), “o homem experimenta, no mundo, relações que configuram a dimensão fenomenológica de seu ser”. O termo *mundo* refere-se ao lugar, mundo vivido nos lugares, onde se realiza o cotidiano e nele as experiências fenomenológicas dos sujeitos. Faz-se necessário inferir como esses banhistas reagiram às diversas medidas abusivas concernentes aos espaços naturais da cidade, de seu lugar de origem. De acordo com Carlos (2007, p. 19), “o que se revela no lugar não é apenas a história de um povo, mas o peso da história da humanidade”.

Tais mudanças têm produzido profundas alterações na paisagem, decorrentes das transformações na forma de ocupação e uso do solo urbano, do processo de especulação imobiliária e valorização das áreas centrais, vendo-se acelerar, especialmente nas últimas décadas, a construção de um novo arranjo espacial. “Aqui ou ali, as tensões tornam-se conflitos, os conflitos latentes se exasperam; aparece então em plena luz do dia aquilo que se escondia sob o tecido urbano” (LEFEBVRE, 2001, p.19).

Revisitar a noção de balneário é uma necessidade, pois no mundo contemporâneo onde o natural está sendo engolfado pelos artifícios do novo, resta-nos mostrar às futuras gerações os aspectos de uma vida ainda marcada pelo puro, pelo simples, em contraste com a pedra, com o granito que possivelmente continuará fazendo parte do mundo vindouro à

medida que as relações sociais projetam-se para um futuro que aniquila a natureza em favor do artificial. Para Deleuze (1992, p.218), “acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele. Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos”.

A perspectiva metodológica desta pesquisa é pautada na história oral, na medida em que remete a uma dimensão empírica e teórica, para obtermos e desenvolvermos análises históricas com base na criação de fontes inéditas ou novas. Incursionar pela história oral supõe a produção de conhecimentos históricos, científicos e não simplesmente apresentar relato ordenado da vida e da experiência dos outros. A história oral se caracteriza por tradição oral, experiência coletiva, relatos de vida e trajetórias. Em termos gerais, o estudo assume o aporte teórico-metodológico das ciências humanas num diálogo interdisciplinar entre a história, antropologia, geografia e sociologia.

Para Portelli (1997, p. 31), “as fontes orais contam-nos o lado psicológico emocional do povo, quanto não só ao que fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa o que fez”. A construção da narrativa revela um grande empenho na relação do relator com a sua história. Como advoga Thompson (1992, p. 19), “a história oral possibilita novas versões da história ao dar voz a múltiplos e diferentes narradores”.

O locus deste estudo concentra-se no Balneário do Parque Dez, localizado no entroncamento da Avenida Recife (atual Avenida Mário Ypiranga Monteiro) com a Avenida Darcy Vargas, no bairro do Parque Dez de Novembro, zona Centro-Sul; o Balneário do Tarumã, localizado no bairro do Tarumã e o Balneário do Tarumanzinho, ambos na zona Oeste. Inclui-se, também, o Balneário Ponte da Bolívia, localizado próximo à barreira Policial da BR 174 e AM-010. Todos na cidade de Manaus, no Amazonas. Estes balneários foram “engolidos” pelo progresso. As águas que banhavam estes locais de lazer somente podem ser aproveitadas na altura do quilometro 12 da BR-174, onde ainda estão preservadas pela mata fechada. Antes possuíam águas límpidas e cristalinas, eram muito frequentados pelos manauenses que cultivavam a cultura do piquenique e as práticas de lazer de sol e praia.

Os informantes desta pesquisa são os frequentadores dos balneários da cidade Manaus (homens e mulheres). Esses frequentadores deixaram suas impressões sobre esse momento histórico onde podiam desfrutar de águas refrigerantes e puras que eram os balneários desta cidade.

A amostra da pesquisa é composta por 20 sujeitos, sendo 16 banhistas (4 banhistas do sexo masculino e 12 banhistas do sexo feminino) das décadas de 1960, 1970, 1980. Dentre estes há também banhistas das décadas atuais que vivenciaram direta ou indiretamente as

profundas mudanças ocorridas em Manaus, sujeitos imprescindíveis na construção da subjetividade da memória da cidade, que foram ouvidos sob a técnica de entrevista profunda. Ouvimos também, sob a técnica de entrevista semiestruturada 01 representante do poder público local, 02 representantes de movimentos sociais vinculados à política urbana, e 01 intelectual historiador de balneários. A nossa intenção consistiu em perceber a visão dos representantes institucionais sobre as realidades que envolvem os problemas urbanos de Manaus e os banhistas que frequentam os balneários de Manaus. Muitos dos banhistas ouvidos eram crianças na época e hoje se surpreendem com tamanha poluição e contaminação nas águas que eram destinadas ao lazer dos moradores. O pesquisador deve ter uma disposição de “[...] perseguir a verdade do entrevistado [...]” (BOURDIEU, 1999, p. 708).

Realizamos levantamento de dados secundários junto aos órgãos de referências como a Biblioteca Pública Estadual, Centro Cultural Povos da Amazônia, Biblioteca Mário Ypiranga que contribuíram com aportes necessários à nossa pesquisa, tais como fotografias, Jornais microfilmados, relatórios de dados informacionais acerca do nosso objeto de estudo.

A tese está seccionada em quatro capítulos bem articulados. O primeiro capítulo traz para a discussão sobre a Amazônia, dando primazia às suas riquezas e sustentabilidade. Realiza uma reconstituição da cidade de Manaus, sua origem, o advento da Zona Franca, a migração e como esse processo desencadeou a poluição dos igarapés. Discute a presença do Plano Diretor e enfatiza que a qualidade dos planos e a sua concretização em cidades mais justas e democráticas depende, logicamente, de cada cidade, do nível de organização e mobilização da sociedade e das práticas locais. Enfatiza o sentimento de pertencimento à terra, à história, as lutas, as práticas, as vivências dos manauenses que se aglutinam formando uma conjuntura legitimadora dos lugares vividos.

O segundo capítulo tem como centralidade a análise histórico-cultural da cidade de Manaus, buscando mostrar que as cidades não existem só como ocupação de um território, construção de edifícios e de interações materiais entre seus habitantes, mas são também construções elaborativas de processos socioculturais e do imaginário de seus habitantes. Discutimos, também, neste capítulo a função social dos balneários dando destaque ao lazer e a o entretenimento que exercem a função de proporcionar alegria e descontração aos seus frequentadores-, expondo a dimensão afetiva do balneário como o lugar dos afetos e dos amores.

O terceiro capítulo aborda o imaginário e a subjetividade dos banhistas, dando visibilidade ao sujeito, que a partir das relações que vivencia, produz significações em suas memórias. Discute a memória como elemento essencial ao indivíduo na medida em que se

encontra atrelada à construção de sua identidade. Tece comentários sobre a importância das águas dos rios, cachoeiras, igarapés refletidas no saudosismo dos banhistas.

No quarto e último capítulo realizamos uma abordagem sobre os aterros dos recursos hídricos identificando os principais igarapés que foram aterrados no período provincial. Trata também do plano de embelezamento da cidade de Manaus, o quanto contribuiu para a insalubridade com a prática de aterro e desaterro de pântanos e igarapés, devido a uma busca desesperada em proporcionar espaços considerados higienizados. Apresenta a opinião do poder público e dos banhistas atuais acerca do extermínio dos balneários da cidade de Manaus.

Por fim, realizamos as considerações finais, enfatizando a reconstrução de um tempo vivido pelos banhistas, tempo memorável retratado na construção da tese e a importância do cuidado para com os recursos hídricos, e o quanto devem ser motivo de atenção do poder público.

Este estudo assume fundamental importância na medida em que poderá servir como documento para a orientação de projetos e como subsídio para as intervenções urbanísticas em Manaus. Tais intervenções, além de repercutirem positivamente na sociedade, vêm apoiando políticas públicas de conservação que conduzem à uma melhor qualidade de vida. Daí a importância de se pensar a cidade não de maneira isolada, mas de forma que alargue suas fronteiras, que penetre em outros círculos, construindo uma cidade plural preche de possibilidades.

CAPÍTULO I: MANAUS, UM POUCO ANTES E ALÉM DEPOIS

A cidade não é um lugar. É a moldura de uma vida. A moldura à procura de retrato, é isso que eu vejo quando revisito o meu lugar de nascimento. Não são ruas, não são casas. O que revejo é um tempo, o que escuto é a fala desse tempo. Um dialecto chamado memória, numa nação chamada infância.

Mia Couto

1.1 - Uma análise histórico-cultural de Manaus

A Amazônia brasileira comporta a maior floresta do planeta, com extensão de mais de cinco milhões de km², onde vivem cerca de 25% das espécies animais e vegetais da terra. Trata-se de uma região importante que engendra as mais diversas reações por parte de organismos nacionais e internacionais, por constituir-se num grande laboratório da sobrevivência humana. A conservação do bioma amazônico inclui a valorização dos saberes tradicionais, a garantia da terra para os moradores e trabalhadores da Amazônia profunda, seus modos de vida, enfim, os métodos e técnicas de produção regionais das sociedades não-industrializadas, para melhor compreendermos seu valioso valor cultural. Bentes (2005, p.228) sinaliza que “as elites europeias e norte-americanas veem a territorialidade da Amazônia como um privilégio, e o querem para si. Daí o desejo de estabelecer controle sobre a região, manifesto na Conferência da ONU¹ de 1972, expressa na ideia de soberania relativa do Brasil”. A Amazônia tem sido o lugar propício para a imaginação internacional buscar se apropriar de modos ideais de ocupação e de exploração de riquezas com base nas suas possibilidades naturais. Evidencia-se, então, um novo modo de olhar que desafia os estudos contemporâneos.

A cobiça internacional pela Amazônia assenta-se não só em suas riquezas econômicas, embora seja preponderante. Impressiona, também o grande capital, a fartura dos caminhos d’água, das frondosas árvores e do verde que parece que baldes de tintas produziram tais vívidas cores.

A inestimável riqueza do mundo amazônico não pode ser mensurada e tampouco avaliada, conquanto sua existência é um amálgama de bens naturais que se intercambiam com

¹ Organização das Nações Unidas.

o homem da região. Estamos também diante de um lugar bucólico, mitológico, sensível, em cuja poesia repousa o deslindar da vida. Correa (1969) pressupõe que, os poetas e escritores, deixavam-se enlevar pela visão deslumbrante dessa região. Suas palavras eram cheias de admiração por Manaus que se tornou uma verdadeira revelação de uma cidade voltada para a baía, cortada por entre rios e igarapés, em cujo sentido e significado era comparado à Veneza. Uma Veneza tropicalizada e primitiva cujas habitações comportavam construções de taipa e madeira, coberta de palha em caminhos de águas².

A Amazônia comporta ainda grandes desafios para o mundo contemporâneo. A dificuldade que se coloca hoje para a região diz respeito ao fato de como utilizar seus recursos sem destruir o seu patrimônio natural para poder beneficiá-la. Faz-se necessário conceber e implementar um modelo de desenvolvimento adequado às suas particularidades.

Em se tratando dos municípios do Amazonas, Manaus, capital do estado do Amazonas, está situada em área de terra firme, seu sítio se estende por uma faixa que vai do Lago Puraquequara até o Igarapé do Tarumã, tendo o seu centro, sítio inicial da cidade acerca de 20km da confluência Rio Negro/Solimões, “assenta-se sobre a porção ribeirinha de um sistema de colinas tabuliformes, pertencentes a uma vasta seção de um tabuleiro de sedimentos terciários” (AB’SABER, 1953, p.20).

Manaus começou a ser colonizada em 1669, a partir de um pequeno forte em pedra e barro com quatro canhões, denominado Forte de São José da Barra do Rio Negro³. Nesta área acontecia um importante comércio inter-tribal, principalmente entre os índios Tarumã, Manaós, Mura e os Baré, sendo apontados por vários historiadores como os primeiros habitantes da localidade.

O que mais atraía os portugueses era o fato dessa localidade ser um ponto estratégico densamente povoado e que permitia o controle da mão de obra de toda região do rio Negro. Era uma construção singela, e não obstante a simplicidade, assumiu uma importância capital por ser a primeira instalação de origem europeia, tornando-se um marco do domínio português na área do Rio Negro. Wallace (1979, p. 109) a descreve da seguinte maneira:

A cidade da Barra do Rio Negro está situada na margem oriental do Rio Negro, a doze milhas de sua confluência com o Amazonas. Assenta-se em terreno irregular, a uma altitude média de uns trinta pés acima do nível do rio. Atravessam-na dois córregos tão insignificantes

² A esse respeito ver NASCIMENTO, Eveline M. D. do. Parque Municipal do Mindu: um olhar para sua problemática ambiental. Editora Edua, 2013.

³ A fortaleza de São José do Rio Negro foi construída pelo colonizador português para assegurar o controle da confluência do rio Negro com o rio Amazonas e controlar o portão de entrada da Amazônia ocidental, que pertencia à Espanha pelo Tratado de Tordesilhas.

que até parecem valos. Na época das chuvas, porém, as águas sobem consideravelmente nos seus leitos. Para atravessá-los, foram construídas duas pontes de madeira sobre cada um. As ruas são dispostas de maneira regular, mas não têm qualquer tipo de calçamento. Ademais, são esburacadas e cheias de altos e baixos, tornando-se bem desagradável o ato de caminhar-se por elas à noite.

Em torno deste forte nasceu o arraial que deu origem a cidade de Manaus. Em 1833 passa à categoria de Vila com o nome de Manaós. Em 24 de Outubro de 1848 recebe o título de cidade, tornando-se a capital da província do Amazonas⁴.

Manaus possui uma população estimada em 2016 de 2.094.391 habitantes (IBGE, 2016)⁵. Constitui-se na capital do Estado do Amazonas com uma área territorial de 11.401km². Na parcela urbana do município concentra 99% da população residente, ocupando, em termos espaciais, apenas 4% da extensão territorial municipal, o que indica uma elevada concentração demográfica.

Mesquita (2005, p.112) assinala que “até a última década do século XX, algumas cidades europeias experimentavam grandes transformações em virtude do processo de industrialização e das reformas urbanas”. Manaus, entretanto, mantinha-se como um povoado bucólico, praticamente isolado no meio da selva amazônica, afastado dos grandes centros de civilização.

As belezas naturais são representadas pelo rio, com seus igarapés e cachoeiras, nos quais a população diverte-se em piqueniques e banha-se, aliviando-se do calor intenso: “O banho desempenha grande papel na vida doméstica dos brasileiros. É uma grande volúpia nesses países escaldantes, e muitas pessoas os tomam várias vezes ao dia.” (AGASSIZ, 1975, p. 96). É deveras emblemático a passagem do casal Agassiz na cidade de Manaus. O olhar de Elizabeth Agassiz (2000, p.246) sobre a natureza é significativo, conforme podemos perceber:

Ontem, às seis horas da manhã, primeiro passeio. Fomos ver um lindo recanto da floresta, cujos atrativos são muito gabados pelos habitantes de Manaus. Vão aí tomar banho, comer ao ar livre e desfrutar os prazeres campestres. Chama-se cascatinha, para distinguir este lugar dum outro mais pitoresco ainda, segundo dizem, situado a meia légua do outro lado da cidade, e onde existe uma queda d’água mais considerável [...]. Nunca uma floresta proporcionou a Diana e suas ninfas banhos mais atraentes e bem sombreados. Grandes árvores os

⁴ Disponível em <http://enefmao2017.wixsite.com/enefmanaus2017/cidade>. Consulta realizada em 10 de fevereiro de 2017.

⁵ Dados de acordo com a retificação, em 12/09/2016. Consulte o link http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2016/estimativa_tcu.shtm. Consulta realizada em 16 de março de 2017.

cercam de todos os lados; longas cortinas de vegetação os separam uns dos outros, formando numerosas bacias isoladas e discretas onde a água, de uma frescura deliciosa, saltando de piscina em piscina, vai caindo de uma para outras pequeninas cachoeiras.

A natureza impressiona com a imensidão de seus rios, a grande quantidade de peixes, o cabedal de plantas a serem conhecidas, a heterogeneidade da floresta, tudo isso se apresentava como tesouros a serem ainda revelados. De acordo com Agassiz (1975, p.158), “enquanto a cheia do rio, na época das chuvas, não vem inundar e cobrir, por seis meses, essas Termas da floresta, os habitantes de Manaus fazem delas o maior uso; nós mesmos não resistimos ao prazer de mergulhar nessa água que atrai”.

São muitos os viajantes que contemplaram a pacata cidade de Manaus e esboçaram seus sentimentos à pujante natureza que parecia desconhecer tamanha dádiva. Para Lefebvre (2001, p. 51),

As transformações da cidade não são os resultados passivos da globalidade social, de suas modificações. A cidade depende também e não menos essencialmente das relações de imediatez, das relações diretas entre as pessoas e grupos que compõem a sociedade (família, corpos organizados, profissões e corporações etc.) ela não se reduz mais à organização dessas relações imediatas e diretas, nem suas metamorfoses se reduzem às mudanças nessas relações. Ela se situa num meio termo, a meio caminho entre aquilo que se chama de ordem próxima (relações dos indivíduos em grupos mais ou menos amplos, mais ou menos organizados e estruturados, relações desses grupos entre eles) e a ordem distante, regidas por grandes e poderosas instituições (Igreja, Estado), por um código jurídico formalizado ou não, por uma “cultura” e conjuntos significantes.

As mudanças estabelecidas na cidade levaram a interpretá-la como um suporte de símbolos e narrativas. São elos de vidas que se imbricam, se interpõem, se entrecruzam e que compõem junto com o espaço físico da cidade sua própria identidade de uma cidade rica de apelos, de fruições, onde o rude confunde-se com o leve, com a brisa alardeando o divino, o real. Mudanças físicas se processam mas eivadas estão de simbologias constantemente renovadas e inspiradas para a feitura de uma cidade que insiste em ser reconhecida, desnudada e compreendida.

Lynch (1960) assegura que a cidade não é apenas um objeto percebido (e desfrutado) por milhões de pessoas diferentes, é também o produto de muitos construtores que, por razões próprias, nunca deixaram de modificar sua estrutura. Ou seja, não há um resultado final, mas apenas uma contínua sucessão de fases.

“No decorrer do século XX, o ritmo natural da transformação das cidades tornou-se mais intenso e acelerado. O desenho da paisagem ganhou novos elementos e ampliou sensivelmente sua extensão” (MESQUITA, 2005, p. 32). Esta assertiva retrata a imagem da cidade de Manaus que recebeu influências de outros povos que aqui se estabeleceram. Dessa influência deriva a transformação da geografia da cidade. Manaus foi uma das primeiras cidades do Brasil a vivenciar o espírito da Belle Époque, “transformando-se de um simples vilarejo à beira do rio Negro numa pujante cidade, dotada de infraestrutura urbana moderna, tornando-se a sede dos negócios que giravam em torno da borracha na Amazônia ocidental” (BUENO, 2012, p. 49).

Com o extrativismo da borracha e sua intensa exploração Manaus foi moldando-se numa nova realidade, novos desafios instigaram a mudar sua faceta indígena, a pintar com outras cores seu imaginário. E a cidade tão sublime e pacata passou a receber de forma maciça uma grande quantidade de pessoas que mudariam sua história, seu rumo. Manaus despiu-se de seu traje modesto para vestir-se com ostentação, para trilhar caminhos incertos. O precioso líquido tão aclamado e requisitado surpreendeu-lhe, dando a esta cidade resultados materiais invejáveis, a saber: artistas contratados para elaborar temas amazônidas para ornamentação de teatros e igrejas jamais imagináveis em uma urbe de feição cabocla, materiais importados como colunas inglesas, espelhos parisienses, pedras portuguesas eram apenas alguns dos atrativos que Manaus conheceu no ápice de sua riqueza do látex.

A cidade borbulhava em êxtase e os moradores atônitos embeveciam-se de mudanças tão rápidas e uma parcela considerável esperava também ser contemplada com ganhos tão visíveis. Não obstante a fartura de uma elite regalada por um progresso galopante, uma considerável parcela de trabalhadores em diferentes seringais era assolada por rotinas de trabalho rigorosas na extração da seiva da goma elástica que consumiam seus corpos, muitas vezes acometidos por moléstias. Na maioria das vezes os melhoramentos de infraestrutura urbana não alcançavam os pobres que, acometidos de doenças, pereciam sem conhecer as benesses do rico látex.

Manaus apresenta-se com deslumbres, sonhos, estilos, com suas luzes. Burns (1966, p.13) rememora o caríssimo Hotel-Restaurant Française da Eduardo Ribeiro n.º 35 “[...] era muito popular na classe mais abastada. Edifício sólido, de dois andares, havia sido construído no melhor estilo francês rococó, tão popular no Brasil no início do século”. Esta Manaus, mais que uma cidade real, fazia parte do imaginário da elite extrativista. Toda essa riqueza alcançada foi possibilitada pela economia gomífera.

Havia a necessidade, sob o ponto de vista do poder público, de oferecer uma boa aparência a Manaus. Júnior e Nogueira (2011, p. 112) consideram que “por volta de 1965, foi a orla de Manaus que passou a incomodar as classes abastadas devido a aparência indesejável emprestada pela Cidade Flutuante⁶”. A cidade flutuante floresceu na área central da cidade de Manaus sobre águas com suas próprias particularidades. De acordo com Salazar (1985, p. 45),

A cidade flutuante tinha vida própria, comércio de varejo, mercearias, bares, oficinas de reparos de barcos e motores, vendedores ambulantes, transportes de catraias, grande quantidade de lavadeira, marreteiros, biscateiros e outras formas de subemprego, além da vida noturna intensa e perigosa, repleta de prostitutas e marginais, onde a cena de violência faziam parte do cotidiano.

O grave problema de moradia da população subalternizada da cidade de Manaus foi atenuado com a cidade flutuante, onde um grande número de pessoas, em decorrência da crise da borracha na década de 1920 foram obrigadas a migrar para a cidade. “O total de residências flutuantes existentes em Manaus, era de aproximadamente 1950, estimando-se, a partir daí uma população de aproximadamente 12.000 pessoas, uma média de 6 pessoas por flutuante” (SALAZAR, 1985, p.45).

Este local era um povoamento sobre as águas do rio Negro defronte a Manaus, e por causa da “feiura” que imprimia à cidade, o poder público, passou a reforçar o discurso de remoção das famílias residentes nos flutuantes.

Em meio a um processo de desconstrução política de integração nacional dos governos militares, implantou-se em Manaus uma zona franca de comércio, cujas metas de modernização não incluíam a cidade flutuante. Fazia-se necessário retirar as pessoas e isso ocasionou sua completa destruição. A criação da Zona Franca de Manaus (ZFM) a partir do decreto-lei n.º 288, de 28 de Fevereiro de 1967 imprimiria rumos outros a cidade de Manaus. Sousa (2005, p.30), indica que,

A Zona Franca de Manaus, inicialmente, dinamizou-se como área de livre comércio, colocando Manaus na rota nacional e internacional. Posteriormente, iniciou-se a implantação do Polo Industrial de Manaus – PIM, em 30 de setembro de 1968, que lançou as bases para

⁶ Construída sobre as águas do Rio Negro e pelos igarapés de Manaus, existiu em decorrência do declínio do fausto da borracha, entre os anos de 1920 e 1967. As casas eram de madeira sobre troncos de árvores, tornando-as flutuantes.

a segunda fase da ZFM, que foi de 1976 a 1990, e caracterizou-se pelo predomínio das atividades industriais, marcando o início da industrialização na capital do Amazonas.

Com a criação da Zona Franca a cidade experimentou um inchaço urbano com a presença de migrantes do interior do Amazonas e de outros Estados das regiões Norte e Nordeste que, em busca de melhores condições de vida, embrenharam-se nos seringais para dedicarem-se na maioria das vezes ao trabalho de extração do látex elevando consideravelmente o número de habitantes do antigo vilarejo. Para Mesquita (2005, p.13), “a cidade resiste, mesmo que seus espaços físicos tenham sofrido intensas modificações e que sua área de ocupação tenha sido ampliada e o número de seus habitantes se elevado muito rapidamente”.

Era necessário dotar a região de infraestrutura que atraísse para ela a força de trabalho e o capital, vistos como imprescindíveis para instaurar na região condições de rentabilidade econômica global⁷. Loureiro (1986, p. 33) chama atenção para o fato de que,

Manaus era uma cidade rica, progressista e alegre, de ruas retas e largas, calçadas com granito e pedra de *liós* importadas de Portugal, sombreada por frondosas mangueiras, e de praças e jardins bem cuidados, com belas fontes e monumentos, tinha todos os requisitos de uma grande urbe moderna: água encanada e telefones, energia elétrica a partir de 1896, rede de esgotos em construção e bondes elétricos desde 1895, espantando até visitantes europeus do raiar do século, com suas alucinantes velocidades de 40 a 50 quilômetros por hora, nas linhas de aço espalhadas por toda a malha urbana e penetrando na floresta até os arrabaldes mais distantes. O seu porto flutuante, obra-prima da engenharia inglesa, construído a partir de 1900, recebia navios de todos os calados e das mais diversas bandeiras.

A fala de Loureiro denota a pujança de uma cidade próspera com ares modernos e estilo sofisticado que parecia penetrar em todos os interstícios da cidade com significativa expressão de uma urbe civilizatória. Esse período de ouro do látex retumbou na cidade morena, entretanto, seu esplendor não alcançou todos os seus moradores que eufóricos esperavam sentir os resultados de um progresso que se fazia visível. Mudanças positivas advindas do látex pareciam não se processar para uma massa de indivíduos quase esmaecidos, sofridos e ocultos do progresso da cidade. Dias (1999, p.30) advoga que “modernizar, embelezar e adaptar Manaus às exigências econômicas e sociais da época da borracha passa a ser o objetivo maior dos administradores locais”. Era necessário uma cidade que se

⁷ Ver Seráfico e Seráfico (2005).

apresentasse moderna, limpa e atraente, para aqueles que a visitavam a negócios ou pretendiam estabelecer-se definitivamente nela. Scherer e Filho (2004, p.2) assinalam que,

Manaus possuía, em 1970, uma população de 311.622 e em 2000, 1.403.796 habitantes, ou seja, 30 anos após as transformações ocorridas no cenário urbano, o número de habitantes na cidade de Manaus cresceu em torno de 500%. Os dados oficiais indicam ainda que Manaus foi a cidade que mais cresceu entre as 13 cidades brasileiras com mais de 1 milhão de habitantes, com uma taxa de crescimento populacional de mais de 39%, e, mais ainda, 90% da população do município de Manaus reside na área urbana.

A realidade que esperava uma boa parte desses migrantes era áspera e cruel. Ao cruzarem os rios amazônicos já se deparavam com um cotidiano bem peculiar que, ora se apresentava entusiástico com a farta e preponderante vegetação, ora se apresentava duro e enfastante com as dificuldades de sobrevivência com a qual se deparavam. Esses migrantes ocuparam a capital amazonense dando-lhes feições distintas absorvendo uma cultura nativa e, por outro lado, imprimindo nela marcas indelévels de sua própria cultura. A cidade é prenhe de incertezas, de desafios, mas também é o reluzir de ideias que envolve a vida humana.

Com o advento da Zona Franca de Manaus abre-se novas perspectivas para o desenvolvimento das indústrias, entretanto, esse novo modelo de expansão da economia não conseguiu remover as mazelas sociais advindas de um progresso não planejado.

Para Scherer (2004, p. 127), “a ZFM é produto de inúmeras combinações sociais pois trata-se de um modelo de produção industrial que tenciona criar maior liberdade à expansão do capital [...] nos marcos da nova divisão internacional do trabalho”. Os processos de internacionalização da produção capitalista foram criados em face das necessidades inerentes à lógica de um mercado mundial cada vez mais intenso desde a origem deste modo de produção.

No âmbito dessas transformações do processo produtivo a cidade respira novos ares, novos cenários surgem e ressurgem modelando a cidade aos sabores auspiciosos da Belle Époque. Antônio Loureiro (75 anos) historiador ouvido nesta pesquisa revela sua preocupação com o crescimento da cidade no que diz respeito à perturbação ao meio ambiente e declara:

Manaus foi se desenvolvendo em círculos, em semicírculos. O semicírculo da minha época era a Avenida Boulevard Álvaro Maia. Depois vai crescendo o círculo como se fosse uma pedrinha jogada dentro d'água. É assim que Manaus se expandiu e continua. Agora estão destruindo o Tarumã lá em cima e do lado de lá da outra margem. O lago do Tarumã está sendo invadido. Essa região do

Tarumã das cachoeiras altas e das cachoeiras baixas está sendo invadida. A população invade como se fosse saúva, vai queimando, vai derrubando (entrevista/2015).

Antônio Loureiro reconhece o processo de ocupação da cidade como um agente que atrofia os espaços naturais, destruindo de forma impiedosa os caminhos d'água. Este fato, na visão do entrevistado, está relacionado a uma estrutura social desigual, pois a cidade não se preparou para enfrentar os desafios a partir de um plano urbanístico. Houve um plano, mas não teve implemento de urbanidade para sanear a cidade ocasionando o seu crescimento de forma desordenada. Na extensão de sua análise o historiador alerta para a contínua destruição em torno das cachoeiras do Tarumã e enfatiza dizendo que “não há preocupação com as pessoas que já estão estabelecidas lá. A população de Manaus foi a mais afetada nisso porque os de fora invadiram o que quiseram, expandiram o que quiseram” (entrevista/2015). Antônio Loureiro alerta-nos sobre as sucessivas destruições das cachoeiras do Tarumã, e seu discurso é legítimo, uma voz que nos faz compreender o descaso do poder público e desinteresse pela história da cultura local.

Os recursos hídricos da cidade de Manaus fazem parte de uma história milenar. Araújo (1973, p.108) considera que “Manaus é uma cidade típica. Cheia de águas cortadas por águas, sem grandes cachoeiras e importantes quedas d'água. Este era um traço importante da cidade de Manaus”. Hoje, as tomadas de decisões no que diz respeito aos recursos hídricos são medidas que não favorecem a realidade local. Para Jacobi (2006) é importante que se reforce uma gestão compartilhada com ênfase na co-responsabilização da gestão do espaço público e qualidade de vida urbana.

Leôncio Oliveira (60 anos), um dos sujeitos ouvidos nesta pesquisa ao falar sobre a cidade destaca: “essa cidade não é a mesma. Quando cheguei aqui me deparei com o verde da cidade. Hoje me deparo com esgotos. Jogam tanto lixo dentro dos igarapés que fico pensando como será a cidade daqui há umas décadas” (entrevista/2015). O entrevistado aponta as dificuldades e os descaminhos da cidade assolada pelo desenfreado progresso e compreende o quanto o desregramento ambiental a ser enfrentado redundará em problemas futuros. E acrescenta: Foi muito difícil me empregar nesta cidade, As pessoas só falavam em Zona Franca e eu pensei que talvez conseguisse fácil um emprego. A gente chega cheio de sonhos com a Zona Franca e nada acontece. Foi uma luta. Tudo é duro, a sensação é de desilusão (Leôncio Oliveira, entrevista/2015).

A Zona Franca de Manaus não gera contrapartida social suficiente de inclusão das minorias, coexiste com um quadro de exclusão social, daí o entrevistado sentir-se

desesperançado diante de tal realidade. Em sua avaliação, “Manaus vai a cada dia perdendo seus fluxos naturais de água. O concreto vai fazendo desaparecer nossos mananciais. O verde está desaparecendo, o lixo e o calor aumentando” (Leôncio Oliveira, entrevista/2015).

Os problemas socioambientais, para este entrevistado, são provocados pela ocupação desordenada da cidade. É patente sua compreensão no que diz respeito à destruição das coberturas vegetais, o quanto nossos rios estão sendo aviltados, dilapidados. Está ciente da enorme quantidade de resíduos sólidos que parecem crescer vertiginosamente indo ao encontro dos corpos aquosos, produzindo impactos e inquietações aos moradores desses espaços.

Manaus é hoje uma cidade transformada, expandida, nos marcos do sistema capitalista. Não obstante, é preciso que ocorram mudanças nas próprias relações sociais para que o cidadão vivencie o direito à cidade. Lefebvre (2008, p. 34) adverte dizendo que “um tal desenvolvimento supõe uma orientação do crescimento econômico, que não mais conteria em si sua finalidade, nem visaria mais a acumulação (exponencial) por si mesma, mas serviria a fins superiores”.

Manaus absorveu todo o impacto da imigração de estrangeiros e do êxodo rural, o fragmento de natureza ficou resumido ao foco da mata da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, onde nela são encontradas várias espécies da fauna como preguiças, pacas, Sauins-de-Manaus e da flora em meio a uma porção de mata virgem. Algumas áreas verdes⁸ da cidade de Manaus também foram preservadas. Costa et al (2006, p. 3) indicam que,

Foram encontrados 131 conjuntos residenciais, loteamentos e condomínios, sendo catalogadas 242 áreas verdes, tombadas e catalogadas como: Canteiro do Boulevard, Horto M. Chico Mendes, Parque S. Castanheira, Área Recreativa do SESC, BIS (Exército, Aeroporto Ponta Pelada; Aeroporto Eduardo Gomes; Área do SESI). As citadas são particulares e a minoria da população as frequentam.

Para Leôncio “a cidade de Manaus deveria ser mais arborizada, mais pujante em natureza, árvores, flores. É triste ver que a vegetação é escassa onde deveria ser bem cuidada. Aqui passei bons e maus momentos. Diverti-me muito, mas, também, sofri. Apesar das dificuldades quero viver sempre em Manaus” (entrevista/2015). É neste cenário que a cidade se coloca como o espaço da produção dos conflitos que se estabelecem, irradiando ao mesmo

⁸ Áreas verdes são espaços definidos pelo Poder Público Municipal, constituídos por florestas ou demais formas de vegetação, destinados à manutenção da qualidade ambiental.

tempo cultura imersa em subjetividades imaginárias, criações míticas e manifestações de vida e de morte (Torres, 2005). Por isso mesmo é que ela guarda a dimensão do humano. Lefebvre (2001, p. 48) revela que,

A cidade é o local de sua reprodução. Contida na ordem distante ela se sustenta; encarna-a; projeta-a sobre um terreno (o lugar) e sobre um plano, o plano da vida imediata. O urbano assim designado parece poder passar sem o solo e sem a morfologia material, desenhar-se segundo o modo de existência especulativo das entidades, dos espíritos e das almas, libertando-se de ligações e de inscrições numa espécie de transcendência imaginária.

Manaus é o espaço físico e simbólico que se mescla produzindo a cidade. Leôncio revela que “aqui se vê muita gente rica mas a pobreza também desfila nas ruas de Manaus. Ainda resta sonhos pois muitos dão duro encontrando formas de ganhar dinheiro. O triste é ver a natureza desaparecendo” (entrevista/2015). Essas áreas verdes contribuem para amenizar o clima propiciando um bem estar coletivo. Oliveira (2003, p.207) assinala que,

Manaus apresenta escassez de vegetação nas áreas públicas, dando a aparência de uma cidade bastante ‘artificializada’. No entanto, quando observada na sua ‘intimidade’, principalmente nos bairros residenciais, percebe-se quintais com abundante vegetação, o que pode estar contribuindo para amenizar os efeitos negativos do crescimento urbano.

O autor percebe a importância da manutenção da arborização da cidade pois esse ato contribui para dar uma identidade florística à cidade e em alguma medida reduzir a poluição advinda do crescimento da urbe. A cidade não é o espaço da simples condição objetiva da vida, ela supõe um leque de possibilidades e simbolismos que afloram em seus moradores. Carlos (2007, p.43) assinala que “é através do uso que o cidadão se relaciona com o lugar e com o outro, criando uma relação de alteridade, tecendo uma rede de relações que sustentam a vida, conferindo-lhe sentido”.

Entrementes à sedução e brilho que a cidade contém, os moradores percebem as dissonâncias que redundam em contradições, e compreendem com pesar que a pobreza e a riqueza caminham lado a lado. Essa dinâmica tem sido marcada com as perdas de referenciais urbanos caracterizando uma mudança no *modus vivendi* do cidadão urbano.

Manaus deveria ter outra face visto que estamos em plena selva. “Era pra termos praças bem arborizadas com diversidade de plantas. Mas o que vemos é nossos espaços

verdes transformarem-se em uma selva de pedra” (Leôncio Oliveira, entrevista/2015). Percebe-se nesta fala, a precariedade dos fragmentos florestais existentes em nossa cidade e a tendência ao desaparecimento do pouco que resta.

A eliminação sistemática dos fragmentos florestais assusta-nos, pois, as consequências podem ser difíceis de serem abolidas. Como lidar com os processos de poluição e perda de referência urbana que serão desencadeados? Estes questionamentos são desencadeados pelos moradores e a consciência da dificuldade do poder público em equacionar estes obstáculos, é visível. São espaços que se transmutam em rápidos lapsos de tempo, deixando pistas de seu uso e marcando ritmos de vida, de tempo, de sonhos. Para Carlos (2007, p.11), “a cidade, enquanto construção humana, é um produto histórico-social e nesta dimensão aparece como trabalho materializado, acumulado ao longo do processo histórico de uma série de gerações”.

Manaus é bem diferente da cidade de outrora. Grande parte de seus igarapés desapareceram, mas, a despeito de seu soterramento, muitos moradores ainda os guardam em suas memórias. Estes caminhos de água são tão emblemáticos que imprimem marcas que surgem e ressurgem à memória ao serem instigados e revelam-se sempre, em alguma medida, eivados de lembranças que palpitam nos recônditos da imaginação. A hidrografia, conforme Oliveira (2008, p.34), “exerceu e exerce forte influência na configuração do sítio urbano e de certa maneira na morfologia da cidade”. Em todo o mundo as cidades têm sua própria história, elementos que atuam em seus espaços e contém sua própria identidade.

Adnamar Mota dos Santos (37 anos), membro Titular do Conselho Estadual das cidades do Amazonas, quando inquirido sobre Manaus, desenha o seguinte quadro:

A questão ambiental é fundamental para a cidade, para a academia, e os movimentos populares devem provocar esta discussão. Devido ao fato de terem na pauta questões principais como saúde, educação e moradia ainda não conseguiram disseminar um debate mais aprofundado sobre a cidade, entretanto ela sempre está na pauta dos movimentos populares mas não tem a força que deveria ter (entrevista/2015).

Este quadro revela a necessidade de temas ambientais serem discutidos com mais profundidade pois são temáticas que exigem reflexões mais acuradas. Compreende-se a relevância de outras abordagens, entretanto o meio ambiente é efetivamente prioridade a ser posta na ordem do dia. Este entrevistado sustenta que mesmo estando na pauta dos movimentos populares as problemáticas ambientais não conseguem inserir-se com pujança

como deveriam. Há a necessidade de novas metodologias, novos padrões culturais para lidarmos com o espaço onde vivemos. Trata-se da aquisição de outras percepções que contenham a compreensão da cidade. Entendimento este que se concretiza no espaço natural.

Lefebvre (2008, p.32) sustenta que o direito à cidade significa “a constituição ou reconstituição de uma unidade espaço-temporal, de uma reunião, no lugar de uma fragmentação”. Há a necessidade de se pensar a cidade movido pelo espírito da busca. É a luta por uma cidade que não se projeta em um espaço hermético e linear mas uma cidade que se permita um caminhar aberto, resguardado pelo cuidado, pelo zelo que requeira um olhar profundo, atento e não fragmentado. Para Lefebvre (2008, p.32), o direito à cidade significa “a constituição ou reconstituição de uma unidade espaço-temporal, de uma reunião, no lugar de uma fragmentação”.

A cidade aparece não só como produto social, mas também como construção social em todas as suas dimensões. Em seu crescimento, a cidade surge e como explicita Seixas (2003, p.21), “é um balde de terra, por um lado roubado à floresta e por outro roubado ao rio pelo aterro sucessivo que vão se fazendo pelos igarapés”. O ritmo de crescimento da cidade de Manaus implica em avanços e retrocessos o que permite incertezas e antagonismos.

Marcos Brito (46 anos), membro do Fórum Amazonense de Reforma Urbana informa que “o Fórum vê a cidade como direito do cidadão e não como um canteiro de obras para viabilizar a possibilidade para as empreiteiras se enriquecerem cada vez mais, e sair de nosso município, sem deixar de fato sua contribuição social” (entrevista/2015).

As propostas de políticas públicas devem contemplar de forma efetiva o cidadão, com vistas à construção da igualdade, tendo como perspectiva o fortalecimento e exercício pleno da cidadania. O Poder Público deve estar atento para que interesses alheios não sobrepujem às demandas sociais.

O Fórum Amazonense de Reforma Urbana possui vários segmentos que fazem parte deste coletivo que discute a cidade como direito e não como um negócio. Entre eles estão os movimentos de habitação como o Movimento Nacional de Luta pela Moradia, a Confederação das Associações de moradores, a Central de Movimentos Populares, A União Popular por Moradia e a Cáritas⁹, além de outras Ongs (Organizações Não Governamentais), alguns sindicatos e membros da academia. Marcos Brito chama a atenção para o fato de que,

⁹ A Cáritas Brasileira é uma entidade de promoção e atuação social que trabalha na defesa dos Direitos Humanos, da Segurança Alimentar e do Desenvolvimento Sustentável Solidário. Sua atuação é junto aos excluídos e excluídas em defesa da vida e na participação da construção solidária de uma sociedade justa, igualitária e plural.

Não poderia deixar de citar na academia a importância e a contribuição que a professora Iraídes Caldas tem nessa discussão da Reforma Urbana e a cidade como Direito. Ela é uma das nossas grandes aliadas, é um ícone dentro dessa discussão, a qual a gente faz sempre referência porque acreditamos não só no protagonismo do cidadão, mas também nessa parceria do Fórum, nessa parceria dos movimentos da cidade que se abre quando a professora está cada vez mais presente e a gente tem uma grande consideração com a professora Iraídes nesse processo de discussão (entrevista/2015).

Marcos Brito tem consciência da relevância que a presença da academia adquire nos rumos da cidade. Trata-se de uma relação que se fortalece ao proporcionar diálogo entre as partes e a possibilidade de desenvolver ações socioeducativas que priorizam a superação das condições de desigualdade e exclusão ainda existentes e, como propõe Bobbio (2004, p.23), “O problema fundamental em relação aos direitos do homem, hoje, não é tanto o de justificá-los, mas o de protegê-los”

Ao mencionar a importância do protagonismo do cidadão, o entrevistado aponta que é na medida em que se socializa e disponibiliza o conhecimento, que se tem a oportunidade de exercer e efetivar o compromisso com a melhoria da qualidade de vida. Para Wanderley (1988, p.15), “a universidade é um lugar, mas não só ela, privilegiado para conhecer a cultura universal e as várias ciências, para criar e divulgar o saber, mas deve buscar uma identidade própria e uma adequação à realidade nacional”. Alaíde Damasceno (76 anos) revela que nesta cidade foi possível realizar um sonho de juventude e se expressa nos seguintes termos:

Eu vim do interior já casada e aqui pude terminar meus estudos. Fiz o Magistério com especialização em Ciências. Ministrei aulas da primeira a quinta série de Ciências. Mas tinha um sonho: concluir o ensino superior. Com muito esforço e já aposentada ingressei na Ulbra (Universidade Luterana do Brasil) e cursei Pedagogia. No dia da minha formatura estava com 73 anos e completando 53 anos de casada. Desde a saída dos formandos até o primeiro andar fui filmada. E por estar impossibilitada de subir escadas para o púlpito, depois que todos receberam seu diploma, eles desceram e me entregaram o diploma. Fui homenageada e naquele dia me senti muito feliz e realizada. (entrevista/2016).

Nas palavras de Alaíde percebe-se a alegria de poder concretizar sonhos guardados há anos e apesar das incongruências e antagonismos que a cidade em alguma medida proporciona, percebe-se que também se pode sonhar e realizar-se. Marcovitch (1998, p.23), chama a atenção para o fato de que “a universidade tem o papel de formar a cidadania e esta é

talvez a sua principal função, desenvolver a inquietude do ser social”. Daí a importância da articulação do fortalecimento entre a academia e a população.

O direito à cidade é alcançado quando há uma busca do ser social em imprimir mudanças qualitativas no seio da sociedade e esse movimento atesta-se nos diálogos, nas discussões.

1.2 Manaus e a recente presença de Plano Diretor

Na história recente do planejamento urbano brasileiro constata-se diferentes tentativas de compreensão e de ordenamento do espaço de nossas cidades. Trata-se da instauração de uma nova lógica, regida por princípios democráticos participativos, que se institui por meio da ação do poder público com mecanismos destinados a ampliação da participação popular, aumentando o número dos interlocutores desta política no espaço público.

A Constituição Federal de 1988 introduziu a participação popular como instrumento de efetivação da gestão nas diversas políticas públicas. Não obstante, torna-se premente que o próprio Estado, à participação popular, fortaleça e crie condições para a efetivação dessa participação nos rumos da cidade, com liberdade e autonomia nos debates e tomadas de decisão. Locke (1999, p. 116), considera que “a liberdade consiste na ideia do poder em certo agente para fazer ou deixar de fazer qualquer ação particular, segundo a determinação ou pensamento da mente”.

Por outro lado, os próprios cidadãos devem se organizar para realizar o protagonismo político, tomando seus espaços e estabelecendo suas pautas de contribuição nos rumos de sua cidade. É importante que o cidadão possa participar com autonomia do processo democrático advindo das leis instituídas. Para Aristóteles (2001, p. 125), “a democracia é o governo no qual se tem em mira apenas o interesse da massa”.

A política urbana do Brasil tem por objetivo ordenar o desenvolvimento das funções sociais da cidade e garantir o bem estar de seus habitantes para que a distribuição dos serviços e equipamentos públicos estejam ao acesso do maior número de pessoas possíveis buscando assim, o livre exercício da cidadania. Covre (2003, p.11), assinala que “a cidadania é o próprio direito à vida no sentido pleno. Trata-se de um direito que precisa ser construído coletivamente, não só em termos do atendimento às necessidades básicas, mas de acesso a todos os níveis de existência”. A cidadania requer do cidadão a participação ativa na sociedade.

Bobbio (2004, p. 22), vê a democracia como sendo “[...] um conjunto de regras de procedimento para a formação de decisões coletivas, em que está prevista e facilitada a participação mais ampla possível dos interessados.”

Deve-se formular um planejamento estratégico definindo as decisões que serão tomadas e os rumos a seguir no que diz respeito a cidade. E como frisa Cruz (2011), o planejamento é um elemento fundamental para compreendermos a produção e organização do

espaço urbano, uma vez que ele expressa os interesses dos segmentos coexistentes na cidade e pode justificar ou não a ação deles.

É preciso definir o que se deseja alcançar num prazo estabelecido e usar estratégias para realizar. A participação popular é fundamental porque reabilita a luta de classes, na medida em que os interesses divergentes se espraiam nas discussões. Platão, em seu livro “A República” (2003), nos ensina que a democracia é a forma de governo em que o poder emana da multidão. E apresenta temas tais como as virtudes que devem possuir os governantes e que devem existir na cidade, tais como a sabedoria, coragem, temperança e justiça.

O principal interesse do constituinte é que os espaços urbanos possam cumprir com suas funções sociais, garantindo o bem estar de toda a população. Maricato (2006, p. 219), considera que “a criação do Ministério das Cidades¹⁰ e o processo de formulação da Política Nacional de Desenvolvimento Urbano- PNDU, com participação social, tende a ser um forte impulso para incluir a questão urbana na agenda política brasileira”.

O Ministério das Cidades articula a questão financeira e fundiária buscando definir políticas gerais e setoriais. Um fato inovador nas políticas urbanas veio “com a Lei no 10.257/2001, o Estatuto da Cidade, que forneceu uma nova base jurídica para a política urbana no Brasil, regulamentando os artigos 182 e 183, referentes ao tema urbano da Constituição Federal” (MARICATO, 2006, p.214). Trata-se de propostas que propiciam melhorias significativas no que tange à habitação, ordenamento territorial, saneamento e transportes.

De acordo com Norte Filho (2011), o Estatuto da Cidade criou uma série de instrumentos para que a administração da cidade pudesse buscar seu desenvolvimento urbano, sendo principal o Plano Diretor, que é "o instrumento básico da política de desenvolvimento e expansão urbana", obrigatório para municípios e que deve articular os outros interesses da cidade.

O Plano Diretor de Manaus é uma proposta para melhor dirigir a cidade, por vezes traçadas ao sabor da vontade de interesses que prorrogam objetivos imediatos a serem contemplados, salientando interesses escusos travestidos de cidadania. Por outro lado, propostas idôneas tem sido formuladas com o fito de melhorar a qualidade de vida dos cidadãos, por meio de uma norma que busca a organização do crescimento da cidade, adaptando as peculiaridades sociais, culturais e históricas, para atender os interesses coletivos

¹⁰ Criado em 1 de janeiro de 2003 com os objetivos de combater as desigualdades sociais, transformar as cidades em espaços mais humanizados e ampliar o acesso da população a moradia, saneamento e transporte.

e aproximá-los à direitos que lhes são assegurados. Outra função social do Plano Diretor consiste em assegurar a qualidade ambiental das cidades promovendo o bem estar social inibindo as irregularidades provocadas por problemáticas associadas à habitação, saneamento básico, transporte urbano dentre outros problemas.

A função do Plano Diretor, conforme Oliveira (2001), além de instrumento, é de interferir no município, a partir da compreensão integradora dos fatores políticos, sociais e econômicos. O Plano Diretor deixa de ser o plano de alguns para ser de todos, construído a partir da participação dos diferentes setores sociais.

Antes da criação da Zona Franca de Manaus, a agropecuária e o extrativismo da juta e borracha eram a principal receita do estado. Com o advento da ZFM houve expansão do comércio o que possibilitou a integração com a economia nacional e internacional. Bentes (1993) considera que houve um esvaziamento do interior (migração crescente de trabalhadores rurais para a capital) e uma acentuada estagnação do setor agrícola do Estado. Com essa premissa frustra-se a expectativa criada inicialmente pelo modelo de desenvolvimento Zona Franca.

Vários planos econômicos foram implementados na tentativa de amainar os problemas advindos do declínio da borracha e dos diversos desafios sociais e ambientais que enfrenta a região. Não obstante, o desenvolvimento da cidade está sempre integrado ao seu parque industrial que se movimenta num ímpeto incessante e irrompe em todos os veios da região. Para Perroux (1981), o desenvolvimento econômico pressupõe a expansão da atividade dos homens em relação aos homens, pela troca de bens ou serviços e pela troca de informações e de símbolos.

O Plano Diretor Participativo é um pacto da sociedade para, a partir de uma leitura coletiva da realidade, traçar não só os instrumentos mas as diretrizes e os meios para alterar esta realidade e alcançar os objetivos acordados. O Plano Diretor Participativo (2005) prevê que:

Deve indicar, no mínimo: as ações e medidas para que a função social da cidade seja cumprida, tanto na área urbana quanto na rural; para que a função social da propriedade seja também cumprida seja ela pública ou privada; os objetivos e estratégias de desenvolvimento da cidade e da reorganização territorial do município, levando em conta os territórios adjacentes; e os instrumentos da política urbana, dentre aqueles previstos no Estatuto das Cidades, que serão usados para alcançar os objetivos definidos no Plano (Plano Diretor Participativo/ Ministério das Cidades, 2005, p.76).

Trata-se de propostas importantes para cada cidadão e conforme assegura o plano, deve englobar o território do município em toda sua totalidade. Tais proposições dialogam com realidades distintas, pois conforme o Plano Diretor Participativo/Ministério das Cidades (2005, p.13), “Todos os cidadãos estão habilitados a participar do planejamento de sua cidade e podem intervir na realidade de seu município”. O Plano Diretor contribui para reduzir as desigualdades sociais, na busca de garantir a realização do direito à cidade.

É deveras salutar que o plano se concretize e transforme a realidade conforme anunciado. Democratizar as decisões é fundamental para transformar o planejamento da ação municipal em trabalho compartilhado entre os cidadãos e assumido por eles, bem como para assegurar que todos se comprometam e sintam-se responsáveis pela sua cidade no que diz respeito a elaboração do Plano Diretor.

A cidade de Manaus deve assumir esta proposta de modo que quanto mais o Plano for fruto de um pacto da sociedade mais haverá chances de que essas ideias sejam executadas. É necessário o efetivo cumprimento da função social da cidade de modo que através desse instrumento o quadro de exclusão e desequilíbrio social a que estão submetidos os moradores possa ser minimizados. O Plano Diretor Participativo em suas linhas de ação prevê que,

Para que o processo de elaborar o Plano Diretor seja público e transparente é importante construir estratégias eficazes de comunicação pública, de amplo alcance. Rádio, televisão, jornais, internet, cartilhas, teatro, carro de som são meios muito úteis para mobilizar os cidadãos e divulgar as informações e propostas, na medida em que sejam sistematizadas nas diversas etapas e eventos. É indispensável usar também, nessa divulgação, as redes sociais estabelecidas na sociedade civil organizada – associação de moradores, entidades de classe, ONGs, entidades profissionais, sindicatos e instituições que tradicionalmente falam diretamente aos cidadãos, como a igreja, a rede escolar, dentre outras. A população deve saber onde encontrar documentos para consulta, em prédios da Prefeitura e em outros pontos da cidade. No caso de já haver redes e estruturas de orçamento participativo, é muito importante envolvê-las no processo de elaborar o Plano Diretor de cada cidade (Ministério das cidades, 2005, p.19).

A própria Lei do Plano Diretor deve estabelecer a estrutura de gestão que integre as diversas ações municipais no território e assegure o processo participativo na concretização e fiscalização do Plano. E o Plano deve conter as sanções para os casos de descumprimento.

Nas entrevistas realizadas no que concerne à efetivação do Plano Diretor da cidade de Manaus, Márcia Cabral (75 anos), expressa-se da seguinte forma:

As propostas para a cidade de Manaus no que diz respeito à qualidade de vida dos cidadãos tem sofrido melhorias em alguns aspectos, entretanto, na minha idade que tenho dificuldade de me locomover por ter sido acometida de uma trombose em uma perna penso que o calçamento da rua deveria proporcionar uma melhor locomoção. Mas isso ainda vai demorar muito. As ruas merecem ser olhadas com carinho. Tenho medo de sair nas ruas, medo de cair (entrevista/ 2016).

Essa fala revela a anuência de que mudanças são implementadas na cidade de Manaus, entretanto a cidade em si ainda requer muitos ajustes, de modo que questões fundantes como infraestrutura ainda necessitam ser viabilizadas. A cidade não é um simples desejo, sua gestão perpassa por uma rede de políticas residuais com pouco alcance social.

Faz-se necessário que o Estado atue dando respostas aos problemas da sociedade por meio de projetos, programas e ações. De acordo com Pereira (2009) as políticas públicas são indispensáveis para fomentar e concretizar direitos de cidadania conquistados e previstos pelas leis. A questão social passa a ser reconhecida através da formulação de projetos consistentes e estratégias bem articuladas, em que as necessidades de recriar os vínculos sociais são importantes. Este processo impõe desafios que requerem o enfrentamento dos dirigentes locais, relativos à expansão da cidadania e às novas relações entre estado e sociedade.

O Plano Diretor de Manaus é numa proposta para melhor dirigir a cidade, por vezes traçadas ao sabor da vontade de interesses que prorrogam objetivos imediatos a serem contemplados, salientando interesses escusos travestidos de cidadania. Por outro lado, propostas idôneas tem sido formuladas com o fito de melhorar a qualidade de vida dos cidadãos, por meio de uma norma que busca a organização do crescimento da cidade, adaptando as peculiaridades sociais, culturais e históricas, para atender os interesses coletivos e aproximá-los à direitos que lhes são assegurados. Outra função social do plano Diretor consiste em assegurar a qualidade ambiental das cidades promovendo o bem estar e inibindo as irregularidades provocadas por problemáticas associadas à habitação, saneamento, transporte urbano dentre outros problemas.

Moreira (2008, p.4) ressalta que “a CRFB/1988 em seu art. 182, ao atribuir aos municípios a responsabilidade na definição de suas políticas de desenvolvimento urbano, a partir da implementação do plano diretor, deu um passo importante para enfrentar este desafio”. Este direito vem aos poucos sendo incorporado pelo poder público para levar adiante suas ações. O Estatuto das cidades promulgado em 2001 é o instrumento regulador da

política urbana, espaiada no Plano Diretor que é a ferramenta fundamental de planejamento sustentável das cidades. Oliveira (2001, p.14) declara que,

as diretrizes gerais estabelecidas no Estatuto da Cidade¹¹ buscam orientar a ação de todos os agentes responsáveis pelo desenvolvimento na esfera local. Indica que as cidades devem ser tratadas como um todo, rompendo a visão parcelar e setorial do planejamento urbano até agora praticado. Além disso, evidencia que o planejamento deve ser entendido como processo construído a partir da participação permanente dos diferentes grupos sociais para sustentar e se adequar às demandas locais e às ações públicas correspondentes.

A participação de todos os cidadãos é importante para a construção de uma gestão democrática. O cidadão deve ter seus direitos não só assegurados pela Constituição Federal, mas efetivado na prática. Há a necessidade de que as políticas sociais lhes sejam garantidas tais como direito à moradia, à saúde, educação, serviços urbanos de qualidade. O acesso a esses bens é assegurado pelo texto constitucional e a conquista desse direito é condição *sine qua non* para uma vida digna e saudável.

Adnamar Mota dos Santos, ao referir-se ao Plano Diretor de Manaus, explicita que “o plano tem um conjunto de metas: diretrizes para mobilidade, para o planejamento territorial, para o meio ambiente, entretanto, penso que deveria haver um capítulo especial para a questão ambiental e infelizmente ainda não há” (entrevista/2015). A qualidade ambiental é fundamental para a cidade assim como o acesso à cultura e ainda esse é um dos temas que precisa ser massificado. Há necessidade de controle social eficaz que viabilizem uma execução prática e moderna de planejamento e gestão. Rezende e Ultramari (2007, p.256) apontam que, “equilibrar os diferentes interesses e garantir a efetiva participação comunitária parece ser o desafio maior da administração pública local”.

O Poder Público Municipal, por ser a esfera de governo mais próxima do cidadão, é o que tem melhor capacidade para constatar e solucionar os problemas do dia a dia. Adnamar chama a atenção para o uso adequado da cidade nos seguintes termos:

Hoje há um plano centralizado por setores: para o comércio, para economia do comércio, para economia imobiliária do distrito e para habitações populares. O Poder econômico venceu quando aprovou a possibilidade de construir nas áreas centrais da cidade grandes torres de apartamentos e não aprovou nestas áreas já infra estruturadas as

¹¹ Ver OLIVEIRA, Isabel Cristina Eiras de. Estatuto da Cidade para compreender o de Janeiro: IBAM/DUMA, 2001.

áreas de especial interesse social. O Plano Diretor é só uma diretriz e como diretriz se a prefeitura e o Poder Executivo do nosso Estado não transformam esses planos em projetos, isso vai ser daqui alguns anos uma lei morta ou uma diretriz morta (entrevista/2015).

É patente a necessidade de efetivação do Plano Diretor, de modo que o Poder Público consolide ações para a realização das medidas nele contidas. Ou seja, é preciso construir o Plano Diretor na esfera local com a clara compreensão de que ele é um importante documento de governo, portanto, a principal referência para a ação governamental e, ao ser legitimado por todos, estabelece-se, um pacto entre os diferentes segmentos sociais que compõem a cidade. As ações contidas no Plano Diretor assentam-se numa construção pactuada coletivamente constituindo-se como base para o controle social sobre a ação do poder público no território municipal.

Na mesma linha de compreensão Marcos Brito ressalta que “há a necessidade de se olhar a cidade como um direito e não como um negócio” (entrevista/2015). Daí a dificuldade de se estabelecer políticas adequadas e pertinentes à cidade posto que, por vezes, interesses escusos podem prevalecer em detrimento de ações em prol do cidadão. O Plano Diretor assume o propósito de definir a função social da propriedade e da cidade no intuito de reduzir as desigualdades e exclusões sociais, promovendo o exercício da cidadania e, como anuncia Lefebvre (1968, p.108), “o direito à cidade só pode ser formulado como direito à vida urbana. Transformada, renovada”.

Na reivindicação de seus direitos, os cidadãos, legítimos detentores dos bens provenientes da natureza não devem ficar reféns de políticas traçadas ao sabor de práticas que priorizam o capital em detrimento de uma população que sangra na busca do que lhe é legal.

Cristiane Salles (48 anos) representante titular do Movimento de Mulheres por Moradia Orquídeas – MIMO e membro do Fórum Amazonense de Reforma Urbana sinaliza para o usufruto do direito à cidade nos seguintes termos: “nós sabemos que os programas sociais implementados na nossa cidade nos tirou das áreas alagadas, das áreas de risco, e isso essa elite branca fascista não pode esquecer ” (entrevista, 2016). Apesar desses avanços nossa entrevistada deixa claro que o Plano Diretor ainda não conseguiu efetivamente contemplar as necessidades do cidadão. Há um déficit na educação, saúde, nos transportes públicos. Na ótica de Silva (2006, p.140), “o Plano Diretor é um instrumento com o objetivo geral de melhorar a qualidade de vida dos cidadãos e com objetivos específicos que variam de acordo com a realidade, ou seja, com os valores de cada cidade”. Cristiane Salles considera que,

O déficit habitacional na cidade é grande. Impressiona o número de família sem teto na sociedade civil organizada. Há uma luta constante no sentido de fomentar a interrupção dos movimentos de ocupação, que antigamente eram chamados de invasão e obrigar as famílias sem teto, que pretendem ser beneficiárias, a se organizarem de fato e de direito, para avançarem coletivamente em sociedade (entrevista/2015).

Esta fala exige políticas públicas voltadas para a moradia de interesse social. A moradia é pertença. Sem moradia não há dignidade, não há felicidade e nos dizeres de Aristóteles (1991, p.14), “a felicidade é sempre procurada por si mesma e nunca com vistas em outra coisa”. Cristiane Salles é ciente das melhorias existentes na cidade e aponta as dificuldades existentes em determinados modelos e ações públicas que visam minimizar os obstáculos que emperram o desenvolvimento social de nossa gente.

Cristiane se sensibiliza ao falar no *déficit* habitacional e das lutas diárias que vivencia em sua militância no movimento de moradia. Ela conhece a dificuldade de pessoas sem acesso à serviços públicos, à habitação e que carecem de oportunidade para viver dignamente.

Há necessidade de uma ação estruturante no seio da cidade no sentido de dotar o município, o poder público e suas instâncias de participação social, de uma base técnica, de recursos humanos e instrumentos legais para a confecção de uma cidade atuante e participativa no que diz respeito aos indivíduos que a habitam. Ou seja, democratizar o acesso à moradia digna, à infraestrutura, aos equipamentos urbanos e espaços públicos e à mobilidade urbana é a tônica do discurso de Cristiane Sales.

Tudo isto é necessário para aumentar sua capacidade de planejamento, formulação de políticas e estratégias voltadas para ordenar as formas de acesso e uso do território e de seus recursos naturais no plano local. Para Márcia Cabral “é muito difícil viver na cidade sem se defrontar com tantos problemas sociais, desde a dificuldade para encontrar trabalho e conviver quase sempre com o estresse diário” (entrevista/ 2015).

São situações que se avolumam em termos de complexidade em todas as direções, e cabe ao poder público atentar para gerir de forma efetiva os problemas mais urgentes e posteriormente os demais. Os planos diretores têm sido elaborados no intuito de solucionar os problemas da cidade, sem dúvida, entretanto, nota-se, que todos estes planos diretores permanecem com os mesmos problemas de sempre. As questões vinculadas à habitação, saneamento e a recorrente deficiência de serviços comunitários tão somente se agravam.

Antônio Loureiro fala da não existência do Plano Diretor. “Se tivesse Plano Diretor, Manaus não teria crescido dessa maneira desordenada”. E de forma pontual situa um pouco da história de nossas praias nos seguintes termos: “a Ponta Branca do Educandos acabou sendo

um estaleiro invadida por residências. Isto ninguém conta a história" (Antônio Loureiro, entrevista/2015).

Em suas reminiscências Loureiro evidencia em sua fala às questões ambientais pelo fato da Ponta Branca do Educandos ter sido descaracterizada em razão do tão propalado progresso. Este entrevistado é historiador e, como adverte Peter Burke (s/d), “a função do historiador é lembrar a sociedade daquilo que ela quer esquecer”.

Tais mudanças, como aponta o entrevistado, são histórias que se repetem e desafiam o poder público a gerir espaços já desconfigurados. Trata-se de “desafios para construir premissas, concepções e objetivos para uma cidade com justiça social, democrática na definição de metas [...], equipamentos, serviços para todos são de grande magnitude” (RODRIGUES, 2004, p.10). A maior parte da população mundial vive atualmente em vilas, cidades, povoados, mas não tem acesso aos bens e serviços produzidos, ao uso do espaço público, à igualdade e ao respeito às diferenças.

Márcia Cabral ao se referir sobre o planejamento de Manaus aponta para o fato de que “o poder público deve gerir a cidade de forma a dar aos cidadãos condições de garantias de seus direitos de saúde, educação e tudo que viabilize o direito à cidade” (entrevista, 2016). A entrevistada reconhece a ingerência do Poder Público face aos graves problemas advindos dos desregramentos que perpassam a cidade.

Foi expressiva a participação popular nas audiências implementadas na cidade por ocasião da revisão do Plano Diretor. Iraildes Caldas Torres, professora da Universidade Federal do Amazonas, em entrevista concedida à jornalista Lívia Nadjanara da Assessoria de Imprensa do Instituto Municipal de Ordem Social e Planejamento Urbano (Implurb), exaltou a iniciativa do referido Órgão em elaborar cartilhas¹² educativas para popularizar o Plano Diretor, nos seguintes termos:

Os organizadores do processo de revisão do Plano Diretor tiveram muita sensibilidade em ouvir a população que apontou a necessidade de ter uma cartilha, numa demonstração de respeito muito grande aos participantes. Quando podemos trabalhar com o sentimento de pacto em favor da sociedade e temos a resposta com eficiência é uma satisfação. Os participantes estão muito felizes, pois vai servir para popularizar o Plano Diretor¹³.

¹² A cartilha educativa foi elaborada pelo Implurb e apresenta de maneira didática a metodologia aplicada para a Revisão do Plano Diretor Urbano e Ambiental de Manaus, assim como as principais leis que regem o crescimento e ordenamento da cidade.

¹³ Cf. entrevista concedida a jornalista Lívia Nadjanara / IMPLURB, 2011.

Iraildes Torres ressalta a importância da divulgação do Plano Diretor pois como adverte Leonhardt (2006, p.62), “quando a nau está à deriva, âncoras são imprescindíveis”. Há necessidade da participação popular para garantir o controle social a fim de garantir a efetiva execução, que possa cobrar as autoridades no cumprimento das leis para a garantia de uma vida plena e estável de seus moradores.

Moureira (2008, p.9) chama a atenção para o fato de que “o que se pretende com o Plano Diretor é espelhar não um plano de governo [...], mas um plano da cidade, abordando os seus problemas de forma abrangente, considerando [...] as irregularidades urbanísticas, edílicas e seus reflexos econômicos e sociais”.

Em face dos grandes problemas desencadeados pela desorganização urbana estreitamente ligados aos processos de ocupação de Manaus, faz-se necessário que planos estratégicos considerem e respeitem os hábitos dos habitantes da cidade e ofereça à população espaços agradáveis que ao menos se assemelhe aos de outrora.

O Plano Diretor deve contemplar as necessidades do cidadão. O cidadão é a peça mais importante do tabuleiro e deve ser o foco de todas as atenções. Eles têm necessidade de ações que possam contemplar seu desenvolvimento social, que venham a concretizar seus sonhos, sua inserção social. Para Oliveira (2001, p.39), “a proposta participativa é mais eficaz e leva a respostas mais comprometidas com a realidade social e urbana, além de liberar grande potencial criativo, no esforço de construir respostas aos desafios”.

Para Márcia Cabral “o Plano Diretor deve ser bem elaborado para satisfazer as vontades dos cidadãos no que diz respeito às carências sociais e o crescimento cidade” (entrevista/2015). A informante vislumbra a necessidade da execução de um bom planejamento visto que o crescimento desordenado e caótico parece ser a tônica numa cidade que geme face à agudos problemas sociais.

Há uma concepção diferente de outrora em relação ao Plano Diretor. Tem que haver uma compreensão maior sobre as problemáticas políticas, sociais e ambientais. O planejamento tornou-se instrumento de vital importância para a ação planejada de autoridades públicas, sobretudo as municipais. É o que constata Oliveira (2001, p.18), ao dizer que, “o plano deverá estar integrado ao plano plurianual, às diretrizes orçamentárias e ao orçamento anual”.

Tecer comentários recursivos sobre a cidade é observar seus caminhos, seus espaços naturais. Os banhistas eram de certa forma corresponsáveis pela gestão da cidade, pois como usuários dos banhos, exerciam a cidadania enquanto pertencentes à urbe. Se há algo que indigna os moradores da urbe é quando seus recursos naturais são dilapidados: A natureza

levou milhões de anos para nos ofertar tamanha dádiva que são os nossos caminhos de água e o poder público levou um tempo exíguo para aterrá-los. Em se tratando de cidade.

Com a finalidade de se democratizar e aprofundar as discussões do processo de execução do Plano seria necessário promover encontros abertos à participação popular para avaliar as políticas, planos e programas. Saleme e Silva (2007, p.1507) consideram que “o planejamento tornou-se instrumento de vital importância para a ação planejada de autoridades públicas, sobretudo as municipais”.

Não só a participação do Poder Público deve ser notória, a participação popular é deveras necessária e, ademais, existem meios jurídicos para se buscar a intervenção do Judiciário na responsabilização por omissão do Chefe do Executivo Municipal.

Manaus por meio desse importante instrumento tem preservado o bem estar da cidade haja vista que essa intervenção de certa forma resguarda nosso patrimônio natural pois tenta preservar e revitalizar esses espaços. De acordo com o Plano Diretor de Manaus (2014, p.4), Art. 7º,

constituem o patrimônio natural de Manaus todos os espaços territoriais especialmente protegidos, que são as unidades de conservação, corredores ecológicos, as áreas de preservação permanente, os fragmentos florestais urbanos, as áreas verdes, o jardim botânico, assim como, as praias, cachoeiras, ilhas, orlas fluviais e demais cursos d'água existentes no Município.

O Plano Diretor hoje procura garantir a revitalização desses espaços objetivando a conscientização da população para a sua conservação, entretanto as arbitrariedades ainda são visíveis em Manaus pois esses espaços são na maioria das vezes ignorados. Para Márcia Cabral, “esses planos preocupam-se mais com lucros e menos com a cidade. O pobre é abandonado de serviços públicos” (entrevista/ 2015). A entrevistada observa que há uma visível preocupação com o capital em detrimento de interesses de ordem social, haja vista que o meio ambiente não parece ser ao poder público elemento de primeira ordem.

Márcia Cabral, chama a atenção para o fato de que a cidade não parece ser regida por planos ou metas tal é o descaso que se percebe em áreas distantes do centro de Manaus. “As metas existem mas não servem e ficam somente no papel” (entrevista/2015). A entrevistada percebe a dificuldade inabilidade do poder público em implementar políticas públicas para a cidade e, nas palavras de Di Sarno, (2004 p.62), o Plano “deve ser precedido de uma dinâmica de planejamento que, pelo levantamento de dados e índices verificará as carências e necessidades, apontando soluções”.

Para Márcia Cabral “Manaus não tem planejamento. O Plano Diretor parece não fazer parte da cidade pois o que vemos é um caos que se abateu sobre nossas praças, riachos e igarapés. A implementação de nossos direitos não são efetivamente cumpridos. Cansei de esperar” (entrevista/2015). A entrevistada detecta o descumprimento do plano quando se depara com a realidade à sua volta, ou seja, riachos e igarapés aterrados, degradação das áreas dentre outras problemáticas. De acordo com Santos (2010, p.31), “o que tem de fato ocorrido é uma apropriação dos recursos e do poder de maneira desigual”. Estamos insistindo na necessidade de uma ampliação dos canais de participação da sociedade civil como forma de inibir certos descumprimentos das direções regulamentadas no plano.

A entrevistada percebe as fragilidades e inconsistência de políticas públicas direcionadas à cidade e reconhece que o prazo para o cumprimento da Lei do Plano Diretor é incerto. Para Villaça (1999, p. 238), o Plano Diretor constitui-se num “diagnóstico científico [...] apresentaria um conjunto de propostas [...], para a cidade e para o município, propostas estas definidas para curto, médio e longo prazos, e aprovadas por lei municipal”.

O diálogo com Marcos Brito traz um importante dado: “a terra tem que ter uma função social, ela não pode estar servindo somente para especulação. São grandes volumes de terra e alguns locais são viabilizados para determinadas classes sociais” (entrevista/2015). Esta fala revela que as oportunidades caminham de formas desiguais, daí a necessidade de políticas que venham cumprir as funções sociais da cidade para permitir qualidade de vida à população. O estatuto da terra¹⁴, reforça o pensamento de Marcos Brito. Ou seja, há uma associação entre a terra e o cumprimento de sua função social. Vejamos: “Art. 12. À propriedade privada da terra cabe intrinsecamente uma função social e seu uso é condicionado ao bem-estar coletivo previsto na Constituição Federal e caracterizado nesta Lei”.

Nosso entrevistado conclui este tema nos seguintes termos: “nós propomos a partir de experiência em toda área onde foi construída grandes corredores urbanos na cidade de utilizar estas áreas para juntar tanto a questão da utilização para moradia popular como do comércio” (Marcos Brito, entrevista/2015). A concepção de cidade tem que ser fruto de mecanismos democráticos, e conforme Moreira (2008, p. 7), deve assumir “a prática da gestão compartilhada, com a participação direta da população no planejamento urbano, uma previsão constitucional que trouxe a possibilidade da participação da sociedade civil organizada na gestão democrática das políticas públicas”.

¹⁴ É a forma como legalmente se encontra disciplinado o uso, ocupação e relações fundiárias no Brasil.

Adnamar Santos entende a importância das transformações que ocorrem na cidade, mas deixa claro que o poder econômico se sobrepõe sobre as necessidades da população quando aprova a possibilidade de construir em suas áreas centrais grandes torres de apartamentos impulsionando a especulação imobiliária. De acordo com este entrevistado,

Fazemos algumas manifestações no sentido de lutar por políticas públicas. Todos os anos nós fazemos no mês de maio o Dia Nacional de Interesse Social. Se você observar o município não entregou uma casa sequer do Minha casa, Minha vida. Isto é falta de prioridades. Independente das concepções políticas nós não podemos penalizar a sociedade principalmente as pessoas que mais precisam. Se existe recurso esse é bancado principalmente pela classe trabalhadora que são a grande maioria da sociedade. Não existe a distinção de um real do trabalhador de um real do rico (Adnamar Santos, entrevista/ 2015).

A fala de Adnamar Santos denota o quanto o Estado relega a segundo plano os interesses coletivos, culminando nas péssimas condições sociais dos que mais necessitam, de modo que conforme Oliveira (2001), a sociedade, a partir da nova lei, está convocada a examinar com atenção suas práticas e, ao revê-las, adotar novos comportamentos e ações. Trata-se de um fenômeno que requer um entendimento histórico de modo que conforme Aristóteles, “a cidadania era uma condição para a participação política na gestão da polis” (BRITO, 2012, p. 1). Quando se toma por base o pensamento grego vê-se a ideia de cidadania subjacente a obtenção de responsabilidade e comprometimento, que se dava de forma livre e em prol do coletivo, pois a democracia grega possibilitava que cada um vivesse da melhor forma, mas estas aspirações deveriam se harmonizar com o bem comum. Para Adnamar a cidadania também é refletida em sincronia com o indivíduo como garantia de direito fundamental que requer do cidadão a participação ativa na sociedade.

Cabe ao Município, a promoção do adequado ordenamento territorial, mediante planejamento e controle do uso, do parcelamento e da ocupação do solo e fica evidente “a competência municipal para adotar as medidas que favoreçam o seu desenvolvimento territorial, com sustentabilidade cultural, social, política, econômica, ambiental e institucional” (OLIVEIRA, 2001, p.11).

Márcia Cabral se manifesta da seguinte forma: "Não sei conceituar exatamente o Plano Diretor mas só sei dizer que nossa cidade está sem direção. Existem locais que estão completamente abandonados, os igarapés são puro esgoto". O comprometimento com as causas ambientais são tímidas e evadas de descaso com o solo amazônico propiciando sempre danos a cultura local. Jacobi (2003, p. 9) salienta que “o desafio do fortalecimento da cidadania para a população como um todo, e não para um grupo restrito, concretiza-se pela

possibilidade de cada pessoa ser portadora de direitos e deveres, e de se converter, portanto, em ator corresponsável na defesa da qualidade de vida”.

A concepção de Plano Diretor deve ser fruto de mecanismos democráticos onde a participação direta da população se faça presente e a gestão democrática de políticas públicas sejam acionadas no intuito de trazer a população o direito à cidade. Todo cuidado deve ser necessário na construção de empreendimentos públicos ou privados para que não se desencadeiem efeitos negativos sobre o meio ambiente natural ou construído sob pena de construirmos uma cidade cinzenta, sem brilho, sem sonhos. Daí a importância da população articular-se com outras instâncias no sentido de reivindicar seus direitos, de fazer valer sua voz, tornando visível seus anseios, suas necessidades.

Marcos Brito recorda “quando a gente vai para os seminários ou para qualquer outro tipo de atividades que o próprio Estado ou Município chama a gente, queremos contribuir para uma cidade melhor, sobretudo, para nossos filhos e para as próximas gerações” (entrevista/2015). Ele está ciente dos compromissos que permeiam a cidade e da imperatividade de construirmos uma cidade mais fecunda e próspera para as gerações presentes e as vindouras. E adverte:

a gente tem uma discussão dentro da Reforma Urbana que passa por alguns eixos. Eixos esses da Mobilidade urbana de ver não só o transporte coletivo como prioridade para nossa cidade mas ver também a possibilidade do cidadão ter as condições reais de viver numa cidade com um maior conforto e para isso são necessário uma inversão de prioridades. Essa inversão de prioridades dos nossos governos municipais e estaduais nós não percebemos muita sensibilidade (entrevista/2015).

Faz-se necessário que haja uma atenção e cumprimento do Plano para que resulte em uma melhor organização e planejamento das cidades. Esse mesmo entrevistado complementa “todos os vales praticamente são cortados por igarapés na nossa cidade e se houvesse uma iniciativa de conscientização da política pública, haveria possibilidade de nossos igarapés serem recuperados” (entrevista/2015). O Plano pode interferir nessas celeumas desencadeando soluções nas questões sociais, é certo que a curto e médio prazo haverá dificuldade de contemplar todas as instâncias requeridas, não obstante o plano pode estabelecer princípios de ação para serem efetivamente cumpridos. A responsabilidade não é só do Poder Público, a democracia pressupõe direitos e deveres. Uma gestão democrática fortalecida será aquela que apresentar a participação de todos os agentes responsáveis pelo desenvolvimento envolvidos diretamente nas variadas e permanentes questões apresentadas no cotidiano da cidade.

As cidades são organizações complexas onde se desenvolve, conforme Oliveira (2001, p.15), uma intrincada teia de relações, individuais e coletivas, que se apresentam como um jogo permanente e dinâmico de variados interesses em conflito.

O Plano Diretor ocupa um lugar importante em Manaus visto que tenta romper os problemas oriundos das desigualdades. Márcia prossegue: “a gente tá cercada de igarapés mas as opções de banhos são difíceis. Era pra termos bons balneários na cidade. Meus netos não puderam desfrutar daqueles banhos. O lazer agora é tudo pago”. Tais assertivas aduzem às dificuldades existentes no que diz respeito ao lazer e a não existência de igarapés públicos próximos.

Supondo que Manaus pudesse construir um centro de estudos específicos da cidade, com uma Universidade especializada só nas questões urbanas de Manaus haveria possibilidades de mudanças no *status quo* de nossa urbe. Seria um centro altamente sofisticado em matéria de paisagismo, de planejamento urbano, no que diz respeito as praças, jardins, parques dentre outros. A título de exemplo, poderiam ser acionados artistas locais contratados pela Universidade da cidade para decorarem as ruas com temáticas regionais incidindo na população um amor por suas raízes. Praças bem traçadas dotadas de jardins extremamente cuidados onde os acadêmicos poderiam intervir nas tomadas de decisões que seriam postas em prática evidenciando assim originalidade nas questões de nossa região. Quiçá esse lugar pudesse mudar os destinos da cidade no sentido de fomentar ideias de sustentabilidade, de preservação do que ainda sobrevive como alguns igarapés, nascentes de rios e o verde que ainda se faz timidamente presente.

“A qualidade dos planos e a sua concretização em cidades mais justas, democráticas e sustentáveis dependerá, logicamente, de cada cidade, do nível de organização e mobilização da sociedade e das práticas de participação locais” (Plano Diretor Participativo, 2005, p. 25).

Manaus embevecida com o Plano Diretor incorpora-o, mas por vezes, sucumbe, diante das pressões oriundas de interesses obscuros que se investem de força e traga certas reivindicações legítimas. O poder é eficaz, precisa de suporte e ajustes para manter-se e suprir as carências urbanas provenientes da organização econômica vigente tributária do singular e veloz processo de urbanização e, para cumprir tal desiderato, faz-se necessário a atuação deste plano consoante com a atuação conjunta dos moradores que são os legítimos sujeitos de direito desses espaços.

1.3– Manaus, sua gente e o sentimento de pertença

O ato de pertencer deriva do substantivo masculino “pertencimento”. Trata-se de um ato que se identifica com um conjunto de indivíduos imbuídos em uma mesma vontade de relacionar-se de forma espontânea. Os sentimentos de pertencimento enraízam-se sempre no ser que, embalado por sua cultura, vive e se metamorfoseia conforme as nuances de seu viver. A ideia de pertença incita nos indivíduos reflexões sobre a vida, sobre o mundo que o circunda promovendo um sentimento de libertação como se molas opressoras que antes o afligiam o libertasse, dando sentido, devaneios e vigor para o caminhar da humanidade. Bachelard (1978, p. 201) assinala dizendo que “pelos sonhos, as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos”. São lugares que se abrem para a realidade e no entendimento de Certeau (1998), os lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si. São tempos empilhados que podem se desdobrar mas que permanecem no estado de enigmas, de simbolizações.

Para Almeida (2014, p.1), “o sentimento de pertencimento à terra, à história, às lutas, à identidade, às práticas, às vivências, aos rituais, entre outros, se aglutinam formando uma conjuntura legitimadora dos territórios vividos”. O sentimento de pertença na Amazônia se caracteriza por ser, mais fortemente, ligado ao campo simbólico, e não simplesmente às relações de poder, propriedade ou controle político da hegemonia econômica circundante. Ao refletir acerca do pertencimento, Brandão (2005, p. 12), delinea o seguinte quadro:

Houve um momento em que eu nasci [...] em que você, eu e todas e todos nós nascemos e começamos a viver a aventura da vida em algum lugar do Planeta Terra. E a Terra é a casa de todas e de todos nós. Ela é o nosso lar. Nascemos em um dia, em um lugar. E, a partir de então, nós existimos. Somos alguém. Somos uma pessoa no mundo em que nascemos e onde vivemos.

O autor deixa claro que é pela sensação de nascer, existir, viver em algum lugar e ser alguém no planeta terra, desde os primeiros tempos da história humana, que vivemos e transformamos sem cessar o meio natural em espaços e lugares, socializando-os. Brandão (2005, p.26), considera que “somos provavelmente a única espécie de seres vivos que ao invés de viver imersa em um permanente presente regido por sinais e sensações, vive, momento a momento, dentro de um tempo vivido, sentido e pensado como um presente, um passado e um futuro”.

Há na verdade um bem tão valioso que alcança a cidade que excede os muros de sua existência física. Estamos falando de patrimônio que abarca uma série de signos e símbolos que transcendem o próprio lugar. Para Horta (1999, p.6), a “apropriação consciente pelas comunidades do seu patrimônio são fatores indispensáveis no processo de preservação sustentável desses bens, assim como no fortalecimento dos sentimentos de identidade e cidadania”. Trata-se de compreender a cidade como um bem que deve ser vivido e valorado pelos cidadãos não por imposições mas pelo gosto da partilha.

A cidade revela-se importante na esfera cultural do ser humano. Coelho (2008, p. 9), lembra que, “pela primeira vez na história da humanidade, mais da metade da população mundial vive em cidades”. A cidade é onde se nasce, se vive, se ama e se morre, é onde se gera o valor econômico e onde se pagam os impostos, e com isso, o protagonismo da cidade torna-se ainda mais premente e justificado.

Os moradores da cidade na década de 1980 presenciaram de forma contínua e rápida a degradação desses corpos líquidos que com o advento da Zona Franca de Manaus, e o grande incremento das indústrias, poluiu e mudou a feição das tão propaladas águas dos saudosos igarapés de Manaus. A tomada de consciência da população manauense frente às decisões do poder público que desconsidera as causas ambientais em detrimento de um progresso cego e sem freios, propiciou algumas iniciativas de segmentos populares que clamaram por meio de passeatas e protestos a atenção para suas reivindicações.

Refletir sobre os banhos de outrora certamente contribui para uma maior consciência do lugar e como melhor entendê-lo. É uma oportunidade que nos permite compreender a forma como os homens e mulheres estabelecem, criam e significam o espaço de valores, símbolos e afeições. Para Louro (2010, p.22), “é no campo do social que se constroem e se reproduzem as relações (desiguais) entre os sujeitos”.

Esse sentimento de pertença é precioso para os banhistas que reconhecem na natureza o seu aspecto generoso da graciosidade e beleza da paisagem e dos lugares que se entrelaçam com a festa, com o recreio, com a vida. São laços que marcam e que rompem as estruturas arraigadas da dureza, da pedra, do granito. Para Bachelard (1978, p.202), “o ser reina numa espécie de paraíso terrestre da matéria, fundido na doçura de uma matéria adequada [...]. O ser mergulha na fartura, é cumulado de todos os bens essenciais”. É uma sinergia da qual se pode perceber o borbulhar de vozes que se agitam no puro viver.

Somente pelo sentido do pertencimento os indivíduos podem reconhecer-se unidos por uma rede de fios que se entrelaçam, na medida em que valores, crenças compartilhados se imiscuem. Manaus é “traçada ao sabor das necessidades, desejos e fantasias [...] a cidade se

afirma como artefato cultural, um documento histórico, uma obra artística” (MESQUITA, 2005, p.10).

Na Manaus dos banhos de outrora o sujeito transmuta-se de um indivíduo qualquer, para um banhista que participa de uma poiesis¹⁵ que o singulariza junto aos outros indivíduos. Daí poder tomar parte de um mundo que o higieniza nas suas fissuras físicas e mentais desobstruindo seu ser para ganhar horizontes mais amplos após repetidos mergulhos. Rememorar faz-se necessário. Para Certeau (1998, p.190), “o memorável é aquilo que se pode sonhar a respeito do lugar”.

O sentimento de pertença, a idiosincrasia, a comunhão com os amigos, as emoções partilhadas, tudo isso se consubstancia em bolhas de estímulos que vivificam e fundamentam o vivido, o sagrado, em um *frenesi* que parece evocar não só os espíritos da floresta, mas também os deuses gregos do olimpo, onde a cultura da cidade se engolfa e se imiscui com o universal. Como sugere Canclini (2008, p.15), “não atuamos na cidade só pela orientação que nos dão os mapas ou o GPS¹⁶, mas também pelas cartografias mentais e emocionais que variam segundo 7os modos pessoais de experimentar as interações sociais”.

Os banhos não são amazônicos, não se limitam a um espaço físico arraigado num solo único. A realidade transcende e surpreende de modo que os banhos da pacata cidade amazônica, vivido em Manaus, extrapola o esperado, atravessa os muros, fazendo parte de um eterno instante pois agora funde-se aos banhos dos babilônios, dos egípcios, dos hindus; atravessa a Grécia, Esparta. Invade o mundo mítico dos deuses gregos, depara-se com Diana, Dionísio. Os banhos de Manaus são universais por assim dizer. E os frequentadores que fizeram parte dessa aventura consagram-se como pertencentes a uma geração que simboliza e ama a vida vivida na sua pureza, no mais recôndito do ser.

A frequentadora do balneário Tarumã, Juracy dos Santos (91 anos), aposentada e domiciliada em Manaus, revela a sua história de pertença com os banhos nos seguintes termos:

Frequentei o Tarumã há mais de 60 anos e era muito bom. Eu trabalhei em uma fábrica de beneficiamento de borracha, chamava-se Nacional, era perto do colégio das irmãs, em frente a Detenção. Lá na fábrica eu cortava, media, dobrava e a borracha era levada para as estufas [...]. Mas também me divertia. Ia para o Tarumã. Lá a gente fazia piquenique embaixo das árvores, tinha churrasco, peixe assado. Passava o dia me divertindo. Era tranquilo, tinha um lago com águas

¹⁵ Ver a esse respeito ARAÚJO, Patrício Câmara. Aristóteles: Poiésis Mimética e o aparecimento da physis, 2011.

¹⁶ Global Positioning System, consiste numa tecnologia de localização por satélite.

limpas. Hoje a cidade piorou muito. São muitas agressões, banditismo, ruas cheias de buraco. Os banhos que frequentava nem sei se existem mas acredito que já não mais existem. Prefiro Manaus como era antes. Hoje saio de casa preocupada. (Entrevista/2016).

A fala de Juracy revela a faceta de mundos dicotômicos. Um divertimento vivido em meio à labuta diária, tornando o trabalho mais prazeroso e leve. Hoje Juracy na altura de seus 91 anos precisa conviver com a insegurança de um mundo que não mais se refugia na natureza, mas a tolhe e a suprime sem deixar sequer vestígios.

No palco da memória, as lembranças afloram de tal forma como se rios irrompessem de uma comporta que, sem freios, vai adentrando sem licença todos os espaços possíveis. Para Gadamer (2000, p. 134), “um diálogo aconteceu quando deixou algo dentro de nós. [...]. O diálogo possui uma força transformadora. Onde um diálogo é bem sucedido, algo nos ficou e algo fica em nós que nos transformou”.

O diálogo com Juracy revela Manaus, as histórias verdadeiras de um lugar, de uma época. “O lugar seria, então, o centro profundo da existência humana, cuja essência estaria na intencionalidade grandemente não-autoconsciente” (FERREIRA, 2002, p. 47).

Os lugares são bases onde se constroem vida que se perpetuam em histórias que se criam e se constituem por meio de experiências que se somam na rotina do comum, do vivido, do cotidiano. E é assim que se apresenta a história dos banhistas, confundindo-se com a presença de líquidos que se mesclam e se geram na individualidade e coletividade de um grupo. Para Carlos (1996, p.21), “o lugar só pode ser compreendido em suas referências, que não são específicas de uma função ou de uma forma, mas de um conjunto de sentidos e usos”. O lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer enquanto situações vividas, revelando, no nível do cotidiano, os conflitos que ocorrem ou ocorreram no mundo. Para Certeau (1998, p. 162), “[...] falta apenas um pequeno nada, um pingo de algo, um resto que se tornou preciso na circunstância, e que o invisível tesouro da memória vai fornecer”. Assim como pássaros bebês buscam agasalhos nas asas de sua protetora mãe, dessa forma, os homens abrigam-se no quarto entapetado de suas memórias.

Juracy dos Santos ao relatar fatos de sua juventude em Manaus revive ares saudosistas: “minha terra é única. Quando saio da cidade sinto logo falta de minha gente, do meu espaço, do meu cantinho. Sentir o chão molhado e comer o meu pirão é estar vivendo em paz” (entrevista/2016). A entrevistada fala da força de seu torrão, da harmonia intrínseca em seu eu. O universo amazonense parece remeter para que seus filhos permaneçam, não se desenlacem. São bens inalienáveis e, como diz Horta (2000), a preservação do patrimônio

constitui um desdobramento do pertencimento dos sujeitos-históricos e seu apreço pelos seus espaços, enfim, a sua cultura.

“O mundo da experiência humana é, então, apenas uma árvore da floresta. A diferença é que o homem sabe que a sua árvore não é única, e pode imaginar que a floresta, como um todo, possa ser semelhante” (LOWENTHAL, 1985, p.166). Esse pensamento resume o que o autor quer definir, que sua experiência é única. Reconhece que existe uma floresta de experiências, cujas árvores podem compartilhar com outras árvores a semelhança. Os banhistas tinham tempo para o lazer e o desfrute nos banhos de igarapés. Um sentimento de descontração os envolve de modo que ao usufruir as águas dos igarapés extravasam suas dores e fadigas e, vivem nas suas subjetividades o desabrochar do lúdico, do belo, da paz.

O compartilhamento de experiências nos banhos se mescla de forma que compõem um quadro de descobertas, de congraçamento que contribuem para a realização da vida. Brandão (2005, p. 38), em tom poético indaga:

Onde é que começa e onde é que acaba o que é meu? Indagação que segundo ele, guarda pelo menos dois sentidos: que ‘o *meu* pode ser: aquilo que é meu; aquilo que é minha propriedade, minha posse; aquilo que eu achei, ganhei, herdei, produzi, criei, comprei, e assim por diante: É meu, porque não é dos outros’ [...]. No mesmo sentido, [...] aquilo que é meu pode ser também: aquilo que eu compartilho com os outros’ [...] ‘aquilo que é meu e deles’. E, ‘sendo meu e deles’ é então: nosso.

Ao socializar o meio natural há uma interação que perpassa o afetivo. Os homens raras vezes percebem que seus rastros não se apagam nos recônditos da cidade mas se calcificam nas ruas, nas alamedas, e as gerações subsequentes os interpretam conforme suas luzes, seus saberes. São interpretações que requerem sensibilidade sobre o outro. São vidas que estão mergulhadas nas doces lembranças de paz e harmonia no uso dos bens naturais, mas também nos conflitos da existência humana. Essas tensões, conflitos e contradições estão presentes na urbe onde em geral, as contradições pulsam de maneira contundente. Horta (1999, p.6), acentua que “a apropriação consciente pelas comunidades do seu patrimônio são fatores indispensáveis no processo de **preservação sustentável** desses bens, assim como no fortalecimento dos sentimentos de identidade e cidadania”.

Juraci dos Santos conta a seus netos como eram os banhos passados e diz: “era um tempo que as gerações estavam bem próximas, só saíamos em família aos banhos, pois fazia parte dos finais de semana” (entrevista. 2016). Brandão (1990, p.37) acena para o fato de que “a identidade não é construída de uma forma singular, de maneira exclusiva, vai sendo

progressivamente produzida”. Juracy ao falar sobre Manaus intensifica seu olhar nos seguintes termos: “hoje com meus 91 anos eu ainda posso andar, vou às tabernas, converso com as amigas. Mas tenho medo da violência. Posso dizer que muita coisa mudou para melhor e para pior” (entrevistas/2016).

Note-se nesta fala o sentido do mundo, do viver. Para Dardel (1990, p.19), “a situação de um homem supõe um espaço onde ele se move; um conjunto de relações e de trocas; direções e distâncias que fixam de algum modo o lugar de sua existência”. Está-se diante de ideias, de imagens, de luzes. Nessa atmosfera a imaginação flutua, voa, imersa na atmosfera de liberdade. E é nessa pertença que os banhistas desprendem poemas no ar:

Um riacho corre em águas rutilantes
Lapsos de vozes rumorejam.
Periquitos incrementam o som de seus gritinhos,
Sapinhos refrescam-se,
nos orvalhos das manhãs.
e nos arroubos de seus verdes anos,
meninos rejubilam-se nos banhos
errádios e resolutos a brincar¹⁷.

São estas vozes perdidas que a natureza filtra e podemos captar na memória de um povo. São lembranças vivas que bailam no imaginário. Para Certeau (1998, p.189), “a lembrança é somente um príncipe encantado de passagem, que desperta, um momento, a Bela Adormecida- no- Bosque de nossas histórias sem palavras”.

No diálogo com Heraldo Vieira Lopes (50 anos) percebemos um misto de devaneio e saudade. “Naquele tempo a água era limpa. Fazia-se piquenique. As senhoras tomavam banho; não havia relação de medo da água, de doenças contagiosas por conta dos esgotos. As pessoas brincavam com intensidade, não saíam de dentro da água” (entrevista/2015). As relações do homem com o espaço se estabelecem em uma experiência vivida e é assim nos banhos, pois, de acordo com o tempo vivido, se constrói, se destrói e reconstrói, se constituindo numa experiência contínua. Convém lembrar que, “naquele tempo, no campo social, as pessoas se sentiam mais família, a convivência diária era mais intensa” (REIS FILHO, 2013, p.61).

Gadamer (1999, p.525) esclarece que “uma pessoa que chamamos experimentada não é somente alguém que se fez o que é através das experiências, mas também alguém que está aberto às experiências”. E parece ser o sentido ontológico do diálogo que é capaz de

¹⁷ Poema da autoria de Eveline Maria Damasceno do Nascimento.

promover uma transformação nos sujeitos por ele envolvidos. Inquirida a falar sobre como era a cidade em sua época, Nádia Moraes (62 anos) revelou o seguinte:

Lembro-me desta cidade em que nasci. Recordo-me muito bem. Quando era pequena recordo da paçoca vendida em saquinhos de papel em forma de triângulo. Nunca mais vi ninguém vendendo. A Broa que minha tia comprava na feira e a rosca tão gostosa. O quebra-queixo com tanta castanha. O gostoso açai¹⁸ tão apreciado. A tapiquinha com muito coco quase não vejo mais. Tomava muito Q-suco que levava na minha merendeira de plástico para escola. Quando lembro desses episódios meu mundo parece ficar mais leve, mais bonito, e esqueço o dia duro da cidade que enfrento todo dia (entrevista/2015).

A fala de Nádia revela com emoção a infância passada em Manaus e os valores construídos naquele momento. São lembranças que se coadunam com a realidade do dia a dia da informante. Ao lembrar-se da paçoca, da broa e mesmo do suco, a informante faz um retrospecto que resgata uma época em que a simplicidade parecia fazer-se presente em todos os aspectos. São aspectos das memórias que quando compartilhadas trazem a tona uma série de impressões e nos remetem a uma melhor compreensão da cidade. Ao falar na tapiquinha de coco revela uma preocupação: “quem ainda faz e vende essa tapiquinha?” (entrevista, 2015). Essas lembranças estão eivadas de histórias que se não resgatarmos perderemos o núcleo de nossas origens, ceifaremos o âmago de nosso passado indígena. Para Merleau-Ponty (1999, p.7), “o mundo é aquilo mesmo que nós nos representamos, não como homens ou como sujeitos empíricos, mas enquanto somos todos uma única luz e enquanto participamos do Uno sem dividi-lo”.

Nádia Moraes reafirma o fato de ser muito feliz em sua infância e expõe: “essa é minha cidade querida. Adoro o peixe daqui. Tinha coisas difíceis naquela época para enfrentar mas eu guardo momentos bons principalmente quando lembro das diversões na cidade” (entrevista/2015).

Ao refletir sobre sua experiência na urbe a informante sempre deixa claro seu amor pela cidade. Mesmo nas reminiscências de um mundo vivido percebe-se na fala o desejo de experienciá-la novamente. Merleau-Ponty (1999, p.14) explicita que “o mundo é não aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável”.

¹⁸ O açai é um produto derivado do açazeiro, que é uma palmeira da Amazônia Oriental nativa do Pará, com maior ocorrência no estuário do rio Amazonas. A esse respeito ver SHANLEY, Patrícia, 2005.

Os aspectos revelados por esse sujeito denota uma relação de satisfação e insatisfação relacionada com o ocorrido em tempos pretéritos em sua vida. A significância do lugar é marcada por bolhas de memórias que emergem e voltam salpicadas em traços de saudade, daí Bourdieu (2009, p.15) anunciar que “todos esses traços pertencem à ordem simbólica”. São relações mescladas de sentido.

Nádia revela que “na época daqueles banhos, a gente já sabia o que fazer nos finais de semana. A gente tinha certeza que ia se refrescar nas águas dos balneários da cidade. Era complicado chegar, mas isso não impedia nosso mergulho” (entrevista/2015). A vida nos mergulhos ainda pulsa em nosso ser. Para Heller (1972, p.20), "a vida cotidiana não está fora da história, mas no centro do acontecer histórico: é a verdadeira essência da substância social".

Os banhistas pareciam experienciar algo já consubstanciado em suas raízes, A alternativa dos banhos era recorrente. Essa era a grande diversão, a forma de lazer consolidada na história da cidade. E como supõe Schultz (1979, P.72), “o mundo da vida cotidiana significa o mundo intersubjetivo que existia muito antes do nosso nascimento, vivenciado e interpretado por outros, nossos predecessores, como um mundo organizado”. Toda interpretação desse mundo se baseia num estoque de experiências anteriores dele, as nossas próprias experiências e aquelas que nos são transmitidas funcionando como um código de referência.

Fica claro que os banhos eram experiências únicas, vivas, que parecem distantes mas que carregam memórias de um tempo que parece submergir. “Cobrimos assim o universo de nossos desenhos vividos. Esses desenhos não precisam ser exatos. Apenas é preciso que sejam tonalizados pelo modo de ser do nosso espaço interno” (BACHELARD, 1978, p. 205).

Nádia prossegue: “no caminho do banho eu me sentia tão completa, e ainda guardo algumas fotografias com meu esposo e minhas duas filhas” (entrevista, 2015). Para Merleau-Ponty (2011, p. 3), "minha experiência não provém de meus antecedentes, de meu ambiente físico e social, ela caminha em direção a eles e os sustenta”. A experiência não é um lugar onde se guarda antecedentes do meio físico e social, ela é construída. Nosso país é cheio de encantos e ao retratarmos nossas raízes percebemos que há uma mescla muito forte de povos que se deslocaram de seu torrão e se aglutinaram em nosso território amazônico. O Brasil é um país constituído por processos migratórios presente nos deslocamentos de pessoas de todos os lugares. A primeira imigração foi a dos portugueses que o descobriram e colonizaram, empurrando os índios, os povos autóctones. A história nos apresenta uma série de movimentos migratórios no país impulsionados por diferentes situações adversas. No

século XIX percebe-se no Brasil ondas migratórias significativas como a transferência de uma gama de nordestinos que aqui na Amazônia se estabeleceram movidos pelo atrativo da borracha.

O Nordeste constitui-se numa região caracterizada por fatores que impulsionam a migração pelo fato de ser uma área assolada por catástrofes naturais, como se pode exemplificar com a seca de 1915 que expulsou uma grande quantidade de nordestinos, sobretudo cearenses para regiões como a Amazônia. Uma boa parte desse contingente populacional que se fixou na Amazônia viveu uma vida de agruras nos seringais¹⁹. Lugares que eram espaços de labor, de dureza, mas que pareceu a estes migrantes a única forma de fugir de uma realidade que o consumia: a seca e a fome.

Com o intenso crescimento econômico do látex os milhares de migrantes nordestinos ocuparam terras e rios desconhecidos. Pinheiro (2003, p. 53) deixa claro que,

[...] de fato, tanto para a extração do látex quanto para a edificação das obras de modernização da cidade como a construção do porto, foi necessário enfrentar os problemas relacionados à escassez de mão-de-obra, só sanados com o apelo à migração de uma população nordestina assolada pela seca e pelo controle latifundiário.

Esse fato retrata Manaus, uma cidade mesclada de diferentes culturas que se espalharam na cidade. Com o capital advindo da extração e comércio da borracha há na cidade um burburinho de festa. Fazia-se necessário que a urbe se assemelhasse aos modelos europeus. Processa-se aí todo um repertório de mudanças que se inserem na cidade desfigurando-a de sua tradicional característica pacata e ingênua para revestir-se de brilhos e coloridos de velhas urbes.

Esse período foi intenso e se mantém até a crise da borracha, por volta de 1912-13. Durante a Segunda Guerra Mundial esse fluxo migratório cresceu, incentivado pelo Estado Novo. Muitos acordos foram assinados entre o Brasil e os Estados Unidos. Como a produção gomífera perdia mercado para a produção asiática, o governo brasileiro promoveu a campanha Soldado da Borracha que objetivava incrementar a produção do látex.

¹⁹ O **seringal** era a unidade produtiva e social da economia da borracha. A partir da segunda metade do século XIX, deu-se a expansão do látex da *Herbea brasiliensis*, em virtude da crescente demanda externa, fazendo com que, no Amazonas, se processasse um surto de crescimento econômico. Essa atividade econômica teve implicações demográficas, políticas e culturais.

A migração²⁰, nesses moldes, transforma-se numa estratégia de sobrevivência por constituir-se na busca da necessidade de sobreviver, ou seja, a pressão da exclusão conduz ao processo migratório. Para Torres (2005, p.15),

A Manaus da primeira metade do século XX era uma cidade artificializada, com uma aura que lhe era estranha, de vez que não incluía os nativos ao ornato da modernidade. Isto, porém, não impediu que os indivíduos interioranos que migravam para Manaus vivenciassem um processo de assimilação de novos hábitos e absorção de novos valores, buscando recriar-se em meio ao movimento historicamente determinado do espaço urbano.

Na decisão de migrar está contida a ideia do novo, do desafio de buscas que certamente vão se deparar com dificuldades que se apresentam. Trata-se de caminhos vistos como alternativas pelos sujeitos sociais como forma de dirimir as necessidades mais urgentes. Os indivíduos ansiosos e instigados pela aventura, pelo desconhecido, deslocam-se sozinhos ou com entes mais próximos, entretanto, deixam em sua terra natal laços de parentesco à luz da saudade, do não encontro, do adeus.

Toda a trajetória empreendida do deslocamento desses migrantes que saíam de portos nordestinos com gente de todo o Brasil era penosa pois os navios vinham abarrotados de gente até os seringais amazônicos. Conforme Marinho (2013, p. 18), a primeira escala era em São Luís no Maranhão e depois rumava-se para Belém, Manaus, Rio Branco e outras cidades menores onde as levas de trabalhadores seriam entregues aos patrões (seringalistas) que deveriam conduzi-los até os seringais onde seriam mantidos sobre o cárcere do sistema de aviamento²¹”.

Esses migrantes eram impactados com as diferenças, com o estranho. Muitos habituados a um mundo árido e seco deparam-se de imediato com caudalosos mananciais de água, onde uma floresta densa e heterogênea lhes recepciona. Embriagados pela floresta em suas atividades laborais lutam e se empenham na esperança de que seus sonhos frutifiquem. Pinheiro (2000, p. 38) considera que “no período de efervescência em Manaus, chegavam grandes contingentes de população pobre a procura de oportunidades de trabalho”.

Esse êxodo migratório ocorre pela ânsia do indivíduo na busca de melhores condições de vida. Ao pensar na possibilidade que este cidadão pode obter com o resultado de

²⁰ Migração- é o deslocamento de população entre regiões de um mesmo país ou entre diferentes países.

²¹ Este sistema representava uma grande exploração dos seringueiros, pois o patrão obtinha o lucro mediante a venda de artigos de comércio, cujos preços manipulavam de modo que no final do ano o saldo dos seringueiros muitas vezes era negativo.

um trabalho realizado na Zona Franca de Manaus, a ideia de um salário, de um trabalho na capital, do poder de compra que pode ser facilitado, tudo isso parecia mágico e perfeito.

Após o período de apogeu da economia gomífera, Manaus entra em colapso e toda sua produção cai vertiginosamente até que a Zona Franca de Manaus é implantada. Sousa (2005, p.30) revela que “em 30 de setembro de 1968 iniciou-se a implantação do Polo Industrial de Manaus – PIM, que lançou as bases para a segunda fase da ZFM, que foi de 1976 a 1990” De acordo com a autora esta fase caracterizou-se pelo predomínio das atividades industriais, marcando o início da industrialização na capital do Amazonas.

Esse momento estimulou o crescimento regional iniciado durante o ciclo da borracha, época em que a população havia aumentado significativamente. Almeida (2004, p.63) indica que “o fluxo migratório se intensificou na cidade fazendo com que sua população aumentasse mais de 300% em apenas 10 anos, saltando de 311 mil habitantes, na década de 1970, para 1 milhão de habitantes na década de 1980”. Com o advento da Zona Franca os povos tradicionais afluíram de forma maciça para a região de Manaus e a cidade não conseguiu comportar esses migrantes que aqui se estabeleciam. Esta população ocupou os espaços às margens de igarapés, nas encostas de vales sujeitando-se às mais adversas condições existenciais.

Nas palavras de Oliveira e Guidotti (2000, p.159), “Manaus estava estagnada desde o início do século e começou a enfrentar novos sobressaltos com as inovações ocasionadas a partir da implantação da Zona Franca de Manaus”. O processo de ocupação do solo em áreas irregulares e susceptíveis de alagações ocasionou sérios problemas urbanos que ainda hoje se alastram. São famílias inteiras que acabam impactando essas áreas com o lançamento de resíduos sólidos nos espaços aquosos, acarretando inúmeros problemas sociais. Para Frota (2012, p.31), “esses migrantes acabam engrossando os bolsões de pobreza, morando às margens dos igarapés. A ausência de saneamento básico provocou a poluição das águas e a exposição dessas pessoas a diversas doenças”.

Essas transformações mudaram o modo de vida de uma população acostumada com o extrativismo, com a pesca, a caça e que mantém contato agora com uma nova forma de produção baseada no sistema fabril do PIM. No que diz respeito à migração para a cidade de Manaus Nádia Moraes delinea o seguinte quadro:

Esse deslocamento de pessoas para Manaus tem contribuído muito para a mudança do espaço, pois essas pessoas incorporaram os nossos valores e nossas tradições e nós também incorporamos os seus hábitos, e com isso, vai havendo uma troca de culturas e o espaço vai

adquirindo novas feições. Mas as dificuldades são muitas: nossos rios estão contaminados, estão destruindo as florestas, a poluição aumenta a cada dia. E com o crescimento, acelerado, Manaus está se transformando (entrevista/ 2015).

A fala da informante também ilustra que a cidade está em ritmo de crescimento e que o fluxo migratório está em crescente ascensão. A cidade já não comporta outros fluxos migratórios porque provocaria inúmeros outros problemas sociais que viriam se somar aos graves problemas existentes.

Este crescimento demográfico está sendo maior do que a capacidade de atendimento dos serviços públicos, embora já seja visível alguma mudança no âmbito dos serviços e até mesmo de aparelhos sociais.

Para Costa e Schmitt (2010, p.5), “o processo de crescimento da cidade, durante as décadas de 1980 e 1990, criou um conjunto de deficiências e problemas urbanos”. Os autores consideram que houve um espraiamento indiscriminado da ocupação urbana, além do agravamento da situação às margens dos igarapés; a inadequação dos instrumentos de planejamento e controle; a insuficiência e a desarticulação da malha viária; a descaracterização ou substituição paulatina de edificações de interesse histórico e cultural e a deficiência da infraestrutura urbana, principalmente dos sistemas de esgoto sanitário, e dos serviços e equipamentos sociais básicos.

As metamorfoses processadas na cidade se refletem e iluminam a cultura de seus cidadãos. Cultura que, como assinala o poeta João Paes Loureiro, continuará a ser uma luz brilhando, e que persistirá mesmo com a extração dos recursos naturais, com a poluição dos rios e com a mudança das relações dos homens entre si (OLIVEIRA, 2006).

Hoje, Manaus conta com uma população de quase dois milhões de habitantes e com o advento da Zona Franca, tornou-se uma cidade cosmopolita, abrigando uma série de migrantes. É entrecortada por igarapés que teimam em resistir aos percalços de um progresso que insiste em seu desaparecimento, tendo em vista que não consegue deixá-lo livre de dejetos. Saneá-los é obra extremamente desafiadora ao poder público. Aterrá-lo é sempre a medida mais atraente para nossos governantes. Toneladas de lixo em seus leitos sugere a ineficácia de políticas públicas de nossa gestão ambiental.

CAPÍTULO II- A LEMBRANÇA DO LUGAR: O BALNEÁRIO COMO EXPRESSÃO DOS AFETOS E DA PERTENÇA

2.1 – Os Balneários de Manaus: história e cultura

Uma cultura, todos o sabemos, é feita pelas suas cidades.

Derek Walcott

A vida cotidiana é mergulhada no mundo da cultura. Essa atmosfera da cultura local inscreve-se numa dinâmica que propicia uma melhor compreensão de nossa história não somente no que diz respeito ao aspecto material, mas também em suas simbologias e significados. Canclini (2008, p.1), “vislumbra que as cidades não existem só como ocupação de um território, construção de edifícios e de interações materiais entre seus habitantes, mas deve-se levar em conta também os processos culturais e os imaginários dos que o habitam”.

Compreender o humano em suas manifestações culturais é extrapolar o terreno do possível e adentrar a idiossincrasia do ser, pois, o homem se lança e se projeta para o além quando entra no campo do lúdico, do lazer, dando vazão ao entretenimento para enfrentar os rigores de um mundo cheio de percalços e de intrigas. Para Morin (2009, p. 25), “trata-se, ao mesmo tempo, de [...] reconhecer a unidade humana em meio às diversidades individuais e culturais”. Este reconhecimento é significativo posto que a cultura pulsa em torno e dentro do ser. Para Geertz (1989, p.4),

o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície.

Deve-se reconhecer nas atitudes humanas o significado das experiências vividas pelo sujeito. Almeida e Gutierrez (2004, p. 49) admitem que “o significado de cultura mais antigo aborda o refino, a boa educação, a formação intelectual e humana, tem a sua correspondência nos gregos e latinos, ligado a educação do homem como tal”. A cultura é uma palavra que se aplica tanto a uma comunidade desenvolvida do ponto de vista técnico ou econômico, como às formas de vida social mais rústicas e primitivas. Heidegger (2005, p. 107), diz “que para se

ver o mundo é, pois, necessário investigar o ser-no-mundo cotidiano em sua sustentação fenomenal”.

A história dos banhos apresenta um entrelaçamento entre os sujeitos banhistas e a natureza num processo de pertença. Nesse processo os corpos e os líquidos se imiscuem em ritmos ora frenéticos ora lânguidos nos prazeres proporcionados pela ambiência bucólica do espaço natural numa forma de ser e estar no mundo. Geertz (2008, p. 150), considera que “é por intermédio dos padrões culturais, amontoados ordenados de símbolos significativos, que o homem encontra sentido nos acontecimentos através dos quais ele vive”.

Em se tratando de banhos sabe-se que desde tempos remotos na Roma Antiga tomar banho publicamente era algo comum da cultura daquele povo. Embora os romanos não tenham inventado os banhos públicos, pois os caldeus e os gregos já faziam usos dessa prática, foram os romanos que popularizaram os banhos. Durante o império (27 a.C - 476 d.C), os banhos públicos se tornaram algo comum no cotidiano do povo romano, havendo banhos públicos em todas as províncias e na maioria das cidades, levando ricos e pobres, homens e mulheres, a irem a tais locais não apenas para se lavar, mas para participar da vida social da cidade. O banho era tido como algo sagrado, o banho era tido como uma forma de purificar o corpo²².

Os romanos herdaram muito da cultura da Grécia, incluindo a adoração pelo banho. Esse hábito tomou proporções inéditas. Enquanto construía um dos maiores impérios de todos os tempos, os romanos levavam a suntuosidade de suas termas (enormes balneários públicos) aos mais diversos lugares. As termas eram frequentadas por todas as classes sociais e era o núcleo da vida mundana da cidade. “Não apenas tinham as instalações necessárias para a higiene pessoal como também serviam como ponto de encontro, sala de leitura ou conferência ou centro de competições esportivas” (LIBERATI; BOURBON, 2005, p. 66).

O banho referia-se à ideia de repouso e de convívio, pois era uma prática social e um ritual simbólico. Veyne (1990, p. 1799) destaca um provérbio muito comum na Roma imperial: “o banho, o vinho e Vênus consomem o corpo, mas são a verdadeira vida.” Esta citação revela a posição do banho na sociedade romana como algo destinado ao desfrute, ao prazer.

E no que diz respeito a cidade de Manaus os banhos são emblemáticos pois a história de Manaus antiga está entrelaçada com o ato de banhar-se e, embora não tenhamos construído suntuosas termas, o desfrute dava-se à beira de sombreados e magníficos igarapés.

²² Seguindopassoshistoria.blogspot.com.br/2014/01/os-banhos-publicos-na-roma-antiga.html (consulta realizada em 23/08/2016).

Para Moureira e Hespanhol (2007, p. 40), “compreender o lugar é considerá-lo não como uma soma de objetos, mas como um sistema de relações (subjetivo-objetivo, aparência-essência, mediato-imediato, real e simbólico)”. Daí ser possível vislumbrar as mudanças e permanências travadas no lugar onde se desenvolve a cidade.

A malha urbana de Manaus resulta de uma série de intervenções advinda com a lógica capitalista que se instalava na urbe. A arquitetura da cidade é eivada de um passado em que as regras foram ditadas para atender a uma elite que não se conformava com sua base indígena. Manaus respirou ares europeus pois viveu uma certa euforia parisiense. Com o *débaçle* da borracha a cidade se metamorfoseou. Adquiriu um ar triste e monótono. A Zona Franca se instala e traz a cidade um contingente populacional que não pode absorver. As perdas ambientais são visíveis: os espaços aquosos tornam-se sujos, contaminados e os banhos que eram o deleite dos banhistas passam a ser impraticáveis em face da grande quantidade de resíduos sólidos que o sufocam. Morin (2003, p.36), adverte que “a antropologia que exclui a vida de nossa vida privada é uma Antropologia privada de vida”. Abrir-se para a vida é abrir-se também para as nossas vidas, só assim a vida readquirirá um sentido vivo.

Os banhistas começaram a perceber a destruição dos balneários a partir da década de 1980, quando o decantado progresso começava a se expandir, atingindo os recursos hídricos e o meio ambiente de modo geral. É assim que balneário Parque Dez foi extinto e seu usufruto já não é mais possível, pois o concreto tomou conta e retirou do banhista o seu bem-estar. E agora aonde procurar esses espaços? Sim, nas cachoeiras do Tarumã, entretanto tudo parecia convergir para a mesma situação: um local que fora extinto e que concentrava no seu lugar as marcas do concreto ou, por outro lado, as marcas do abandono. Esse foi o prejuízo dado ao povo manauense: a grande contaminação de seus mananciais e o descaso com os ambientes aquosos sufocando o belo e a bucolidade da paisagem que fora outrora. De acordo com Santos (1988, p. 34), “ao mesmo tempo em que as singularidades garantem configurações únicas, os lugares estão em interação”.

As experiências dos banhos vivenciadas em várias décadas em Manaus interromperam-se de forma sucessiva, de modo que as expectativas para um retorno dos balneários tragados pelo progresso são utópicos, posto que a tendência que impera é o incremento do desenvolvimento sem freios e contrapesos, sufocando e aviltando ainda mais o que resta de nossos recursos naturais.

Antônio Loureiro em entrevista deixa claro que “Manaus cresceu muito rápido. A engenharia de Manaus está ultrapassada, e até certo ponto não acompanhou o

desenvolvimento mundial, ela que já foi um exemplo de engenharia para toda a cidade do Brasil” (entrevista/2015). Este informante reconhece o quanto o desenvolvimento regional sofreu estagnação, uma cidade que já serviu de modelo para outras urbes.

Para Oliveira (2008, p. 39), “até a década de sessenta Manaus era uma cidade balneária. Além do Parque Dez [...] haviam os igarapés e a orla do rio Negro que eram utilizados para piqueniques aos domingos por toda a família e todos os dias pelas crianças no período da cheia”.

É preciso estabelecer uma relação humana com a natureza, em que homens e mulheres sejam a mola fundamental da engrenagem. Esta relação pode ser encontrada nos banhos, enraizada nas origens sugerindo um entrelaçamento de bem viver.

Os banhistas faziam-se presentes todos os domingos de forma maciça e constante nos principais banhos da cidade, a saber: Tarumã, Tarumãzinho, Parque Dez, Ponta da Bolívia, pois, agraciados pela dádiva da natureza faziam jus a este legado. Nos banhos da cidade, os sujeitos se identificam com o lugar à medida que exercem a apropriação do lúdico, do tempo que é vivido, que é sentido e se estabelece como uma cidadania. Para Massey (1977, p.3), “o que dá ao lugar sua especificidade não é algum tipo de história longamente internalizada, mas, o fato de que ele é construído a partir de uma constelação de relações sociais que se encontram e se enlaçam num *locus* particular”.

Há com o ato dos banhos um pulsar do tempo. O tempo flui como o escorrer de um riacho que sem ser percebido move-se no silêncio e desempenha o seu percurso. O banhista saltita, nada, ri, vive, e o tempo escorre sem a percepção da flecha do tempo, de modo que na cultura dos banhos o que orienta a vida humana é o viver despojado, é o relaxamento descompromissado. Vê-se aqui um homem que busca na sua simplicidade o viver pleno, pois sendo humano não se alimenta de óleo como máquinas duras e frias, mas seu vigor e viço vem dos rincões da terra, de líquidos puros e perenes, pois como enfatiza Heidegger (2005, p.169), “o mundo da presença libera, portanto, entes que não apenas se distinguem dos instrumentos e das coisas mas que, de acordo com seu modo de ser de presença, são e estão no mundo em que vêm ao encontro segundo o modo de ser-no-mundo”.

É o que se percebia nas práticas dos finais de semana em que o homem manauense imerso em suas subjetividades manifestava a vida, expressando sua cultura nas relações cotidianas. A cidade rememora seus tempos de aldeia e vive a obra do criador, o espetáculo da natureza e como adverte Morin (2004, p.54), “a sociedade vive para o indivíduo, o qual vive para a sociedade; a sociedade e o indivíduo vivem para a espécie, que vive para o indivíduo e para a sociedade”.

A prática do brincar na água com o movimento de pernas, cabeça e membros é premente de cultura. Na Manaus de outrora os banhos eram como foguetes em dia de festa, os burburinhos das crianças, o gargalhar dos banhistas enchiam o espaço da cidade sorriso como era conhecida a nossa Manaus. Sua participação no mundo condensa-se na presença de uma cultura imiscuída nas águas, nos líquidos, nos banhos. Para Lefebvre (2001, p.21), “a cidade conserva um caráter orgânico de comunidade, que lhe vem da aldeia, que se traduz na organização corporativa”. Os contrastes entre a riqueza e pobreza, os conflitos entre os indivíduos não impedem o apego à cidade.

O mundo se revela na significância dada ao lugar e os banhistas são partes minúsculas que formam um conjunto coeso do todo, do mundo. De acordo com Morin (2003 p.41), “uma nova cultura científica pode oferecer à cultura humanística a situação do ser humano no mundo, minúscula parte do todo, mas que contém a presença do todo nessa minúscula parte”.

Com o despertar do progresso ocorreu uma reviravolta nestes santuários, de modo que suas águas foram sufocadas para dar lugar a novos contornos sociais e os banhistas ao se depararem com as cenas de abandono aos poucos se retiraram. Os banhistas vagavam sem saber aonde buscar espaços naturais vivos, limpos e sadios próximos de suas moradias.

Antônio Barbosa, 85 anos, frequentador dos balneários na década de 50 delinea o seguinte quadro:

Eu frequentava diversos banhos na década de 50, especialmente a praia da Ponta Negra, Parque 10, Tarumã e Tarumãzinho. O que mais frequentava era o Parque 10 por ser mais próximo de casa. Era piscina e era muito bom. Naquele tempo eu ia de automóvel, de Chevrolet o ano do carro era de 1949. Naquele tempo os automóveis eram americanos. O Brasil ainda não fabricava automóvel. Era muito bom aquele tempo. Agora eles acabaram, arrebentaram com tudo. Eu ia só as vezes com amigos, principalmente com os colegas do futebol. A estrada não era asfaltada, era chão batido depois foi calçada com concreto (era a Recife que hoje é a Mário Ipiranga) e aí facilitava mais a ida. Nós íamos também ao Careiro²³, Cambiche²⁴. Naquela época não tinha poluição, a água era limpa (entrevista/2015).

Esta entrevista denota um sentimento de amor em relação à cidade que embora contenha grandes contradições sociais, ela não deixa de ser bonita e fascinante. Expõe as relações de amizade, o tipo de transporte utilizado e a extinção dos balneários. Em suas

²³ Careiro é um município do interior do estado do Amazonas, que compõe a região metropolitana de Manaus.

²⁴ É um paraná ou braço de rio onde está situado o município do Careiro da Várzea, no Estado do Amazonas.

reminiscências sobre os balneários é perceptível a nostalgia em relação ao tempo daqueles momentos tranquilos, o cultivo das amizades e o convívio familiar. É dentro dessa perspectiva da memória que esses espaços devem ser considerados, assinalando um tempo de bem-estar no âmbito do lazer. Tais experiências só se concretizam nas lembranças, nos rastros, quando os fatos marcam as histórias de vida. Ricoeur (2010, p.434), assinala que, “para pensar o rastro, é preciso pensá-lo, simultaneamente, como efeito presente e signo de sua causa ausente. Ora, no rastro material não há alteridade, não há ausência. Nele, tudo é positividade e presença”.

Antônio Barbosa lembra-se de um tempo longínquo mas que brota em seu imaginário bem latente, assim também como muitos de seus amigos vivenciaram. Halbwachs (2006, p. 69), considera que “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes”.

Ao expressar as relações humanas entre homem e natureza o balneário também expressa o conflito, a intriga. De acordo com Antônio Barbosa,

Muitas vezes era difícil a ida para os banhos, mas só em pensar que ia com meus amigos de futebol e depois de um pelada poderia me refrescar naquelas águas, isso era bom. Já estou com mais de 80 anos mas ainda lembro bem. Quase todo final de semana eu ia ao Parque 10, ia com amigos da pelada. Fazíamos isso quase sempre. Fazia parte de minha vida (entrevista, 2015).

O entrevistado está ciente do sentido de tempo, de ritual, que cria a longo prazo o sentido de lugar e de comunidade. São compromissos que se estabelecem e que nos colocam em contato uns com os outros. Não é a proximidade, mas, o compartilhamento que nos aproxima.

O banho contém a ideia de repouso e de convívio na medida em que é uma prática social e um ritual simbólico. E ainda no que se refere aos banhos de Manaus, Antônio Barbosa, lembra que “estes lugares eram tão agradáveis que ainda lembro com saudade dos bons tempos que se foram” (entrevista/2015).

Esses acontecimentos fazem parte da vida na medida em que se realizam no plano do vivido, garantindo a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e a cultura da cidade. Trata-se não só do cotidiano e das relações com o lugar, mas também envolve as relações de conflito entre os indivíduos e a sociedade. O lugar não é

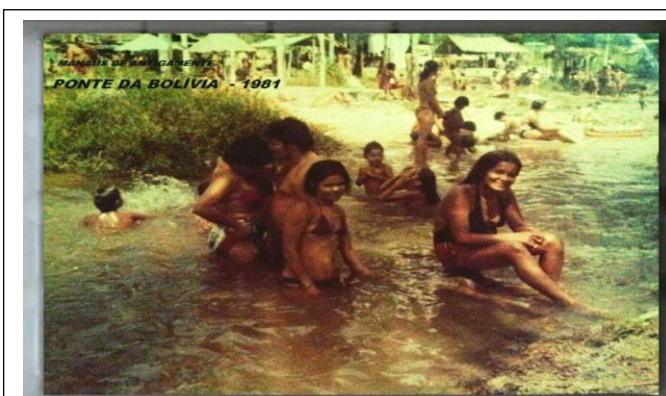
apenas um mero espaço físico composto de pedras calcificadas que não se comunica, o lugar é uma arena fluida e aberta de vivências múltiplas como o céu pontilhado de estrelas.

Em Manaus, os igarapés estão, de certa forma, integrados às novas lógicas e dimensões de construção da cidade, imbricados na natureza e consolidados pela cultura. Para Deleuze (1953, p.29), “natureza e cultura [...], formam um conjunto, um complexo. A natureza só atinge seus fins por meio da cultura”.

Há uma integração tão afinada do ser em comunidade com a natureza que se pode dizer que esta mescla é a condição *sine qua non* para a realização da vida. Encontra-se preso a esta associação que os indivíduos só se realizam quando estão entranhados neste código de relação. Em Morin (2004, p.54), “a tríade indivíduo-sociedade-espécie encontra-se em constante movimento de interdependência, ou seja, nenhum desses elementos sobrevive sozinho”. O ser parece nutrir-se em suas entranhas da natureza e vice-versa.

A cidade entrecortada por igarapés promove alegrias e é nesta ambiência, assinalada na memória, que se vive o mundo. Os moradores utilizavam os igarapés também para lavar roupa, pescar e outras utilidades. São lugares que possuem feixes de possibilidades. Para Merleau-Ponty (1999, p.14), “o mundo é não aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo”. O mundo é inesgotável.

Os balneários das épocas de outrora eram apinhados de gente. As fotos existentes retratam essa época tão reveladora. Fotos das décadas de 1950, 1960, 1970, 1980 impressionam pela grande quantidade de banhistas que deixava transparecer que a cidade respirava um só pensamento: banhar-se nos balneários. Era um ânimo sem trégua, a população manauense, de fato, transpirava humanidade. E nos dizeres de Morin (2003, p.40), “a humanidade não se reduz absolutamente à animalidade, mas, sem animalidade, não há humanidade” e tudo isso nos faz meditar no caráter complexo do humano.



Fonte: Google
Ponte da Bolívia (1981)



Fonte: Google
Tarumã (1968)

Os balneários podem ser compreendidos como entretenimentos que se mesclavam com as práticas cotidianas dos seus moradores de modo que nesses espaços as atividades diárias também eram realizadas como a dança, o riso, o alimentar-se, enfim, constituía-se num momento em que a articulação do lazer e da cooperação caminhavam juntas. Este lugar apresentava-se como expressão de lazer e palco dos acontecimentos onde desfilavam as singularidades. Para Santos (2005, p. 161), “hoje, certamente, mais importante que a consciência do lugar é a consciência do mundo, obtida através do lugar”. Compreender o balneário não é considerá-lo somente um amontoado de pessoas se divertindo sem finalidade, mas é percebê-lo como um sistema de relações numa cadeia de imagens e sentidos vividos no real e no simbólico.

Nos balneários é possível presenciarmos mudanças no decorrer das décadas e nos elementos intrínsecos dessa relação. Associa-se aos banhos não apenas ao espaço físico onde braços de rio circulam e cruzam-se muitas vezes em áreas urbana, mas também ao espaço vivido como possibilidade de construções simbólicas do imaginário. O lugar é visto neste sentido como o mundo da vida, marcado pelo diálogo estabelecido entre o homem e seu meio, através da percepção, do pensamento, dos símbolos e da ação.

Os balneários mostram o lugar como um espaço marcado pela experiência direta do mundo. Até os anos 40, no igarapé de Educandos ou no rio Negro. Conforme Oliveira (2008, p. 39),

Realizava-se a regata de canoas. Havia várias agremiações ligadas ao remo, tais como o Clube do Remo, com sede no igarapé de Manaus; o Grêmio Náutico Português, com sede na Avenida 7 de Setembro; Clube Amazonense de Regatas, na Garagem Rio Negro e o Manaus Ruder Club. As regatas realizadas no rio Negro e no igarapé dos Educandos eram assistidas por grande número de pessoas que se colocavam na primeira ponte da Avenida 7 de Setembro, próxima ao igarapé de Manaus.

Os igarapés eram lugares da festa, da afirmação do cotidiano e do reforço de um modo de vida. Fazia parte de um tempo, como se todos fossem iguais. Era nesse espaço que se dava a invenção do ser e onde o acontecimento se tornou fato histórico. Banhar-se nas águas dos igarapés implicava mais do que simplesmente molhar-se ou refrescar-se, significava viver de um modo adaptado aos ritmos da natureza. O lugar está imerso na intersubjetividade.

Há uma relação de troca nas relações dos banhistas, são sentidos que afloram, é a vida social que se faz presente, que revigora. São permutas intersubjetivas que irrompem e

como considera Morin (2003, p.127), “o caráter intersubjetivo das interações no meio da sociedade, o qual tece a própria vida dessa sociedade, é fundamental”.

É uma relação também de familiaridade visto que a ida a esses riachos estão calcadas na solidariedade, amizade e laços de companheirismo, ou seja, se estruturam na relação do eu com outro e é o palco da história, em que se encontram as coisas, os outros e a nós mesmos, sendo esta a condição necessária da existência humana. A vida desses indivíduos está no diálogo entre a pessoa e o meio. É o que constata Buttimer (1982, p.182), ao dizer que “a intersubjetividade sugere a situação herdada que circunda a vida diária”. Pode também ser compreendida como um processo em movimento, pelo qual os indivíduos continuam criando seus mundos sociais. O modo intersubjetivo, permite um diálogo entre a pessoa e a subjetividade do seu mundo, sendo este mundo constituído de valores e de bens.

Para Carlos (1996, p.21), “são os lugares que o homem habita dentro da cidade que dizem respeito a seu cotidiano e a seu modo de vida, isto é, pelas formas através das quais o homem se apropria e que vão ganhando o significado dado pelo seu uso”. Trata-se de um espaço palpável.

O lugar é onde se desencadeia as relações, onde projeta-se o uso. A produção do espaço dos balneários não se processou de forma rápida, foi, pois, com o decorrer dos séculos que a natureza foi delineando suas formas, suas marcas e seu traçado, formando e consolidando os rios, riachos, córregos e igarapés. O peculiar traçado da natureza constituiu-se de forma a reunir em seu entorno quantidades infinitas de vegetações tão singulares como cipós, arbustos e uma diversidade de brotos que o homem amazônida quase não consegue decifrar e interpretar a magnitude dessa dádiva. Deste processo surgem os banhos, retratos vivos de um presente doado pelo criador e que o homem ao perceber a generosidade da natureza busca viver uma relação afetiva com ela como espaços de festa, do lazer, lugares sagrados que inspiram esperança, aconchego, espetáculo da vida. Santos (2005, p.158) considera que “o lugar, aliás, define-se como funcionalização do mundo e é por ele [lugar] que o mundo é percebido empiricamente”. O mundo depende das virtualidades do lugar, muda o mundo e, ao mesmo tempo, mudam os lugares.

Os banhistas participavam dos mistérios da vida, da simplicidade e pureza do lugar, das águas puras, do vento limpo, do espetáculo do singelo. A identidade, o sentimento de pertencimento e o acúmulo de tempos e histórias individuais constituem o lugar. Nas histórias dos banhistas a possibilidade de resgate dos lugares com suas peculiaridades revelam o movimento da cidade que guarda em si significados de um mundo que se abre para o cosmos, para a essência da vida.

Os antigos balneários ganham relevância no período contemporâneo como uma construção de valores e significados. Essa dimensão de lugar é mister ser destacado pois denota a importância daqueles espaços tão esquecidos pelo poder público. Os igarapés durante décadas atrás é tido como a base da vida cotidiana e da sociabilidade entre as pessoas. Como considera Relp (1980, p.41), "uma relação profunda com os lugares é tão necessária, e talvez tão inevitável, quanto uma relação próxima com as pessoas; sem tais relações, a existência humana, embora possível, fica desprovida de grande parte de seu significado".

A sociabilidade encontra nos banhos uma forma cativa presentes nas brincadeiras de bola dentro dos igarapés, namoricos, muita algazarra e gargalhadas acaloradas. As relações de amizade também refletem o apego e a identidade ao lugar. Estreitam-se os laços entre os vizinhos e parentes.

A amizade traz ao homem o contentamento de não estar só. Bordadas com fios dourados a camaradagem docemente acaricia a alma e desfranze o cenho. Para Aristóteles (1991, p.171), "quando os homens são amigos não necessitam de justiça, ao passo que os justos necessitam também da amizade; e considera-se que a mais genuína forma de justiça é uma espécie de amizade". Nos banhos o contato era gratuito e um punhado de banhistas, qual pássaros velozes, se atiravam nas cachoeiras inflamados pela alegria do banho e o convívio com os amigos. Há na comunhão dos banhos, cordões de amizade, que se fortalecem de uma forma que permite a irmandade, o aproximar verdadeiro sem amarras. Epicuro (2002, p.23), considera que "é necessário portanto cuidar das coisas que trazem a felicidade, já que, estando esta presente, tudo temos, e, sem ela, tudo fazemos para alcança-la". As virtudes estão intimamente ligadas à felicidade e a felicidade é inseparável delas.

Os balneários foram submetidos constantemente às transformações econômicas, sociais, culturais e espaciais. Com a introdução de novas funções, ou seja, novas formas de ocupação do espaço mudou o cotidiano e o "rosto" da cidade. Coelho (2012, p.2), supõe que "a partir da observação do cotidiano, temos a noção da cultura, hábitos de um grupo sobre seu locus, ou sobre o espaço". É nesta relação que os banhistas concretizam suas experiências com o mundo. O contato com os espaços aquosos para suas recreações delinea-se como um espaço dotado de significado para estes indivíduos. Estes sujeitos se comportam impregnados pelos valores locais e marcados pela experiência da vida compartilhada. Os banhistas são sujeitos que vivem na cidade e têm seus projetos de vida, suas experiências. Para Morin (2003, p.40),

Nossas atividades biológicas mais elementares - comer, beber, defecar - estão estreitamente ligadas a normas, proibições, valores, símbolos, mitos, ritos, ou seja, ao que há de mais especificamente cultural; nossas atividades mais culturais— falar, cantar, dançar, amar, meditar - põem em movimento nossos corpos, nossos órgãos; portanto, o cérebro.

Todas as práticas sociais estão totalmente impregnadas de cultura. Certeau (2001), compreende que é através das práticas cotidianas que o indivíduo cria meios para escapar ou fugir dos modelos de consumo impostos pela ordem dominante, inventando o cotidiano. Reconhecer o cotidiano como um elemento que reforça os relacionamentos, reverbera a ideia de novos olhares para o dia a dia repleto de possibilidades.

A história dos banhos consubstanciada de insólitos enredos, de singulares histórias, cria uma espécie de euforia nas memórias nostálgicas de seus frequentadores. Soma-se a isso o desprendimento dos banhistas a revelar seu cotidiano. No entendimento de Maffesoli (2003, p.634), “o cotidiano é uma espécie de nicho. Um refúgio ao qual voltamos quando a vida nos fere, ou quando as pressões políticas, econômicas, profissionais, tornam-se muito fortes”.

Para Lefebvre (1972, p.32), “gentes nascem, vivem e morrem. Vivem bem ou mal. No cotidiano ganham a vida ou não ganham sua vida, em um duplo sentido: não sobreviver ou sobreviver, tão-somente, ou viver plenamente”. Com essa premissa há de se considerar a necessidade da busca de sobrelevar-se na realização da vida, de imprimir no cotidiano ações que descambem para o bem viver mesmo que imiscuído de dores.

O mundo se revela na significação dada a estes espaços que se constituíam em lugares onde a vida fluía e que hoje os banhistas capturam imagens passadas que se mesclam em suas subjetividades e reforçam os laços de identidade. A ligação com o lugar não poderá prescindir daquilo que Jackson (1994, p.159), define como "uma consciência viva do ambiente familiar, uma repetição ritual, um sentido de companheirismo baseado numa experiência compartilhada".

A experiência pessoal de cada banhista foi marcada pelas mudanças engendradas na capital em plenos anos 80 quando culminou com a sucessiva degradação dos nossos igarapés. O fim desses espaços naturais também significou o baixar das cortinas, o silêncio nos bastidores, um mundo que se esvai mas que pode emergir no imaginário de cada ser. Heidegger (2005, p.172) assinala que “o mundo não é simplesmente dado no espaço; o espaço, no entanto, só pode ser descoberto no seio de um mundo”.

Teoricamente esses espaços foram consumidos, extintos, mas ainda sobrevivem na memória de seus habitantes que protagonizaram uma época de auge. Para Bosi (1994, p.55),

“lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”. Mesmo diante das mudanças sociais, econômicas e espaciais, os indivíduos guardam na memória o doce convívio dos igarapés e incorporam o sentimento de pertencimento ao lugar.

Hayden (1997, p.9) sustenta que “estas memórias se encontram armazenadas nas paisagens urbanas que seriam, deste modo, verdadeiros armazéns de memória social”, visto que tanto os elementos naturais quanto os construídos pelo homem frequentemente sobrevivem a muitas gerações. As memórias dos banhos estão marcadas por fatos pitorescos, engraçados, e por vezes tristes. Os entrevistados revelam em suas falas momentos de descontração com tamanho desembaraço evidenciando os costumes, a manifestação da cultura da cidade. Fátima da Costa (54 anos) ao refletir sobre a cidade de Manaus descreve o seguinte quadro:

Quando penso a cidade de Manaus lembro-me sempre de duas coisas que marcaram: os inúmeros banhos da cidade e as incômodas ladeiras. O bairro de São Francisco é um exemplo de tantos labirintos. Essas descidas e subidas de Manaus ajudam na saúde, pois é uma ginástica natural que é feita. Estimula as pernas, braços, ativa o coração, dá energia. Passei minha infância e adolescência embalada por esses caminhos tortuosos da cidade e ainda lembro com saudades, quedas e escorregões que levei pelos labirintos da cidade. Hoje, ainda há muitas ladeiras, entretanto, os banhos como de outrora já fazem parte de um passado longínquo (entrevista, 2016).

A entrevistada relata um traço topográfico e característico da cidade. E visualiza nessas histórias da cidade registros de uma época que traz saudades. São recortes espaço-temporais que marcam a cidade e que deixam fios de vida vivida, como depósitos de lembranças que emergem de forma fluida e ativa sobre os aspectos de Manaus, da cultura e do lugar. De acordo com essa informante “esta cidade parece um elástico, a gente puxa, ajeita, tira a grande quantidade de lixo e quando volta a olhar o elástico volta ao mesmo lugar. Lá está de novo o lixo em quantidade maior que já parece fazer da cidade” (entrevista/2015). Fátima percebe o quanto a dinâmica do processo civilizatório modificou o desenho da cidade e evidencia as dificuldades em eliminar os resíduos sólidos que afetam a paisagem urbana e comprometem o modo de vida local.

Segue esta entrevistada dizendo que “quando eu tinha 6 anos eu frequentava o Parque 10, não lembro de muita coisa mas esse banho foi marcante para mim pois foi o primeiro balneário que conheci. Lembro-me das músicas daquela época também”

(entrevista/2015). O lugar reabilita a lembrança daqueles que o vivenciaram, que compartilharam um passado comum, abrindo a possibilidade de sua compreensão para que tempos pretéritos aflorem em suas subjetividades. Fátima registra com emoção fatos que ocorreram em sua vida e que, hoje, ela lembra com clareza. E a memória social, as histórias de vida, assinalam os significados dessas lembranças em sua vida.

Esta mesma entrevistada revela o seguinte: “quando passo por aquela rua perto da Secretaria Municipal de Educação de Manaus fico pensando na época dos banhos. Recordo-me do Parque Dez e da época que vivi” (entrevista/2015). São registros significativos pelo fato de que esses indivíduos conheceram os balneários, frequentaram, e hoje podem apontar os avanços e retrocessos oriundos das mudanças que foram processadas na cidade. De acordo com Fátima da Costa,

Eu era acostumado com essa diversão próxima de casa. Sinto falta desse tempo. Tenho saudade daquela época. Quando me deparei com a realidade, só vi contaminação. Destruíram o Parque Dez e construíram outras coisas. Passaram rua e quem passa por ali nem imagina o que aconteceu nesse lugar. Agora tudo é muito distante, contaminado. Penso que daqui alguns anos só teremos concreto na cidade. E Manaus ficará muito quente. A arborização é pouca. Para uma cidade como é Manaus era para a cidade ser bem arborizada. Até as praças do interior são mais bonitas. Precisamos de verde, de igarapés circundando a cidade. Aí sim teremos uma cidade com *cara* de Amazônia. Os governantes precisam fazer alguma coisa para melhorar essa realidade. O que foi criado pela natureza deve ser preservado. Tenho saudades. (entrevista/2015)

Este quadro contém pontos básicos que dizem respeito a cidade. Fátima fala sobre o que foi perdido. Expõe a carência de arborização e denuncia a contaminação dos espaços aquosos que ainda nos restam. Seu modo de pensar revela o sentimento de um povo que é ciente do que lhe foi usurpado, que sabe o valor e a importância de um ecossistema saudável, do significado de uma cidade para os seus cidadãos. Isto significa que o poder público deve estar atento para ouvir essas vozes, esses clamores. Segundo o Ipea (2010, p.22), “é necessário compreender que a biota²⁵ não fornece somente benefícios diretos à humanidade, como o suprimento de alimentos e combustíveis, mas também é provedora dos processos essenciais à vida no planeta.” Fátima percebe a relevância na manutenção dos recursos da floresta e intui que se a natureza criou é porque tem uma função, uma utilidade de sustentação para os demais componentes dos ecossistemas.

²⁵ Biota é o conjunto de todos seres vivos de um determinado ambiente ou de um determinado período.

É necessário que nossos representantes (deputados, senadores, vereadores) mobilizem os membros do Poder Executivo (tais como prefeitos, governadores e inclusive o próprio Presidente da República) para que atendam as demandas da população, no sentido de buscar o bem-estar da sociedade. Fátima revela suas impressões e dá continuidade a suas lembranças:

Sempre vou lembrar aqueles momentos. Não posso falar da minha vida sem falar dos balneários pois os banhos fazem parte da minha história. Lembro-me de um amontoado de pessoas se divertindo, fazendo algazarras. Músicas muito altas, gargalhadas e confesso que era muito bom. As famílias se uniam; era pai, mãe, avó, tio, todo mundo se divertia. Ninguém falava em poluição e a diversão era demais. Hoje me pergunto. Cadê aquelas cacheiras? Parece que tudo desapareceu (entrevista/2015).

A fala da nossa entrevistada revela que a participação dos banhistas sempre foi algo espontâneo, realizado na aurora da mais tenra idade, da juventude e também da maturidade. Esses frequentadores saboreavam o que a natureza podia oferecer. A cultura desse povo emergia nesses espaços naturais onde a vida fazia-se presente nas brincadeiras de bola dentro d'água, nas algazarras da criançada e nas gargalhadas presenciadas pelos ouvidos atentos da floresta viva.

Certeau (2011, p.2), indica que “o cotidiano não possui caráter cumulativo, porém, não tem como fugir das consequências das acumulações”. Acumulações são o que podemos chamar de memória social ou coletiva. A memória sim possui esse processo cumulativo, que vai, portanto, afetar a vida e as práticas cotidianas. Essas reminiscências oferecem a cidade motivos para melhor interpretá-la. Promove-se mudanças, que perpassam pelo valor de uso da cidade e com isso, legitima-se o desenvolvimento humano e o exercício da cidadania.

Tais registros da memória de frequentadores dos banhos da cidade de Manaus devem ser utilizados como vetor de recuperação desse ambiente por diversas vezes solapado pelo desenfreado capitalismo que sem freios assola e entristece a cidade. O fortalecimento da cultura deve ser pensado no sentido de dinamizar áreas que ainda agonizam e necessitam do apoio e resguardo do poder público para se exhibir a um público ávido de desejos para com o natural, o simples, o puro.

Para Antônio Loureiro, “o banho servia para tudo que era de coisas emocionais, emotivas, servia para festa, servia para namoro, servia para boemia, servia para sexo” (entrevista, 2015). O entrevistado lembra ter visto banhistas nesses lugares bem felizes.

Segundo ele o pessoal ia fazer farra, cantar, tomar banho, tomar cachaça. Comer pirarucu seco frito assado, com farinha na beira do igarapé. Era uma boemia que ele chegou a assistir uma vez e presenciou vários boêmios de Manaus no igarapé da Ponta Negra comendo peixes e lascas de pirarucu assado, sabrecado²⁶, tomando cerveja ou uma cachacinha. E se expressa nos seguintes termos:

E cantavam, tocavam violão, mergulhavam, chafurdavam e era uma festa de diversão masculina. Não tinha mulher. Era uma espécie de casas dos homens de Jurupari²⁷, isso no final da década de 1960. Uma festinha de Jurupari oculta que passou através dos tempos porque era só homem bebendo, comendo pedaço de peixe assado ou de pirarucu moqueado, conversando e cantando e chafurdando na água. Esse era o tipo de banho boêmio (Antônio Loureiro, entrevista/ 2016).

Na fala de Antônio Loureiro percebe-se como a vida fervilhava na urbe onde os manjares dos deuses que são os saborosos peixes amazônicos estavam sempre presentes garantindo uma vida regada de sentido e prazer.

No âmbito das manifestações folclóricas, Jurupari é um personagem mitológico dos povos indígenas da Amazônia e de toda a América do Sul. Aparece na fala de Antônio Loureiro para ilustrar a roda de homens formada nos balneários, numa manifestação da força do poderio masculino. Manifesta-se, aqui, o vigor do patriarcado, seus laços fortes como tentáculos, exalando na festa a autoridade da figura do macho. O poema *Zumzum nos Igarapés* reflete o fulgor da festinha de Jurupari.

ZUMZUM NOS IGARAPÉS

As festas de Jurupari são como cítaras que
cativam seus ouvintes.
Gargalha-se, ri-se de tudo e a presença masculina
fremete se afirma, se envaidece.
Companheiros juntos
Enleados,
Cúmplices nas alegrias,
despedem-se somente
no ocaso do sol²⁸.

A fala de Antônio Loureiro é um tanto curiosa ao afirmar que,

²⁶ O mesmo que chamoscar, sapecar.

²⁷ Corresponde a uma lenda tupi e na região amazônica no alto do Rio Negro, significa um culto secreto masculino.

²⁸ Poema de autoria de Eveline Maria Damasceno do Nascimento.

Existiam os banhos grupais que iam homens e mulheres e nesses bacanais todo mundo bebia, o sexo, as farras eram normais. Tinha os banhos Rosa de Maio e La Hoje (vamos lá hoje?) que ficava antes do aeroporto que tinha uma estradinha que ia para esse banho. Havia várias dessas casas. Você ia com as mulheres, as prostitutas, fazia farra, geralmente sábado à tarde, o sábado da prostituição. Eu lembro mais ou menos da existência desses lugares. Não tinha motel. Motel era uma coisa nova. O motel que começa em Manaus é o tal de Cobras. O motel era nesses banhos escondidos, ocultos. E isso não passava carro, você deixava o carro lá na frente e ia a pé pra dentro do mato, meia hora andando lá pra dentro tinha aquelas barraquinhas e você ficava lá e tal (Antônio Loureiro, entrevista, 2016).

Nosso entrevistado lembra que nessa época ele fazia parte da Polícia Sanitária e foi a um banho desses para fazer a inspeção sanitária e nunca viu tanta imundície em sua vida. Os colchões eram pretos, tinha percevejos. E ainda haviam as bacias esmaltadas com água: as ânforas²⁹, porque não tinha água corrente nessas casas. Ele lembra que a Polícia Sanitária retirava os objetos e queimava, pois eram imundos. E diz: “quando a gente fazia essas batidas não tinha ninguém e geralmente era nos finais de semana, nos chamados clima frio, porque antigamente do aeroclube em diante o clima ficava frio. Eram banhos da prostituição, no meio do mato com acesso difícil” (entrevista/2016).

Esses focos de prostituição revelados pelo entrevistado fazem-nos compreender as agruras pelo qual muitas mulheres eram submetidas na busca de melhorias de sua existência. O contexto cultural da maioria dessas mulheres estava eivado de miséria e abandono. Mesmo desprotegidas nesses lugares na maioria das vezes sem higiene, esta era, a saída mais plausível para suprirem suas necessidades. Parece haver um gosto de fel e lodo nessas casas de banhos, não obstante, esses lugares promoviam de certa forma um néctar de alegria e prazer.

Poder-se-ia pensar Manaus como uma cidade líquida, pois transpassada de água por todos os lados é hoje afogada no progresso, entretanto busca em sua história tão singular, enriquecida pela prática dos banhos, emergir na força de sua cultura, de seus traços e rastros.

As pesquisas devem promover a cultura da região, contando sua história, seu passado, para estimular o fortalecimento de nossas origens e garantir medidas preventivas que possam inibir atitudes dissociadas de nossa realidade. A transparência das políticas públicas e a efetiva participação da sociedade civil na elaboração de propostas e no monitoramento do desempenho dos órgãos responsáveis por sua execução, permitirá um melhor recorte ético no

²⁹ Vaso antigo com duas asas, que servia para a conservação e o transporte dos líquidos e das sementes Botânica.

trato com a nossa cidade. O conhecimento da cultura da cidade de Manaus importa às análises da região amazônica. Geertz (2008, p. 150), considera que “o estudo da cultura, a totalidade acumulada de tais padrões, é, portanto, o estudo da maquinaria que os indivíduos ou grupos de indivíduos empregam para orientar a si mesmos num mundo que de outra forma seria obscuro”.

Os banhos exerciam uma função relevante para a cidade de Manaus na medida em que contribuía para construir a cultura fortalecendo a identidade do manauense, daí serem necessárias estratégias voltadas para a ação cultural, linhas de ação mais específicas e instrumentalizadas, para efetivar políticas adequadas à realidade da cidade de Manaus.

2.2 A função social do balneário: lazer e alegria

A função social da cidade tem sido objeto de reflexão muito recente, sendo, pois, desconhecida em certos aspectos. No que diz respeito à função social dos balneários pode-se dizer que o lazer e o entretenimento exercem a função de dar alegria e descontração aos seus frequentadores.

A exemplo da Constituição Federal do Brasil de 1988³⁰ o Estatuto da Cidade reafirma o lazer como um dos elementos fundamentais que compõem o direito à cidade sustentável. Para Prieto (2006, p. 2), “a cidade, para cumprir então suas funções sociais, deve garantir a todos os cidadãos, indistintamente, a moradia [...], o trabalho e o lazer, tanto para as gerações presentes, quanto para as futura gerações”. Trata-se de direitos para aqueles que vivem na cidade.

A ideia de uma vida prazerosa ligada às atividades lúdicas já era pensada desde a antiguidade. Aristóteles (1999, p. 177), já se preocupava com esta temática e era contundente ao dizer que,

Uma vida cheia de sentido em todas as esferas do ser social [...] somente poderá efetivar-se por meio da demolição das barreiras existentes entre tempo de trabalho e tempo de não-trabalho, de modo que, a partir de uma atividade vital cheia de sentido, autodeterminada, para além da visão hierárquica que subordina o trabalho ao capital hoje vigente e, portanto, sob bases inteiramente novas, possa se desenvolver uma nova sociabilidade.

Trata-se de uma sociabilidade tecida por indivíduos em busca de satisfação, de felicidade e, conforme Aristóteles (1999, p.9), “ora, se alguma dádiva os homens recebem dos deuses, é razoável supor que a felicidade seja uma delas, e, dentre todas as coisas humanas, a que mais seguramente é uma dádiva divina, por ser a melhor”.

Quando se fala em lazer lembra-se de diversão e entretenimento, mas hoje, sob os auspícios do capital é mais difícil encontrar um espaço para a diversão. Por isso, faz-se necessário que as instituições ampliem e busquem soluções no sentido de que atividades prazerosas como o lazer possam fazer parte da rotina de vida. Os autores Elias e Dunning (1992, p.150), declaram que “neste caso, um indivíduo pode encontrar oportunidades para um intenso despertar de agradáveis emoções de nível médio sem perigo para si próprio”.

³⁰ De acordo com o texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nº 1/992 a 68/2011 e pelo Decreto Legislativo nº 186/2008 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão nº 1 a 6/1994. 35 ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012.

Fátima da Costa diz que na cidade de Manaus, “ondas de lazer aparecem como vai e vem, é um circo que se apresenta, é um determinado parque que aparece mas nada que se possa estabelecer como algo fixo que possa atender uma clientela mais simples e despida de capital”.

Os banhistas da urbe usufruíam dos atributos da cidade, satisfazendo-se de acordo com suas criatividades, ou seja, era um lazer que gerava fruição, porquanto imbricado numa relação desinteressada e pessoal. A realidade do lazer no mundo contemporâneo revela-se de capital importância e é preciso considerar que o lazer cada vez mais se insere no universo do mercado. Ele se tornou, pela sua extensão e infraestrutura que supõe um fenômeno social da maior importância. O direito ao lazer se tornou uma demanda social fundamental. Tanto a saúde como o lazer, condicionante e determinante da saúde, são direitos sociais atribuídos a cada cidadão.

A legislação em vigor, que é fruto de um processo histórico de lutas dos movimentos sociais e setores da sociedade brasileira, mas por si só, não tem assegurado ações institucionais eficientes. É preciso, pois, que o poder público priorize determinados empreendimentos que venham assegurar o exercício do lazer. Se os direitos forem efetivamente implementados, promoverão a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos, posto que o lazer revitaliza toda a estrutura corpórea dando ao sujeito equilíbrio e satisfação interior.

Os povos antigos já sabiam da importância do brincar, da diversão, para o desenvolvimento integral do ser humano. Esses povos já intuía que corpo e mente estão interligados e a alma deve ser preenchida com atividades lúdicas que beneficiam o espírito. Atividades prazerosas devem ser estimuladas para que o homem sinta-se energizado aqui na terra. O homem contemporâneo percebe isso e através de várias atividades impulsiona o cidadão a divertir-se.

Em Manaus uma diversão milenar são os banhos nos igarapés, prática vinculada a água, a terra, momento em que o corpo recebe os fluidos positivos e estimulantes advindos deste líquido precioso e vital. Esses banhos ajudam-nos a liberar as tensões do dia a dia, favorecendo o desenvolvimento dos vínculos afetivos para que possamos viver em sociedade.

O lazer pode ser encontrado em diversas atividades em Manaus, não obstante, faz-se necessário que políticas públicas sejam direcionadas às melhorias das atividades lúdicas de nossa região. No convívio dos igarapés a alegria é uma manifestação que se delinea no entretenimento e eleva o espírito dos banhistas. No lazer e divertimento os banhistas sentem-se liberados de obrigações profissionais, familiares, havendo, pois, um caráter de

descontração e animação. Dumazedier (1976, p. 94) advoga que “o lazer é um conjunto de ocupações nas quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se”. Pode-se atribuir ao lazer diversos benefícios ligados a esta prática.

Os balneários executam uma função deveras salutar na história da cidade. Favorece a coletividade ao invés do individualismo, a solidariedade ao invés do egoísmo e isso impulsiona a cidadania, produz experiências significativas na vida cultural dos cidadãos. Essas práticas são essenciais na socialização de várias gerações. A prática dos banhos é caracterizada como decorrente de processos espontâneos da cidade posto que Manaus já foi agraciada com diversos caminhos de água. O prazer dos banhos, que é uma modalidade de lazer tão popular e que se plasma a identidade do manauense, entrou em decadência por volta da década de 1980. A cultura dos banhos como expressão máxima de lazer e entretenimento é aniquilada com toneladas de resíduos sólidos lançados em suas vestes e com isso subtrai seu encanto, desconfigura seu desfile, seu arrojo, pois são tragadas e sorvidas sua performance.

Diferentemente das práticas de lazer hoje regadas pelo consumo e lucro, as experiências de outrora eram marcadas pela simplicidade e inocência, pois tinham comprometimento com vínculos afetivos e de liberdade.

Fátima da Costa avalia suas idas e vindas aos banhos de Manaus. Ouçamo-la: “quando eu estava em casa eu tinha muita coisa pra fazer. Muita louça pra lavar, casa pra varrer, comida pra fazer e era aquele tédio. As idas aos banhos era uma aventura de despreocupação, de fuga de rotinas” (entrevista/2016). Essa fala pode ser compreendida sob uma perspectiva de gênero, denotando as intermináveis tarefas femininas no serviço doméstico.

Fátima rememora os afazeres domésticos realizados antes da ida aos banhos. Em geral as mulheres são as principais responsáveis por estas tarefas de varrer a casa, passar as roupas, lavar as louças, limpar os móveis e tomar conta das crianças. Bruschini (2006) informa que os afazeres domésticos recortam sobre a vida difundindo todos os outros espaços, sobretudo o lazer e o descanso. Essas tarefas consomem grande parte do tempo das mulheres.

Quando as pessoas encontram-se nos banhos a comida preparada em casa adquire um novo sentido. A farofa exala um sabor sem igual. A galinha bem temperada e frita é apetitosa e a gurizada se lambuzava às escondidas na ânsia de degustar as guloseimas antes da hora. O passeio ao balneário representa para as mulheres uma fuga dos afazeres domésticos, uma forma de viver a sua subjetividade com a espontaneidade de sujeitos que se reconfortam no

lazer e entretenimento. Ávila e Portes (2012) consideram que o tempo gasto com o trabalho doméstico absorve uma parcela significativa da rotina das mulheres.

A ida aos banhos com a família representa para esta mulher um novo dia e o espírito exposto muitas vezes ao tédio e aos açoites da vida descansa, relaxa. E quão bela era a multidão nas cachoeiras quando o sol se erguia alegre lançando seus primeiros raios.

A prática dos banhos revela a busca de um estado de satisfação. As funções expressas nas atividades dos banhos respondem às necessidades do indivíduo, que se satisfaz com o descanso e alegria. É sabido que essas funções se auto completam e reiteram uma sensação já regozijada há milênios pois estas práticas perdem-se na flecha do tempo. Voltamos a lembrar que há a necessidade do desenvolvimento de políticas públicas que possam concretizar, para os cidadãos brasileiros, o usufruto desse direito.

A simples obrigatoriedade não garante que esse direito esteja de fato sendo implementado. Existe uma dificuldade no Brasil na efetivação do cumprimento das leis. E isso é perceptível na cidade de Manaus onde nem sempre os valores resguardados pela Constituição Federal são efetivamente garantidos. Fátima da Costa lembra a Manaus daquele tempo nos seguintes termos: “Diverti-muito nos balneários mas agora tudo mudou. O lazer ainda existe na cidade mas perdeu-se a ingenuidade. Hoje se vê muita tecnologia mas os recursos naturais foram desprezados. Os igarapés que restam parecem que não mais se recuperarão” (entrevista /2016).

Adnamar dos Santos indica o primeiro passo para que os igarapés de nossa cidade possam recuperar sua função original, ou seja, garantir condições de infraestrutura a essas áreas, a saber:

Estas áreas estão completamente abandonadas. O primeiro passo seria infraestrutura para essas áreas. O segundo passo é bem oneroso, muito oneroso, mas é possível. Em vários países do mundo há experiências exitosas de retomada dessas áreas degradadas como uma área de balneabilidade e a água se torna novamente a ser no mínimo agradável aos olhos (entrevista/2015).

Adnamar vislumbra a possibilidade de revitalização dos igarapés. Mesmo em face do ônus a ser dispendido e diante de maciças e vultosas dificuldades há alternativas para sua viabilidade. Adnamar é atento ao significado da importância da função social dos banhos, no sentido de retomarmos aquelas cristalinas águas onde a algazarra e o ócio se faziam latentes e o ser livre prenhe de sentidos emergia com todas as suas singularidades.

Uma vida para ser efetivamente cheia de significação deve viver a experiência do humano, do calor das conversas, do riso desmedido, da liberdade do bem viver. Aristóteles (1999), acentua a importância de uma sociabilidade tecida por indivíduos sociais onde o tempo verdadeiramente livre possibilite as condições para a efetivação da identidade entre indivíduo e gênero humano nas suas múltiplas dimensões.

Fátima da Costa prossegue sua narrativa no que diz respeito aos banhos de Manaus: “quando ia aos banhos estava garantida minha alegria pois sabia que ia com o coração, com ânimo, não me importava com qualquer dificuldade que surgisse, eu queria era folia, diversão” (entrevista/2016). Heller (1972, p.17), considera que “a vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade de sua personalidade. O homem da cotidianidade é atuante, ativo e receptivo”. A alegria promovida pelos banhos reflete-se na resposta imediata no semblante do banhista, de forma que interfere em seu estado emotivo, na sua intersubjetividade, haja vista Marcelino (1990, p.31) entender o lazer “como a cultura compreendida no seu sentido mais amplo, vivenciada (praticada ou fruída) no tempo disponível”. O importante, como traço definidor, é o caráter desinteressado desta vivência.

Há uma simbiose do indivíduo que mantém seu espírito em contato com o natural, com energias cósmicas que engendram e ativam forças no ser individual onde o cenário de uma vida regalada salta e pulula no ser. Tais atividades se relacionam com o entretenimento e estão intimamente relacionados com a qualidade e bem estar posto que envolvem prazer e contribuem para o desenvolvimento pessoal e social. Conforme Morin (2003, p. 39), “tudo isso deve contribuir para a formação de uma consciência humanística e ética de pertencer à espécie humana, que só pode ser completa com a consciência do caráter matricial da Terra para a vida, e da vida para a humanidade”.

Os banhos enquanto espaços públicos têm sido usufruídos pelos banhistas de Manaus como um bem de grande alcance social. Esses espaços líquidos compartilhados de forma igualitária sem distinção de classes eram ladeados por inúmeras árvores que gentilmente davam sombras a numerosos banhistas que ali se instalavam. Longas cortinas de vegetação ainda estão inscritas nas memórias dos frequentadores dos banhos. Muitos ainda relembram os grandes buritizais que faziam parte daquele cenário onde suas folhas desprendiam-se e renovavam-se num eterno porvir. Era comum os bosques nestes lugares sagrados ter águas correntes com uma frescura deliciosa que satisfazia os mais ávidos filhos da terra. Inebriados por paisagens pitorescas onde viçosas árvores sombreavam corpos buliçosos, os banhistas

miravam as palmeiras e flores silvestres que ainda amanheciam cobertas de orvalhos. Esses elementos da natureza em perfeita interação revelavam o precioso sentido da vida e do ser.

Antônio Loureiro considera que os banhos tinham função social à medida que representavam um conagraçamento das famílias que buscavam estreitar os laços de amizade. Vejamos:

Os banhos serviam até para os bêbados. Naquela época o *cara* ia sábado comer o pirarucu seco com cachaça nos bares. E tinha uns que era só de homens e outros era de homem e mulher juntos. Existiam os banhos do pessoal como se fossem um bar: bar do *Caldeira*. Um local de divertimento então aí tinha só homossexuais (no sentido que só tinha homens) agora que está misturado com mulher. Depois tinha uns que tinha mulher mas eram prostitutas que eles levavam para fazer os bacanaizinhos pelos bares ali. Aí tomavam cerveja, cachaça e voltavam tudo bêbados (entrevista/2015).

O informante ressalta a função social dos banhos no sentido de possibilitar o desenvolvimento de relações sociais entre homens e homens e entre homens e mulheres, o que deixa transparecer uma perspectiva de gênero, o que para Saraiva (1999, p.147) “o ideal seria que ambos os sexos aspirassem à incursão na cultura do outro sexo, como um alargamento de suas potencialidades”.

Antônio Loureiro percebe o quanto a vida fluía e os banhistas podiam de livre vontade divertir-se, recrear-se e de forma desinteressada entreter-se desembaraçando-se de suas obrigações familiares ou sociais. A alegria fazia-se presente na urbe e o entrevistado relata fatos curiosos sobre os banhos: “tinha os banhos familiares e os banhos não familiares. Os banhos que eram motéis e eram alugados para fazer bacanais, eram balneários de prostituição. Tinha um bem na ponte (junto da ponte dos bilhares) onde é a Maromba³¹” (Antônio Loureiro, entrevista/2015).

Antônio Loureiro sinaliza para o fato de que o Shangrilá³² era o nome de um banho de prostituição. É como se fosse um motel. Não significa que tenha sido somente este banho, haviam outros. Por outro lado, haviam os banhos familiares que eram os sítios de famílias. Os banhos não familiares eram lugares de lazer e de fruição da vida, de extravasamento de sentimentos. De acordo com Antônio Loureiro,

³¹ A Maromba é o lugar onde, atualmente, funciona o Instituto de Teologia, Pastoral e Ensino Superior da Amazônia – ITEPES da Arquidiocese de Manaus.

³² O Shangrilá deu origem a um Conjunto Residencial na cidade de Manaus, localizado no bairro Parque Dez de Novembro.

No tempo do prefeito Antônio Maia, irmão de Álvaro Maia, foi construído um balneário público pela primeira vez que foi o Parque 10 de Novembro, uma homenagem a Revolução de Getúlio Vargas. Houve sempre muito lazer na cidade de Manaus. O domingo sempre foi um momento de lazer na cidade por causa dos banhos tanto nos tempos atuais como nos antigos. Nos antigos, você ficava restrito muitas vezes aos banhos particulares (entrevista/2015).

Deve-se reconhecer que nos finais do século XIX e início do XX, a Amazônia suscitava no imaginário social um glamour paisagístico, bucólico, capaz de inebriar os sentidos embrenhado na mata. Mas, não se deve esquecer, por outro lado, que Manaus era sedenta por progresso, buscava saborear as delícias vividas na urbe francesa, esbanjando com o rico progresso do látex. Em seus portos improvisados desembarcavam contingentes de meretrizes: polacas, francesas, judias, barbadianas, nordestinas e outras nacionalidades que iam engrossar o número de meretrizes da região em busca de condições mais dignas. Para Daou (2000), com as mudanças econômicas e arquitetônicas decorrentes do surto da borracha, ocorreu um aumento demográfico surpreendente. Entre os anos de 1880 e 1890 a cidade possuía aproximadamente 38.720 habitantes.

O número de habitantes se avolumava, tal era a vontade de enriquecer e conseguir melhores condições de vida através do mercado gomífero. O poder público via-se em crescentes dificuldades por não dar conta de inúmeras ocorrências advindas da prostituição, vadiagem e furtos que ocorriam no espaço urbano. Avultavam-se os problemas e a prostituição alastrava-se. Era intenso o movimento de meretrizes que aportavam nas adjacências dos portos de Manaus.

Diversas mulheres afluíam de diferentes regiões para se juntar ao grande fluxo de meretrizes na urbe. Priore (2005) declara que no início do século XIX dois tipos de prostitutas se observavam na cidade: as “cocotes” e as “polacas”. Aquelas representavam o luxo e estas a miséria, que se refere ao tipo de prostituição mais popular.

As cocotes eram as mulheres mais cobiçadas e disputadas por homens sedentos de emoção, desejos e gozos. Frequentavam lugares luxuosos, eram refinadas e encontradas em pouca quantidade. Cheias de luzes adornadas com belas pulseiras, colares, luzes e glamour. As polacas eram mais simples.

Rago (2008, p. 95) considera que “os espaços de sociabilidades dos prazeres ocorreram de forma crescente, em decorrência do próprio processo de modernização pelo qual as cidades brasileiras passavam”. A autora observa que a prostituição estava fortemente

presente nas áreas centrais e comerciais da cidade, devido a proximidade com bares, cafés, bordéis, cinemas e afins, que se tornavam atrativos para a população masculina em geral.

Outro fio da prostituição fora dos bordéis de luxo era representado por mulheres nortistas e nordestinas, depreciadas por vários epítetos e na sua maioria não ganhavam o suficiente para suas expensas. No centro da cidade de Manaus, transitavam no dia a dia as meninas ditas “faceis”, perambulando em trajés sugestivos na busca de clientes que pudessem ajudar no alívio de suas carências existenciais. Despidas de pudor, essas meninas carregavam consigo pecha de puta que as estigmatizavam. Muitas vezes a angústia fazia-se presente, conquanto, nas suas dores teatralizavam alegria. Na cidade que oferecia prazeres e sofisticação, a naturalidade de ser uma meretriz, estava ligada à hábitos extrovertidos sem amarras, onde gargalhadas mais escancaradas, trajés diminutos que induziam à volúpia, certamente, provocava a reação de uma sociedade que não admitia práticas que ferissem a moral pública. Para Lira (2014), “a prostituição pode se apresentar como uma resposta a uma realidade de miséria econômica, e também como o rompimento de uma ordem moral severa e normatizadora”. Essas meninas lascivas que aprendem em suas rotinas o jogo de sedução mais adequado para atrair seu amante ensaiam em suas mentes repertórios para aprisionar suas “presas” de acordo com a situação ora apresentada. Destituídas de pudores enraizados em uma sociedade rígida, as meninas faceiras não se intimidam em desabrocharem seus corpos para os mais diferentes varões que se apresentem valorizando seus serviços. E a cidade morena fervilhava e pulsava no *frenesi* de uma cidade receptiva que não se furtava a dar ao sexo masculino prazeres bem prestados.

Centrada na justificativa econômica para a prostituição, Rago (2008), identifica que o empobrecimento da população poderia explicar o crescimento do comércio do sexo, assim como também poderia explicar o aumento das desigualdades sociais (mendicância ou subemprego).

Nesse jogo sexual presenciado desde séculos anteriores o riso, a satisfação aconteciam, sem, no entanto, excluir as brigas, as agressões que muitas vezes faziam parte dessa dinâmica onde prazeres e dores se interpenetram.

Cumeadas de êxtase as meninas exibiam-se fulgurantes nas praças do centro com charme e feitiço moreno, ávidas por homens que a gratifiquem. E os jovens mancebos delambidos e sequiosos de desejos, a maioria com poucos haveres, se embrenhavam em quartos minúsculos e pouco ventilados para satisfazerem prazeres impetuosos. Outros, nem tantos na aurora da vida, perdulários de seus ganhos e feitos com a economia gomífera, também arvoravam-se na cidade trigueira na busca de usufrutos ou gozos carnavais.

Havia encontros de bazofeiros, beberrões que, na jactância de suas falas e em meio a dissidências que produziam, faziam a festa na urbe e certamente imiscuindo-se meninas lascivas que prontas estavam para satisfazerem o mais seletivo cliente. A mesquinhez, o embuste, o logro, habitavam a maioria destes encontros. E os corpos já viciados nessas entregas não peneiravam certos valores. A lida na prostituição é penosa, essas mulheres buscam a todo custo lutar pela sobrevivência e, mesmo sob pranto, com frustrações presentes, essas mulheres não abdicam desses caminhos. Assoberbadas pela dinâmica de uma vida hostil, adstritas a rotinas fatigantes, muitas dessas mulheres faziam deste ofício a mais portentosa oficina, malgrado os conselhos que por ventura recebessem. E nessa urdidura canalizavam suas energias para atraírem os mais sedentos e bem pagantes varões, conquanto, muitas vezes seus ganhos não refletissem suas aspirações e como num sumidouro solapadas eram suas esperanças.

Para Lira (2014, p.47), “suas práticas poderiam ser traduzidas nas mais variadas representações. Construía-se a imagem da mulher prostituta como a vilã ou como o câncer social”. Avultavam suas necessidades e no martírio do corpo muitas vezes oprimido por doenças que aos poucos a consumiam, essas mulheres experimentavam uma vida palidamente incerta como numa terra ignota que nem sequer visualiza-se suas veredas. Satisfaziam os clientes mas a necessidade de ir à luta parecia esmaecer. Constritas precisavam sair de cena, patenteia-se a incerteza, o apagar das luzes, disjunge-se o arco-íris, derruídas estão suas esperanças. Não há como denegar o perjúrio, as intrigas vivenciadas pelas mulheres ditas “fáceis” que, como a terra batida que com a forte chuva perde seu viço, assim essas mulheres galopam para de súbito depararem-se com o crepúsculo já em seu últimos estágios. Nessa intercadência resposta sempre novas mulheres dando continuidade a este caminho. Algumas se submetem a homens infames e vis que na busca de prazeres a angustiam com pagamentos ínfimos e abusos como num lodaçal que arrepia.

Arco-íris despedaçado

Corpos alvos, seda, lascívia
 Eram as voluptuosas cortesãs.
 Polacas³³, cocotes francesas, judias exibiam
 a fina flor da magia seus perfumes e fantasias,
 como apetitosas maçãs.

³³ “Polaca” era um termo genérico direcionado a toda mulher branca vinda da Europa Oriental independente de sua nacionalidade.

Nortistas, nordestinas, barbadianas
e outras origens também.
Meretrizes mais simples e sem luxo
Ganhavam avidamente seu merecido vintém.

Nessa vida,
Nem só luzes, brilho, arco íris,
o espírito encontra.
também o logro, o vício e a sordidez.
As meninas de luxo e as de origem mais simples
Deparam-se muitas vezes com a penúria,
Sonhos despedaçados
Num mar de embriaguez³⁴.

A criação do balneário Parque Dez de Novembro representou uma grande melhoria para a população amazonense garantindo à esta população o usufruto do lazer no âmbito de um aparelho social, uma política pública.

Antônio Loureiro aponta o início da construção do balneário do Parque Dez e acentua o domingo como dia de lazer na cidade. E para que a política urbana alcance o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e da propriedade, faz-se necessário, conforme Oliveira (2001, p.1), “a garantia do direito a cidades sustentáveis, ou seja, o direito de todos os habitantes de nossas cidades à terra urbana, ao trabalho [...] e ao lazer, não só para as gerações atuais, como também para as futuras”. O município é responsável por formular a política urbana e fazer cumprir, através do Plano Diretor, as funções sociais da cidade, possibilitando acesso e garantindo o direito, a todos que nela vivem, à moradia, à cultura e ao lazer, todos eles direitos inalienáveis àqueles que vivem na cidade.

Os banhistas em seus momentos de descontração, longe das práticas do trabalho, compartilham as alegrias que ganham um sentido de libertação. Nunes e Hutz (2014, p. 307), identificam essa prática e advogam que “o lazer seria a satisfação de uma necessidade humana complexa, que é colocada em prática por meio de experiências que são individualmente definidas como prazerosas”.

Nos momentos agradáveis dos banhos o alimentar-se é também parte da alegria dos banhistas e Antônio Loureiro relata aqueles momentos nos seguintes termos:

Não existia esse negócio de churrasco, nem peixe assado. A comida daquela época era vatapá, comidas frias porque tinha muitas histórias de dar congestão depois do almoço. Tinha galinha assada, farofa de galinha. Levavam galinha desfiada, maionese que era um prato

³⁴ Poema de autoria de Eveline Maria Damasceno do Nascimento.

especial na época, um macarrãozinho que era também outro prato especial. Geralmente pouca coisa. Levavam bolo, guaraná. Coca cola não existia. Tinha Baré, Andrade, Ajuricaba, Luséia³⁵ que era de Maués (entrevista/ 20015).

Há aqui uma culinária voltada aos hábitos locais com forte influência das heranças indígenas. São iguarias que se encontram em geral na fauna e flora local. A farofa lembrada por Loureiro, acompanha quase todos os pratos. É também de mandioca ou aipim, que aqui é conhecida como macaxeira, mas tem uma granulação bem maior e fica bem durinha, quase quebrando os dentes.

O vatapá, comida exótica que apetece o paladar de muitos manauenses, não era tão comum nos inúmeros banhos da cidade. Entrementes, algumas famílias levavam a iguaria para saboreá-la. As mulheres levantavam muito cedo e o preparavam com pão amanhecido. Lody (2006) considera que o vatapá é uma comida relacionada à matriz africana, e é tão importante na formação da nossa cozinha. Para ele o referencial africano está associado por causa do uso do azeite de dendê, um ingrediente marcante. É um prato sempre acompanhado de arroz branco.

Os banhistas após a ingestão de determinadas guloseimas ou alimentos quentes não entravam na água conforme comenta Antônio Loureiro e vê-se que são cuidados importantes. Após as refeições o sistema digestivo demanda mais sangue para conseguir fazer a absorção dos alimentos. Conforme Helito (2017) diante dessa competição por sangue no organismo, o cérebro, que é um órgão nobre, pode acabar ficando desabastecido em relação ao fluxo sanguíneo, provocando os sintomas de mal-estar conhecidos popularmente como congestão. Para este mesmo autor durante o banho, a pessoa não está em atividade física intensa, ou seja, não ocorre aquela disputa do organismo por um maior fluxo sanguíneo que pode levar à paralisação da digestão e à diminuição de fluxo sanguíneo no cérebro.

Antônio Loureiro fala da descendência portuguesa de seu avô e talvez explique o fato de sua ida aos banhos possuir uma culinária mais diferenciada. A título de curiosidade Loureiro fala que “se consumia muito em minha casa as bolas portuguesas, as bolas de sardinha”. E prossegue: “o macarrão era feito em casa. João que era um cozinheiro nosso fazia a massa, esticava na garrafa e depois cortava com uma faca em tirinhas, botava pra secar e fazia o macarrão e hoje passou a ser comprados em supermercados” (entrevista/2015). E

³⁵ Nomes dados a refrigerantes típicos da cidade de Manaus, e o guaraná Luséia típico do município de Maués, Amazonas.

conclui dizendo que “as bolachas eram diferentes. Bolacha Maria não tinha e as primeiras bolachas quem trouxe foi meu pai (Biscoito Pilar de Pernambuco³⁶)”.

Importa registrar que nos banhos, conforme Loureiro, “o pessoal levava cerveja e se quisesse gelo tinha que ir à fábrica, partia em pedacinho e levava. Então a gente enterrava na areia molhada a cerveja e o guaraná e achava que estava gelada” (entrevista/2015).

Estas atividades ligadas ao lazer rehabilitavam o viço, a alegria. No trajeto até a fábrica de gelo cordões humanos de camaradagem e alegria transbordavam diante do prazer que os esperavam nos banhos de Manaus. São formas de viverem a vida cotidiana, criando laços coletivos, solidariedade e momentos de leveza do espírito.

A culinária da Região Norte conservou a ligação direta com sua terra e com seus primeiros habitantes: os índios. Para Pimentel (2007) nessa tradição indígena são comuns os peixes, a caça, as plantas e as folhas de todos os tipos, tendo por base a mandioca, alimento fundamental dos povos tradicionais. A tudo isto se junta os doces de licores de açaí, bacaba, bacuri, ingá, camapu³⁷, jambo, castanha-do-pará e o murici. Hoje, nos costumes culinários é comum o tacacá³⁸ digerido em cuias nas tardes manauenses. Come-se muito a pupunha, o cará, o mungunzá, o mingau de banana, a maniçoba entre outros.

No cotidiano do centro da cidade de Manaus ainda se aprecia vários quitutes, dentre eles o quebra-queixo³⁹. Na esquina da Avenida Eduardo Ribeiro encontra-se há mais de 50 anos Francisco José Gomes (69 anos) considerado o “rei” do quebra queixo e que se expressa nos seguintes termos: “Sou um dos únicos da minha geração e está ficando cada vez mais difícil encontrar vendedores de quebra queixo. Igual a esse, só tem aqui. É herança de família. Isso aqui é minha vida e capricho para melhorar a cada dia mais” (entrevista/2016). Esta arte de fazer quebra queixo está presente na família de Francisco há três gerações e esses desenhos de vida estão entrelaçados na história dos quitutes de Manaus.

Para Maciel (1996, p.8), “a alimentação responde não apenas à ordem biológica (à nutrição), mas se impregna pela cultura e a sociedade, sendo que a sua compreensão convoca um jogo complexo de fatores: desde os ecológicos [...], culturais, econômicos e sociais”. Requer a conjugação de distintos olhares disciplinares, especialmente em se tratando de uma região tão rica em diferentes espécies de alimentos. Os alimentos que faziam parte da

³⁶ A Pilar é uma empresa brasileira de biscoitos e massas alimentícias. Foi fundada em 1875, pelo imigrante português Luiz da Fonseca Oliveira, na cidade do Recife, em Pernambuco. Ver Mendonça (2005, p. 48).

³⁷ Planta da região Amazônica. Estimula a produção de novos neurônios.

³⁸ O tacacá é um prato típico da região amazônica brasileira, feito à base do tucupi (caldo amarelo extraído da mandioca brava), e da goma de tapioca também extraída da mandioca.

³⁹ O quebra queixo é um doce típico da gastronomia brasileira, que alia o coco (ou castanha) ao açúcar. Quando se mastiga, ele se revela duro, dando a sensação que irá fazer o queixo quebrar, daí o nome.

alimentação dos banhistas são diversos. As frutas foram as mais citadas e tirando as guloseimas compradas no próprio banho, a comida caseira era muito comum. Pode-se citar as gostosas farofas, o arroz, o peixe bem frito e tudo isso em meio à alegria de se divertir.

A brincadeira e a algazarra presentes nos rostos felizes e bocas cantarolantes nos banhos da cidade, faziam de Manaus a princesa das águas. Os balneários tinham um alcance social para todos os segmentos da cidade. Os indivíduos mais pobres e os mais abastados se satisfaziam nas águas refrigerantes de Manaus de modo que esses veículos de lazer e alegria promoviam o bem-estar social e ambiental da população. Eram espaços públicos polivalentes e de interesse comunitário onde a cidadania era exercida em sua dinamicidade.

Esses espaços aparecem na lembrança daqueles que o vivenciaram, que compartilharam um passado comum, lúdico, abrindo a possibilidade de lazer inscrita na paisagem de Manaus, e conforme Bramante (1998, p.9), esta ludicidade “é enriquecida pelo seu potencial socializador e determinada, predominantemente, por uma grande motivação intrínseca e realizada dentro de um contexto marcado pela percepção de liberdade”.

O lazer é uma necessidade de cada cidadão à medida que além da redução do estresse beneficia-o de forma abrangente. Para Elias e Dunning (1992, p. 73), “as atividades de lazer diminuem com o estresse diário, permitindo a manifestação de sentimento, entretanto, sem prejudicar a integridade física e moral dos indivíduos ou acarear a ordem estabelecida”. Em diálogo com Maria do Carmo da Silva, (57 anos), que compõe a amostra dessa pesquisa, ficou patente o fato de que “os banhos me aproximavam muito de minha família, estes momentos eram muito comuns pra mim. Hoje as pessoas estão muito distantes” (entrevista/2015).

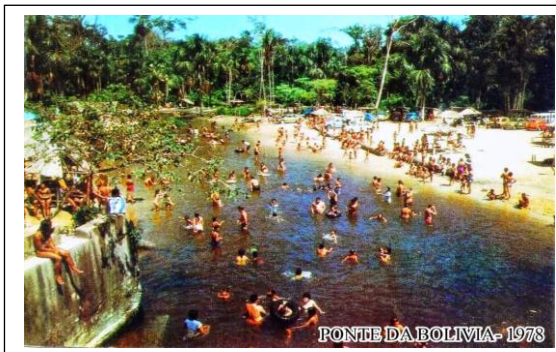
Maria do Carmo conhece bem esse espaço de lazer pois compõe-se de experiências que lhe permitiram fortalecer os laços familiares. Trata-se de um lugar onde gerações deixaram marcas, projetaram seus sonhos, seu imaginário. Para Carvalho (1997, p.273), “a família propicia convivência vicinal mesmo em grandes cidades. É capaz de criar e fortalecer coesões micro comunitárias [...] na melhoria da qualidade de vida do coletivo no local onde habita”. Maria do Carmo vivencia e fortalece esses laços no seio de sua família ao participar dos banhos e comprazia-se no deleite deles envolta com sua parentela, deixando-a revigorada e, como bem expressa Dantas (1991), o vínculo coesivo é fundamental para que a família desempenhe com profundidade o seu caráter agregador. Esse entretenimento desvia o indivíduo de suas atividades habituais. A ideia é a satisfação do indivíduo, o afeto da camaradagem. Basta entreter e afastar-se da rotina. Para Santos e Rubio (2012, p.1), “a afetividade é uma manifestação de sentimentos que pressupõem o cultivo em nós mesmos, em

nossa família, nossos amigos, de aptidões que são próprias do coração humano”. Tais vínculos marcam a vida humana, conferindo-lhe sentido.

Ao ser inquirido sobre os banhos da cidade, Antônio Loureiro, fala dos balneários distantes como o Tarumã que só era possível acessá-lo de carro durante a seca. Vejamos:

Você levava um dia para ir ao Tarumã. Aquela estrada do Tarumã era dessa largura aqui. Barranco dos dois lados. Quando você via outro carro você tinha que ir de lado. Era perigoso. A estrada passava por ali mesmo onde está quando você vai para o aeroporto. Só quem tinha carro é que ia ao Tarumã. Ônibus só foi aparecer recente por volta da década de 1940. Aí começaram adaptar os caminhões para ônibus (entrevista/2015).

Evidencia-se, nesta entrevista, as e dificuldades para chegar a determinados balneários da cidade principalmente ao Tarumã. Nosso informante chama atenção sobre os perigos a que eram submetidos os moradores. Mesmo com as dificuldades de locomoção, é curioso perceber em documentos fotográficos, o quanto aquele banho era apinhado de gente. Impressiona-nos deveras as imagens, pois, é como se a maioria dos banhistas resolvesse deleitar-se naquele espaço.



Fonte: Google
Ponte da Bolívia (1978)



Fonte: Google
Parque Dez de Novembro (1950)

Note-se nestas imagens o conagraçamento das famílias na exuberância dos banhos, divertindo-se na fruição do momento. É o que considera Vigotsky (1932, p. 2), quando diz “a afetividade é um meio de penetrar no que há de mais singular da vida social”.

São registros memoráveis de uma cidade efetivamente balneária. Antônio Loureiro enfatiza que,

Não deixava de ter banho em tudo quanto era beira de igarapés e as águas não era poluídas mas havia perigo. Em determinados igarapés

havia o perigo das piranhas, dos jacarés e até na própria Ponta Negra, nunca foi muito tranquilo antes, porque esse banho de praia na beira do Rio Negro sempre foi perigoso por causa dos jacarés. Com o tempo diminuiu o número deles. Chegou a se exportar quase 2 milhões de peles de jacarés por ano. Houve uma destruição em massa dos jacarés. E o banho na beira do rio se tornou mais fácil, menos perigoso. Mas já houve um tempo que foi de grande periculosidade você tomar banho na beira do rio (entrevista/2015).

Antônio Loureiro acentua também a grande quantidade de jacarés e a crescente diminuição desta espécie em razão da exportação, o que propiciou uma maior procura pelos banhos. O informante visualiza o risco das piranhas na beira dos rios, tudo por causa do sangue advindo do matadouro que existia, e quem sofria mais era, notadamente, as crianças.

Era gente de todas as idades, classes sociais que se acotovelavam à beira dos igarapés à procura de folia, de diversão. Ferreira (2010, p. 39) considera que “o lazer pode ser definido como uma combinação de tempo e de atitude, o que o torna estritamente único”. Cada pessoa pode ter uma sensação diferente de lazer, seja pelo interesse, experiência, idade, sexo ou classe social. Para Weber (1971, p. 63), “a classe se define a partir de situações de classe, de suprimento de bens, condições exteriores de vida, e experiências pessoais”. O autor ao utilizar o termo “classe” refere-se a qualquer grupo de pessoas que se encontra na mesma situação de classe.

As atividades voltadas ao lazer procuram proporcionar alegria ou um estímulo das emoções, através de escolhas e vontades individuais. O lazer constitui-se numa apropriação da alma, do espírito. Inscreve-se nas relações estabelecidas com as mais diversas dimensões da nossa vida cultural, via de regra, perpassa por vivências únicas de deleite e bem viver. Os banhistas das décadas de outrora guardam consigo lembranças que parecem já dissolvidas e esquecidas, não obstante, quando expõem suas experiências, elas afloram de tal forma que se entrelaçam aos fios de sua vida.

Maria do Carmo chama a atenção para o fato de que “o lazer proporciona esquecimento das agruras da vida, é como uma força que sacode nosso cérebro levando todas as tensões, tristezas e tudo que irrita. Faz esquecer as dores, os tormentos da vida. Os banhos estão inscritos em minha mente, marcam e retratam uma época que vivi” (entrevista/2015).

A entrevistada destaca que a própria natureza proporciona essa possibilidade de brincar, de rir à toa, de fazer algazaras, numa relação de afetividade com os recursos hídricos que revigoram e revitalizam nossa existência. Bramante (1998, p. 1) considera que “o lazer se traduz por uma dimensão privilegiada da expressão humana que não se repete no

tempo/espço, cujo eixo principal é a ludicidade”. O alcance da função social dos balneários expressa-se no aspecto lúdico voltado à valorização do ambiente, lazer e cidadania, que abarca o pleno exercício do direito à cidade.

Os banhistas buscavam a alegria de viver e eram contagiados por esses ambientes naturais, esses cursos d’água onde repousava a vida, o bem-estar, a folia. “Habitar, trabalhar, cuidar do corpo e do espírito, aos quais um objetivo elevado, conquanto acessível, possa ser atribuído a alegria de viver” (LE CORBUSIER, 1971, p. 73). Sua importância atrelada à sua necessidade imprimem ao lazer um *status* de inibidor de doenças e promotor de qualidade de vida.

É preciso resguardar o direito da humanidade, e é neste sentido que a função social dos balneários assenta-se no lazer, ainda que desconsiderada por alguns no atual cenário de rápidas e profundas transformações ocorridas no âmbito do capital. O lazer nesses banhos é justamente a válvula de escape através da qual se dissipará o estresse de um cotidiano prenhe, muitas vezes, de revoltas e frustrações.

A ótica urbanística atual é deveras utilitarista e assegura que o progresso mesmo desencadeando desarmonias na ordem natural é imprescindível para o futuro das cidades. É movido por essa lógica que se contempla o *débaçle* da natureza, a sujeição dos caminhos naturais frente às armadilhas que desafiam o homem. É sob esta perspectiva que os balneários emergem na consciência dos moradores que em suas divagações sobre o passado trazem reminiscências vividas.

Mesmo com o passar dos anos e com a poluição provocada pelo crescimento desordenado, Manaus ainda possui balneários. De domingo a domingo, eles são opções populares de entretenimento e fonte de renda. Mas, dispor de águas cristalinas, limpas, sem a grande quantidade de resíduos sólidos é algo utópico, somente os banhistas de décadas passadas puderam vivenciar. São verdadeiros mergulhos na subjetividade que os sujeitos desta pesquisa ajudam a compreender e daqui há décadas será um passado quase perdido na linha do tempo, só recuperado pela memória grafada nos livros. Mascarenhas (2000, p.17) acredita ser possível considerar o lazer como “força de reorganização da vida social, colaborando para a construção de novas normas, valores de convívio e para o questionamento da ordem vigente”. É um elemento intrínseco das relações humanas, resultado da convivência entre grupos que se imiscuem no contato, na aproximação.

Os balneários significavam ao povo manauense um real cumprimento das funções sociais e ambientais da cidade posto que naquele momento eram espaços protegidos e propiciavam a promoção da qualidade de vida e do ambiente. Sentia-se neste ambiente a

valorização cultural da cidade, de seus costumes e tradições. Nestes espaços, todos os segmentos sociais eram contemplados, desde os mais nobres moradores até os mais paupérrimos banhavam-se nas águas dos igarapés promovendo assim a inclusão social.

A relação sustentável de Manaus com os rios Negro e Amazonas e demais cursos d'águas era perceptível nessas décadas. A valorização da cidade era realçada nos banhos com a qualificação dos espaços públicos sendo que o Estado garantia a implementação do lazer, visando o bem-estar social e ambiental da população. Os banhos eram espaços públicos de interesse comunitário, haja vista o parque 10 de Novembro, Tarumã, Tarumãzinho e Ponte da Bolívia que ficavam apinhados de pessoas que pareciam verdadeiros formigueiros. Os banhistas foram testemunhas do leito dos igarapés ainda com a cobertura vegetal nativa, viram as matas ciliares nas suas margens sem os efluentes poluidores que hoje presenciamos. Registrar essas manifestações culturais confere identidade à sua população e aos espaços que habitam. Para Gomes (2004, p.125), o lazer é concebido como “uma dimensão da cultura constituída pela vivência lúdica de manifestações culturais [...], estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações”. Esta compreensão do lazer reflete as condições da vida em sociedade.

Cada banhista vivenciava essa experiência nas idas e vindas aos banhos, na alegria dos encontros que se processavam nesses lugares. Os banhos mais pitorescos da cidade recebiam uma grande multidão. Esta era a cidade dos igarapés de Manaus pontilhada de banhistas.

É importante garantir a ampliação e a efetivação dos canais de participação da sociedade no planejamento da cidade, dentro de uma cultura urbanística, pautada no planejamento e gestão urbana para que se possa contemplar as necessidades das demandas atuais. As mudanças processadas no lazer da cidade vêm pouco a pouco se configurando numa experiência de segregações espaciais, pois, neste cenário além da poluição encontrada nos recursos líquidos ainda existentes, há a impossibilidade de acesso das camadas populares de participarem das piscinas em clubes fechados resultado da expansão capitalista na qual os banhistas são vitimizados.

Importa registrar que o lazer dos banhos também possui uma função terapêutica porque recolhe a ânsia, entrecruza-se com a raiva e a elimina, depara-se com o tédio e o sufoca aniquilando-o por completo de modo que é voltado para a valorização da vida. No momento do banho o ser transcende envolto nas águas e ali se acalma. Faz-se necessário o estímulo a essa e outras práticas que estimulem o humano, a vida.

Conservar a cultura local, levando em consideração os usos e costumes da população é fundamental. Precisa-se recuperar os nossos recursos hídricos, garantindo o equilíbrio urbano e ambiental, promovendo a qualidade de vida e lazer da população. Nos banhos encontramos o fortalecimento das raízes culturais da cidade, da identidade amazônica, de modo que daí emerge nossas potencialidades advindas do ambiente natural e cultural disponíveis. Torna-se fundamental valorizarmos o lazer em face da satisfação das necessidades humanas de extravasamento. São movimentos e práticas que aliviam o estresse diário e funcionam como terapia diante do ritmo da cidade e, como diz Marcellino (1990, p. 58), é preciso ver o lazer “com lentes críticas e lúdicas”.

É o que Guilherme Arantes (2015, p.1) canta e toca nossos corações em sua canção Planeta Água:

Água que nasce na fonte, serena do mundo e que abre um profundo grotão.
 Água que faz inocente, riacho e deságua, na corrente do Ribeirão...
 Águas que caem das pedras, no véu das cascatas, ronco de trovão....
 E depois dormem tranquilas no leito dos lagos, no leito dos lagos...
 Água dos igarapés, onde Iara a mãe d'água é misteriosa canção...
 Água que o sol evapora, pro céu vai embora, virar nuvens de algodão
 [...].

Os balneários existentes em várias décadas foram interrompidos de forma definitiva, de modo que as expectativas para um retorno é inócua. Eles foram tragados pelo progresso cuja tendência que impera é o incremento do desenvolvimento sem freios e contrapesos, sufocando e aviltando ainda mais o que resta de nossos recursos naturais. Faz-se necessário que o poder público realize uma gestão sustentável aos últimos caminhos de água urbanos, gerindo esses espaços com todo cuidado sob pena de estarmos soterrando não só os líquidos, mas as nossas origens, nossa história.

2.3 – O balneário como o lugar dos afetos e dos amores

Que pode uma criatura senão, entre criaturas, amar? indaga o poeta Carlos Drummond de Andrade (2008, p.1), no antológico poema Amar. O autor convoca o leitor a introduzir-se no universo dos afetos, dos amores. A vida é comandada por paradoxos e enigmas que sinalizam para o fato de que a condição humana consiste em estabelecer laços sociais pelos caminhos do amor. Para Morin (2005, p.8), “nosso mundo da separação, da dispersão, da finitude significa também o mundo da atração, do reencontro, da exaltação. E estamos plenamente imersos neste mundo que é o de nossos sofrimentos, felicidades e amores”.

Em se tratando de lazer e diversão dos banhistas é natural que o amor e o afeto configurem-se como relações que vêm se somar ao processo de realização humana. Para Deleuze (1953, p.41), “tudo o que é agradável aos sentidos também é, em alguma medida, agradável à imaginação e apresenta ao pensamento uma imagem da satisfação que advém de sua aplicação real aos órgãos do corpo”.

Muitos encontros marcados e espontâneos foram vividos nos banhos de Manaus deixando claro que o banho como expressão da descontração e entretenimento é, por excelência, o lugar dos afetos e dos amores. Morin (2005, p. 9) enfatiza que “o amor faz parte da poesia, a poesia faz parte do amor da vida. Amor e poesia engendram-se mutuamente e podem identificar-se um com o outro”.

A dimensão afetiva é deveras necessária emblemática para o ser. Transitar pelas encruzilhadas do território dos afetos supõe escuta, percepção. São caminhos leves, que se configuram em afetos, sentimentos. Para Gadamer (2000, p, 138),

Só aquele que não ouve ou ouve mal, que permanentemente se escuta a si mesmo, aquele cujo ouvido está, por assim dizer, cheio do alento, que constantemente se infunde a si mesmo ao seguir seus impulsos e interesses, não é capaz de ouvir o outro. Ouvir o outro é a verdadeira e própria elevação do ser humano à humanidade.

O verdadeiro carisma do diálogo está presente na espontaneidade viva do perguntar e do responder, do dizer e do deixar-se dizer. No contexto da pacata cidade de Manaus, o meio líquido encontra sua plena realização e nele assume sua força transformadora por meio de seus igarapés que se transformam em balneários, e é nesse processo entre diferentes interlocutores que o movimento da paixão, dos amores são colocados em pauta, podendo ser expostos através da dança simétrica dos corpos.

É no jogo desse palavrório que os horizontes das memórias dos banhistas são reabilitados para o resgate das reminiscências de uma cidade que hoje embebida pelo progresso saboreia-se pelas divagações do passado. São sentimentos vivenciados nos recônditos do mais profundo ser.

Os balneários de Manaus eram locais de acesso mais popular àqueles sedentos de vontade de refrescar-se. Vivia-se a paixão da cidade, revigorar-se neste clima de bem estar.

Para se pensar os balneários como o lugar dos afetos e dos amores toma-se como ponto de partida a significação do lugar atribuída a cada frequentador desses banhos e da reflexão a ser realizada, sobretudo para compreender o significado desses momentos que são registros das experiências e da construção de um mundo vivido prenhe de amor, luz, magia e saudade. E como exprime Morin (2005, p.29), “o amor faz parte da poesia da vida. Devemos viver esta poesia”.

Socorro Dantas (59 anos) ao rememorar os banhos de Manaus aponta episódios de sua infância nos banhos. Ouçamo-la:

Quando eu tinha por volta de 7 anos de idade, eu vi um casal dentro d'água. Só dava para ver os dois, eu estava no alto e eles em um lugar mais baixo. Eles estavam abraçados. E eu voltei pra casa com aquela cena em minha mente. Ficava pensando quem são aqueles dois? Aquela imagem acompanhou minha adolescência e até hoje me acompanha. Achei bonita a imagem, a água, o casal! Engraçado, pensei muito naquela cena. E ainda ressurge em minha mente (entrevista/2015).

A memória é algo que produz significação no sujeito, reabilitando imagens, pensamentos, poesia, ela não está à margem da vida das pessoas, é uma realidade viva. Para entender as relações de sociabilidade desses banhistas não basta apenas observá-las. É preciso verificar sua dinâmica, a sua geografia e a sua história. Muitas mudanças ocorreram na cidade de Manaus, em décadas passadas as moças namoravam de porta, ou seja, o rapaz enamorado pedia ao pai da jovem licença para namorar, e aí esse jovem dirigia-se até a casa da moça e ficava com ela até um determinado horário estipulado pelo pai. Não havia tanta liberdade, e o fato de ir aos banhos mesmo com os familiares, era um momento aonde os namorados podiam dar umas escapadelas e ficarem mais à vontade. Nossa entrevistada prossegue rememorando aqueles velhos tempos:

Quando penso naqueles tempos sinto falta. Lembro muitos banhistas que passavam o dia nos banhos. Eles levavam farofas, frango assado,

arroz, macarrão, biscoitos e assim ficavam até umas 4 horas quando voltavam cansados de nadar, correr, jogar bola dentro d'água. Até hoje adoro ver fotos relacionadas àquela época. E sinto pelos meus filhos e netos não terem podido participar daquela época. A água não tinha poluição e quando passo próximo de lá sinto tristeza. Namorava no Parque 10 e foi marcante aqueles momentos que ainda hoje estão guardados na minha mente. Foram momentos sublimes (entrevista/2015).

Essa banhista narra esses fatos com emoção pois a afetividade e o namoro nos balneários marcaram sua história de vida lembrados hoje com saudade, pois ainda retumba em seu imaginário. Os frequentadores dos banhos são protagonistas de um processo de construção de um momento ímpar que fazia parte de um cotidiano tão real e presente que parecia sem fim. São experiências que marcam, que trazem um gosto de favo de mel, de céu. Esses espaços guardam lembranças ímpares o que Duvignaud (1977) considera ser o espaço uma análise da vida.

Socorro Dantas ainda lembra: “o Tarumã, era muito longe. Eu ia de ônibus com meus amigos. A gente ria muito no ônibus. Tudo era motivo pra demoradas gargalhadas. A gente conhecia o motorista e até o cobrador. Lembro muito desses tempos” (entrevista/2015). Para os banhistas a distância importa menos, a aventura da distância era saboreada com alegria dentro do transporte coletivo.

Nos longos e rotineiros trajetos dos balneários Tarumã, Tarumãzinho os motoristas de ônibus e cobradores, são conhecidos e reconhecidos como parte de uma comunidade, cumprimentados e tratados como tal. Maria do Carmo relata que ao chegar nos balneários ela e os amigos conheciam o picolezeiro, o moço que vendia o rala-rala, a pitomba, ou seja, havia uma relação de afetividade de um certo parentesco social entre as pessoas. Para Morin (2005, p.53), “afetividade é aquilo que ao mesmo tempo nos cega e nos ilumina”.

Trata-se de uma época que pode ser recuperada graças a memória, em um debate tão profícuo como num jogo de pingue pongue, o vai e vem das perguntas entrecruzam-se e retornam pujantes, densas de experiências que transbordam em seus limites.

Nas inquirições realizadas com Socorro obtivemos o desenho do seguinte quadro:

Eu ainda era criança no início da década de 70 mas lembro o quanto me diverti nesse período. Eu ia com meus irmãos, primo e tia. Temos até foto desse momento. Era uma alegria infinita quando saíamos para tomar banho no Parque 10. Muita gente se divertindo. Engraçado que só vim perceber que era uma piscina quando tornei-me adulta pois

naquele momento não tinha ideia da dimensão da piscina mas lembrome da diversão (entrevista/2015).

Ao relatar namoros nos banhos de Manaus, Socorro Dantas é enfática: “namorei muito nos banhos de Manaus. Ia com meu paquera. Engraçado, eu gostava tanto de beijar e hoje nem gosto tanto. Beijar era muito bom” (entrevista/2016). Morin (2005, p.18) ao falar do amor indaga: “como não ver aí a expressão de uma das potencialidades de uma relação tão intensa e simbiótica entre dois seres de sexos diferentes que, incessantemente, não se podem impedir de se dar fascinantes beijinhos?”. E prossegue a entrevistada: “Andávamos um pedaço para nos afastarmos dos banhistas e quando ninguém nos avistava começava a ‘pegação’. Era só prazer. Era um momento muito nosso, era muito bom” (entrevista /2016). “Aí reside o problema do amor, somos duplamente possuídos e possuímos o que nos possui, considerando-o, física e miticamente como nosso próprio bem” (MORIN, 2005, p. 22).

Os banhos nesses igarapés foram tragados mas na mente dos banhistas eles vivem, sendo, pois, rememorados com afetividade e emoção que lhes é característico. Tais memórias surpreendem pois determinados episódios, em alguma medida, acompanha a vivência dos banhistas. Daí a importância de adentrar no mundo dos frequentadores dos banhos, perquirir seus afetos, instigar também seus amores. “A pergunta é, portanto, a chave que abre em seu próprio horizonte a possibilidade de ouvir o outro nas suas respostas” (FLICKINGER, 2000, p. 46). Socorro Dantas recupera fragmentos de sua juventude ao expressar:

Eu tinha uma amizade colorida. Eu nem queria para namorado, somente para “curtição”. Eu não falava nada em casa com quem ia sair. Chegando ao banho a gente ficava num lugar legal, colocávamos uma toalha no chão e nossas mãos sabiam o que fazer. Nossas bocas aonde ir e o prazer acontecia. Era isso mesmo que eu queria (entrevista, 2016).

Socorro fala sobre a boca e é Morin (2005, p. 19) quem vai assinalar que “tudo que vem da boca já se torna algo que fala do amor, antes mesmo de qualquer linguagem [...]”. Aqui reside o enraizamento animal e mamífero do amor. Pode-se supor que essas lembranças de saudade e regozijos constituem e fornecem a seiva que alimenta a vida.

A alegria e o entusiasmo nestas vivências refletem a busca da essência que, conforme Merleau-Ponty (1999, p. 1), “buscar a essência do mundo não é buscar aquilo que ele é em ideia, é buscar aquilo que de fato ele é para nós antes de qualquer tematização”. O ato de banhar-se nos igarapés engendra vivências singulares e plurais carregadas de simbolismos.

Morin (2003, p. 38) diz que “nós, viventes, somos filhos das águas, da Terra e do Sol [...] numa ínfima brotação da existência terrestre”.

Homens e mulheres que se divertiam nos diversos igarapés da nossa cidade moravam nas proximidades da área urbana. Esses banhistas são protagonistas de um processo de construção de um momento ímpar que fazia parte de um cotidiano tão real e presente que parecia sem fim. Eles expressavam no exercício do desfrute desses banhos suas subjetividades, seus modos de ser, sua maneira de interagir com a água, com a natureza, com o lazer. Trata-se de vivências que podem ser interpretadas no sentido, de que, a construção dos sujeito, é construída socialmente e permeada por sua racionalidade e afetividade.

Não se media o tempo aqui, não se pensava no fim. Mas as agruras do progresso chegaram e desarticulou os igarapés. Eles foram expulsos de seu céu, e a convivência coletiva que estava sempre em primeiro plano, desbotou-se e o banhista assustado teve medo, de modo que as águas límpidas e puras transformaram-se em lodo e lama constituindo-se assim um novo momento.

Raimunda Oliveira (65 anos, professora aposentada), delinea o seguinte quadro:

Na década de 60 eu frequentava muito o Parque Dez de Novembro. As pessoas iam a pé, de jipe, rural. Outras vezes de ônibus. Nesse momento tinha a linha de ônibus Ana Cássia do Empresário Batará,⁴⁰ não lembro se fazia o percurso ao balneário. Mas me deslocava com sobrinhos, com a família, namorado. Comprava lanche por lá. Tinha um vestuário próprio, com cabides. Eu lembro do igarapé com uma água preta, lugar raso onde muitas crianças brincavam. Tinha muitos buritizais e muitos buritis⁴¹ caídos ao chão. Toda aquela área era dominada por pés de buritis. Era comum o rala-rala⁴² Foi marcante esse período na minha vida. (entrevista /2015).

Esta banhista recorda com detalhes momentos gloriosos de um tempo que não mais se repete mas que foi intensamente vivido e deveras marcante no decorrer de sua juventude. É um momento lúdico que ganha plenitude por se tratar da vida, vivida e enaltecida pela natureza em festa, em alegria. Cada lugar constitui uma combinação de variáveis de idades distintas e nos balneários se mesclavam diferentes gerações, diferentes modos de vivenciar estes espaços, e é nesta dinamicidade que ocorre a experiência vivida, cheia de conteúdos

⁴⁰ A maior frota de ônibus de madeira e, por extensão, a que mais provocava acidentes, era formada pelos ônibus vermelhos e brancos chamados Ana Cássia, cuja garagem ficava em Santa Luzia, de propriedade do empresário Cirilo Anunciação, o “Batará”.

⁴¹ Designação comum a várias espécies da família das aracéas.

⁴² O gelo era ralado e colocado nos copos e adicionado os diversos sabores : groselha, uva, framboesa, laranja, coco, buriti, açai, graviola entre outros. Esses sucos eram advindos do Q suco (em frasquinhos).

onde se faz e refaz o cotidiano, onde acontece o sonho, a realidade e é neste lugar que a vida se realiza em todas as suas dimensões.

Raimunda comenta com emoção a existência de frutos caídos no chão e dos pés de buritizais. Silva et al. (2010) consideram que os frutos do buriti foram de fundamental importância na dieta dessas populações, devido, principalmente à grande quantidade de vitamina contida em sua polpa. Percebe-se hoje que os buritizais estão sendo ameaçados devido a ocupação irracional desses ambientes e tendo como consequência de acordo com Silva e al (2010), o assoreamento de cursos d'água e a morte de buritis, comprometendo as novas gerações da espécie. Raimunda ainda traz em sua memória o gostinho do rala-rala e lembra dos carrinhos típicos que vendiam os deliciosos sucos de buriti, açaí, cupuaçu, coco dentre outros. Margarete da Silva (56 anos) recupera momentos vividos nos banhos de Manaus da seguinte forma:

Eu era muito menina quando estive no balneário Parque 10. Tenho foto com meus primos. A Ponte da Bolívia não lembro se frequentei. Mas desfrutei do Tarumã. Recordo-me das cachoeiras e de uma multidão de banhistas. Muita alegria, gente brincando na água, música alta tocando, carros passando e um sol danado de bom. (Entrevista/2016).

Margarete reforça a tese de que os as lembranças ficam estocadas no fundo da alma, parecem esquecidas, muitas vezes aprisionadas mas que quando instigadas se desprendem como nuvens carregadas que despencam sem barreiras. Para Ricoeur (2010, p.427), “o esquecimento nos amedronta. Não estamos condenados a esquecer tudo? De outro, saudamos com uma pequena felicidade o retorno de um fragmento do passado arrancado, como se diz, ao esquecimento”. Os balneários eram lugares das possibilidades à medida que reunia uma grande quantidade de pessoas de todos os estratos sociais, comportando inúmeras brincadeiras desempenhando dessa forma a função de lazer, onde o tempo diluía-se nos entretenimentos de bem estar e descanso das atividades laborativas. Para Heller (1972, p.17), “o cotidiano é a vida de todos os dias e de todos os homens em qualquer época histórica. O cotidiano fica presente em todas as esferas da vida do indivíduo”.

A lembrança é uma ferramenta que reforça a afetividade no âmbito das relações que materializam cada coisa que existe no universo. Margarete da Silva ao falar sobre namoros nos banhos de Manaus delinea o seguinte quadro:

Eu era ainda moça quando ia com meu paquera para os banhos. Eu era apaixonada por ele. Ele nem tanto, somente se aproveitava da minha paixão. A gente se afastava dos banhistas e andava muito para fugir dos olhares e íamos perto de um barranco. E lá nos tocávamos de todo jeito. Nunca mais o vi mas com certeza ele lembra desses momentos. Era eu que queria muito, ele pouco gostava de mim. Eu adorava sentir aquela emoção pois íamos até a consumação.

Margarete lembra quando ela sofria pois aspirava a plenitude do amor, conquanto não era correspondida. E isto a incitava a desejá-lo ainda mais. Buscava na embriaguez da paixão conquistá-lo. Era uma mistura de amor, dor e desejo, sentimentos em conflitos e, conforme Morin (2005, p. 8), “não experimentá-lo é evitar sofrimento, mas também não haverá o gozo”. E o amor perpassa esses sentidos. É exaltação, fervor pela pessoa amada.

Margarete conhece as dores de não ser amada. Era paradoxal seus sentimentos: dor e desejo, emoções estas que se interpenetram mutuamente. E em alguma medida estes sentimentos endossam o sentido da vida mesmo consolidando-se em detrimento do desejo. Margarete vivenciava esse momento com êxtase, não sendo preciso inibir seus desejos.

Nasão (2005, p.38), no seu livro *A arte de amar*, alerta para o ardor da mulher quando incitada ao desejo e anuncia: “ora, se o sexo forte não tomar a dianteira, a mulher vencida tomará para si este papel”. Para ele, “nos prados verdejantes, a fêmea chama o touro com os seus mugidos; é sempre a fêmea quem, com os seus relinchos, chama o garanhão de duros cascos”. Não há necessidade de prudência ou comedimento somente desprendimento em manifestar suas emoções com paixão e fulgor, daí Morin (2005, p.7) anunciar que “sem as desordens da afetividade e irrupções do imaginário, e sem a loucura do impossível, não haverá o élan⁴³, criação, invenção, amor e poesia”. Para que renunciar os laços do amor? Para que esterilizar a vida e o êxtase?

Para Morin (2005, p. 22) “no momento em que aflora o desejo, os seres sexuais são submetidos a uma dupla possessão, que se situa além deles e que os ultrapassa”. Era tudo muito mágico para Margarete salvo a certeza de não ser amada.

Nasão (2005, p. 54), considera que “roubar um beijo e não colher o resto, merece perder até os favores concedidos. O que esperas, depois de um beijo, para realizares os teus desejos? Que pena! Isto seria fazer papel de tolo, e não de sensato”. O paquera de Margarete mesmo sem sentimentos de amor se renderia aos desejos e a tomaria em seus braços e a possuiria. Este mesmo autor considera que uma mulher tomada à força por um rapto amoroso repentino, regozija-se, e tal insolência é para ela como um presente.

⁴³ Arrebatamento súbito e efêmero; impulso.

Margarete e seu amado no erotismo de seus encontros, desnudados de pudores, regozijam-se. O entrosamento dos amantes inundam os riachos de magia. E na sofreguidão do encontro, os corpos quase nus, esguios e vigorosos, inflamam-se na paixão desvairada. Bauman (2004, p.21), considera que em todo amor há pelo menos dois seres, cada um tem incógnita na equação do outro. É isso que faz o amor parecer um capricho do destino”. Mesmo sem a certeza de ser amada Margarete não abria mão de seus encontros. “Amar significa abrir-se ao destino, a mais sublime de todas as condições humanas, em que o medo se funde ao regozijo num amálgama irreversível” (BAUMAN, 2004, p.21). Abrir-se ao destino significa, admitir a liberdade no ser, aquela liberdade que se incorpora no outro, o companheiro no amor. No enlace dessa dança o casal sacia-se, enquanto os riachos borbulham em seu doce trajeto e presenciam a suave cadência dos corpos ébrios de prazer.

O chão de terra próxima dos banhos serviu de tálamo conjugal para que regras fossem rompidas, normas despedaçadas e o *frenesi* da paixão obedecido e o intercuro carnal realizado. Podíamos avistar ao longe casais que se embrenhavam dentro dos matos um pouco afastados da praia Ponta Negra e lá tinham também suas experiências sexuais. Morin (2005, p. 20) salienta que “o último elemento que a hominização trouxe foi a intensidade do coito, não apenas no homem, mas também na mulher”.

Vê-se que os banhos afloram também o desejo de na terra nua e crua os corpos procurarem a lascívia do prazer, da volúpia, que são ingredientes necessários para os corpos sedentos de desejos se realizarem na selvageria do desejo, a possessão e êxtase. São muitos os romances de amor, muitos os pedaços de histórias que se construíram nos banhos de Manaus, que se exprimem em verdades, ilusões, paixões que circundam o amor e que requer um olhar atento. Para Morin (2005, p. 21), “o amor adquire expressão no reencontro do sagrado e do profano, do mitológico e do sexual. Será cada vez mais possível realizar experiência mística [...] através da relação de amor com um outro divino”.

Nas idas e vindas dos balneários constrói-se emocionalmente afetos, amores, memória de pessoas, de tempo. Manaus é também construída emocionalmente, daí a subjetividade que é poetizada dentro de cada um. O banhista percorre os banhos no ritmo da vivência da cidade manauense construída para sua gente, seu povo. Maffesoli (2003, p.180) considera que “se deve olhar a vida sem preconceitos, sem pré-noções, enfim, sem nada que contenha o a priori”. Isso permitirá ver que a vida é generosa, solidária, viva e em perpétuo recomeçar.

Manaus com grande produção de lendas, narrativas, relatos míticos existentes no imaginário da população, embevece-se ainda com suas águas que constitui o prazer de seus

filhos que, enfeitados pelo torpor dos banhos, desabrocham para o encanto da vida. Esta é a compreensão da cidade através da análise da vida dos frequentadores desses espaços aquosos, isto é, aqui a cidade é percebida como o espaço onde se desenrola e ganha sentido a vida dos banhistas. Miriam Batista (65 anos) fala do amor da seguinte forma:

Eu encontrei meu marido nos banhos do Parque 10, a gente namorava muito. Eu levava meus sobrinhos. A gente chegava e ia ao vestuário trocar de roupa. E como era raso o igarapé eu não ficava com medo de afogamentos aí eu podia namorar tranquila, ficar um pouco a sós com ele, apesar de prestar atenção nas crianças. Tinha muita areia, muito pé de buriti eu lembro. Eu tomava banho de maiô. Lembro do meu maiô rosa que usava e ainda ficava com vergonha de mostrar as pernas. E o meu namorado usava shorte, ele preferia shorte preto. Tinha muitos casais de namorados por ser também um lugar romântico. Noivei, casei e vivi mais de 40 anos com meu amor (entrevista/2016).

Miriam e seu amado trocavam carícias que se compunham de euforia e emoção manifestas em um namoro ardente, que eram brotos para um envolvimento futuro maior. O namoro nos banhos eram corriqueiros e em alguns casos a prática do sexo fazia-se presente. Para Louro (2008), a construção das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas e insinua-se nas mais distintas situações.

Por ser um lugar romântico via-se muitos casais de namorados. No dizer de Siqueira (2001), as relações que se desenvolvem neste período, de amizade ou namoro estabelecem um laço que confere segurança emocional neste momento de distanciamento das relações parentais.

Trata-se de envolvimento que se fortificam e requerem a presença do outro. Para Bertoldo e Barbará (2004), as representações sobre a individualidade e as relações interpessoais fazem parte de um contexto social socialmente compartilhado.

As possibilidades de viver os gêneros e as sexualidades ampliaram-se (LOURO, 2008). São múltiplas as formas de experimentar prazeres, de exprimir afeto. São irrupções que caminham para a satisfação do corpo e o reviver da alma. No entendimento de Maffesoli (2012, p. 58), “só existe vida se ela for orientada, se for para algum lugar”.

Extraí-se a satisfação desses desejos na epifania da conquista e vê-se que a construção dos gêneros se dá através da dinâmica das relações que se estabelecem. Muitas vezes esses laços aparecem e desvanecem-se, entretanto, essas flutuações ornadas de vida constroem-se como tal em relação com os outros. Saffioti (1992, p. 210) considera que “cada

ser humano é a história de suas relações sociais, perpassadas por antagonismos e contradições de gênero, classe, raça/etnia”.

Vivia-se nestes espaços dos banhos com intensidade diante do mundo, de amor à realidade vivida, de compreensão de suas raízes, de sua gente. Sem barreiras compartilhava-se estes lugares naturais porque o achava fértil e produtor de encantamentos, amores, afetos. Nilce Cruz (83 anos) participou dos banhos de Manaus antes da piscina do Parque Dez ser construída e relembra estes momentos nos seguintes termos:

Toda semana ia pai, mãe, família, a vizinhança toda. Nós combinávamos na véspera quem ia assar o peixe, quem ia levar os biscoitinho, as torradas para as crianças [...] e já saíamos cantando de casa por volta de umas 7 horas. Íamos de bonde, muitas vezes quando ia muita gente, fazíamos cota e íamos de caminhão. Todo mundo ajudava. Uns levavam banana, farofa, arroz, outros levavam suco de frutas, peixe. Tinha muitas árvores frutíferas: açaí, sorva, buriti, bacaba, patuá⁴⁴. Era cada cacho bonito. A gente batia com a vara e apanhava muita sorva e era comum também utilizarmos a peconha⁴⁵ para pegar os cachos das frutas. Com os galhos das árvores fazíamos o fogo para assar o peixe. Levávamos molho de pimenta, vinagrete e até fazíamos caipirinha. No restaurante que havia lá se quiséssemos podíamos esquentar a papinha das crianças. Eu adorava guaraná de garrafa. Guaraná Pet não tem sabor, só gosto de beber guaraná de garrafa. Naquela época ainda era igarapé e era bem raso e podíamos ver o fundo. As brincadeiras eram muito animadas. Fazíamos roda dentro d'água, tudo misturado todos juntos pois toda família ia. Voltávamos por volta das 5 horas da tarde. Tenho muita saudade daquele tempo.

Nilce traz consigo o gosto da terra brejeira, onde a meninada saciava as frutas saborosas e nenhum rosto parecia acabrunhado mas deveras excitado com os cachos de frutas dando ânimo a folia. A família carrega consigo uma série de comportamentos que repercutem nas diferentes instâncias da vida. E este brincar descompromissado tendo a família presente perfuma a vida com feéricas pompas. O aconchego da família presente, fortalece e revigora as recordações de Nilce. Para Kreppner (2000) a família é vista como um sistema social responsável pela transmissão de valores, crenças, ideias e significados que estão presentes nas sociedades. A vivência de Nilce Cruz nos banhos de Manaus repercute esta comunhão onde a parentela e as crianças no intenso burburinho dos banhos aprendiam diferentes formas de construir suas relações sociais.

⁴⁴ Ver a esse respeito, Shanley, Patricia. Frutíferas e Plantas Úteis na Vida Amazônica, 2005.

⁴⁵ É um utensílio rudimentar amazônico similar a um cinto, utilizado na escalada de árvores altas. É utilizada para coleta de recursos vegetais de espécie como açaí, bacaba etc.

A diversão e o lazer eram constantes e essas experiências traduziam-se no modo de interações que em geral se compartilhavam. Para Godbey (1990), o lazer é um dos sonhos mais acalentados dos seres humanos, livre para buscar investir o tempo de maneira voluntária e prazerosa, para encontrar o seu lugar no mundo, enfim, livre para existir em estado de graça.

O relato de Nilce continua nos seguintes termos: “levávamos galinha cabidela e até licor de fruta. Naquela época nem que fosse só carne desfiada para comer com banana, todos ficavam satisfeitos. O lazer era constante. Hoje os banhos são caros, é um horror. Os frangos são cheios de agrotóxicos⁴⁶, cheios de doenças”. E acrescenta: “O Tarumã e o Tarumãzinho eu não ia com frequência. Às vezes a gente ia de caminhãozinho ou de caminhonete. A gente fazia cota. A mata era muito fechada. E era demais lotado. A Ponte da Bolívia era raro ir pois era distante. Tenho muitas saudades” (entrevista/2016).

Nilce relata o ritmo do ambiente presenciado nos banhos e comenta o fato de as iguarias serem degustadas com satisfação sem a presença de substâncias tóxicas. Para Londres (2011, p.25), “um dos maiores perigos representados pelos agrotóxicos diz respeito aos efeitos que eles podem provocar na saúde das pessoa [...]. São inúmeros os relatos de pessoas que desenvolveram sérias doenças provocadas pelos agrotóxicos”. A galinha caipira saboreada nos banhos nas décadas de 1960 e 1970 era apreciada sem os compostos químicos utilizados atualmente. A entrevistada relembra um tempo que ainda soluça e acende-se em sua memória. Como num túnel do tempo ela destila suas impressões onde riachos, sombras, borboletas, faziam parte deste cenário fecundo. Para Camargo (1992, p.95), “o lazer abre um campo educativo não para se aprender coisas, mas se executar equilibradamente as possibilidades de participação social lúdica”. Banha-se nas águas sem medo, nas frescas paisagens dos banhos de Manaus. Sopra o vento e a menina estrebucha no burburinho dos igarapés. Nilce lamenta as mudanças ocorridas pois deve palpitar em seu íntimo um gosto de ingratidão ou inclemência no que diz respeito às metamorfoses da cidade de Manaus.

“Lembro-me de uma moça que ia conosco ao banho, lá ela conheceu um rapaz e começou a namorar mas nunca mais os vi. Não lembro mais deles, mas sei que se conheceram no Parque Dez e casaram. Muita coisa esqueci mas outras lembro bem” (Nilce Cruz, entrevista /2016). Recupera-se a história por ser um convite ao enriquecimento do passado e o reforço dos laços da história da cidade. Tornou-se imperioso construirmos, nesta tese, esse legado histórico sob pena de ficarmos órfãos de uma memória perdida e encapsulada pelo esquecimento.

⁴⁶ São defensivos agrícolas, pesticidas, praguicidas, remédios de plantas, veneno, utilizadas no controle de pragas (animais e vegetais) e doenças de plantas.

Na década de 1980, Viviane Siqueira (58 anos) frequentava a praia da Ponta Negra e relembra estes momentos, a saber:

Eu era ainda bem moça quando ia aos banhos na Ponta Negra. Nem lembro o nome do rapaz mas posso dizer que desfrutei de emoções bem fortes. Conheci-o através de um colega. Nós nos afastávamos dos olhos dos banhistas e colocávamos a toalha em um local estratégico. E lá as carícias começavam. Era muito prazeroso. Não chegamos as vias de fato mas as preliminares eram intensas. Depois não mais o encontrei mas esses fatos ainda arrepiam em minha mente (entrevista/2016).

Na troca de carícias Viviane e seu par vivenciavam a vida, as emoções. No entendimento de Shinyashiki (2005, p.2), “é preciso começar a trocar carícias, a proporcionar prazer, a fazer com o outro todas as coisas boas que a gente tem vontade de fazer e não faz”. E acrescenta: “há mais pontos sensíveis em nosso corpo do que estrelas num céu invernal”.

As relações se intensificam com as carícias e deixam um gosto de mel debruado de luz e um convite ao ápice do prazer. Para Shinyashiki (2005, p. 18), “é tanto amor que se tem o desejo de estar dentro do outro, e ter o outro dentro de si, no mais profundo da entrega”. Para o autor, é importante ter sexo como alimento, sem conflitos, como encontro amoroso, que seja muito mais que uma simples ejaculação.

A preocupação do dia a dia, os tormentos existenciais do cotidiano, dissipam-se de imediato nesses espaços naturais, sobretudo porque esses banhos propiciavam um relaxamento, uma euforia, levando-os a um esquecimento de seus problemas, de suas labutas e nesse plano percebia-se o sentido da vida. Isso porque “se encanta, porque se apaixona, porque abraça com calor e com amor, porque sorri e é feliz” (SHINYASHIKI, 2005, p.4). É um mundo que regula os cursos das águas, os segredos da vida e que se faz presente. Há, portanto, relações na cidade que se inter cruzam nos rancores mas também nos amores.

Viviane ao ser acariciada encantava-se. Para Shinyashiki (2005, p.5), “a própria palavra carícia é bonita. As mãos deslizando lentas e leves sobre a superfície macia e sensível da pele. O olhar de encantamento, a felicidade”. E é nessa lascívia que emerge um poema:

Bolhas brancas

Nas águas geladas de um riacho resplandente,
Um casal em frêmito feroz agoniza,
Não de dor, mas de êxtase renitente,
No embalo do amor lúbrico e de ardente alegria.

Olhar lânguido, promessas ao vento,
 A vontade aflora e o êxtase perdura,
 -Nada de pranto voluptuosa e fagueira menina,
 -Pois este ser que em volúpia te deflora,
 -Há de lançar o rico sêmen,
 -Nestas águas abundantes e cristalinas.

E as águas ganham novos conteúdos,
 Brancas bolhas que se dispersam aos borbotões,
 E há de ser um segredo bem guardado,
 Dos amores que embriaga e que entorpece
 Como o almíscar e o vinho;
 São amores que vem e que vão⁴⁷.

É na vida cotidiana que acontecem os afetos concomitante às injúrias, às desordens. É nesse exercício diário de idas e vindas que o borbulhar da vida emerge. Os banhistas estabelecem este laço de relações. Carlos (1996, p.26) assinala “que o lugar é o mundo do vivido, é onde se formulam os problemas da produção no sentido amplo, isto é, o modo como é produzida a existência social dos seres humanos”. O caminho que se abre à análise é pensar o cotidiano onde se realizam o local e o mundial, que é tecido pelas maneiras de ser, conjunto de afetos, próprios a cada habitante produzindo uma multiplicidade de sentidos. Os banhistas relembram os laços construídos que fortaleceram a relação de amizade. São sentimentos recíprocos, que conduziram e mantiveram em sua memória. Merleau-Ponty (1999, p. 13) explicita que “não é preciso perguntar-se se nós percebemos verdadeiramente um mundo, é preciso dizer, ao contrário: o mundo é aquilo que nós percebemos”. O desaparecimento desses mundos corrobora mudanças nas relações dos indivíduos. Os banhistas ao relatarem suas experiências nos banhos da cidade insistem nas lembranças que ainda pulsam em suas subjetividades pois o uso dos banhos deixou marcas e esses sujeitos imbricados em suas vivências cotidianas, perplexos percebem as mudanças instaladas na urbe. A produção da cidade e do espaço apoia-se em múltiplas funções que não esgotam o real. Na continuação das inquições travadas com Viviane, ela exprimiu-se da seguinte maneira:

Eu frequentei muito desses banhos. E gostava também muito do Tarumã. Era muito legal as cachoeiras, era emocionante a água jorrando com força em cima da gente. Era uma multidão que queria sentir aquela sensação. Lembro-me do Tarumã com sua cachoeira e uma vegetação em volta que deixava um clima bem gostoso. É saudoso lembrar aqueles tempos (entrevista/ 2015).

⁴⁷ Poema de autoria de Eveline Maria Damasceno do Nascimento.

As recordações têm significados que sedimentam a memória e revelam uma vida cheia de sentidos construída ao longo do tempo em determinados lugares de realização da vida cotidiana. A maneira pela qual Viviane vive a experiência de suas reminiscências indica o puro sentir. A entrevistada reforça a ideia de afeto, de sentimento, ao se reportar às suas experiências nesses lugares que se distanciam a cada momento. E rememora “quando saía do trabalho já imaginava aquelas águas refrigerantes me relaxando, era um lazer para mim, gostava daquele lugar” (entrevista/2015).

As marcas do tempo, impressas na paisagem da cidade, inscritas em suas formas, em suas ruas, relembram e reproduzem a condição da constituição da humanidade do homem, revelando uma construção histórica cheia de arte e lembranças, fáceis de serem identificadas no lugar por aqueles que nele vivem, à medida que o lugar é o espaço da vida, é o espaço dos afetos e também dos amores. Refletir sobre os banhistas, suas subjetividades é se debruçar sobre pequenas partes de um grande jogo da vida. Os caminhos percorridos pelos indivíduos são “itinerários que fazem aparecer a multiplicidade das experiências, a pluralidade de seus contextos de referência, as contradições internas e externas das quais elas são portadoras” (REVEL, 1998, p. 22).

Os banhistas lembram do verde no qual era ladeado os igarapés. A pujança da vegetação fazia parte da paisagem natural. Os banhos revelam um momento coletivo, que é a cidade produzida pela sociedade e, por isso, contemplando todas as dimensões humanas. A paisagem revela-se prenhe de vida, ao mesmo tempo em que delineia expressão de sentimentos compartilhados. Manaus entrecruzada com os balneários e a rica vegetação em seu entorno dava uma notoriedade a cidade por conta do rico manancial hídrico e a pujança da floresta em sua originalidade e nesse espaço a população manauense refugiava-se das tensões cotidianas.

Os balneários não mais existentes em Manaus estão inscritos nas mentes dos banhistas e não se diluem, suas imagens estão em seus intelectos. A observação da paisagem é deveras preocupante posto que onde havia festa hoje existe o concreto, soterrando um passado guardado na saudade de uma população que envelhece mas que é ciente de sua história, de seu lugar. Quando os frequentadores dos banhos rememoram seu passado na cidade, percebem um movimento não acabado, mas em construção ininterrupta pois a dinâmica desse movimento é visível na configuração atual que a cidade encerra. A paisagem urbana de Manaus tem sofrido mudanças tão abruptas que as formas da cidade ganham feições distintas de outrora.

As alterações ocorridas implica em uma profunda modificação no modo de vida urbano mas não dilui e nem dissipa a memória guardada e protegida na mente dos banhistas da cidade. As lembranças afloram-se tão vivas que o registro só as consolida e as legitima para a memória da urbe.

E é dessa maneira que os banhistas tecem com a cidade relações de cumplicidade e que os lugares vão ganhando sentido através das apropriações vividas e percebidas através do corpo e todos os sentidos da vida humana.

Os banhistas já conheciam esses espaços, eram o ambiente de seus pais, avós, de toda uma geração já adaptada aos banhos. Este lugar era um centro de significações para os banhistas fundando sua identidade como indivíduos e membros de uma comunidade. Isso nos ajuda a enxergar com outras lentes os acontecimentos cotidianos, vendo o que é aparentemente corriqueiro, que podem funcionar como chave para o conhecimento histórico produzido pelos indivíduos nas relações sociais. Schultz (1979, p.72) advoga que “toda interpretação desse mundo se baseia num estoque de experiências anteriores dele, as nossas próprias experiências e aquelas que nos são transmitidas por nossos pais e professores, as quais, na forma de conhecimento”.

Os banhistas estabeleciam em seu cotidiano um elo tão singular com o lugar, com suas águas e sua vegetação que hoje ainda palpita em suas falas. A nossa existência é prenhe de ideias, de histórias de vida. E quando se percebe que a nossa existência é fruto de algo construído e impregnado de cultura compreende-se também o nosso gosto pelas águas.

Os banhistas percebem por meio da experiência e dos conhecimentos repassados que esses banhos fazem parte de suas rotinas, de suas vivências, de sua cultura. São estoques de experiência milenar de vidas humanas. A vida nos banhos deixam marcas e um misto de saudade, de poiesis, de vida vivida e entorpecida de sonhos, de ilusões ora rememorados pelos banhistas. E é a isso que Maffesoli (2012, p.59) chama de invaginação dos sentidos: “uma lógica de regresso. Um retorno ao ventre, aos sentidos, ao sensível. Não mais se deixar levar pelo fluxo incessante do progresso [...] mas harmonizar-se com os ritmos, quase fisiológico, da existência. Morin (2005, p.10) deixa claro que “nosso cotidiano vive sempre em busca do sentido”. Mas o sentido não é originário, não provém da exterioridade de nossos seres. Emerge da participação, da fraternização, do amor”. O significado da vida está ligado a plenitude do viver em sintonia com uma vida plena de sentidos. E é assim que nossos informantes tecem suas vivências e expressam emoções de pretéritos tempos. Morin (2005, p.9) assinala que “o estado poético nos transporta através da loucura e da sabedoria, e para além delas”. Eis os fragmentos de banhistas da cidade de Manaus:

O ouvido do riacho
 Tupã deu aos rios dos Manaós ouvidos sagrados
 Nas suas entranhas esses riachos puderam perceber
 falas celebrando a vida, ou seja, o rio
 escutou a vida, o pulsar dos banhistas no vaivém de
 seus banhos.
 Serenas águas que apetezem os sonhos
 Ilusões de divas no burburinho dos majestosos caminho d'água
 Podem ser ouvidos agora por esses riachos
 Doces vozes são captadas
 Como num frenesi de intrépidos sonhos
 Som de cascatas, de gritinhos que são crianças
 Bulindo com bolas e correndo ao vento
 O ouvido do riacho percebe os sons e os interpreta
 É aquela velha que veio banhar-se de novo
 De anágua, nem tirou suas vestes
 Posso saber que é Potira⁴⁸, mulher de Ambrósio
 Gargalhadas sonoras que resvalam ao vento
 Rolinhas que suspiram nos galhos
 Festeja-se a festa, fundamenta-se a vida
 Namoricos são perceptíveis pelo ouvido do riacho
 Nada passa despercebido
 Abraços calientes, são sentidos
 Beijos efusivos são dectados,
 Afetos e amores, são as forças do universo
 Que constroem a inocência do devir
 Gargalha-se, emoções profundas acontecem
 Mas tudo é absorvido e sabido pelo ouvido do riacho, graças a Tupã⁴⁹.

Os banhos gotejam na alma uma vontade de poesia, um desejo de exprimir sonhos. Morin (2005, p.10) considera que “se a poesia transcende a sabedoria e a loucura, é necessário aspirarmos a viver o estado poético e assim evitar que o estado prosaico engula nossas vidas, necessariamente tecidas de prosa e poesia”.

Os frequentadores desses banhos são sujeitos que se divertem nas águas dos balneários e por isso o descobrem e revelam o vivido. É o lugar onde individual e coletivo se mesclam em um jogo de impressões e significados múltiplos reveladores da vida na cidade, do gosto de sua terra enquanto conteúdo para a vida. São banhistas que percebem a cidade e

⁴⁸ Potira é personagem de uma lenda indígena, que conta a história do casal de índios, Itagibá e Potira. Itagibá era um guerreiro, e teve que lutar contra uma tribo inimiga, quando se despediu de Potira em sua canoa à beira do rio, a índia apesar de triste, não derramou nenhuma lágrima com a partida do amado. Todos os dias Potira esperava o retorno de Itagibá na margem do rio, muito tempo se passou, e quando os guerreiros da tribo regressaram seu marido não estava entre eles. Potira passou o resto da vida chorando e Tupã com dó dela transformou suas lágrimas em diamantes, que foram depositados no fundo do rio. Por isso, de acordo com a lenda, é que os diamantes são encontrados entre os cascalhos nas profundezas do rio (Cf. <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/potira/>).

⁴⁹ Poema de autoria de Eveline M. D. do Nascimento - 2016.

como relata, pois “é preciso ter gente que entenda da cidade, que tenha amor pela cidade, que more na cidade” (Antônio Loureiro, entrevista/2015). Raimunda de Oliveira, uma de nossas entrevistadas que frequentou também a Ponte da Bolívia, delinea o seguinte quadro:

Já nas décadas de 1970, já casada frequentei com meu marido, amigas e filhas a Ponte da Bolívia. A água bem gelada e o igarapé muito raso. Ia de carro, de fusca, C10. Levava farofa com arroz, macarrão, fruta, água nos depósitos com gelo dentro. Era muito animado, e o dia ficava totalmente novo quando chegávamos em casa só porque fizemos algo diferente da rotina e era uma festa quando as crianças sabiam que iam para o banho (entrevista/2016).

Raimunda denota de certa maneira o que Santos (1999, p.252) expõe, que “cada lugar é, a sua maneira, o mundo. Todos os lugares são virtualmente mundiais. Mas, também cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais”.

Os banhos são lugares sagrados doados pela natureza importando ao homem contemporâneo refletir esses espaços, traduzir suas memórias, desenraizar seus segredos e desnudá-los das sombras para que, em alguma medida, seja visível sua história. Assim como um copo de vinho pode ser instantaneamente tragado e alucinar o sorvente assim a história desnudada pode inebriar o homem atual com tamanha vontade de retorno.

Os balneários não mais existentes de Manaus desencadeiam a luta do rio pela liberdade, pela vontade de jorrar novamente águas límpidas que foram amordaçados pelo ímpeto progresso. Os banhos se recobrem de sentido e aparecem como o lugar do entretenimento, da vida enquanto apropriação do mundo, produção ou poiesis. São formas que abrigam em sua intimidade gestos simples, fazimentos próprios e tessituras de uma vida bordada na convivência do outro. Tempos que escorrem pela janela do tempo, que se diluem pelo porvir, entretanto brotam na memória e se interpenetram realizando o sentido da vida. Bachelard (1996, p.96) considera que “esse recrudescer, esse aprofundamento do devaneio que experimentamos [...] explica por que, somos conduzidos para devaneios antigos, de repente tão antigos que já nem pensamos em datá-los”.

Não se pode negar que sentimentos aqui são manifestos, irrompem, pois, são inerentes ao ser: amor, poesia confundem-se e desabrocham escalando a ternura da vida. Para Maturana e Varela (1995, p.264), “descartar o amor como fundamento biológico do social, assim como as implicações éticas do amor, seria negar tudo o que nossa história de seres vivos, de mais de três bilhões e meio de idade, nos legou”.

Marcelo Freire (56 anos), frequentador assíduo do Tarumã relata:

Frequentava muito o Tarumã e ia com amigos, pegávamos o ônibus na rua Tamandaré (centro). O ônibus passava no bairro do Tarumã (Cachoeira Alta e depois na Cachoeira das Almas). A Cachoeira Alta não era muito frequentada mais a Cachoeira das Almas era o atrativo. Muita gente saía de S. Raimundo, São Jorge, Compensa, Tropical Hotel e iam de lancha para Cachoeira das Almas (Tarumã). Tinha dois restaurantes e havia barracas cobertas de telhas de barro, parecia uma oca. Nessas barracas cilíndricas tinha música ao vivo; Você comprava sua comida e se não quisesse comer no salão ia comer nas palhoças cobertas de palha de buritizeiro. O ritmo da dança era lambada e discoteque e geralmente terminava com um forró e ia até às 10horas quando saía o último ônibus. Só ficava quem tinha carro. Depois começou a surgir muitas barracas retangulares cobertas de telha de alumínio, eram menores, vendiam cachaça, refrigerante, peixe frito e a partir daí começou o processo de invasão; começou a acabar o Tarumã. Me entristeço em ver no que se transformou um local que tanto me diverti (entrevista/ 2016).

Ao relatar experiências nos banhos os banhistas se entusiasmam e conforme Calvino (1990), é possível construir e reconstruir, nesse processo, histórias do lugar. Marcelo reconstrói pelo imaginário fragmentos do seu passado: “Eu passava de uma extremidade da cachoeira para outra parte e aí via as andorinhas que ficavam nas rochas. Pescava matrinhã, aruanã e tucunaré com os meus amigos” (entrevista/2016).

Marcelo revela que as sorvas eram vendidas amarradas de três ou quatro cachos. Para Halbwachs (2006, p.119), “ainda que, o ato de lembrar seja individual, são os grupos sociais pelos quais o indivíduo transitou e transita, que determinam o que é memorável ou não”. Ainda nas palavras de Marcelo “subíamos muito nas árvores. Ao lado de um dos restaurantes havia um campo de futebol muito apreciado. Fico irado quando vejo que os governantes lotearam o Tarumã e o nosso balneário virou esgoto” (entrevista/ 2016). Percebe-se na entrevista que a memória constrói-se no vagar de um cotidiano e desemboca em fatos gravados que se perenizam na seiva da vida, ancorada em alguma medida nas lembranças.

Os banhistas de Manaus ainda guardam na memória os caminhos que lhe foram tragados, asfixiados pelo calor do novo, do discurso capitalista, da nova visão de mundo, daí o transbordamento de reminiscências esquecidas, quase perdidas, revigoradas pelas falas que silenciadas estão ávidas por não mais reprimi-las, sufocadas por mudanças que desconsideram o uso em prol do lucro. Certeau (1994, p.60) considera que “a vida cotidiana vivencia também grandes rupturas e movimentos do tecido social, que promovem transformações profundas na sociedade”.

Os banhistas, muitos vivendo em situações precárias outros abastecidos de certo conforto, vivem na busca de um mesmo ideário: a satisfação dos seus direitos usurpados. “O elenco dos direitos do homem se modificou e, continua a se modificar com as mudanças das condições históricas” (BOBBIO, 1992, p. 17-18).

A partir das narrativas das memórias dos banhistas, os entrevistados neste estudo revelam que os problemas enfrentados ainda é motivo de raiva e desconforto, mesmo decorrido décadas. Toda a problemática dos igarapés contaminados parece os ter deixado mais céticos em relação ao futuro e na conquista de direitos de cidadania. Marinho (2013, p.94) revela que “a experiência é o próprio fazer-se da história. São as experiências cotidianas herdadas ou partilhadas e de lutas das pessoas que contribuem para seu fazer-se”. E a sua construção envolve também as experiências cotidianas culturais, as ideias, o afeto, as tradições e os valores das pessoas.

Tais relações hoje criam comportamentos de valores impostos pelo processo de urbanização das urbes e produzem novos modelos de apropriação do espaço que transforma radicalmente a sociabilidade, empobrecendo as relações sociais, entretanto não dilaceram o memorial inscrito na mente dos banhistas que participaram nas décadas pretéritas do convívio e sociabilidade de um tempo que parece esvaír-se mas, em alguma medida, vive e ressurgue com vigor na história da cidade. Faz-se necessário a busca de relações seguras que contenham envolvimento participativo não só do poder público mas de todos os habitantes da urbe.

À medida que os habitantes da cidade criam laços de proximidade com os igarapés compõe-se aí um quadro simbiótico preñado de valor que pode ser entendido como a base da reprodução da vida, posto que é através do uso que o cidadão se relaciona com o lugar, tecendo uma rede de relações que sustentam a vida, conferindo-lhe sentido. Inúmeros são os caminhos que podem levar ao conhecimento dos banhos pretéritos na cidade de Manaus, as pistas existem, entretanto, há necessidade do cuidado com a formação de nossa gente no sentido de esgotar todas as possibilidades para preservar o que existe, lembrando que as mudanças só devem ocorrer de forma efetivamente segura.

Águas chorosas

Ó riachos que no passado eram ardentes.
Hoje mostram-se inclementes,
Vejo-te em pleno caos.

Sob tuas vestes esgotos se formaram
Exibem-se numa moldura triste,
Como um pássaro cuja plumagem já sem viço

Perde seus madrigal.

Ébrios não vêm a agonia,
De uma cidade vazia.
São águas que gemem em dores sem igual
E o olhar do poeta ansioso,
Sucumbe ante líquidos lodosos
e de homens deveras belicosos.
Que se insurgem no mal.

Já não mais gargalham,
E nos espasmos de teus murmúrios,
Adoecem aqui e alhures
Imersos em dores,
choram espavoridos,
e com sorriso amargo,
morrem apodrecidos.

A alegria de outrora
perde-se no passado
Que saudades do Harém, pasmem!
Rio Negro e Solimões se apiadam também⁵⁰.

⁵⁰ Poesia de autoria de Eveline Maria Damasceno do Nascimento.

CAPÍTULO III- OS BANHISTAS: IMAGINÁRIO E SUBJETIVIDADE

O ser, em geral, é criação.

Cornelius Castoriadis

3.1- Os banhistas, quem somos?

Discorrer sobre temas subjetivos que aguçam a atenção de uma parte de estudiosos consagra a ideia de fenomenologia na análise da realidade. Esta realidade é presente nos banhos e na vida dos frequentadores dos balneários que trazem a tona uma época em que a cidade parecia borbulhar nos mergulhos do corpo e do espírito.

A vida cotidiana alterada pelas metamorfoses da cidade é premente. Os saudosos e populares banhos da cidade de Manaus já não existem, as cachoeiras praticamente desapareceram. Uma de nossas entrevistadas nos informa que: “quando era menor adorava tomar banho de chuva com meus primos e os banhos de igarapés eram muito bons. Ficava tão queimada do sol que minha pele tostava. Quando sinto o cheiro da terra molhada as lembranças surgem. Me sentia saciada” (Margareth, 56 anos, entrevista/2017). Nas veredas de um céu chuvoso o prazer de uma chuva abundante se inflama. Os banhos de igarapés e os banhos de chuvas se reforçam mutuamente e a entrevistada parecia revigorar-se, transparecendo ter a sensação de completude. Com a chuva prazerosa é mister que Margareth a guarde ainda em seus devaneios. Em seguida o sol iria dourar seu jovem corpo naqueles tempos fagueiros. É preciso reencontrar os movimentos, os aromas que ficam nos baluartes da memória, o cheiro, o fruir dos corpos, odor, a cor, são dinâmicas que quando evocadas restituem não simplesmente um tempo inerte mas uma inflexão de vozes que parecem não se calar. “O saber cultural está encarnado em formas simbólicas” (HABERMAS,1990, p.97).

Ao rememorar os entretenimentos oferecidos em Manaus Margareth diz “ hoje quando passeio com minha filha pelos shoppings sinto tristeza por levá-la a espaços frios sem o verde que costumava frequentar. Só vejo rostos desconhecidos. Ninguém conhece ninguém, não se recebe um sorriso e as praças estão perigosas para os passeios” (entrevista, 2017). A fala de Margarete sinaliza a ausência de alternativas para um lazer mais agradável e seguro e, sem opções, as pessoas ficam à deriva. Para Khoury (2004, p. 125), “ao narrar, as pessoas interpretam a realidade vivida, construindo enredos sobre essa realidade, a partir de seu próprio ponto vista”. São reconstruções do vivido que nos permite adentrar no imaginário dos banhistas, transitar pela subjetividade de suas histórias de vida, pelo seu cotidiano, é um

convívio que ensina, que abre caminhos. “A subjetividade tem a sua origem na independência e soberania da fruição” (LÉVINAS, 1988b, p. 99).

O surgimento dos shopping centers foi uma verdadeira inovação no comércio de varejo por ter criado e desenvolvido uma diversificada e especializada forma de comercialização e prestação de serviços (VASQUES E DONAIRE, 2003, p. 98). Ao revelar a frieza do local e das pessoas Margareth deixa transparecer o quanto ela percebe concretamente as relações vazias dos clientes confinados em um shopping. Bauman (2004, p.14) considera que “nos dias de hoje, os shopping centers tendem a ser planejados tendo-se em mente o súbito despertar e a rápida extinção dos impulsos, e não a incômoda e prolongada criação e maturação dos desejos”. Os desejos implantados por meio das visitas a um shopping parecem não se atenuar, repete-se sempre, abandona-se aos impulsos de desejos ilimitados. Para Sennet (2003, p.18), vive-se uma experiência narcótica; o corpo se move passivamente, anestesiado no espaço para destinos fragmentados e descontínuos”.

O tempo transcorrido nesses espaços nunca é tão curto, a ponto de permitir a uma boa parte dos clientes transitarem mais e comprarem pouco. E ao olhar determinadas lojas compreendem de imediato que não há necessidade de entrar pois os artigos luxuosos e o ambiente tratam de expulsar os menos capitalizados. Essa é a receita certa para peneirar valores. A situação financeira é pesada ao discreto olhar às vitrines. Anda-se muito com o olhar extasiado.

Tais olhares são direcionados para as joias em ouro, em fina prata, em pérolas, diamantes; relógios de marca; finos trajes e produtos em lançamento. Nos espaços fechados de shoppings desenrolam-se um conjunto de relações marcadas pelo efêmero, por um exacerbado individualismo que se parece constituir no triunfo das mercadorias sobre os indivíduos. “A plenitude dos sentidos e a atividade do corpo foram de tal forma erodidas que a sociedade atual aparece como um fenômeno histórico sem precedentes” (SENNET, 2003, p.19).

Os shoppings como espaços de lazer retratam muito bem essa dinâmica. São espaços nos quais as crianças não podem correr, tocar, somente olhar a menos que se disponham a brincar em lugares reservados aonde será calculado o número de horas a serem passadas nesses ambientes. Tais relações se constroem e se atomizam no mundo atual, são constituídas de forma paulatina pela sociedade e se revelam em suas contradições.

E nessa dinâmica o humano vai perdendo suas características simples e naturais. Para Giddens (1991, p. 125), “o shopping center local é um meio onde uma sensação de tranquilidade e segurança é cultivada pelo acabamento dos prédios e pelo planejamento

cuidadoso dos lugares públicos”. Este mesmo autor afirma que todos aqueles que fazem suas compras nesses lugares estão cômicos de que a maioria das lojas pertence a cadeias de lojas, que podem ser encontradas em qualquer cidade, e que na verdade inumeráveis shopping centers de projeto semelhante existem por toda parte.

Margareth menciona os rostos desconhecidos nos shoppings, a frieza do contato e daí surge a seguinte abstração: se hipoteticamente fizermos uma inversão na história de Manaus e pudermos trazer os banhistas das décadas passadas aos shoppings, e por outro lado, houver a viabilidade de levar como no túnel do tempo, a clientela abastada dos shoppings às águas refrigerantes dos balneários passados, qual seria a reação dessas duas fatias de frequentadores?

Pode-se inferir que haveria certamente a possibilidade de encontrar nos shoppings um expressivo número de banhistas tímidos, olhando produtos sem poder possuí-los e até sem compreendê-los, querendo retornar a seu mundo, esticar seu corpo, correr, pisar no chão, na areia, ver o sussurro dos pássaros e frustrados pediriam para retornar.

E no que diz respeito aos ricos clientes dos shoppings nos igarapés das décadas passadas supostamente teríamos uma multidão de consumidores *em frenesi* nas águas esquecendo seu mundo grã-fino, o estresse, a lipoescultura por exercícios diários nos banhos e até as idas marcadas a psicólogos seriam efetivamente esquecidas por conta dos banhos fresquinhos nas cachoeiras. Rios (2014, s/p) considera que,

Os banhos de cachoeira aliviam o cansaço e trazem diversos benefícios para o corpo: aumenta a agilidade; refina cabelo e pele; melhora a imunidade e circulação. A água fria pode melhorar a circulação sanguínea incentivando o sangue a correr entre os órgãos, o que ajuda a combater alguns problemas de pele e coração. Quando essa água atinge o corpo, a capacidade de circulação do sangue leva as artérias a bombear o sangue de forma mais eficiente, aumentando assim a saúde do coração; acelera a recuperação muscular e acalma o estresse.

A aventura do desconhecido, do imprevisível, de banhos de cachoeiras tão prazerosos, é a maior sedução e alívio das tensões do cotidiano do trabalho e a energia liberada sob a força energética das águas, impulsionaria a segunda fatia de frequentadores

a supostamente desejarem finais de semana nas águas agradáveis dos banhos e o confinamento em espaços fechados, vigiados e normatizados seriam realizados em outras ocasiões.

Apesar das argumentações travadas sobre os shoppings com relação aos espaços naturais, não se trata de obscurecer esses lugares em sua totalidade pois dentro de um sistema capitalista em que o mundo se condiciona, esses locais por outro lado, disponibilizam acessos a mercados onde diversos produtos podem exhibir-se. São produtos finos da Índia, Turquia, China dentre outros e tecnologia de ponta são disponibilizadas para o comércio desses produtos, ou seja, abre-se para o público oportunidades de conhecer a produção de mercados provenientes de vários países do planeta.

Não se está a dizer que se deve suprimir estes lugares mas se faz necessário repensar o que se pode fazer para adequar lugares que parecem tão frios dentro de uma escala que humanize o ambiente, ou seja, há que se pensar estratégias para permitir que o homem que circula os shoppings sinta-se humanizado. E mesmo que despido do chão natural e já afeiçoado a pisos tão refinados venha sentir-se acolhido em todos os âmbitos.

Hoje os lazes se inscrevem em um espaço que se reproduz, tendencialmente, sem referências para o habitante. A cidade cresce, se avoluma e também crescem os desejos, as vontades. O crescimento junto com a tecnologia trazem, em si, a ideia de que os percalços estão se resolvendo, diminuindo, porém, o ser humano parece não ser detentor destas conquistas, pois à medida que vai incorporando novos valores, novos comportamentos, vai trazendo em seu bojo novos problemas existenciais. O consumo se banaliza. Santos (2003, p.127), considera que o indivíduo hoje pensa em “consumir não mais por necessidade, mas por ansiedade. Diversas estratégias são elaboradas para que a força do consumo se generalize”. É como se a felicidade estivesse no uso dos produtos oferecidos e promove-se uma busca incessante para a aquisição dessas tecnologias. “A felicidade não é um acidente do ser, pois o ser arrisca-se pela felicidade” (LÉVINAS, 1988b, p. 98). Cria-se necessidades impostas pela mídia e pelo marketing. “A publicidade baseia-se em falsas ideias que vendem objetos mutáveis e consumíveis massivamente [...], como se fossem a fórmula mágica para a realização de um sonho” (PADILHA, 2006, p. 101).

Socorro Dantas (59 anos) ao falar sobre o desenfreado consumo diz: “Minha filha adora tênis e nunca está satisfeita. Ela quer uma marca logo depois quer outra e mais outra e é assim com o celular, com a mochila e diz que precisa e nunca se sacia” (Entrevista/2017). É uma corrida por uma novidade, por um produto maior ou menor ou mais rápido, ou seja, um artigo que tenha algo que o diferencie, que mostre ao outro que você o possui, que é pioneiro mesmo que o grau de funcionalidade seja menor que o anterior. O consumo ilimitado tem caracterizado as sociedades atuais, tornando o homem dependente de uma série de produtos que poderiam ser dispensáveis. Trata-se de uma sociedade esponjosa que absorve tudo que

aparece. Pondé (2014, p.19), esclarece que, “no futuro, não seremos lembrados como a era do Ipad, nem da Apple, mas como a era do ressentimento [...], pautada por pequenas intenções narcísicas”. Para Bauman (1998, p.56), “se o consumo é a medida de uma vida bem sucedida, da felicidade e mesmo da decência humana, então foi retirada a tampa dos desejos humanos: nenhuma quantidade de aquisições e sensações emocionantes tem qualquer probabilidade de trazer satisfação”. Os impulsos sedutores parecem sem limites dirigidos indiscriminadamente a todos.

A modernidade traz em seu bojo um conjunto de mudanças que beneficiam o homem fornecendo-o bem estar e uma série de comodidades. Por outro lado, desencadeia inúmeros problemas que ecoam nos tempos modernos e seguramente cabe ao homem discernir e lutar buscando encontrar as possíveis saídas para seu enfrentamento. De acordo com Sartre (1968, p.14), “não queremos olhar o nosso mundo com os olhos do futuro, queremos vê-lo com os nossos olhos de carne, com os nossos verdadeiros olhos precípeis”. É ainda em vida, para o autor, que os processos se ganham ou se perdem porque não seremos absolutos por termos refletido nas nossas obras, para passarem de um século ao outro, mas porque combatemos apaixonadamente na nossa época, e porque decidimos perecer completamente com ela.

Ao visualizar a cidade vê-se pessoas caminhando, no ir e vir que se repete e se desenrola diuturnamente, a cidade em determinados pontos não dorme e vive na euforia e nos contrastes. A vida cotidiana se exprime numa busca ininterrupta e quando realizada sem ponderação gera tristezas, trazendo, como consequência, o vazio construindo subjetividades que se constituem como verdadeiras antíteses à cidadania.

Há uma busca febril pela felicidade e o homem em grande medida procura saciar-se preenchendo lacunas de angústia, de solidão muitas vezes com aquisição de bens de consumo. E afoga-se muitas vezes nesses bens mercadológicos que tudo oferece quando o indivíduo dispõe de poder aquisitivo.

Os banhistas das décadas passadas percebem a fragilidade dos vínculos humanos assentados nesses dispositivos tão imediatos do homem contemporâneo, e sentimentos de insegurança os angustiam. Eles entendem que há necessidade de se pensar a ação que os homens vão instaurar para a realização da vida plena na cidade. O lazer sufoca-se diante de práticas que visam lucros imediatos. Parece que o homem se transforma em uma bola de bilhar onde tacadas certas o deixam tontos ao sabor das investidas.

É desse modo que relações interpessoais são modificadas e tornam-se fluidas. Em Bauman (2004, p.32), verifica-se que “o que caracteriza o consumismo não é acumular bens

(quem o faz deve também estar preparado para suportar malas pesadas e casas entulhadas, mas usá-los e descartá-los em seguida a fim de abrir espaço para outros bens e usos”.

A dinâmica que se afigura no consumo imediato dos objetos é uma característica marcante da sociedade urbana atual, pois substitui-se algo muito rapidamente para a satisfação de necessidades consumistas. Afirma-se com justeza que, as condições de existência se realizam de forma desigual no espaço onde as práticas sociais antes ricas em sociabilidade hoje modificam-se. Denota-se, em princípio, que o planejamento urbano de Manaus tende a destruir constantemente as referências históricas da cidade e isso afeta a vida cotidiana.

A vida urbana na cidade de Manaus se desenrola numa velocidade extasiante em decorrência de um mundo que se moderniza a cada dia, portando uma força que não enxerga obstáculos para suas ações, age incansavelmente dando uma nova dimensão a cidade. Esta nova dinâmica produz carências permitindo que o indivíduo se perca na cidade e caminhe como um espectro ladeado de altos edifícios, apartamentos, concreto e avista a natureza morta com seus lindos chafarizes, jardins simetricamente traçados, milimetricamente dispostos mas a vida não borbulha, só o aponta como mais um andarilho solitário.

Gradativamente vai se operando mudanças na cidade gerando vazios, onde os olhares não mais se entrecruzam, não mais se entrecem a ponto de tornar vã a intersubjetividade humana.

Diante desse vazio de sentidos o indivíduo se apercebe como coisa, e prefere afastar-se e este é o cenário produzido pela modernidade. São criadas novas formas de vida, novas significações.

A cidade como um bem de todos, às vezes parece caricata, pois se somos, não nos atrevemos na busca de mudanças. Ou seja, nos indagamos como as transformações nos modos de organização e ocupação do espaço urbano poderá, por exemplo, contribuir para raciocínios mais sólidos e uma gestão que permitirá um olhar menos dilapidador dos recursos naturais da cidade.

Manaus liga-se de modo inexorável aos banhos, contudo hoje fugiu-se muito da cidade comum, agora nota-se um espectro de cidade que geme. Apresenta movimentos novos, formas esdrúxulas de atração. Trata-se de uma construção de imagens que se aceleram, que urgem. Para Mesquita (2005, p.29), “da cidade nascem as instituições e tradições que constroem e definem os espaços, que, por sua vez, impregnam de significados as imagens, e estas representações visualizadas assumem um estatuto de bula, no sentido de orientar a construção da cidade idealizada”.

As cidades geram a imagem que orientam o seu contínuo processo de construção e vão se constituindo no calor de suas transformações. Manaus, sobretudo após o advento da Zona Franca levou ao naufrágio muito dos pontos pitorescos que ornavam e davam um contorno às suas formas. A forma da cidade para Rossi (1995, p.57), “é sempre a forma de um tempo da cidade, e existem muitos tempos na forma da cidade”. De acordo com Margareth “parece que o ano passa muito rápido mas não é, é o movimento da cidade que não para. As ruas mudam, o bairro muda, tudo aparenta rapidez, tudo está acelerado” (entrevista/2017). Gohn (1985, p.46), considera que “os movimentos se expressam através de um conjunto de práticas sociais nas quais os conflitos, as contradições e os antagonismos existentes na sociedade constituem o móvel básico das ações desenvolvidas”.

As referências espaciais hoje, já não mais compõem uma arquitetura voltada aos interesses peculiares da região. A cidade passa do *status* de moradia regada pelo ato social gerador de laços familiares para o *status* gerador de funcionalidades, de trocas mercadológicas. Instaura-se aí perdas e conseqüente enfraquecimento da construção de identidades. E tal qual canídeos na busca por alimentos é a cidade à procura de uma forma ideal. Dá a impressão de que as cidades se anulam, se mutilam face ao progresso atual.

O ritmo na cidade anula as coisas lentas e produz uma sensação de velocidade, de urgência e de individualismo. As mudanças tecnológicas contribuem para essas metamorfoses e tudo parece mudar rapidamente. O indivíduo torna-se impotente e não se conhece como mentor de suas condições de vida, sem rumo vê-se atônito num cotidiano repetitivo que eclipsa as relações sociais.

A cidade se transforma em um oco de referências, podendo o indivíduo sentir-se estranho. Hoje, o indivíduo desloca-se de seu habitat e concebe um espaço novo, deixando exposto o quanto a vida é mediada por ações que petrificam o caminhar, haja vista a incômoda sensação ao perceber que anda sozinho em meio a instabilidade do espaço. São mudanças que se processam tão rápidas e nessa mutação a vida cotidiana se torna fluida e líquida. “A vida líquida flui ou se arrasta de um desafio para outro e de um episódio para outro, e o hábito comum dos desafios e episódios é sua tendência a terem vida curta” (BAUMAN, 2008, p.14). Pode-se presumir o mesmo em relação à expectativa de nossas esperanças que parecem afundar-se e, além disso, muitas inquietações surgem e ressurgem, as quais, muitas vezes, são difíceis de lidar.

Ao caminhar na rua o indivíduo sente-se isolado mesmo com o contato dos transeuntes, entra em diferentes ritmos frenesi, com um corpo de pessoas que não o olham, não sorriem e não o conhecem. E, assim como o flaneur, o indivíduo procura capturar a

paisagem nos espaços do labirinto urbano. Ou seja, “reconhece e inventa tanto quanto o indivíduo trancafiado em seu quarto. E a rua é a morada do coletivo”. (BENJAMIN, 1994, p.194). O habitante da cidade avança pelo “grande deserto de homens” (BAUDELAIRE, 1988, p. 173), e depara-se com a Modernidade que se revela em vários aspectos da cidade.

As metamorfoses são tão rápidas que o passado se eclipsa como num sonho que se tenta lembrar. Na concepção de Baudelaire (1988, p. 174), a “Modernidade é o transitório, o efêmero, o contingente”.

E sem o contato do outro o indivíduo anda quadras e quadras com a presença de largas avenidas, lojas muito bem edificadas, vitrines que apresentam produtos somente conquistados pelos olhos. O indivíduo olha, estranha e se afasta pois sabe que se trata de um espetáculo que salta os olhos, mas efetivamente não pode ter contato.

Por outro lado, em determinados bairros, presencia-se um amontoado de pessoas lutando por condições mínimas de sobrevivência. No centro da cidade percebe-se uma quantidade de outdoors, propagandas, grito de vendedores, burburinhos, vozes estridentes e daí instala-se a sensação de estranhamento pois é o outro lado da cidade que emerge. Uma cidade crua de anonimato das pessoas em que direitos lhes são subtraídos e o habitante da cidade percebe-se só. As relações sociais perdem seus alicerces, o que produz o desmoronamento do indivíduo. Há um afastamento gradual do indivíduo em relação ao outro e paulatinamente com o progresso em curso, esse homem é também desligado dos elementos naturais que representa o abastecimento de sua alma e corpo. Está-se fazendo apropriações distintas desse espaço e parece não haver uma sintonia com os recursos já doados de forma gratuita a essa terra. Os equipamentos públicos, ou seja, os bens materiais construídos na cidade como o Teatro Amazonas, Alfândega, Porto Municipal de Manaus não mais se intercambiam com os riachos que os cercavam.

As estrelas não mais mostram sua face resplandecente no cair da aurora pois sombreada estão pela poeira do vivo progresso. São mutações que indicam o quanto a cidade cresceu. E quando nos atemos a memória da cidade ganha-se uma dimensão simbólica que somente através de sua gente, testemunha de momentos importantes pode-se compreender o quanto a vida perdeu no que diz respeito à perda de seus elementos naturais.

A cidade onde nascemos e vivemos guarnecem nossos pensamentos. É, em alguma medida um vínculo que fortalece nosso viver, pois é onde está nossa casa, nosso lar. O patrimônio arquitetônico da cidade de Manaus outrora estava conectado com sua riqueza natural: seus riachos, igarapés, córregos e abundantes fragmentos florestais.

Hoje o conjunto urbanístico da cidade tem se voltado a atender interesses capitalistas inviabilizando o contato dos cidadãos com seu passado que se mescla com sua memória. O fato é que, o espaço não é somente dotado de ferros e granitos, mas, sobretudo, de memória. Aguça-se na cidade os problemas urbanos, entretanto sua memória ainda o liberta, e precisamente proporciona-lhe lembranças e encontros com a vida.

Os banhistas são indivíduos frutos de uma cidade ambígua, que ora constrói seus valores na construção de formas identitárias, com a implantação de clubes, balneários, praças, ora aterra tudo considerando lugar de atraso e tradição. E nesse movimento o poder público imbuído de retóricas consistentes deixa notadamente claro que realiza algo importante e promissor.

Socorro Dantas dando continuidade a entrevista retruca:

Hoje em dia uma coisa que não gosto é andar pelas ruas de determinados bairros pois você não encontra ninguém na rua para dar uma informação. Na frente das casas não aparece ninguém. Parece que todo mundo fugiu. Isso me irrita. A pessoa se sente acuada e solitária. Na rua onde cresci que era antiga Vila Operária (Cachoeirinha) décadas atrás a vila era apinhada de gente, crianças brincando e tudo muito próximo. Hoje quando passo na vila não vejo ninguém na rua (Entrevista/2017).

As ruas tornam-se vazias e por vezes perigosas. Em determinados bairros principalmente conjuntos residenciais o cidadão anda bastante e não visualiza nem um rosto conhecido e nem transeuntes para solicitarem qualquer informação. A criançada que antes estava brincando de pipa, amarelinha, manja-pegas em frente das casas encontram-se hoje nas aulas de idiomas, natação, música, teatro ou outras atividades. As relações antes estabelecidas quebram-se e outros modos de vida irrompem.

Os lugares de encontro, de diálogo, de uma prosa jogada ao vento são reduzidos e sufocados pelo relógio que marca o tempo de forma impositiva: hora da reunião, hora de fazer compras de casa, hora da aula de inglês, hora de trabalhar. E as relações mais banais são cortadas, mutiladas. Tahim (2008, p.11), deixa claro que “o rosto do outro é manifestação por excelência e não se insere no jogo ontológico de compreensão”. Mas “o Outro metafisicamente desejado não é outro como o pão que como, como o país em que habito, como a paisagem que contemplo, como, por vezes, eu para mim próprio, este eu, esse outro” (LÉVINAS, 1988b, p. 21). A falta do outro ameaça o indivíduo pois é através do outro que o indivíduo sente-se seguro para mediar suas ações, para conectar-se com o mundo. “O outro é indispensável à minha existência tanto quanto, aliás, ao conhecimento que tenho de mim

mesmo. É nesse mundo que o homem decide o que ele é e o que são os outros. (SARTRE, 1987, p 16).

Socorro Dantas olha, procura, cruza avenidas, visualiza a beleza das casas com suas belas fachadas, procura alguém e não encontra. As ruas da cidade de Manaus tem seguido essa dinâmica, o progresso tem alterado as mediações. Para Thompson (1992, p. 197), “toda fonte histórica é derivada da percepção humana subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade: descolar as camadas de memória [...], na expectativa de atingir a verdade oculta”. São vivências guardadas que, através das entrevistas afloram a memória e a lembrança irrompem nas percepções subjetivas que fazem parte das situações vividas.

As reflexões de Giddens (1991, p.127), caminham em uma outra direção ao dizer que “o mundo que se transforma gradativamente da familiaridade do lar e da vizinhança local para um tempo-espaço indefinido - não é de modo algum um mundo puramente impessoal”. Para o autor, as relações íntimas podem ser mantidas à distância, em qualquer lugar da superfície da Terra, e laços pessoais são continuamente atados pois vivemos num mundo povoado, não meramente num mundo de rostos anônimos.

Há diferenças no entendimento sobre a cidade mas o que não se pode perder de vista são as histórias de vida, de vida cheia, plena. “Esses conteúdos são vividos: alimentam a vida. Vive-se a sua vida. Viver é como um verbo transitivo em que os conteúdos da vida são os complementos directos” (LÉVINAS, 1988b, p. 97). São encontros com o passado, com a construção de um momento ímpar onde o látex retumbou e fez de Manaus uma cidade envaidecida em muitos aspectos, e caótica em outros âmbitos. Com a consciência de um tempo efervescente onde borbulhou a dor e o êxtase. Lévinas (1988b, p.98), comenta: “Vivemos na consciência da consciência, mas esta consciência da consciência não é reflexão. Não é saber, mas prazer e, [...], o próprio egoísmo da vida”. A própria dinâmica da vida moderna furta esses momentos que devem ser de atenção, de contemplação de sua história, de olhar os monumentos que neles estão incrustados referenciais de memória. Para Freire (1997, p.124),

O andar pela cidade é indispensável para que se estabeleça com os monumentos uma relação. É preciso, inicialmente, observá-los com atenção para vê-los, e esse encontro pode ter muitas nuances. Se não passarem totalmente despercebidos, se a velocidade do deslocamento não for muito acelerada, podem até despertar lembranças, reavivar emoções e desencadear narrativas.

Um olhar mais atento faz-se necessário para a paisagem construída nos centros da cidade, mas ao andar com mais vagar depara-se com a insegurança dos centros urbanos, e o estar mais atento implica doravante atentar para o perigo de ser assaltado, de em poucos minutos o cidadão ser subtraído de seus pertences. Essas são as agruras da cidade onde “o medo faz com que a cidade se encolha e impossibilita descobertas de novos espaços, propõe a paralização, a impossibilidade de ir além do já conhecido. A cidade é grande, mas é perigoso explorá-la” (FREIRE, 1997, p. 167).

Torna-se importante que a sociedade reassuma posições, nesse processo, para que se possa vencer o isolamento, o ostracismo ao qual o indivíduo hoje é submetido. Esse confinamento, segundo Freire (1997, p.170), “trará consequências para a constituição das cidades e para o psiquismo dos cidadãos”.

Há que se considerar que Manaus hoje, mesmo com muitos percalços tem de alguma forma buscado mudanças na tentativa de reviver o hábito de frequentar locais públicos, haja vista o interesse do poder público em ativar velhos logradouros para o usufruto do cidadão.

O Programa Manaus Belle Époque⁵¹, idealizado em 1999, promovido pelo Governo do Estado do Amazonas, busca realizar a revitalização de algumas das mais significativas áreas históricas da cidade para o entretenimento da população manauense.

O Centro Cultural Largo de São Sebastião⁵² já se encontra consolidado como um espaço de lazer e entretenimento da população manauense, assim como um atrativo e ponto turístico da cidade.

É um projeto que desperta a recuperação de áreas degradadas reconhecendo a importância de se recuperar a estrutura já edificada. O poder público tem disponibilizado programações recreativas e uma certa infraestrutura para o retorno desses elementos culturais. É preciso alargar esses brotos que estão surgindo, embora tímidos, são passos que podem amadurecer e estender-se para uma conjuntura maior.

Há a necessidade de revitalização de todos os equipamentos públicos estendendo a abrangência do projeto a outros logradouros de Manaus. É necessário que as praças se dinamizem, para que possa restituir, ao cidadão, o direito à cidade, conservando os recursos

⁵¹ O Programa Manaus Belle Époque compreende os seguintes projetos: Projeto de Revitalização da Área de Entorno do Mercado Adolpho Lisboa, Corredor Especial de Turismo (Rua Marcílio Dias), Projeto de Revitalização de Imóveis Históricos (Igreja do Pobre Diabo, Cemitério São João Batista), ainda a executar; Restauração da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, Casa da Cultura e Teatro da Instalação, já concluídos; Projeto de Revitalização do Entorno da Matriz, concluída a 1ª. Etapa; Projeto de Revitalização do Entorno do Teatro Amazonas e Praça de São Sebastião, praticamente concluído.

⁵² Inaugurado em 2004, o Centro Cultural do Largo de São Sebastião é um espaço criado e mantido pelo Governo do Estado do Amazonas, através da Secretaria de Cultura, com a finalidade de resgatar a memória local com a revitalização da área.

hídricos que sejam doravante resguardados para que os banhistas de décadas passadas orgulhem-se de sua cidade e possam compreender o sujeito, ou seja, o outro. Tahim (2008, p.11), considera que “a compreensão do outro é uma fala original que não estabelece sentido e nem referências, ou seja, compreender é indissociável da invocação do outro”.

No que diz respeito aos aspectos estéticos da cidade da Manaus antiga há uma tendência de equipar os espaços públicos com modernos equipamentos industrializados: fontes ornamentais, coretos, bancos, bebedouros, estufas, pontes e esculturas em bronze, ferro fundido e mármore. O verde fazia parte do centro da cidade, isso é o que se pode constatar na informação de Ribeiro (1984, p.10), ao anunciar ao público o Jardim da Praça da República, ocorrida em janeiro de 1824, com a seguinte descrição:

Fartamente provido de grande número de plantas e flores rara, dispostas com gosto e arte, tem na sua parte central uma sumptuosa fonte de bronze, e dispersos pelo jardim outros adornos destinados a proporcionar aos visitantes as precisas comodidades⁵³.

Hoje, a arborização da cidade e o embelezamento das praças não têm sido mais prioridade na cidade posto que a cada administração o verde diminui e as praças perdem seu vigor. Margareth em sua fala conclama: “nas cidades do interior as praças são muito mais cuidadas, mais arborizadas”. Tal assertiva é fato, visto que, o que se observa na cidade em relação às praças é algo que precisa ser repensado. Faz-se necessário que o poder público e a sociedade busquem medidas para salvaguardar estes bens posto que se trata de um patrimônio coletivo e é de responsabilidade de todos os cidadãos o zelo por sua memória.

Sobre os balneários a entrevistada lembra fatos inusitados ocorridos naqueles anos, e relembra: “com minha prima fomos a Ponta Negra e na volta do passeio tivemos que voltar descalças pois nossos calçados foram furtados. Tínhamos que pegar 2 ônibus de volta. Isto é motivo de muitas gargalhadas até hoje” (entrevista/2017). Esta fala é carregada de emoção e risos pois a entrevistada até hoje rememora com sua prima o jocoso incidente. “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 1990, p. 476).

As mudanças ocorridas na cidade são percebidas pelos banhistas e evidentemente fica perceptível a necessidade de novos espaços de convivência mas que venham contemplar melhorias no sentido de conservar os recursos naturais. Antônio Loureiro quando inquirido

⁵³ Ribeiro, Eduardo. Gonçalves. Mensagem emitida em 10 de julho de 1984. Manaus: Imprensa oficial.1984.

sobre quem eram os banhistas, replica: “Eram as famílias de Manaus e pessoas que usavam os banhos para diversão como se fosse uma boate”(entrevista/2017).

Todas essas falas sobre os banhistas, sobre episódios nos banhos, sobre a cidade de Manaus são fatos que surgem na imaginação e se entretecem a alegorias que atravessam os tempos. Essas imagens se animam na dialética da identidade, na banalidade e no dizer de Bachelard (1998, p. 272), “as coisas simples são muitas vezes psicologicamente complexas”.

As águas outrora tão fartas nos balneários da cidade, hoje se tornam lenda e poucos resquícius de águas temos contato. Os olhos d’água são facilmente aterrados sem compreensão de sua importância. Faz-se necessário que os olhos d’águas se rompam de sua clausura e voltem à luz de sua existência como bastiões e defensores de uma cidade que pode se aniquilar na segura.

Quando André Araújo, considera no seu livro Sociologia de Manaus publicado em 1973, que Manaus é uma cidade típica, cercada de água e banhada por água, é uma fala emblemática e pertinente para o momento vivido, contudo, daqui algumas décadas, conforme o que o progresso sinaliza, Manaus será uma cidade serpenteada por pedras e vigas. O progresso se abre para imponentes construções e o elemento água parece não ser a tônica. Um dia talvez no porvir o homem contemporâneo esteja dispondo grandes somas para o resgate desses simples riachos (fato já vivenciado em São Paulo e em outras regiões).

Sob olhos atentos percebe-se mesmo sem uma lupa que os igarapés que foram aterrados embora pareçam adormecidos ainda vivem e simplesmente guardam em si riquezas em suas formas. Nas pequenas formas que parece ser o tímido olho d’água poder-se-ia dizer que é a porta estreita de entrada para um mundo fenomenologicamente insondável que contém grandeza.

Identifica-se melhor a enormidade do espetáculo quando se conhece seus bastidores e a medida que avança esta compreensão os valores se enriquecem. Não basta uma dialética de tamanhos para se compreender as virtudes dinâmicas de elementos da natureza, é preciso ultrapassar essa lógica para entender a exuberância do que se esconde no pequeno. Ultrapassar aqueles que os olhos simplesmente alcançam para poder visitar mundos que se engolfam em pequenos esconderijos. É o pequenino olho d’água que paradoxalmente faz o rio, que lhe dá a potência, sua força, sob a proteção do cosmos, num eterno devir como assegura Nietzsche (2008, p. 358), “devir entendido como algo que não tem estado final, não projeta uma identidade. Devir como um estado de variação”. Ou seja, de incessante pulsar, sem testemunhar o fixo, o estático, somente a constante fluidez.

As marcas estão impressas nos suspiros dos banhistas ao lembrar os banhos, na contemplação do firmamento ao evocar histórias hilárias, secretos amores ou o cotidiano repleto de aventuras, e alvissareiras idas a estes espaços num caminhão, num carro, de ônibus e muitas vezes a pé. Trata-se de uma vida plena e completa. “E completa na medida em que abre-se ao ‘espetáculo’ ao reconhecimento do outro, mas convertendo-se em responsabilidade por ele” (LÉVINAS, 1978, p. 189). São banhistas que assistem hoje um declínio naquilo que tomou parte de suas histórias, como tesouro de suas vidas. E as guardam como chuvas carregadas prestes a desabar. São tantos fatos que parece que as chuvas de seus pensamentos abundam sem interrupções. São necessários uma quantidade de tonéis para ajuntar todas essas recordações dos banhistas da cidade de Manaus.

3.2- As memórias e o eco dos banhistas.

O olhar pautado na dialética do banho, por seu turno, guarda a dimensão do uso, do flunar, do enlevo. As idas aos balneários na cidade de Manaus tais como Parque Dez, Tarumã, Tarumãzinho, Ponte da Bolívia definem-se por um conjunto de sentidos construídos ao longo do tempo. São décadas que se esvaem, que se desprendem. Ainda encontram-se impregnadas conquanto conservam seus rastros e traços ao sempre permitir um mergulho em momentos que transcendem, que fruem. Para Lévinas (1988b, p.120), “a sensibilidade descreve-se, pois, não como um momento da representação, mas como o próprio acto da fruição”. Trata-se do fluir do corpo, da alma, que constrói a memória porque cria identidades através dos reconhecimentos, aí coabitam histórias, ritmos de vida que se interpenetram.

A sociedade atual produz novos comportamentos, é uma nova cultura que se consolida e que transforma o mundo, o lugar. Carlos (2007, p. 123) considera que “o plano do lugar pode ser entendido como a base da reprodução da vida [...] pois é através do uso que o cidadão se relaciona com o lugar e com o outro [...], tecendo uma rede de relações que sustentam a vida, conferindo-lhe sentido”.

O mundo vai adquirindo sentido na medida que o homem vai se apropriando do espaço e esse contato, evidentemente, se exprime todos os dias nas formas mais banais. Nos banhos esse fruir se estabelece naturalmente e se consolida nas brincadeiras, nas algazarras, no imprevisto em sua relação com esses lugares de lazer. São apropriações vividas que marcam a história dos banhistas da cidade de Manaus.

Essa relação com o mundo produz o espaço vivo e revela a aproximação da realidade social pois é experienciado. Os habitantes não são meros autônomos, expectadores rodeados de um tudo que nada significa. Aqui os indivíduos sentem-se protagonistas em sua relação com o mundo pois se cruzam ações, sensações e identificação com o outro.

Abre-se a ideia do vivido na perspectiva do uso do espaço e de suas possibilidades, nas experiências mais banais ligadas aos banhos, como o jogar bola dentro d'água, o pular das árvores nas partes mais fundas dos igarapés, as cambalhotas e todo tipo de peripécias dentro desses riachos, ações que marcam o sentido da existência, que permite o aconchego dos instantes, dando notadamente conteúdo ao ato de viver. São atos que aparentam práticas simplórias mas que criam laços que conferem identidade entre o lugar e os indivíduos.

Trata-se de um viver que diz respeito ao próprio modo de vida, que perpassa pelo fluido locomover, o caminhar, ou seja os circuitos onde se agasalham valores que perduram quando o homem se apropria de seu mundo, de seu chão. Tem-se na memória conforme

Bachelard (1998, p.311), “microfilmes que não podem ser lidos senão quando recebem a luz viva da imaginação”.

Quando se avista a cidade de Manaus sem perscrutar suas origens, seus fundamentos dá-se a impressão de uma cidade seca, íngreme, sem paisagens, sem arvoredos, sedenta de águas pois as marcas de seu passado histórico parece sucumbir com o esmaecimento de seus referenciais históricos. Entretanto, quando um olhar mais aguçado se aviva e se aprofunda avistamos uma cidade líquida ladeada de abundantes córregos e regada por fartas vegetações.

Vê-se também um processo de distanciamento da natureza que pode ser sentido pelas distâncias nos relacionamentos na medida em que as famílias já não mais se encontram, somente se isolam cada uma no seu mundo, diante de aparelhos tecnológicos que a afastam ainda mais. As relações sociais se dissolveram, o lúdico se esfacela e se evidencia um homem confinado em seus próprios interesses que já não percebe a dor de seu semelhante e simplesmente vive para que seus desejos sejam atendidos, conseqüentemente isso custa-lhe muito caro pois vai traduzir-se em dores, problemas não resolvidos.

Vive-se hoje numa sociedade do imediatismo, da agonia, que engendra sedução pelo consumo, coisas que grande medida são instáveis e vazias, haja a vista que o sistema joga com a manipulação dos desejos e das necessidades. Compra-se o produto e o descarte já é premente deixando transparecer que o indivíduo também faz parte desse ambiente descartável, o que contribui para o arrefecimento das relações.

De forma gradual subtrai-se atos e ações que se não forem imediatamente resgatados ficarão no esquecimento, no silêncio que aniquila, que destrói e que encapsula sólidas relações, obrigando o indivíduo a se portar de forma mutante, ou seja, readaptar-se constantemente. Para Carlos (2007, p.27), “homogênea e fragmentada, a cidade revela, ainda, a hierarquização dos lugares e pessoas como articulação entre morfologias espacial e social e esta estratificação revela as formas da segregação urbana”.

As mudanças nessas relações com o meio urbano redimensionam-se e as pessoas não se apercebem pois estas metamorfoses ocorrem de forma gradativa e a vida cotidiana vai se degradando paulatinamente. Hábitos e costumes são renovados e se engendra espaços de mudanças em todos os âmbitos da vida cotidiana.

O tempo está impresso na morfologia da paisagem, uma história que é recontada pelos cidadãos revelando um presente amalgamado com um passado que surge e ressurgue evidenciando um caminho para possibilidades futuras. É um universo que se renova, abruptamente pela imposição de relações sociais apoiadas em um novo conjunto de valores. A memória é segundo Le Goff (1990, p.477), “onde cresce a história, que por sua vez a

alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para libertação e não para a servidão dos homens”.

Raimunda (65 anos) nascida em Lábrea⁵⁴ no barracão Novo Horizonte, conhece bem o lugar onde nasceu, horizonte de sua velha morada, lembra dos banhos tomados na beira do rio Purus,⁵⁵ conforme podemos perceber:

Eu ainda lembro o barracão onde morava, era uma casa de 3 quartos, uma sala de janta e uma sala tinha também um trapiche⁵⁶ e uma pequena escada. Era de madeira com telhas de barro, o modelo da cobertura era de tacaniça⁵⁷ e os puxadores da porta em estilo colonial. As águas barrentas do rio Purus eu lembro bem. No verão ia para escola pela praia a pé e na volta vinha pela mata e ainda tirava ninhos de periquitos. No inverno ia e voltava de canoa com meus irmãos. Passávamos na volta da escola na casa da minha tia Julieta e ainda sinto o gosto do café com leite que ela nos servia. Guardo muitas recordações das águas do Purus pois foi onde vivi minha infância e início da adolescência. Aproveitei muito.(entrevista/2017).

Nossa informante relembra seu torrão, sua casa nas águas do rio Purus no município de Lábrea. Os compartimentos da casa não são esquecidos. A casa é um elemento de importância capital para o indivíduo pois o homem habita o mundo a partir de sua casa, ela é, como afirma Bosi (1995, p.435), “o centro geométrico do mundo para o habitante”. Raimunda regozija-se ao falar de suas recordações e percebe-se o fruir daqueles momentos com uma desenvoltura como se fosse cavalo solto nos prados. “Onde há experiência [...], entram em conjugação na memória certos conteúdos do passado individual com outros do passado coletivo” (Benjamin, 2011b, p. 107).

São reminiscências que abrigam conforto, laços que a imaginação incessantemente teima em reconstituir e se enriquece de brumas de ilusões, sobretudo de afetos. Nas histórias de Raimunda o ser sente-se guarnecido ao rememorar sua morada, sua origem e, como sustenta Bachelard (1998, p. 201), “é justamente porque as lembranças das antigas moradias são revividas como devaneios que as moradias do passado são em nós imperecíveis”. As

⁵⁴ Lábrea é um município brasileiro do estado do Amazonas, na Região Norte do país. Pertencente à Mesorregião do Sul Amazonense e Microrregião do Purus, sua população é de 44 071 habitantes, de acordo com estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2016.

⁵⁵ O Rio Purus é um rio da Amazônia, que percorre o território do Peru e dos estados brasileiros do Acre e do Amazonas

⁵⁶ Eram toscas pontes de madeira. (também puxadas de madeira em frente a casa).

⁵⁷ Tacaniça é como denomina-se o lance do telhado que cobre ou resguarda os lados da edificação e se apoia nas paredes laterais; partes laterais de um telhado de forma piramidal.

diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos. “O imaginário estabelece vínculo. É cimento social” (MAFFESOLI, 2001, p.76).

Nesse movimento de ida a escola, a descoberta de ninhos era uma atração àquelas crianças. Bachelard (1998, p. 258) considera que “descobrir um ninho nos devolve à nossa infância, a uma infância. As infâncias que deveríamos ter tido. Raros são os seres a quem a vida deu a plena medida de sua cosmicidade”.

Com um prazer indizível Raimunda fala na alegria que sentia junto a seus irmãos quando encontravam ninhos de passarinhos e Bachelard (1998, p. 260), chama a atenção para o fato de que “a árvore que tem a honra de abrigar um ninho participa do seu mistério” e é com o olhar imobilizado que a entrevistada narra suas aventuras próximas as barrentas águas do Purus. De acordo com a nossa informante,

Raimunda rememora: “uma lembrança reconfortante é lembrar minha mãe lavando roupa no alguidar⁵⁸ com sabão que ela mesma fazia em casa com o óleo de andiroba⁵⁹ (entrevista, 2017). A despeito da ausência de um tempo que só se recria no imaginário o pensar traz a tona as imagens que confortam. Para Castoriadis (2004, p. 127) “a história da humanidade é a história do imaginário humano”.

As imagens que se processam em Raimunda se traduzem em lembranças que abrigam filetes de emoção tal qual ninhos onde a mamãe passarinho aquece os ovinhos. É assim que a casa fornece a ela essa sensação agradável de conforto, de aquecimento. Quando Raimunda narra suas memórias imprimem-se caracóis de sentimentos que inebriam o desenrolar da vida. “Nela ficam impressas marcas do narrador como os artigos das mãos do obreiro no vaso de argila” (BENJAMIM 1994, p. 68.)

E continua: “o bule sempre posto para nos servir ficava ao nosso lado principalmente quando estávamos doentes. Servia para água, café e até chá. Esse bule é muito estimado e tenho a imagem gravada desse bule” (entrevista. 2017). Raimunda traz esse bule consigo pois é o retrato vivo que a une a sua casa e que desperta emoções guardadas. Conforme Costa (1995, p.38), “esses objetos por serem os figurantes ou os acessórios de cenário de nossa existência [...], adquirem um significado especial, chegando a ter uma relação tão íntima conosco que passam a fazer parte de nossa identidade”.

A realidade perpassa pelos sonhos, no palco da vida o real acontece mas não finda. Ou seja, termina no plano concreto mas tem continuidades posto que são guarnecidos pela

⁵⁸ Alguidar é um tipo de vaso de barro, madeira, metal ou plástico, cuja boca tem muito maior diâmetro que o fundo e que serve para lavar, amassar, etc.

⁵⁹ A andiroba é uma árvore da floresta, que cresce até 40 m de altura. É da mesma família do mogno, e é também conhecida como mogno brasileiro ou mogno bastardo devido à sua semelhança.

memória. Para Bachelard (1998, p.201), “as lembranças do mundo exterior nunca terão a mesma tonalidade das lembranças da casa. Evocando as lembranças da casa [...], somos sempre um pouco poetas e nossa emoção traduz apenas, quem sabe, a poesia perdida”.

São grandes trincheiras que fortificam a memória, que sustentam suas lembranças e Raimunda tem ainda sólidas impressões de sua casa que sempre teimam em aflorar. São referenciais que a acompanham e bailam em sua mente pois como assegura Bachelard, (1998, p.200) “a casa é nosso canto do mundo. Ela é, como se diz frequentemente, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo. Até a mais modesta habitação, vista intimamente, é bela”.

As águas estão sempre presentes, e nesse emaranhado de histórias, de águas barrentas, escuras, claras, límpidas, nesse sincretismo e nessa fartura de águas está algo quente e reconfortante que são as sensações lembradas, a vontade de estabelecer vínculos com algo que aquece e reconforta. Trata-se de ecos de banhistas que convidam o ser a abrigar-se no frescor do que ainda lateja, no que ainda resta. São desenhos de vida tonalizados pela maneira de ser de nosso universo interno, da nossa condição humana. “Tomava muito banho nas águas barrentas do Purus em cima das tábuas de lavar roupa e usávamos muito as cuias feitas de coité⁶⁰ para tomar banho. As tábuas eram feitas da raiz da samaumeira⁶¹ que ficavam sobre as forquilhas” (Raimunda, entrevista/2017).

Tais subjetividades fruem e se manifestam nos circuitos da fala, das lembranças e indissolúvelmente são os reflexos de uma existência que vive o mais precisamente possível o sentido íntimo do espírito, que compreende o ser. “Compreender o ser é existir” (LÉVINAS, 1988b, p. 23). Raimunda lembra que faz parte de uma vida onde o eco de uma vida repercute em um dinamismo que advém de arquétipos construídos naturalmente, frutos de um passado não tão longínquo mas que ressoa com significação ontológica que vibra no ser e parece querer reprisar o vivido. Nos dizeres de Bachelard (1998, p.262) “se se volta à velha casa como se retorna ao ninho, é porque as recordações são dos sonhos, é porque a casa do passado transformou-se numa grande imagem, a grande imagem das intimidades perdidas”.

Toda e qualquer experiência mais profunda deseja insaciavelmente, até o final de todas as coisas, repetição e retorno” (BENJAMIN, 1984, pp. 74-75). Esses retalhos de imagens são impressões que emergem na consciência e contribuem para um reconhecimento do homem, do fruir da vida. São imagens fugazes, efêmeras mas que iluminam, produzem

⁶⁰ Fruto ovóide da árvore de mesmo nome; estando maduro, é colhido e depois de cerrado ao meio e limpo é utilizado na forma de cuias, como se fossem vasilhas domésticas.

⁶¹ A samaumeira é tipicamente amazônica, conhecida como a “árvore da vida” ou “escada do céu”. Os indígenas consideram-na “a mãe” de todas as árvores.

sonhos e reconstituem momentos verdadeiros, que se referem a um tempo rico, de compromissos com o outro.

Para Raimunda compreender a importância da sua vida no rio Purus foi preciso vir a cidade para sentir falta das saudosas águas barrentas que evocam a lembrança de sua casa: “minha mãe coava a água, fervia e eu sempre via muito barro no fundo da lata de querosene, e a gente tomava a água fresquinha na bilha ou pote” (Entrevista/2017).

O mundo de hoje está ensurdecido com tantos atropelos da vida humana: trânsito, crimes, assaltos e uma série de perturbações advindas da modernidade entretanto, o imaginário, mesmo que seja difícil defini-lo, apresenta, “um elemento racional, ou mas também outros parâmetros, como o onírico, o lúdico, a fantasia, o imaginativo, o afetivo, o não racional, o irracional, os sonhos, enfim, as construções mentais potencializadoras das chamadas práticas” (MAFFESOLI, 2001, p. 76). O imaginário constrói-se nas nuvens da mente, origina-se no mistério dos labirintos do pensamento, nas encruzilhadas de um pensar carregado de embalos do tempo, de miríades, de nervuras, de ziguezague da alma rebuscada de memória, inebriada pelas retas e curvas da vida.

Nessa composição de vida moderna relegamos o logos e intervém elementos complexos que associam o progresso com o desejo de usufrutos ilimitados. Estende-se aí uma derrocada do indivíduo, em que a pressa é a tônica diária e isso é um matiz de preocupação porquanto traz habitualmente um movimento que desintegra, desenlaça e destrói a tonificação da vida. Ao ouvir as histórias de Raimunda tem-se a experiência de um viver que desperta imagens silenciadas, fechadas em galerias fluidas a espera de um toque para despontar. “O adulto, ao narrar uma experiência, alivia seu coração dos horrores, goza novamente uma felicidade. A criança volta para si o fato vivido, começa mais uma vez do início” (BENJAMIN, 1984, p. 75).

Ao fazer uma parceria com a vida plena é preciso que o espírito se reabra para a luz, para o deleitar-se da alma, daí a depoente sentir-se tomada das ressonâncias, das recordações de seu passado. E sua fala convida o ouvinte ao passeio, e oferece um néctar, pois é a expressão de um devir. “O devir é o subsistir do ser bem como do não ser; ou seu subsistir é apenas seu ser em um” (HEGEL; 2011:82). Há tais enlaces de imagens: as águas, os ninhos, o bule que parecem mesclar-se em saudades. Pode-se dizer que o devir reflete-se na sua plenitude e no ato de revelar-se. Quanto mais interagimos com universos diferentes dos nossos, nosso corpo se alarga e se fortifica em potência, e nossa subjetividade exercita-se ao compor-se na heterogeneidade da vida e, como explicita Guattari (1991, p. 22), “mais alguém

pode se re-singularizar, recompor-se, criar modos de vida”. Vidas que se refazem, se reelaboram alicerçadas por um conteúdo expressivo na dinâmica do pensamento.

Hoje tudo parece partir. Os banhistas querem o resgate dos banhos passados e a medida que se convencem de que as cachoeiras já não mais existem nas imediações de Manaus, há uma grande busca em lugares distantes da cidade. Alguns já tiveram a experiência de conhecer as cachoeiras dos municípios circunvizinhos mas certamente percorreram quilômetros para chegar a estes lugares. Houve também a necessidade de desembolsar um determinado capital para poder usufruir desses lazeres. Há nesses municípios fartas ofertas de banhos, além de grutas, cavernas, cachoeiras e quedas d’águas.

Raimunda adora sair com os netos para passeios e como não encontra em Manaus as reconfortantes cachoeiras, buscou procurar em outros ambientes. Há correlações entre passado e presente na vida de Raimunda em que as águas estão sempre presentes no seu imaginário. “Fui com minha família procurar as cachoeiras em Presidente Figueiredo⁶². Muitas cachoeiras estão em banhos particulares. Conhecemos a cachoeira Berro d’água⁶³, depois fomos conhecer as corredeiras de Urubuí⁶⁴ em um banho público” (entrevista/2017). Impressiona-se pelo o fato de ter que se deslocar a pontos distantes para encontrar cachoeiras, corredeiras e ainda ter que dispor de capital para poder adentrar em muitos desses espaços.

Nas corredeiras de Urubuí se deleitaram com o banho. “Minha sobrinha ficou admirada de ver 4 a 5 banhistas debaixo da ponte, vindos de longe com grandes boias deslizando na cachoeira numa alegria de dar inveja, parecia que encontraram o paraíso” (Raimunda, entrevista, 2017). Daí ser possível imaginar que “a memória pode possibilitar criar representações do passado assentadas na percepção de outras pessoas, no que imaginamos ter acontecido ou pela internalização de representações” (HALBWACHS, 1990, p. 76).

Para que os banhistas se reinventem enquanto filhos da terra devem abrir-se para revitalizar sua memória e deixar suas impressões através dos registros de suas falas, com o acréscimo de ter que garantir a seus filhos que reivindiquem os devidos cuidados para

⁶² Localizado a 118 Km de distância de Manaus, o nome do município é uma homenagem a João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha (1798-1861), presidente da província do Amazonas na época do império. Os primeiros assentamentos populacionais datam de 1657, mas só no ano de 1981, por meio da Emenda Constitucional nº 12 o município foi criado oficialmente e desmembrado dos municípios de Itapiranga, Novo Airão, Silves e Urucará.

⁶³ Cachoeira Berro d’água está localizada no Km 11 da AM 240, (estrada que liga Presidente Figueiredo à Balbina). As águas gélidas e rasas fazem com que seja um local ideal para se divertir com toda família.

⁶⁴ A Corredeira do Urubuí é um balneário, localizado dentro da área urbana da cidade de Presidente Figueiredo, no Amazonas.

salvaguardar o que ainda é real, e o que ainda resta. “O que é real é o próprio devir, o bloco de devir” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 18).

Todo processo de construção da memória, de forma peremptória, dar-se-á por intermédio de um sujeito que ao adentrar em seu mundo interior extravasa desenhos de imagens de um passado real. Trata-se, pois, de imagens nutridas de emoções que instauram um novo devir na fonte da memória quando os banhos ainda eram nas cachoeiras dentro do espaço da cidade de Manaus. Devir é rizoma, é contágio (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 19). Para esses autores devir nunca concretiza a forma para a qual tende. São tendências de um ser que flui, constituindo com os outros alianças afetivas, as rizomáticas, que fazem sempre escapar das políticas de identidade.

O flutuar nas ondas do pensamento torna o mundo menos hostil, com um matiz alvissareiro, onírico, que evoca a alegria e embebe-se com seu néctar. É importante que esses cursos d’águas hoje visitados pelos manauenses não sejam tragados pelo progresso mais mantidos com zelo. A cidade em sua essência abriga os aspectos funcionais advindos da necessidade de manutenção de suas instituições, de todos os órgãos para que o seu funcionamento desencadeie o processo laboral contínuo. Mas para além da concretização de sua objetividade guarda também aspectos memoriais, que ecoam na cidade e no modo como os indivíduos apreendem sua história.

A voz dos banhistas retumba haja vista nossa informante, Nilce (84 anos), que fala da seguinte forma: “achei que foi uma devassidão acabar com os balneários. O banho da Caixa Econômica tem que ser sócio. O da Ponta Negra é um pouco distante. Quase todos os banhos são particulares se não pagar por mês a pessoa não vai se divertir” (Entrevista/2017).

Nilce reconhece o valor dos banhos que existiam antigamente em Manaus, eles representavam a garantia de um lazer mais despojado. Ao participar dos movimentos de terceira idade⁶⁵, Nilce tem ido às cachoeiras dos municípios vizinhos, e dando continuidade a suas reflexões pontua:

Em beleza eu acho que Presidente Figueiredo ganha em primeiro lugar, porque lá é bonito. Você pode até pernoitar. Mas para ir lá precisa ter transporte próprio porque eu não sei se vai de ônibus, a menos que seja de uma entidade ou clube de mães que se reúna e que

⁶⁵ Movimento que difunde conceitos e experiências práticas que representam uma nova forma de promover a saúde da pessoa que envelhece, a partir de uma ação interdisciplinar comprometida com a inserção do idoso como cidadão ativo na sociedade. O movimento visa contribuir para a promoção da saúde física, mental e social das pessoas idosas.

alugue um ônibus e por mais que você tenha vontade de ir é difícil. As coisas não são baratas. Tudo tem que ter finanças. Antes era diferente a gente se preparava uma semana antes de ir aos banhos e cada um se preocupava em levar alguma coisa. A gente alugava caminhão e quando chegava nos banhos uns pegavam os gravetos, fazia o fogo. Hoje você não pode fazer fogo. Você tem que comprar. E para levar comida fica chato, desagradável (Entrevista/2017).

Nossa informante relata as belezas dos banhos nas áreas circunvizinhas de Manaus e as dificuldades no percurso a estes espaços. Revive-se na fala de Nilce fragmentos destas paragens. Reclama o fato de espaços de lazer proibirem banhistas de levarem suas guloseimas, posto que há uma significativa quantidade de restaurantes para que o consumo de bebidas e comidas estejam garantidos nesses estabelecimentos.

Para Santos (2007, p. 49), “vivemos cercados, por todos os lados, por esse -sistema ideológico tecido ao redor do consumo e da informação ideologizados”. O consumo também é exercido através do turismo, em que a sociedade aos poucos se apropria de inúmeros espaços naturais, construindo uma retórica em favor do consumo.

Pintaudi (1989, p. 6) resume bem essa condição afirmando que -“o psíquico do ser humano é muito bem trabalhado pela propaganda”. Todo esse processo gera uma preocupação no que diz respeito a degradação do meio ambiente e uma certa nostalgia ao lembrar os banhos de antigamente.

Esses fatos trazem consigo lembranças de uma realidade bem distinta marcada por uma simplicidade salutar onde os banhistas levavam seu alimento e nem se preocupavam gastar recursos financeiros. A preocupação era somente com o alvoroço das crianças na hora de degustar a banana, arroz, frutas, a apetitosa farofa levadas de casa ou o frango habitualmente assado no próprio balneário. Nilce relembra que: “passando da ponte do Rio Negro tem a praia de Açutuba⁶⁶, que tem um restaurante que não é muito caro, a comida é um pouco caseira, é meio regional e tem um banho que é uma beleza mas também é distante, muito distante” (Entrevista/ 2017).

Ao lembrar do passado nossa informante assinala a proximidade das coisas. Antes até o contato das pessoas era mais próximo. Nas idas aos banhos toda família se reunia “A gente se preparava uma semana antes para ir aos banhos, as mães acompanhavam os filhos e vice-versa. As crianças tinham o que contar para os amigos e não ficavam pensando besteiras dentro de seus quartos como hoje” (Nilce, entrevista/2017).

⁶⁶ Localizada no município de Iranduba, a 27 km de Manaus, a Praia do Açutuba é um dos principais atrativos do Estado. A inauguração da Ponte sobre o Rio Negro, há quase um ano, facilitou o acesso de quem mora na capital à praia, além dos turistas de outros do restante do Brasil e mundo afora.

Observe-se que a memória viva de Nilce reavive momentos agradáveis conagração entre os amigos e progenitores da criança, o que é fundamental para solidificar laços afetivos. Bosi (2004, p.60) considera que “a memória atual da pessoa idosa pode ser desenhada sob um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta”. No alto de sua maturidade Nilce percebe que o envolvimento dos banhos é um fator de positividade, diferente dos dias atuais. O momento de contato com os pais nos balneários produzia na meninada uma sensação de enlace, de aconchego que reforça vínculos de afetividade tão essenciais para o desenvolvimento estrutural e psicológico do ser humano.

É nesse contexto de narrativas e memórias que a cidade emerge como um convite para repensar valores já perdidos, amontoados de lembranças que irrompem no imaginário frente às resistências das novas construções. O imaginário, como enfatiza Maffesoli (2001, p.75), “permanece uma dimensão ambiental, uma matriz, uma atmosfera, aquilo que Walter Benjamin chama de aura. O imaginário é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável”.

A cidade tem experienciado significativas perdas de seus elementos naturais. E assim como águas-vivas,⁶⁷ seres magníficos em beleza, podem ser muito perigosos, assim a cidade com seus atrativos e sedução pode imprimir no habitante muitos vazios e sofrimentos.

Está aí um paradoxo que se camufla, mas que os dois polos se complementam numa mesma cadência, ora acentuando os órgãos bioluminescentes⁶⁸ das águas-vivas, no brilhar dos encantos da cidade, ora apresentando seus tentáculos que queimam como as dores do indivíduo com a ausência dos direitos da cidade. As águas-vivas possuem poder de clonagem, ao se regenerar criam dois novos organismos completos, a cidade também se regenera mas quando ultrajada perde muito de suas feições.

Na forma da cidade de Manaus vê-se claramente as rupturas, avanços e retrocessos o que caracteriza uma cidade no devir e que se entrevê uma cidade voltada para o capital. “Fico atônita de ver como as coisas mudam tão rápido, num ponto é bom mas de outra forma a gente fica perdida” (Nilce, entrevista/2017). Uma sincronia quebrada por rupturas que aparecem nas formas nas quais se manifestam as mais diversas estratégias dos agentes que produzem a cidade.

⁶⁷ Também conhecida como medusa, é um animal marinho. Existem, atualmente, cerca de 1.500 espécies de medusas catalogadas.

⁶⁸ É uma das armas usadas por elas para distrair seus predadores.

Pensar nos balneários da cidade de Manaus confere um retorno a um passado que se distancia, mas que vale pena retomar. Manaus era serpenteada por igarapés, banhos oníricos, mágicos que traziam em seu bojo o lirismo, os sonhos, entretanto alguns deles em determinados períodos apresentavam perigo as populações”. O imaginário parece, às vezes, a fonte que banha a existência individual ou social, ou o líquido onde estão mergulhados os indivíduos ou grupos sociais e que lhes serviria de alimento” (MAFFESOLI, 2001, p. 75).

As lembranças sempre representam uma vivência com matizes distintos nesse passado que se evoca, nesse imaginário que se expõe. Essas experiências são miscelâneas de algo vivido que, para decerto vivenciá-las, há que se realizar uma escuta precisa do ocorrido que deve evidentemente ser registrada. “O imaginário é algo que ultrapassa o indivíduo, que impregna o coletivo ou, ao menos, parte do coletivo” (MAFFESOLI, 2001, p. 76). Manaus é uma cidade que guarda consigo chaves para desencadear mudanças no que diz respeito aos banhos. São muitos os problemas conexos e que necessitam de um olhar singular. Trata-se evidentemente de formas tensas de uso da cidade caracterizado por descompassos, distorções entre um velho modo de apropriação e usos novos que interfere no modo de vida de cada cidadão.

Pode-se a partir de agora empreender uma ação decisiva para a memória da cidade que é reabilitar caminhos, cursos de água, deixar florescer as nascentes promovendo a ideia de que já aterrámos muito, agora é hora de conservar os resquícios que ainda existem. E nessa vibração nasce a seguinte redondilha menor⁶⁹:

Rios de Ilusão

Um riacho mimoso
Um céu purpuro
Sol vítreo cresceu
O arco íris morreu

Águas agitadas
Banhistas sem medo
Flores encarnadas
Revelam segredos

Uma brisa nos cabelos
Que replica: saudade
Ardor de paixão

Borboletas faceiras

⁶⁹ São estruturados em versos de 5 (cinco) sílabas poéticas (redondilhas menores).

Rolinhas curiosas
Rios de ilusão⁷⁰

O terceiro verso do primeiro terceto expressa a intensidade do viver carregado de ardor e de paixão, mas todo o soneto expressa a forma pueril e quimérica dos banhos vividos. Quando você entreabre a janela da memória, avista cenas e sente cheiros, o cheiro do orvalho, da água, da terra e nos subterrâneos da imaginação a memória evoca sensações com matizes que renovam o viver, o sentir.

É o espaço da intimidade, da realidade que se desarma e se liberta. Pensamentos propriamente arredios e lúgubres poderão subitamente aflorar, mas é içado somente o que se pretende imaginar.

E é nesse movimento que irrompem os banhistas, ditosos de suas histórias, agraciados pelo lazer que o embalavam. Hoje silenciosos contemplam as mudanças que se processam e quando solicitados avidamente relatam suas histórias, seu passado, ecos de vidas trilhadas que marejam os olhos, que transbordam nos gestos e que fervilham a vida.

⁷⁰ Soneto de autoria de Eveline Maria Damasceno do Nascimento

3.3 – As águas de rio, que saudade!

Os rios são bordados com desenhos misteriosos. Em suas vestes o enigma o entalha. São veios d'água preciosos que se exibem férteis e docemente atravessam a terra fertilizando e regando todas as instâncias da vida. E como uma mãe protetora que sacia com o leite da eternidade todos os circuitos da existência, as águas são desígnios que escapam à compreensão humana. As águas, os riachos estão prenhes de histórias, de tristezas, de decepções, de saudades, de encantos e de magia, que percorrem o corpo e o espírito, daqueles que mergulham em seus troncos, em suas moradas e que para além de seu entendimento, projetam-se decerto para o infinito.

Trata-se de um elemento tão vital que excede a compreensão humana. “Compreender é relacionar-se ao particular, único a existir, pelo conhecimento que é sempre conhecimento do universal” (LÉVINAS, 1997b, p. 26). Os hindus vêm na água a purificação que faz com que o ser humano alcance a divindade. São três os rios sagrados na Índia: o Ganges, o Sarasvati e o Yamuna onde anualmente milhões de peregrinos se reúnem para a realização das cerimônias de renascimento espiritual. A água como um elemento emblemático e mesmo na antiguidade já era reverenciado pois que seu valor transcendental excede a qualquer compreensão.

Nesses horizontes de águas revive-se uma cidade que borbulha em lembranças. A cidade de Manaus revela-se dentro desta ótica. Empreender esta tarefa de perscrutar os banhistas, suas lembranças sobre os igarapés robustecidos de águas é tentar discernir os arroubos desse momento de vida, perceber no subterrâneo da memória imagens que se ocultam, é escavar os esconderijos, ir à raiz e nesse lugar encontrar águas onde latejam memórias prenhes de luz e porvir. Ao relembrar as águas dos igarapés Antônio Loureiro chama a atenção para o fato de que “os igarapés todos em volta de Manaus tinham a cor do guaraná, era a cor âmbar, a cor do Rio Negro. Se você colher a água do Rio Negro tem a cor âmbar, ou na beira das praias não poluídas do Rio Negro você vai ter a cor do igarapé” (Entrevista/ 2017).

O tônus imperioso da nossa imaginação impulsiona-se em caminhos variados, Loureiro desperta seu imaginário para relembrar as águas dos igarapés e fala com convicção “Não deixa de ser uma cor de chá porque representava a água da chuva que caía na floresta. Dificilmente você tinha um igarapé de água branca. Um ou outro se chamava igarapé da água branca mas isso era uma raridade” (Entrevista/2017).

Fabrica-se a memória no cotidiano da existência, e é no falar, no sorrir, na intersubjetividade do ser, no despertar para a vida, que se produzem os campos floridos da imaginação, que as lembranças parecem sorrir e lembrar do pitoresco, do saudoso. “O espírito é interioridade, a interioridade é subjetividade, a subjetividade é essencialmente paixão e, em seu máximo, paixão que sente um interesse pessoal infinito por sua beatitude eterna” (KIERKEGAARD, 1971, p. 213).

Forças criadoras revolvem nosso intelecto e abrem fendas em espaços incrustados no fundo de nossa imaginação produzindo lembranças que germinam em puro êxtase do ser. Estas forças da imaginação são efetivamente importantes, de modo que vivifica e imprime o desabrochar de recordações. A saudade dos banhistas ao exprimir suas lembranças evocam um tempo que há necessidade de buscá-lo para garantir sua memória, pois as diferenças e as formas hoje vistas se metamorfoseiam sem precedentes.

O adorno das histórias dos banhos estão na manifestação dos banhistas que, ao contar suas experiências, nota-se aí há um lastro de vida, de densidade em que o mergulho nas histórias contadas não são vãs imagens, mas guardam um devir que adquire substancial sentido ao ser manifesto.

Margareth ainda rememorando os velhos tempos fala da seguinte forma:

Na vila onde morava quando a chuva caía no teto coberto de zinco produzia um barulho gostoso que tenho saudades. Hoje em dia os dias estão muito quentes comparados ao passado mas posso dizer que perto de casa havia muitas árvores, pés de cacau, pupunha, goiaba, jambo, cajá e até uma fruta que se chamava babão e o clima era mais ameno. Hoje está tudo desaparecendo, até a água falam que vai acabar mas eu não acredito nisso não (Entrevista/2017).

As reminiscências de Margarete trazem o ritmo sincronizado da chuva ao cair no teto despertando sensações de conforto. Lembra-se das árvores de um tempo majestoso que amenizava o calor excessivo. Victorino (2007, p. 50) rememora: “as árvores são como bombas naturais que sugam as águas dos lençóis subterrâneos e as levam para a atmosfera em forma de vapor, formando, assim, as nuvens, que novamente voltam a terra na forma da agradável chuva”.

Margareth revela o fato de não acreditar na notícia tão propalada de que a água está acabando. Nesse aspecto Victorino (2007, p. 50) assegura que “a quantidade de água existente no planeta não aumenta nem diminui, e até acredita-se que a quantidade atual de água seja praticamente a mesma de há 3 bilhões de anos, isto porque o ciclo da água se sucede

infinitamente”. O meio ambiente é um ciclo fechado, e as interferências negativas se refletem em todo o ecossistema.

Ao ouvir a fala de Margareth vivencia-se um tempo que produz uma paisagem, que contém ruídos, beleza, símbolos; é o ressurgir de brotos, de alegorias, tudo carregado de significados, de memória. Encontra-se um gosto cálido pelo repouso, o dormir ouvindo o ritmo da chuva ao som do barulho do zinco, sons que penetram nos ouvidos adentrando-se na alma, na ontologia do ser. Para Bachelard (1990, p. 45), “é ao sonhar com essa intimidade que se sonha com o repouso do ser, com um repouso enraizado [...]. É sob a sedução deste repouso íntimo e intenso que algumas almas definem o ser pelo repouso”.

Vê-se aí uma obra coletiva produzida por indivíduos que imersos hoje numa trama capitalista diferenciadora, ainda guarda em seu íntimo reservas de grandes bolhas de lembranças que se abrem como ondas num mar revolto. São imagens que se revelam cheias de vida mas que se esvai pela saudade advinda das mudanças. As marcas de um tempo, estão impressas na paisagem.

Revela-se para além da fixidez aparente da paisagem. Há uma vida que se descortina ao olhar atento. O motor dessa teatralidade é o pensamento. O homem não se dissocia do seu torrão pois aonde ele se encontre, se o vivido fez sentido não importa a distância, vai haver sempre jatos de lembranças como anzóis que fismam peixinhos travessos. Emerge e ganha cores, como se arco-íris matizasse o pensamento. Mas na metamorfose desses espaços o banhista perdido em seus pensamentos tenta adaptar-se aos cambiantes movimentos atuais. E percebe a construção ininterrupta que o acompanha. São mudanças que parecem produzir esquecimento mas que se reaquecem na memória. Aqui ganha atualidade a frase de Hamlet: “lembrar-me de ti pobre espectro? Sim enquanto a memória tiver lugar neste mundo enlouquecido⁷¹”.

A memória dos banhistas de Manaus é também fugidia. Capta-se as imagens, as histórias mas é precisa contá-las, endereçá-las a alguém pois assim como o escultor esculpe suas imagens e crava-as na pedra, precisamos realizar registro desses momentos da cidade que se interpenetram nas folhas, troncos, água do riacho, no ar morno da cidade e no clímax da vida. O vento sopra e os pequerruchos gritam embolados na areia próximo aos igarapés e como num caleidoscópio as imagens da meninada se enroscam com os arbustos onde rolinhas e periquitos agitam-se diante dos murmúrios da meninada. E como pirilampos que acendem e apagam assim é o fluxo do pensamento que se remete aos banhos. “A força individuadora não

⁷¹ Shakespeare, teatro completo - Tragédias, página 557. Ediouro, Rio de Janeiro, s/d.

está mais na matéria e sim na circunstância transcendental que faz com que cada subjetividade capaz de representar esteja centrada em si mesma e represente o mundo em geral de um modo inteiramente pessoal” (HABERMAS, 1990, p.189).

As vozes dos banhistas ainda ecoam e sente-se ainda o zumbido das abelhas, gritinhos de curicas, periquitos, sabiás e o murmúrio dos igarapés cintilantes no entorpecer dos finais de frescas tardes confundindo-se com o balbuciar dos banhistas em sons ininteligíveis e as águas refletindo a abundância de vida. Bachelard (1998) considera que se o olhar das coisas for um tanto suave, um tanto grave, um tanto pensativo, é um olhar da água.

Com o olhar cansado da lide e labuta cotidiana o banhista olha para as paisagens existentes e se extasia com as imagens que se espriam em sua mente na perspectiva de um mundo real. São memórias, abstrações, que expressam a frase de Lispector:⁷², “ o real eu atinjo através dos sonhos. Eu te invento realidade. E te ouço como remotos sinos surdamente submersos na água badalando trêmulos”.

Margareth, nossa entrevistada, ao falar sobre as águas, afirma o seguinte: “acho bonito os igarapés quando eles estão calmos, pois parecem um espelho. Penso ser difícil retratar no papel tais brilhos”. A água é certamente um convite a divagações e como assinala Bachelard (1998, p. 333), “o reflexo sobre as águas é a primeira visão que o universo toma de si mesmo, que a beleza acrescida de uma paisagem refletida é a própria raiz do narcisismo cósmico”. Poder-se-ia dizer, que a água, sob certos aspectos, apodera-se do universo, capta a beleza do cosmos e reflete seu frescor.

O livro sagrado do Alcorão expressa as maravilhas das águas e sabe-se que este líquido livre dos grilhões que o deprime em virtude de sua gradual contaminação é de uma colossal grandeza que não se deve jamais profanar tal a importância. A água, nosso bem límpido, agitada por ventos alvissareiros que a embala equânime e indulgente, dá vida à natureza. É o que confere o Alcorão (2006, p.158), quando fundamenta sua origem no Criador e assim profere:

É Ele quem envia a água do céu. Com ela, fizemos germinar todas as classes de plantas, das quais produzimos verdes caules e, destes, grãos espigados, bem como as tamareiras, de cujos talos pendem cachos ao alcance da mão; as videiras, as oliveiras e as romãzeiras, semelhantes (em espécie) e diferente (em variedade). Reparai em seu fruto, quando frutificam, e em sua madureza.

⁷² LISPECTOR, Clarice. A Hora da Estrela. 23ª Edição s/d.

As águas são espelhos que refletem a humanidade e possuem segredos não revelados. Conforme sua composição e as circunstâncias de sua morada constituem-se de inúmeras vestimentas: águas claras, escuras, barrentas, de várias matizes. Sua origem é mistério mas o que representa é vida. Para Morin (2003, p. 36), “a vida é um fungo que se formou nas águas e na superfície da Terra. Nosso planeta gerou a vida que se desenvolveu de forma líquida no mundo vegetal e animal”. A fala de Morin nos remete ao grande pensador pré-socrático Tales de Mileto⁷³ que acreditava ser a água a fonte última da vida e de todas as coisas.

O ingrediente principal dos banhos é a água, água esta que está presente nas casas dos banhistas, nas torneiras da pia, do chuveiro e a qualquer instante podem ser utilizadas. Mas a água requerida nesta tese é aquela que alcança o corpo de uma forma que o embale como uma rede, que o envolva por completo, que seu corpo se expresse nessa rede, nessa morada e que com as mãos e pés o banhista cavalgue nessa relva molhada. Uma vez que as mudanças se processam em diferentes escalas, instaura-se o adensamento da população, muda-se o perfil dos moradores e com isso quebra-se o ritmo de vida bucólico, esfacela-se os laços afetivos e afigura-se manchas de estranhamento.

Nilce se expressa da seguinte forma: “Hoje percebo um aumento de crianças tristes, como se o mundo as expulsasse. Tenho visto muitas coisas nesse sentido que me espanta” (Entrevista/2017). Nossa entrevistada relata fatos relacionados a melancolia que acredita ser em razão do distanciamento das crianças com o mundo natural. Ou seja, o contato das famílias nos banhos com os filhos era extremamente salutar para o equilíbrio da criança e com o esfacelamento desse mundo há uma carga tão grande de imposições que o suporte emocional da criança parece não dar conta, daí as crises existenciais.

O ato de preparar as crianças para a sua ida aos banhos, arrumando suas roupinhas, cuidando de suas guloseimas e conversando sobre o seu dia já seria suficiente para a manutenção da qualidade sadia de um ser para sentir-se amado. Os processos constitutivos da vida de hoje assenta-se muito em déficits de valores em uma sociedade profundamente cindida por ganhos materiais.

Os banhos são importantes até para a saúde mental. E para as crianças é muito relaxantes. Esvazia-se a mente e o cérebro adquire uma força que equilibra todos os sentidos e músculos cerebrais. Hoje, vive-se na busca de ganhos que concorram para uma maior aquisição de bens materiais e se permanece no estranhamento de filhos e crianças da

⁷³ **Tales de Mileto** foi um importante pensador, filósofo e matemático grego pré-socrático. Para ele, a **água** era o principal elemento, a essência de todas as coisas.

vizinhança que cresceram tão rápidos e que não foram vistos seu crescimento. Costuma-se dizer: Meu Deus, esse menino cresceu e eu nem vi. Sim, são os elos perdidos.

Nos banhos via-se o crescimento da meninada. Sentia-se o calor de suas falas tão próximas, seus resmungos, cheiros de pirralhos suados, queixas e também suas risadas. Hoje o viver está assentado em uma série de valores que empurram a proximidade e as crianças perdem seus elos de efetiva afetividade. Cresce-se no vazio onde os meninos não podem pular, gritar, sentir o chão molhado, os pés descalços. E vivem no concreto, no duro, no asfalto e asfaltadas ficam suas mentes pois crescem como espectros, sonâmbulos querendo correr e não correram, desejosos de brincar na chuva e não brincaram. Vazio que esses meninos vivenciam em quartos dourados e gemem na solidão de dias umbrosos, em quem humanos-robôs o acompanham no desconhecimento de seus segredos, de suas dores aonde o amor parece sucumbir. “O conceito de amor implica no reconhecimento do outro como verdadeiramente outro, pois cada indivíduo o é em singularidade e interioridade, a partir da subjetividade que é o elemento natural do humano” (KIERKEGAARD, 2005, p. 211).

A pedagogia dos banhos é uma forma simples de contato com o cosmos que reverbera numa dinâmica capaz de trazer ao homem um desfrute que preenche muitos vazios. Todo o corpo frui e todo elo que o envolve ajuda no equilíbrio do ser. Certamente que outras formas de lazer são também importantes mas a ida com a família, amigos, e até avós como era habitual em tempos pretéritos gera suportes emocionais necessários ao equilíbrio. Ao presenciar os elementos naturais: o sol, as plantas, os passarinhos, sentir o contato dos amigos, presenciar o riso de seus elos mais próximos desencadeia no homem sensações de pertencimento tão salutares para o desenvolvimento cognitivo da vida.

Ao contemplar um lago tranquilo com seus reflexos saudando o infinito sente-se que a água sendo um elemento primitivo da vida tem sua existência, beleza e mistério na eternidade. Seus fundamentos são insondáveis entretanto o que deve ser acentuado é que o homem a conceba como um bem maior posto que é um patrimônio para não ser dissipado.

Os banhos, ao serem ameaçados, retiram do homem certos laços de vida. Os recursos naturais hoje estão se degradando a olhos vistos, é grande a contaminação das águas e talvez a aparente abundância justifique certa desatenção com os recursos hídricos. Para Victorino (2007, p. 20), “não existe tanta água potável disponível como a paisagem nos faz ver. O que na realidade temos como água potável é apenas 0,03% do total de água do planeta”. Esse

percentual poderia receber cuidados especiais, no entanto, o mundo parece exaurir de forma natural seus principais aquíferos⁷⁴.

As águas estão sendo poluídas de resíduos urbanos, industriais e agrícolas. Mesmo em países industrializados, onde vigora a legislação sobre a qualidade da água, a poluição ainda é um problema que incomoda. Nos dizeres de Victorino (2007, p.23), “o desenvolvimento urbano também faz com que aumentem as áreas impermeáveis [...]. Como a água das chuvas não consegue se infiltrar no solo, automaticamente, o volume adicional escoar para o sistema de drenagem em direção aos rios”. Muitas áreas que antes tinham quantidades em recursos hídricos, começam a dar sinais de escassez, e a explicação é o desperdício com a exploração excessiva, o assoreamento dos rios e a poluição das fontes.

Percebe-se uma preocupação crescente em torno da água. O futuro parece representar ameaças aos povos que não mais contemplam caudalosos rios e aqueles igarapés que ainda existem estão contaminados, em virtude do propalado progresso que se alastra nas cidades. O que se pode compreender é que água existe em abundância haja vista os grandes mananciais existentes no planeta. O que ocorre é que em termos de distribuição e gestão ainda há muito que se fazer. Victorino (2007, p.75), chama a atenção para o fato de que,

12 mil lixões existentes no Brasil, 63% estão instalados na beira de rios e mananciais. A deterioração dos mananciais que abastecem principais cidades, em razão da ocupação imobiliária, do planejamento urbano sem visão estratégica e do desenvolvimento industrial sem planejamento, está acabando com as fontes de abastecimento de água.

Não há ainda uma compreensão sobre a gravidade da contaminação dos lençóis subterrâneos. Faz-se necessário dispor de tecnologia aliada a educação para que o uso desse recurso traga benefícios e não prejuízos à população. Para Victorino (2007, p.75), “as águas subterrâneas estão armazenadas em grandes profundidades do solo e alimentam os rios de maneira permanente”. Há necessidade de considerar o aquífero, o bem natural, o que supõe a ideia de uma administração participativa em favor do bem maior que é a coletividade.

Os povos precisam dar atenção redobrada para a água, bem natural necessário à vida. Sem ela não há vida. Extrai-se de seu âmago desde o início da vida uma quantidade infinita de alimentos, de substâncias e nutre-se diariamente desse bem que é como farol que clareia e transporta a humanidade. Dá vida ao homem, animais e plantas e seu ciclo é orquestrado por forças cósmicas que desafiam os mais exímios especialistas. Os governantes e a população da

⁷⁴ Um aquífero é uma formação ou grupo de formações geológicas que pode armazenar água subterrânea.

cidade de Manaus precisam sair do processo depredatório e ver com urgência as perdas no que concerne a este recurso. As metamorfoses pela qual Manaus tem passado ainda não conseguiram suprir as demandas desse mineral requeridas pela população.

Os recursos hídricos requerem um olhar. É preciso valorá-los apostando na sua importância. Há que se pensar em um controle cabal de seu abastecimento de modo que todos os bairros, todas as entranhas da cidade tenham acesso regular no que diz respeito a potabilidade, ao monitoramento, ao eficiente cuidado com os resíduos sólidos para que não ocorra contaminação desse bem.

A tônica da relevância desse elemento natural deve ser repassada às crianças ainda no maternal. Nos primeiros anos de aprendizado importa incutir em seus intelectos o valor dos recursos naturais, sobretudo ouvir sobre a água, a pureza, o cuidado, só assim se fortalece uma nação, ao crescer, absorvendo valores que estruturam o patrimônio de ideias que vai se constituir na identidade de uma nação.

Ao elaborar programas de Educação Ambiental, os órgãos públicos ambientais, devem produzir um conhecimento da história de Manaus. É preciso levar ao conhecimento público os efeitos dos aterros, mostrar as crianças os espaços que foram aterrados, não culpabilizando uma geração por determinadas decisões no que diz respeito à política de embelezamento da cidade, mas dar condições de compreensão para que a natureza esteja sempre na linha de frente.

Faz-se necessário adotar as tecnologias desenvolvidas para se pensar em alternativas no que se refere à preservação de nascentes, manutenção de igarapés, medidas que se configurem em estratégias para um melhor entendimento sobre a gestão da cidade. Tem-se hoje um conjunto de ações que certamente podem ser tomadas, que envolvem vultosos capitais mas que os resultados possam minimizar efeitos danosos à cidade. Tais mudanças podem ser engendradas nas decisões futuras.

A cidade hoje defronta-se com um processo de modernização que inviabiliza o desenrolar pleno do cotidiano quando nos coloca diante de uma situação que extermina o natural e avilta os espaços naturais deteriorando os lugares prechos de vida. Vislumbra-se na cidade o aprofundamento de suas contradições, haja vista que para a cidade florescer há necessidade do uso coerente de todos os seus recursos em sua plenitude. Ou seja, o seu desabrochar se funda com o desvelo. E no que diz respeito a cidade de Manaus deve-se lutar de forma hercúlea na conservação de suas nascentes.

Ora, se o mundo hoje enfrenta graves problemas referentes à falta de água, e as nascentes existentes são relíquias cobiçadas por inúmeros povos sequiosos desse bem, os

governantes não devem se dar ao luxo de obscurecerem e camuflarem nosso ouro líquido em detrimento de construções em áreas inundadas. Constrói-se algo relevante no que concerne a habitabilidade por cima de algo fundante e crucial para o desenrolar da vida. Ou seja, cobre-se um coração e constrói-se em cima uma perna, cobre-se um pulmão para construir uma boca. Dissocia-se a visão de compreensão das funções na medida em que confunde e mistura o relevante com o fundante.

Várias cidades do Brasil fizeram o mesmo pacto. É só vermos o exemplo da cidade de São Paulo, antes rica em riachos acabou se dissociando de suas formas naturais e hoje encorpados de arranha-céus têm vivido cheias inomináveis onde inúmeras pessoas tem suas vidas ceifadas levadas pelas alagações decorrentes da ação antrópica,

A dinâmica de cobrir os espaços que são indesejados revelam o modo de existência e decisão de um povo. Para Meneses (1996, p.93), “o valor cultural não está nas coisas, mas é produzido no jogo concreto das relações sociais”. O que se chama de bens culturais não tem em si sua própria identidade, mas a identidade que os grupos sociais lhe conferem.

O caminhar dos nossos passos, o movimento de nossas ações, nossos atos apontam o modo como nos apropriamos do mundo, marcado por uma relação significativa posto que a natureza oferece uma plêiade de dádivas e o homem a concebe conforme seus interesses. As dádivas devem ser retribuídas de forma que redundem em respeito mútuo, tal qual Mauss (2003, p. 263) menciona, como se dão as trocas nas sociedades indígenas por ele examinadas: “se coisas são dadas e retribuídas, é porque se dão e se retribuem respeito”. Verifica-se que nessas sociedades há uma troca no sentido de retribuir à natureza os bens ofertados. Parece haver uma satisfação em receber os bens e de forma generosa retribuí-los. “As trocas não são exclusivamente bens, riquezas [...]. São, antes de tudo, amabilidades, banquetes, ritos [...]. Trata-se, no fundo, de misturas. Misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas” (MAUSS, 2003, p. 212).

Note-se que não são indivíduos, são coletividades que se obrigam mutuamente, em que cada uma dessas obrigações criam um laço de energia espiritual entre os autores da dádiva. As sociedades atuais parecem, de certa forma, possuírem uma conduta indiferente. Sartre (1997, p.474), considera que “os outros são reduzidos a meros instrumentos, a ferramentas que podemos utilizar para satisfazer algum capricho”. Caminha-se com pisadas carregadas de auto- suficiência como se o mundo estivesse desdenhando dos reles mortais. Pratica-se segundo o autor uma espécie de solipsismo em que o indiferente age como se estivesse sozinho no mundo..

No que se refere a cidade de Manaus percebe-se que as dádivas que são os banhos desapareceram para dar lugar a novas formas de apropriação do espaço apresentando como tendência a destruição dos referenciais urbanos, o que denota a incessante busca pelo novo rompendo com a antiga morfologia da urbe. Novas arquiteturas se constroem por cima de nascentes e a fragmentação do espaço é percebida uma vez que se perde também a identidade. Suprime-se o fértil, o jocundo e dias umbrosos fazem morada tal qual vertigem nos arredores e nas curvas das ruas da cidade. Revela-se uma paisagem em constante transformação onde referências individuais e coletivas são destruídas e se percebe a fragilização de valores já consolidados que se esfumam nesse processo de rápidas metamorfoses concernentes a cidade. Ora, pensar tais valores enquanto reprodução da vida significa perceber que o vivido necessita ser revigorado sob pena do naufrágio da memória de um momento ímpar da cidade de Manaus.

As marcas do passado histórico se revestem de identidade quando são verbalizadas pelos banhistas durante as entrevistas. Nilce percebe o estranhamento porque as formas mudam rapidamente. E sua fala atesta o atual empobrecimento das relações. Vejamos: “hoje as pessoas não tem mais humanidade. Não querem saber de nada. Ninguém quer saber dos velhos. Eles nem querem andar com os velhos. Antes as pessoas iam para todo canto juntos, não era só para banhos” (Entrevista/2015). O modo de pensar de Nilce reflete suas impressões diante das idiossincrasias dos ser. Nilce percebe as mudanças engendradas e tudo isso corrobora para o esfacelamento das relações familiares. Um novo modo de apropriação do espaço nos é imposto o que é percebido pelas transformações na morfologia da cidade. Nilce resente-se desse tempo cada vez mais efêmero e mutante pois a apropriação do espaço se processa deixando entrever um mundo indiferente, com novos padrões e formas de adaptação. Vê-se que a relação com o outro sofre abalos e há necessidade da construção de novas identidades que vão se realizar através de novos parâmetros.

Em grande medida uma nova gestão do espaço se afigura, é uma nova racionalidade que emerge, que se constitui não mais tecida por linhas de contato de famílias que se agrupam para o uso. Mas de indivíduos robotizados onde o valor de troca e o comércio se fazem presentes e altaneiros. Aprofunda-se a fenda e ao desligarmos o indivíduo de seu solo natural, o petrificamos. A vida cotidiana resente-se ao perder as referências de espaço. Tem-se um espaço imposto que se ufana de revelar urgência no fazimento da vida. Nos banhos de Manaus o escorrer do tempo dava-se tal qual caramelo que ao ser saboreado dá sempre um gostinho de quero mais. Hoje, os modos de apropriação do espaço inscreve-se no ir e vir de

indivíduos preocupados com o escorrer das horas numa ânsia constante da contagem da flecha do tempo.

Constitui-se em grande medida relações efêmeras que determinam a construção de novas identidades num processo marcado pela instantaneidade, ou seja, configura-se aí relações que medeiam o obsoleto.

Novos contornos da cidade se afiguram como racionalidades que expressam um caminhar capenga onde os habitantes surpreendem-se com o novo mas o absorvem gerando o estranhamento o que obriga o indivíduo adaptar-se constantemente.

Raimunda, nossa entrevistada, natural do município de Lábrea banhado pelo rio Purus, evoca as peripécias neste rio tão caudaloso e barrento entrementes tão seminal e envolvente. Ao reconstruir certos aspectos de sua vida, salienta um mundo saudoso carregado de significados afetivos onde as lembranças do rio é Purus é lembrada, a saber:

Lembro muito na janela de casa eu meus irmãos observando os paus descendo do rio cheios de gaivotas, garças por cima das canaranas⁷⁵, e era uma grande quantidade de paus caídos que desciam no rio. Eu gostava muito de olhar. E como esquecer o pé de limão que a tardinha vinha uma revoada de passsarinhos? Era tantos pássaros. Eles voavam e voltavam umas 5:30h da tarde para dormir. E lembro que por cima das balsas tomávamos banho de cuia naquelas águas que deixam muitas saudades (Raimunda, entrevista/2017).

Ergue-se na memória de nossa informante uma lembrança dos banhos de cuia ao lado de sua casa. Pode-se sentir as ressonâncias, recordações de um passado que espelha frescor. Os banhos de cuia repletos de sonhos ainda fervilham em seu espírito momentos em que o sol fazia inveja a lua e quando esta aparecia os pirralhos já estavam em casa sonhando com juritis e jaçanãs, que povoam seu sono, cansados de tanto brincar. A natureza fornece a meninada imagens etéreas que vão povoar seu imaginário até a vida adulta. O coração de Raimunda parece evocar Baudelaire (1857, p.73), no seu livro *As flores do mal* no poema Uma viagem a Cítera: “Meu coração, uma ave, esvoaçava ditoso,/ Livremente planava em torno da cordoalha;/ E movia-se a nave a um amplo céu sem falha, /Como um anjo embriagado a um alto sol radioso”. Na simples experiência de Raimunda exprime-se um devir, algo ontológico que se pode traduzir no *logos* no qual um emaranhado de experiências

⁷⁵ É uma planta da família das gramíneas que cresce às margens dos rios e lagos. Desenvolve-se de tal forma que chega a obstruir a passagem, dificultando a navegação. Esta planta é usada para a alimentação do gado. Muito útil para o criador da região amazônica.

evoca bem estar. Estão imbricados olhares contemplativos expressos na alegria de sua fala o que tonifica a vida.

A sua vida no interior foi plasmada por águas, cindida por esse líquido misterioso, todavia na cidade de Manaus é das águas do Parque Dez de Novembro que tem lembranças mais fortes, pois este balneário faz parte de sua vida sentimental. O cheiro e o gosto dos buritis ainda evocam em Raimunda os banhos na cidade de Manaus, é algo ontológico que a faz acreditar na vida enquanto repouso, sensações. Parece um detalhe ínfimo da vida mas se converte em cores, sabores que emanam dos riachos, das águas. Detalhes singulares que representam a soma das impressões de Raimunda que se designam em simbologias. E é nessa vivacidade que uma simples trova⁷⁶ aflora como expressão da liberdade da linguagem.

Ficou pronta a criação
Sem um defeito qualquer
E conseguiu a perfeição
com o meu igarapé⁷⁷

O jogo de linguagem é o da intimidade que abriga ideias compreendidas no espaço da imaginação. O terceiro verso da prosa dá uma ideia de completude. É a sintaxe da natureza, da vida, de tudo que respira, que se nutre da dissolução dos elementos mas também de seu renascimento, de seu devir. Eis o esquema da vida: essa combinação de elementos que se entrecruzam com o passado e o porvir, que suscita a envergadura das experiências que se acumulam e desabrocham na fala dos banhistas.

A linguagem dos banhistas não é metafórica mas uma realidade convidativa onde o ruído de seus discursos ensinam a compreender o natural e amar o simples.

O passado oferece nas recordações de Raimunda um sentido novo, pois pertence à memória; é o lembrar-se que elucida o jogo da vida e toda a trajetória de banhistas que cresceram e descobriram um modo de viver no usufruto de legítimos bens. O ato de morar no interior do Estado conferiu a entrevistada um ambiente favorável para uma visão ampla dos inúmeros rios e riachos que circundaram sua infância. Esses igarapés tão queridos inundam sua memória e a sedimentam. São rios, riachos, cachoeiras, córregos que revelam a vida de Raimunda cheia de significados preenchida por movimentos de águas, líquidos e gostos que

⁷⁶ A trova é uma poesia formada por uma única estrofe (poesia monostrófica), com sete sílabas métricas ou poéticas (redondilha maior) em cada um dos seus quatro versos, que devem oferecer ao leitor o significado completo da mensagem a ser transmitida.

⁷⁷ Trova de autoria de Eveline Maria Damasceno do Nascimento.

transbordam em sua fala. “O rio diz ao homem, o que ele deve fazer. E o homem segue a ordem do rio. Senão, sucumbe” (MELLO, 1987, p. 24).

Os igarapés são moradas de um punhado de arvoredos, de capins, de passaradas, de insetos e de animais cuja morada é fértil e é salutar habitá-los. As imagens desses banhos integram a plástica da cidade, que aspiram à leveza de uma vida bucólica e ideal aonde se respira o cheiro de águas tranquilas, o odor da terra molhada e se percebe o farfalhar das folhagens agitadas pelo vento. Tratam-se de apriscos onde comumente o espírito que os habitam repousa e resolutamente se inspira. Na redondilha maior⁷⁸ que se intitula Soneto das Nascentes revigora-se o valor de águas puras.

Soneto das Nascentes

Meu torrão é mais bonito
Onde límpidas nascentes borbulham
Água de boa qualidade
Transparentes e puras esturram

Cabeceiras que jorram dádivas
Mananciais que abastecem
Onde a água brota limpa
E tudo não mais fenece

São águas que minam limpinhas
Armazenadas no subsolo
Desfilam assim clarinhas

Lágrimas do amor! Saudade
Não deixe deus que o homem
Só cause infelicidade⁷⁹

O soneto evoca a beleza de um lugar quando favorecido por ricas nascentes. E deixa implícito no último terceto que o homem não mais permita que as nascentes se escondam em mansões taciturnas, estagnadas na irrealidade. Pretende-se superar ideias de nascentes aterradas, confinadas e restituir paulatinamente as lembranças que se fundam num passado que parece estreito mas que se alarga tal qual posto no soneto. Subsiste a vontade de eternizar-se e mesmo ao parecer camufladas, o primeiro verso do segundo quarteto nos dá a certeza de sua riqueza e magnitude.

⁷⁸ É um verso com sete sílabas, também conhecido como Heptassílabo.

⁷⁹ Soneto das Nascentes de autoria de Eveline Maria Damasceno do Nascimento.

Dolorosamente contidas as águas aterradas parecem habitar num baú de séculos passados e vibram para respirar no regaço de um olho. Adentrar essas nascentes é perder-se em suas veredas, é espantar-se ao reconhecer a grandeza da criação. Uma ambiência que permite sonhos e divagações. Há que se pensar no cuidado, na vigília não deixando que o poder público se omita quando houver recursos naturais em jogo. Carvalho e Francisco (2003, p.4) consideram que “é necessário resgatar a vontade do legislador em proteger o meio ambiente e os recursos hídricos. É na cidade onde mais se precisa das APP⁸⁰, inclusive, entre outros aspectos, para minimizar o impacto intensivo da urbanização”. Percebe-se o valor das águas, e como pensa Bachelard (2002, p. 65): a água “[...] deve comandar a terra. É o sangue da Terra. A vida da Terra. É a água que vai arrastar toda a paisagem para seu próprio destino”.

As nascentes que fluem uniformemente durante o ano, independente de seu entorno estar ou não coberto de vegetação, devem ser protegidas contra qualquer agente externo que venha a romper o equilíbrio vigente, diminuindo a quantidade e a qualidade da água⁸¹. A água recurso natural e estratégico não se distribui de forma igualitária no globo, o que já começa a despontar conflitos em torno desse bem. Em alguns países tensões entre governos no que concerne a água já se fazem presentes. Para Pena (2017)

O Oriente Médio é um dos locais onde mais acontecem e podem acontecer disputas pela água. Aliás, ela já foi motivação para algumas ações em uma área de grande tensão política: em 1967, durante a Guerra dos Seis Dias⁸², Israel invadiu as Colinas de Golã⁸³, na Síria, tanto pela sua posição estratégica quanto pelo fato de essa localidade abrigar as nascentes do Rio Jordão, necessárias tanto para os israelenses quanto para a Jordânia.

Percebe-se que em décadas passadas disputas por nascentes já ocorriam derivando com isso tensões entre países. São relações eminentemente dialéticas e constitutivas de uma realidade que emerge e aflora de forma significativa. O autor também enfatiza que atualmente, no território da Palestina, a população local é privada de ter acesso às fontes locais pelo próprio governo de Israel, sendo um dos fatores que elevam a instabilidade política em uma área com grandes desertos e pouco potencial hídrico.

⁸⁰ Área de Preservação Permanente.

⁸¹ Teixeira, Silvana. www.cpt.com.br Ou <https://www.cpt.com.br/cursos-meioambiente/artigos/nascentes-importancia-processo-de-recuperacao-e-conservacao-da-agua>. Consulta realizada em 13/10/2017.

⁸² A Guerra dos Seis Dias foi um conflito armado que opôs Israel a uma frente de países árabes - Egito, Jordânia e Síria, apoiados pelo Iraque, Kuwait, Arábia Saudita, Argélia e Sudão.

⁸³ s Colinas de Golã estão localizadas no estado de Alconeila, sul da Síria, onde está o Monte Sheik, onde nasce o rio Jordão, de grande importância religiosa, pois, foi onde Jesus foi batizado.

Os conflitos que se anunciam em que países passam a invadir ou controlar outros territórios em busca da obtenção de água ou a sua importação a um menor custo começam paulatinamente a germinar. A lógica em outras regiões do mundo parece ser a mesma: a disputa não é só pela água em si, mas pelo controle de suas nascentes ou por uma maior cooperação entre os países em cursos d'água que percorrem vários territórios políticos, afirma (PENA, 2017). O que se pretende deixar claro neste debate é o fato de que as disputas estão voltadas para a riqueza de nossa região. Os olhares de cobiça se voltam para a Amazônia.

CAPÍTULO IV- A PERDA DOS RECURSOS HÍDRICOS E A QUESTÃO SOCIOAMBIENTAL DE MANAUS

Trabalhar com sustentabilidade. É plantar um presente que garanta a subsistência das novas gerações [...]. Pois melhor que plantar árvores, despoluir rios, proteger animais, É semear a consciência de que a garantia da vida é respeitar as fronteiras da natureza.

Nildo Lage

4.1 – Aterror os igarapés e cursos d'água: uma agressão ao meio ambiente.

Manaus, a antiga cidadela provinciana com suas peculiaridades e idiossincracias orgulhava-se de seus artigos naturais provenientes de sua riqueza colossal. Antes da atividade da borracha suas ruas eram desprovidas de um traçado regular porque era ladeada de uma grande quantidade de igarapés que se exibiam. Durante o período provincial, esse lugarejo apresentava uma forma pacata e simples onde uma farta vegetação e uma quantidade significativa de igarapés serpenteavam o traçado desse bucólico lugarejo.

A cidade de Manaus naquele momento histórico revelava-se voluptuosa com inúmeros caminhos de água que se regalavam no leito de terras serenas. Seu modelo ainda que majestoso seguia um traçado de ziguezague em conformidade com os igarapés obedecendo um ritmo peculiar definido pelos elementos naturais. As construções ainda tímidas propagavam-se pelas colinas e os viajantes ao adentrar a essas paragens deviam empreender difíceis viagens. Antes do ápice da borracha a cidade parecia não possuir um modelo definido, seguia uma lógica natural acompanhando o embalo dos igarapés. De acordo com Almeida e al (2012, p.3), “o aspecto urbanístico da cidade não era muito organizado, apenas um aglomerado definido de acordo com os caprichos da natureza: diversos igarapés recortavam irregularmente a cidade e estabeleciam os limites de alguns bairros”.

O mapa da cidade (figura 1) revela o traçado de um pequeno povoado que conforme Almeida et al (2012, p.5), “tinha como pontos extremos o Hospital de São Vicente à esquerda, e à direita o Largo dos Remédios, enquanto que no sentido Norte o ponto mais distante era o Campo da Pólvora que ficava por trás do bairro Campinas”.



Mapa 1- Planta da Cidade de Manaós em 1852, na qual se pode perceber a informalidade dos assentamentos, buscando adaptar-se à acidentada topografia, entrecortada por igarapés.
Fonte: Jorge Herrán.

Com base na planta croquis de 1852, pode-se perceber na área central de Manaus conforme Oliveira (2003, p. 153), “a existência de (sete) igarapés que drenavam o incipiente núcleo central e os primeiros bairros da cidade- igarapé de Manaus, São Vicente, Monte Cristo, Bica da Boa Vista, Aterro ou Remédios, Espírito Santos e Ribeira da Nau”. A forma da cidade traz com traço marcante a rede de igarapés de pequeno curso d’água, que num dado período histórico modelaram o sítio urbano, formando um conjunto de elementos condicionadores do traçado da cidade⁸⁴.

Em 1893, foi traçada uma nova planta para a cidade de Manaus (figura 02), na qual se pode ver conforme Almeida et al (2012, p.6), “uma malha urbana bastante ampliada, com um desenho rigidamente organizado. Nesse momento, o objetivo era inserir a cidade em um novo modelo urbanístico, e para isso, seria necessário o seu redimensionamento”.

⁸⁴ Ver Cidade de Manaus: Visões Interdisciplinares Organizado por José Aldemir de Oliveira In: A cidade de Manaus: a análise da produção do espaço urbano a partir dos igarapés. VALLE, Arthemísia de Souza e OLIVEIRA, José Aldemir. Manaus: EDUA, 2003.



Mapa 2- Carta Cadastral e arrabaldes de Manaus em 1893, na administração de Eduardo Ribeiro. Fonte: Álbum do Amazonas, 1901-1902.

O novo modelo urbanístico adotado era baseado num traçado em forma de tabuleiro de xadrez, e as obras, a partir daí, fizeram com que colinas fossem aplainadas, os igarapés, aterrados, e as ruas avançassem em direção à mata. A cidade passou a ter dois patamares: um voltado para o rio e outro que dele se distanciava, incorporando as áreas de mata ao quadriculado do novo traçado⁸⁵.

O plano de embelezamento⁸⁶ da cidade de Manaus contribuiu para a insalubridade da cidade, fazendo surgir mais doenças, com esta pratica de aterro e desaterro de pântanos e igarapés, transformada em rotina no cenário urbano, devido a uma busca desesperada em proporcionar espaços considerados higienizados.

Percebe-se que havia uma urgência em transformar a cidade, em transpor todos os obstáculos que a deixavam informe. Poder-se-ia supor que essas metamorfoses iam rompê-la da insularidade, integrando-a num universo pomposo ao ponto de atrair vultosos capitais. Eduardo Ribeiro, governador do Amazonas à época, não se furta em aplainar todos os relevos

⁸⁵ Ver Almeida e al, 2012, p.7.

⁸⁶ O Plano de Embelezamento de Eduardo Ribeiro, está descrito em seus relatórios e mensagens, assim como no Código de Posturas de 1893 (Lei n. 23 de 6 de maio de 1893), no qual seus apontamentos privilegiam o “aformoseamento” da cidade, dentre outras necessidades. As diversas intervenções e obras contidas no Plano, propostas por Ribeiro, visavam dotar a cidade de infra estrutura urbana como iluminação elétrica, abastecimento e distribuição de água, sistema de esgotos, construção, nivelamento e alargamento de ruas, calçamento de vias e passeios, construção de pontes, serviços de telefonia, serviço de bondes, diversos edifícios públicos, arborização e limpeza urbana, ajardinamento de praças, aterro de igarapés, entre outras.

acidentados do solo para permitir, evidentemente, um fluxo dinâmico na cidade que parecia dia a dia agigantar-se a despeito de muitos embrólios durante a execução dessas mudanças

Se fizermos uma comparação entre a planta de 1893 (figura 2) com a de 1852 (figura 1), perceberemos o quanto a cidade cresceu, estendendo-se, principalmente, nos sentidos Norte e Leste, ultrapassando os limites naturais determinados pelos igarapés de Manáos (1) e do Bittencourt (2), avançando até o igarapé da Cachoeirinha (3), sendo ao norte delimitada pelo Boulevard Amazonas⁸⁷.



Planta da Cidade de Manaós em 1852, na qual se pode perceber a informalidade dos assentamentos, buscando adaptar-se à acidentada topografia, entrecortada por igarapés.
Fonte: Jorge Herrán.

Essa nova planta apresenta uma mudança significativa em relação ao modelo anterior. Na primeira planta pode-se fazer a analogia de uma vela acesa. Ali se encontravam os córregos, riachos, nascentes, pequenos cursos d'água, e também o sapo, a rã, grilos onde todos os seres estavam compenetrados numa única chama, condensados no seu pequeno vilarejo. É marcada por uma singularidade em consonância com o seu estágio primitivo onde as ruas procuram adequar-se aos contornos dos ingênuos riachos que desfilam junto aos jubilosos arvoredos. O que lembra uma única chama que se constrói e se destrói num mesmo ritmo posto que permanece no compasso único de um mesmo traçado, de um mesmo clarão.

⁸⁷ Ver Almeida et al, 2012, p. 7.

A segunda planta exprime uma cidade que não mais se ilumina com velas pois agora exhibe-se ostensivamente tal qual um candelabro. Retira-se seu véu de cidade simples e acrescenta-se agora bens importados, muita prata portuguesa, cristais italianos, charutos cubanos, uma realidade oferecida a uma classe mais abastada onde linhos, ricas pedras, perfumes, vasos, leques, cartolas deleita-a de sonhos. Aqui os elementos não mais se constroem e se destroem num único ritmo, vê-se aqui uma infinidade de ritmos, traçados e aromas que se evolvem além da cidade.

Abrem-se as portas para uma corrida desenfreada de metamorfoses que a cidade quase não consegue sorver. Adensa-se uma população rarefeita que tenta se concentrar na urbe e é onde novos elementos, novas configurações se superpõem. As ruas e praças se arvoram em beleza com aspectos garbosos dando um ar de autoridade, reflexo de uma sociedade que parecia robusta mas que nas entranhas carregava o lado faceiro e prosaico da velha cidade.

O aspecto visual da cidade encontra-se vinculado a padrões exógenos com construções de largo porte reproduzindo certas características do modelo europeu. O espaço urbano torna-se palco para a imposição da ideologia sustentada pela necessidade do capitalismo em alimentar a hegemonia das classes dominantes, configurando transformações contínuas em sua aparência, em suas formas, em seus conteúdos e significados, impondo preceitos de civilidade e de higiene. Para Daou (2000, p. 24),

As cidades foram, em todos os países, os cenários mais espetaculares da *belle époque*. Intervenções urbanísticas modernizaram ou renovaram feições, expressando a realização dos anseios e dos desejos das elites em se mostrarem progressivas e afinadas com o gosto europeu. No Brasil, a renovação das cidades, o afastamento das classes pobres dos limites urbanos, a implantação de uma estética que rompe com os padrões coloniais e o cosmopolitismo são parte de um vocabulário comum nas cidades progressistas transformadas pelo urbanismo técnico, pelas medidas higienizadoras e pelas medidas de controle social”.

Manaus estava dotada de um ritmo e clima bem festivo que parecia que a cidade sorvia um ar parisiense e o centro da cidade oferecia ao público hotéis, teatros e cafés que contribuía para recriar o clima europeu nos trópicos. Além de atualizar o aspecto visual ‘da cidade, pretendia-se reproduzir a vida alegre e festiva das grandes capitais. Tais características demonstravam que “a população estava inserida no espírito típico da *belle époque* apoiada

pela riqueza e algumas vantagens da moderna tecnologia que se desenvolvia naquele momento” (ALMEIDA et al, 2012, p. 8).

Após o período áureo da borracha, “Manaus passou por uma estagnação em sua economia, refletindo em seu crescimento populacional, até a implantação da Zona Franca, com a criação do Distrito Industrial, na década de 1970” (IBIDEM, p. 9). A partir disso, o fluxo migratório se intensificou na cidade, fazendo com que conforme Almeida et al (2012, p.10), “sua população aumentasse mais de 300% em apenas 10 anos, saltando de 311 mil habitantes, na década de 1970, para 1 milhão de habitantes na década de 1980”. Foi o maior crescimento populacional ocorrido na cidade em um curto espaço de tempo, sendo a migração um fator relevante no processo de ocupação do solo. Trata-se de uma ocupação que vai atingir os mananciais da cidade comprometendo a balneabilidade dos rios, ao se transformar em depósitos de lixo inviabilizando o uso adequado destas águas.

Os igarapés de tempos atrás pareciam incomodar os governantes que pautam sua gestão na especulação do solo urbano. Os cursos d’água da cidade que historicamente vem sendo aterrados ainda clamam por justiça. O programa Prosamim contribuiu para a melhoria do aspecto visual dos igarapés e a recuperação desses espaços tem melhorado também. Para Gurgel e Oliveira (2010, p.2), “trata-se de intervenção estatal cujo financiamento é oriundo de agências internacionais, visando a transformação urbanística da cidade”. As áreas de igarapés de Manaus têm sofrido mudanças por meio de projetos urbanísticos o que tem levado de certa forma à melhoria de seu aspecto visual. Ao Banco Interamericano de Desenvolvimento cabia promover um crescimento, estável e ambientalmente sustentável; eliminar a pobreza [...] e formação de capital humano; condições de vida e eficiência nas cidades; e fortalecimento institucional e modernização do Estado (PINHEIRO, 2008, p. 66.).

Para Almeida e al (2012, p.14),

com a revitalização das margens dos igarapés, nota-se que houve uma drástica mudança nos espaços que antes representavam acúmulo de lixos e habitações precárias, e hoje, representam espaços que podem ser utilizados de diversas formas, como lazer, entretenimento ou, simplesmente, apreciação da paisagem. Contudo, ressalta-se que é importante a preservação de bens naturais, bem como o respeito as suas características físicas, pois, o fato de “estar dando certo” os ‘novos espaços públicos’, não significa que a reurbanização foi realizada de forma coerente, visto que em certas áreas, os igarapés foram canalizados; e acima dos seus antigos leitos, foram implantados novos modelos de habitações. Assim, cabe-se uma discussão relacionada ao item social e ambiental, considerando que partes dos igarapés, literalmente, saíram do mapa.

Vê-se a necessidade de investigar o patrimônio natural para que essa noção possa superar a visão utilitarista, segundo a qual a natureza é apenas um recurso para as necessidades humanas. Meneses (1996, p.93) considera que “o valor cultural não está nas coisas, mas é produzido no jogo concreto das relações sociais”. O que chamamos de bens culturais não têm em si sua própria identidade, mas a identidade que os grupos sociais lhe impõem.

Pensar a cidade de Manaus é pensar também as cidades brasileiras que se deparam frequentemente com os transtornos ocasionados pelo crescimento. O planejamento de uma cidade é desafiador e intriga qualquer político, posto que perpassa por diversas instâncias que implicam resoluções nem sempre pertinentes.

As peculiaridades de Manaus são atinentes a sua geografia e se intercambiam com a cultura de um povo que vive uma história ímpar de progresso. O látex ofertado pela natureza estimulou e imprimiu feições *sui generis* na cidade haja vista os ícones arquitetônicos construídos que revelam irreverência e um ar de glamour pelo qual a cidade orgulhou-se de viver.

A título de exemplo tem-se o Teatro Amazonas construído no calor dos trópicos e que ainda nos tempos hodiernos intriga muitos estrangeiros, sobretudo europeus, ao encontrarem nas entranhas da cidade de Manaus pedaços da Europa quais sejam; mármores italianos de Carrara⁸⁸, de Verona⁸⁹, espelhos de cristal⁹⁰, colunas inglesas de ferro fundido, lustres italianos de Verona e uma infinidade de peças importadas. E se embevecem ao se depararem com um piso construído de 64 mil pedaços de madeiras agrupadas sem cola ou pregos no salão nobre desse monumento teatral.

Algumas peças expostas no interior do Teatro Amazonas, antes eram guardadas em um museu sem que os visitantes pudessem vê-las, agora podem ser reveladas ao público. São escarradeiras, penteadeiras, dentre outros artigos e até mesmo a sapatilha da famosa bailarina Margot Fonteyn⁹¹ está preservada no interior dos aposentos do Teatro Amazonas.

⁸⁸ É um tipo de mármore de alta qualidade branco ou de azul-cinza. Ele é extraído da cidade de Carrara, localizado na província de Massa e Carrara em Lunigiana, ponta mais ao norte da atual Toscana na Itália.

⁸⁹ É um mármore com a tonalidade vermelha. Material procedente da região de Verona, norte da Itália.

⁹⁰ Espelho Cristal, que é reconhecido por sua reflexão perfeita e alta resistência ao aparecimento de manchas (oxidação).

⁹¹ Foi uma bailarina inglesa. Considerada uma das maiores bailarinas de todos os tempos, por toda sua carreira dançou com o *Royal Ballet*, sendo apontada como *Prima Ballerina Assoluta* da companhia pela rainha Elizabeth II.

Estas informações pontuais trazem a tona o que se ganhou com o látex, afora inúmeros outros ganhos materiais ostensivamente conhecidos. O domínio da natureza pelo homem e pela técnica dá a essa cidade um tom invulgar visto aos olhos até dos menos atentos. Com o advento da Zona Franca de Manaus vultosos capitais adentraram a cidade e, não obstante, há uma série de obstáculos advindos de sua implantação.

O que se percebe é que ganhos materiais se visibilizam em todos os ângulos, e Manaus é entorpecida de belezas artificiais em detrimento do aspecto natural da cidade. Os ganhos embora importantes parecem não acompanhar a natureza que se oblitera. Os encantos característicos da cidade perdem a tônica e vão desaparecendo paulatinamente. As grandes obras arquitetônicas permanecem entretanto, os grandes igarapés sôfregos desaparecem.

Este é o equívoco de uma cidade que parece revelar inconsistências. É fato que o extermínio de igarapés como da Ribeira, do Aterro, do Espírito Santo e outros que ainda agonizam nos dias de hoje, deram lugar a importantes avenidas que se sobressaem e são vias de acesso para o intenso comércio da região. Àquela época tudo convergia para esta alternativa do aterro visto que além da implantação de grandes vias públicas e de outros fatores, as autoridades da época queriam também exterminar as febres que se disseminavam com a poluição dos igarapés. O que deixa entrever que o método utilizado no século passado enseja discussões mais específicas no trato de igarapés pois os especialistas hoje parecem unânimes em considerar que as mudanças nos cursos d'água apodem alterar a dinâmica das bacias.

O progresso apresenta-se ligado inexoravelmente a uma modernidade sem limites. Bauman (1998, p.101) considera que “a modernidade está muito conosco. Está conosco na forma do mais definidor dos seus traços definidores: o da esperança, o da esperança de tornar as coisas melhores do que são já que elas, até então, não são suficientemente boas”. Trata-se de transformações que se sucedem e alteram e seguramente vêm contribuindo para substanciais mudanças em nossa existência. De acordo com Giddens (1991, p.48), “A modernidade revela-se enigmática em seu cerne e parece não haver maneira deste enigma poder ser superado”. Não são apenas os filósofos que se dão conta disto, para o autor, uma consciência geral deste fenômeno se filtra em ansiedades cuja pressão todos sentem. É claro que o progresso tem beneficiado de certa maneira a humanidade, mas, por outro lado, há que se perceber que trouxe inúmeros malefícios de difícil solução: a contaminação dos recursos hídricos, a poluição desencadeada pelas indústrias e uma série de problemas advindos do crescimento das cidades.

Bittencourt (2011, p.92), considera que o progresso,

Não tornou melhor o homem, seja do ponto de vista fisiológico, pois as condições de vida e culturais das sociedades do passado (em especial as do período greco-romano e as renascentistas) foram propícias para o cultivo de uma humanidade mais vigorosa e criativa, ainda que as condições materiais não se encontrassem em níveis avançados de desenvolvimento, conforme os padrões da era moderna.. É importante ainda salientar que mesmo do ponto de vista ‘moral’ o avanço da técnica não favoreceu o desenvolvimento da consciência ética do homem; pelo contrário, conforme as circunstâncias históricas demonstram, o poder de destruição do ser humano se amplia na medida em que se conquistam avanços tecnológicos.

O progresso material quando desvinculado do progresso moral estabelece segundo o autor, um divórcio simbólico do homem em relação ao mundo circundante, criando assim uma espécie de mecanização do homem, mera peça de um sistema social que se perpetua à custa da exaustão da sua própria vitalidade.

“Hybris é hoje nossa atitude para com a natureza, nossa violentação da natureza com ajuda das máquinas e da tão irrefletida inventividade dos engenheiros e técnicos” (NIETZSCHE, 1999b, p. 102). Nietzsche já apresentava uma importante preocupação com os projetos de exploração da natureza realizados pela moderna cultura tecnicista que, no afã de obtenção de lucro imediato, motivou perdas irreparáveis na estrutura natural do planeta. Conforme a argumentação nietzschiana, o progresso se fundamenta apenas no aprimoramento das “condições materiais da sociedade ainda que para se alcançar tal estado de desenvolvimento técnico, gerações inteiras sejam anuladas tanto simbolicamente como concretamente, tudo em nome da consecução desse estágio civilizatório rumo ao melhor” (BITTENCOURT, 2011, p.92). O progresso poderia ser associado ao desenvolvimento da qualidade de vida do indivíduo e da sociedade, tendo em vista uma aproximação dos benefícios materiais com o uso consciente dos recursos naturais.

Em Giddens (1991, p155), “o progresso se torna esvaziado de conteúdo conforme a circularidade da modernidade se firma”. Trata-se de um processo simultâneo de transformação da subjetividade e da organização social global, contra um pano de fundo perturbador de riscos de alta-consequência.

O fato é que, as intervenções urbanas devem encerrar intenções plasmadas com o interesse dos cidadãos pois tais decisões influem na sociabilidade de cada indivíduo. Deve-se esquadrihar todas possibilidades, perscrutar alternativas que decerto onerosas, mas que evidenciem o aspecto natural concomitante com o progresso, ambos imiscuídos com o mesmo

comprometimento de resultados. Ou seja, que o manauense usufrua da tecnologia disponível imbricada com o verde, com a água, com o natural.

O cuidado com o meio ambiente deve ser condição *sine qua non* para que qualquer medida seja implementada pois é garantia de um porvir frutuoso numa cidade esparramada em águas e frondosas árvores que a circundam. Um dos nossos entrevistados chama a atenção para o fato de que,

Quando se começa pensar a cidade principalmente na questão de território é um conjunto, e esse conjunto não pode ter um quebra cabeça a menos senão não monta as coisas. A questão ambiental e a questão dos balneários são fundamentais para cidade. A academia tem que provocar isso mais ainda. Os movimentos populares pelo fato de ter a pauta as questões principais como saúde, educação, moradia isso ainda não conseguiu disseminar esta discussão mais aprofundada. Isto tem que estar na pauta dos movimentos populares mais ainda não tem a força que deveria ter. O modelo a ser aplicado é de utilizar o máximo das áreas infraestruturadas (entrevista/Adnamar, 2016).

A proposta do governo para Adnamar é que a partir de experiências já consolidadas, procura-se buscar hoje, por exemplo, que todo lugar onde foram construídas áreas de grandes corredores urbanos como Djalma Batista, Constantino Nery, Torquato Tapajós, Avenida das Torres e também na área da Avenida do Turismo, se utilize para solucionar a questão da moradia popular e também do comércio.

A intenção é abrir novos leques, novos conjuntos para criar uma nova cidade. Adnamar exemplifica o conjunto Viver Melhor⁹² onde praticamente 10 mil unidades habitacionais foram construídas. Segundo ele cria-se uma cidade paralela que vai necessitar de infraestrutura de saúde, educação, segurança principalmente do transporte urbano. A cidade cria estratégias para a melhor adequação da infraestrutura local mas há um esquecimento das questões ambientais e daí Adnamar conclamar que: “Quando não há interesses nessas questões ambientais ficamos sempre na roda do que foi a história: o balneários do Tarumã, a Ponte da Bolívia que era um dos mais visitados da nossa cidade é hoje é um igarapé podre” (entrevista, 2016).

Enxerga-se hoje um declínio no tocante aos recursos hídricos. É comum na cidade de Manaus o contínuo debate e calorosas discussões sobre essa temática. A poluição hídrica é uma realidade presente na cidade a despeito de várias intervenções no sentido de minimizá-la.

⁹² O residencial Viver Melhor, localizado no bairro Santa Etelvina da zona norte de Manaus, no Amazonas, é o maior já entregue no país pelo Programa Minha Casa, Minha Vida. Beneficia cerca de 55 mil pessoas, de famílias com renda mensal de até R\$ 1,6 mil (faixa 1 do programa habitacional).

A industrialização parece ser uma faca de dois gumes: desencadeia-se uma série de comodidades ao indivíduo e por outro lado o pune severamente em vários âmbitos e deixa profundas marcas com a contaminação e deposição de rejeitos nas águas que fazem parte de um problema socioambiental com necessidades de soluções urgentes. Para Tundisi (2008, p. 13),

O Brasil, com 14% da água do planeta, possui, entretanto, uma distribuição desigual do volume e disponibilidade de recursos hídricos [...]. Essa disparidade traz inúmeros problemas econômicos e sociais, especialmente levando-se em conta a disponibilidade/demanda e saúde humana na periferia das grandes regiões metropolitanas do Brasil: esse é um dos grandes problemas ambientais deste início de século XXI no Brasil.

O autor considera que o saneamento básico, o tratamento de esgotos, a recuperação de infraestrutura e de mananciais são prioridades fundamentais no Brasil. A revitalização de rios, lagos, igarapés certamente promoverá oportunidades de participação de usuários, setor público e privado para uma melhor gestão dos recursos hídricos. Os igarapés na cidade de Manaus sofrem intervenções antrópicas desde tempos remotos. As ocupações em suas margens ocorrem em geral por uma deficiência na oferta de casas populares daí a ocupação desenfreada em áreas que deveriam estar resguardadas.

Há uma relação implícita entre a impermeabilização do solo⁹³ e os transbordamentos que ocorrem nas cidades. O homem realiza o asfaltamento nas ruas para um melhor cenário da cidade e mobilidade dos cidadãos, por outro lado esse asfalto acarreta a não absorção das precipitações pluviométricas pelo solo. É usual o lançamento de resíduos sólidos nas margens dos igarapés onde se percebe também que não se realiza na cidade uma adequada dragagem⁹⁴ e um programa de limpeza eficiente.

Essas ações constituem-se em obstáculos nas áreas urbanas visto que os impactos nos igarapés urbanos são significativos. Há um profundo hiato na infraestrutura da cidade no que se refere ao acondicionamento do lixo urbano. Os resíduos sólidos produzidos ainda ficam à deriva em uma boa parte da cidade e esses nós acarretam uma série de transtornos, o que

⁹³ A impermeabilização do solo significa perda da capacidade de absorção da água pelo solo. Este processo acontece principalmente nas cidades, em razão do asfaltamento, calçamento de ruas e calçadas, da própria construção de edificações e da cimentação dos quintais e jardins das casas. Forma-se assim uma espécie de capa sobre o solo, impedindo que a água seja absorvida.

⁹⁴ Técnica de engenharia utilizada para remoção de materiais, solo, sedimentos e rochas do fundo de corpos de água, através de equipamentos denominados “dragas”. Estes equipamentos operam em sistemas adequados ao material a ser dragado e a sua forma de disposição.

reverbera num problema recorrente: uma quantidade considerável de lixo que vai repercutir na cidade sobretudo nas calhas⁹⁵ dos cursos de água.



Foto: Poluição dos igarapés
Fonte: Google

Em decorrência da insalubridade, doenças advindas dos resíduos sólidos acometem a população que habita as margens dos igarapés. Aí reside o aspecto singular dessa dinâmica, pois, desde o início da formação da cidade a única alternativa que se faz presente na ideia dos governantes são os aterros. Para Porath (2004), os rios urbanos são desprezados, poluídos e degradados, demonstrando falta de consciência sobre a importância de sua conservação pelos gestores urbanos. Em séculos anteriores determinadas iniciativas se consubstanciaram em medidas hoje questionadas. Pensa-se que tais medidas são respostas a uma época cujo pensamento era no sentido de sanar a situação de uma forma cabal e ver rápidos resultados nas construções implementadas.

Atualmente o extermínio desses atributos naturais é questionado por argumentos que mostram a viabilidade de reconstrução desses espaços sendo importante destacar a ação de alguns países em diferentes regiões do mundo, que vem apresentando soluções ambientalmente adequadas, trazendo bons resultados para a sociedade e para o meio ambiente. Para Lara (2014, p.43), “os exemplos de programas de revitalização abordados são

⁹⁵ Leito ou área que ele ocupa. Calha maior nos tempos de cheia e calha menor nos tempos de inundação.

do rio Don⁹⁶, em Toronto no Canadá, dos rios Reno e Danúbio⁹⁷ que cruzam vários países da Europa, do rio Neckar⁹⁸ na Alemanha e do rio Cheogyechon⁹⁹ em Seul na Coreia do Sul”.

Há um grande número de trabalhos desenvolvidos nesta área no que diz respeito a recuperação¹⁰⁰ e restauração¹⁰¹ dos rios urbanos, haja vista as medidas tomadas em países onde parecia incontornável mudanças como é o caso do emblemático Rio Reno¹⁰². De acordo com Lara (2014, p.47), “ o Rio Reno um dos rios mais importantes na Europa pois abastece aproximadamente 30 milhões de pessoas e abriga intenso tráfego de navios”. No passado, devido ao crescimento econômico e populacional da região, esse rio conforme Lara (2014), apresentou elevados índices de poluição e trechos de canais artificiais sendo denominado de esgoto a céu aberto da Europa.



Foto: Rio Reno
Fonte: Google

Foto: Rio Reno
Fonte: Google

Esses países investem maciçamente nas questões ambientais por serem dotados de alta tecnologia e terem conhecimento dos males que sobrevêm quando estes assuntos não são pensados. Os investimentos nele direcionados vem a induzir que os esforços produzam sólidos resultados.

Machado (2010, p.16), considera que “no cotidiano da falta de planejamento das cidades brasileiras, a regra que se tem adotado é a construção de avenidas sanitárias, ou seja, o

⁹⁶ O rio Don é um rio da Inglaterra que corre no leste do país, principalmente em South Yorkshire. O Don tem 112 quilômetros de comprimento é o sexto rio mais longo do Reino Unido.

⁹⁷ O rio Danúbio possui 2850 quilômetros quadrados de extensão, ao todo é divisa natural de 10 países europeus.

⁹⁸ O Neckar é um rio da Alemanha e um afluente importante do Reno. Sua bacia é de 13 960 km².

⁹⁹ É um riacho urbanizado localizado em Seul, Coreia do Sul, que possui em suas margens um moderno espaço público de recreação e o maior parque horizontal urbano do planeta.

¹⁰⁰ recuperação é a restituição de um ecossistema degradado a uma condição não degradada, que pode ser diferente de sua condição original (REIS, 2008).

¹⁰¹ restauração, a restituição de um ecossistema degradado o mais próximo, possível de sua condição original (REIS, 2008).

¹⁰² Com cerca de 1,3 mil km de extensão, o rio nasce nos Alpes Suíços e banha seis países europeus até desaguar no Mar do Norte, na Holanda. Durante muitos anos recebeu dejetos de zonas industriais, o que o levou a ser conhecido, em 1970, como a cloaca a céu aberto da Europa.

sistema viário predominando sobre o sistema ambiental”. Percebe-se que a viabilização do máximo de espaço ao sistema viário, gera um estrangulamento dos cursos d'água. “ O caráter das intervenções humanas repercute no leito dos rios e em sua biota” (LISBOA, 2010, p. 340). Faz-se necessário a busca de soluções para minimizar estes problemas e, muitas vezes, de acordo com Machado (2010, p.16), são adotados “nas laterais dos canais os taludes gramados com o plantio de espécies arbustivas, numa típica solução de ‘maquiagem verde’ do canal de concreto”. Vê-se que esse procedimento inviabiliza qualquer possibilidade de reprodução da biota aquática.

Não se pode chamar de revitalização, segundo Machado (2010, p, 16), “um canal aberto de concreto com taludes laterais inclinados com vegetação de gramíneas e arbustos”. O concreto implantado sobre o curso d'água extermina qualquer possibilidade ‘de ocorrência da vida e da manutenção da biodiversidade natural. A revitalização dos rios exige medidas efetivas em toda bacia com novas abordagens, novas metodologias, um novo olhar aos recursos hídricos. “O rio mostra a nossa cara, o espelho d'água mostra a nossa mentalidade cultural [...]. O estado não pode permitir que certos empreendimentos econômicos e certas empresas de saneamento poluam o meio ambiente, pois a sociedade é que pagará” (LISBOA, 2010, p.14). Trata-se de lugares ricos em biodiversidade onde a vida pulsa, e o suporte físico que esses ambientes sustentam suprem necessidades vitais da vida humana, e nesse contexto, exigem e requerem, em alguma medida, reflexões mais apuradas.

É preciso buscar uma interação entre os ambientes naturais e urbanos. Essa ideia é de difícil solução haja vista as diversas tentativas em conciliá-las. Deve-se reforçar a compreensão de que os cursos d'água, as respectivas bacias possuem uma função ecológica que garante a vida. É preciso conservar a biodiversidade mantendo os rios vivos.

“Seria imprudente negar, ou mesmo subestimar, a profunda mudança que o advento da modernidade fluida produziu na condição humana” (BAUMAN,1999, p.15). Os fluido, de acordo com este autor, se movem facilmente. São razões para considerar fluidez ou liquidez como metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase, nova de muitas maneiras, na história da modernidade. É nesse embalo que os banhistas suspiram diante dos caracóis de saudades das lembranças contidas no tempo. Um tempo que não retorna mais, mas que está impregnado na sua memória.

4.2 – O que dizem os poderes públicos sobre o extermínio dos balneários

A produção e reprodução do espaço se dão pelo processo de dominação dos lugares que são orquestrados pelo Estado em articulação com os interesses privados.

Para Elias (1970, p. 157), “uma sociedade será tanto mais forte ou mais desenvolvida quanto mais integrada for, e completa, os estados-nação”. É necessário que as classes sociais se integrem na busca de direitos para a efetiva qualidade de vida e bem estar do cidadão. “Por isso, no processo histórico do desenvolvimento político ou da democratização, o Estado só se democratiza quando a sociedade também se democratiza (PEREIRA,2017, p.155) visto que o Estado, conforme o autor, é o instrumento por excelência de ação coletiva da sociedade e é a instituição através da qual a sociedade moderna busca seus objetivos políticos.

A ação do Estado, suas leis e suas políticas públicas, refletem os objetivos comuns e as relações de força e, nessa perspectiva Gramsci (2001, p.1558) considera, que o esforço, deve ser o de "dedicar-se sistematicamente e pacientemente" a tornar "sempre mais homogênea, compacta, consciente de si própria" tal força.

O que se espera do Estado é a garantia aos cidadãos dos direitos de cidadania já efetivados na Constituição Federal. Direitos que o protejam contra os reveses da vida, contra a injustiça, ameaças contra o patrimônio público e o meio ambiente. Por meio da educação do povo pode-se inibir e até frear os desajustes e ameaças direcionadas ao cidadão e a natureza. Para Gramsci (2000, p. 28), “o Estado deve ser concebido como “educador” na medida em que tende a criar um novo tipo ou nível de civilização”.

O Estado deve assumir o papel de guardião dos interesses do cidadão ao promover a justiça social e salvaguardar o direito à cidade. Essa deve ser a luta da sociedade civil em que cada indivíduo deve exercer seus direitos e deveres. O “Estado regula juridicamente os dissídios internos de classe, os atritos de interesses conflitantes, unifica os vários segmentos e dá a imagem plástica da classe em sua totalidade” (GRAMSCI, 2004, p. 168). Para este autor o Estado é um composto entre a sociedade política e a sociedade civil, ou seja, o conjunto de instituições responsáveis pela elaboração de ideologias, por meio do sistema escolar, das igrejas, dos partidos políticos, dos sindicatos, dos meios de comunicação, entre outros.

O poder público deve se empenhar para conhecer e valorizar de forma meticulosa todos os bens que compõem a cidade, dentre ele. E esse conhecimento perpassa também pela educação de um povo. Os recursos naturais necessitam de proteção: nosso solo, árvores, rios, riacho, nossas águas. A água tão decantada pelos poetas, trovadores é a pedra de toque de compreensão da vida e como assinala Vitorino (2007, p. 16), “a água utilizável está nos rios,

nos lagos, nas águas da chuva e na água subterrânea. No entanto, elas todas juntas correspondem a apenas 1% do volume de água doce” (VICTORINO, 2007, p. 16), daí a necessidade de desvelo, de cuidado.

Para a autora, se juntarmos 1,5 litro de água, como a encontramos no planeta, e a dividirmos proporcionalmente, a quantidade de água doce disponível seria equivalente a uma única e insignificante gota. De acordo com essa autora,

A Síria já colocou até tropas na fronteira com a Turquia para impedir que o país vizinho utilize suas reservas de água. Na fronteira de Israel a situação é semelhante. No Sudeste Asiático, o Laos está em conflito com a Tailândia por este querer represar o Mekong, o que drenaria o Laos. Egito e Uganda lutam pelo rio Nilo, que é sua fonte de vida, já que o futuro da água no território egípcio seja quase zero e onde a superfície, nos dias atuais, se apresenta 97% deserta. Bangladesh, Índia e Nepal em conflito pelo rio Ganges e assim por diante, em todo o canto do planeta, com tendência de aumentar (VICTORINO, 2007, p. 21).

No Mundo se verifica uma diversidade de ações voltadas para a luta pela água. No Brasil há diversos problemas haja vista o convívio com a abundância de recursos hídricos em determinadas regiões em contraposição à outras que enfrentam a escassez.. O país sofre, evidentemente, as consequências ligadas ao desenvolvimento urbano.

Esse mineral, elo conhecido por toda humanidade vem sofrendo toda sorte de problemas tanto na qualidade como na quantidade de suas águas. Há uma inadequação cada vez mais ampla e profunda no que concerne aos recursos hídricos e pode-se avaliar o nível de desenvolvimento de um povo pela qualidade da água e dos serviços de saneamento que são oferecidos à população o que corrobora os dizeres de Victorino (2007, p. 20) quando considera que “a capacidade de suporte para a vida humana e para a sociedade é complexa, dinâmica e varia de acordo como o homem maneja os recursos ambientais”.

No que concerne a cidade de Manaus os recursos hídricos são significativos. Para Melo et al (2006) a cidade de Manaus é formada por quatro bacias hidrográficas, a saber: “Educandos, São Raimundo, Tarumã e Bacia do Puraquequara. Duas delas encontram-se integralmente dentro da cidade, a do São Raimundo e a do Educandos, as demais estão parcialmente inseridas na malha urbana”. A riqueza de bacias pelas quais a cidade se constitui representa um ganho ambiental importante. O cuidado deve ser viabilizado pelo poder público, na garantia de que as bacias preservem a qualidade de suas águas em sua totalidade. Há a necessidade de perseverar em busca dessa meta, de insistir nesse propósito.

Ao discorrermos sobre os recursos hídricos e as paisagens das regiões Ab'Saber (2003) considera que a responsabilidade deveria existir nos povos que receberam de herança paisagens e ecologias, fazendo uso não predatório dessa herança, procurando conhecer melhor cada espaço em sua potencialidade e limitações para preservação do equilíbrio fisiográfico¹⁰³ e ecológico.

O dever de cuidar das nossas bacias traz em seu bojo a ideia de sustentabilidade pois se houver o comprometimento da cidade de Manaus com os recursos hídricos, as estatísticas no que se refere à poluição haverá de declinar seus percentuais e ao cair o índice de poluição os benefícios serão visíveis. Silva (2016, p.1), em seus estudos, considera que a bacia do São Raimundo está 80% degradada, a do Tarumã quase 40% está comprometida, a Educandos está totalmente poluídas e a do Puraquequara está começando o processo de contaminação. Ou seja, todas as poluições nas bacias de igarapés de Manaus vão parar no Rio Negro, que é o cartão postal da cidade”.

A questão central que deve reger a gestão é a integração dos vários aspectos que interferem no uso dos recursos hídricos e na sua proteção ambiental. A bacia hidrográfica permite essa abordagem integrada, pois, conforme Yassuda (1993), a bacia hidrográfica é o palco unitário de interação das águas com o meio físico, o meio biótico e o meio social, econômico e cultural,

Manaus é uma cidade com abundância em águas, todavia, a gestão desse bem é ainda deficitário. O desenvolvimento urbano faz com que aumente as áreas impermeáveis trazendo consequências às populações. Dentre os vários casos, pode-se citar as inundações sofridas pelos conjuntos residenciais Jardim Primavera e Barra Bela no conjunto Parque Dez de Novembro onde conforme Nascimento (2013, p.17), “o igarapé do Mindu recebe as descargas de todos os conjuntos residenciais existentes, e é exatamente nesse ponto que os moradores sofrem ano após ano com as terríveis alagações”. Como as águas das chuvas e do igarapé não conseguem se infiltrar no solo, automaticamente o volume adicional transborda para os conjuntos citados causando um problema sem solução aos olhos do poder público. O problema hídrico não é um problema somente técnico, mas também de cunho econômico e social. É fato que os Estados têm conseguido captar recursos através de bancos internacionais e dar os primeiros passos em favor dos mananciais, mas muito ainda precisa ser feito.

A água é de extraordinária necessidade. É um componente essencial da hidrosfera da Terra e parte indispensável de todos os ecossistemas terrestres. Depara-se hoje com a

¹⁰³ Que faz referência a fisiografia; nossas bacias da geografia física.

escassez, com a gradual degradação desses recursos e exige-se homens capazes de um ângulo de visão mais ampla, que possam focar com mais profundidade a temática. Os governantes precisam tratar a crescente poluição dos recursos hídricos levando em consideração os problemas essenciais, as interações que o circundam.

Os espaços encharcados que ainda restam na cidade de Manaus são referências na vida dos manauenses. São símbolos representativos de um bem precioso que se escasseia a olhos vistos: a água. Em seu entorno rareiam as vegetações que ainda lembram a presença de quintais com árvores frutíferas, folhas caídas ao chão.

A expressividade dos riachos se notabiliza quando esses córregos cumprem sua função original permitindo aos habitantes da cidade o usufruto de seus bens que podem ser entendidos como circuitos de integração da articulação da natureza com o homem, num processo de puro devir. “Um rizoma não começa nem conclui, [...] o rizoma é aliança, unicamente aliança” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 37).

Trata-se de processos naturais que viabilizam a composição de uma vida plena, entretanto, esses espaços encharcados perdem suas funções para outras áreas, o que implica a expansão de uma série de empreendimentos que proporcionam o desaparecimento dos fios d’água que ainda sobrevivem. Os referenciais urbanos de lazer de décadas passadas que eram os balneários desaparecem e as políticas urbanas outros espaços, outras formas de sociabilidade. São lugares adstritos ao consumo, onde valores baseados no capital são a tônica da cidade. Todo o processo que se desencadeia na conservação dos recursos hídricos deve ser examinado desde o nascedouro, as condições de sua viabilização até sua implementação visto que, ao fim e ao cabo, há a necessidade de verificar se há um real comprometimento com a natureza. Para Lefebvre (1978, p.11), “o Estado é cada dia mais evidentemente agente da produção, e até mesmo mestre de obras”.

A produção do espaço na cidade de Manaus, comandada pelas necessidades sociais, dá-se num contexto de expansão da área urbana, assentado numa natureza de áreas inundadas de igarapés colocando em risco uma vegetação já comprometida na forma de resquícios. Ou seja, vegetação que se escasseia e que existe na forma de fragmentos. A balneabilidade foi prejudicada, a vegetação tem sido substituída por loteamentos, o que implica num comprometimento da paisagem como o cenário natural.

A continuidade da construção de grandes condomínios fechados, conjuntos residenciais sob nascentes, ou seja, o desenvolvimento de uma série de intervenções nos moldes em que se apresenta, tem provocado diversos impasses o que gera a necessidade de superação.

Há que se reconhecer por parte do Estado a situação crítica que emerge, o que aponta para a necessidade de controlar a expansão da produção imobiliária, sobretudo para garantir os empreendimentos em áreas propícias e dessa forma proteger a paisagem e manter o verde.

À medida que a urbanização se amplia intensificando a apropriação da natureza os espaços naturais escasseiam e em consequência o elemento natural torna-se raridade. Suprime-se, de fato, pedaços de vida, o combustível necessário para uma existência plena. Como diz Lefebvre (2004, p.36), “ao contrário, os bens outrora abundantes tornam-se raros: o espaço, o tempo, o desejo. E depois a água, a terra, a luz” E é nesse burburinho de perdas que emerge o soneto decassílabo¹⁰⁴.

Cidade latente

A cidade remete ao Inevitável
 Vidas que conduzem ao inexequível
 Espinhos, dores, tudo parece sofrível
 Entretanto também tudo é memorável

Praças, igrejas, parques tudo vira lembranças
 Rememoro também mas ainda vivo de lembranças
 Dos banhos longínquos e alvissareiros
 Onde famílias refrescavam todas sem receio

Cidade que vibra e sofre seus desalentos
 Grita, geme mas não sufoca doce cidade
 Todos teus melancólicos e tristes tormentos

Dissipa a memória da distante imagem
 Igarapés ao calor extasiante desse sol
 E com meus amigos olhava o arrebol¹⁰⁵.

A arqueologia das imagens do soneto é compreendida de modo instantâneo pela forma de a cidade existir. Não podendo manter-se parada irradia nuvens de anseios, torturas, tristezas mas também desencadeia torpores, deleites. O primeiro verso do terceto denota o quanto a cidade é fremente, o que sugere que tudo está posto sob o signo de uma vida que se inflama na realização de seus feitos e também na angústia de suas carências e vulnerabilidades. A dialética de suas alegrias e tristezas correspondem a fatos presentes que se imbricam. A cidade não se evade de sua realidade, concentra-se ventos favoráveis e também sopram ventos contrários que se encontram e habitam a cidade.

¹⁰⁴ São sonetos que devem conter 10 (dez) sílabas poéticas em todos os quatorze versos de sua estrutura, o que justifica e explica a sua denominação.

¹⁰⁵ Soneto decassílabo de autoria de Eveline Maria Damasceno do Nascimento.

Nessa dinâmica ligada aos recursos hídricos o poder público desempenha um papel *sine qua non* em determinadas decisões. Na entrevista com Adnamar obtém-se o seguinte quadro:

Na Câmara como somos ligados ao Fórum de Reforma urbana [...] a gente pautou um dos itens que foi a questão do uso dos igarapés, do Rio Negro e do Rio Amazonas como um sistema de transporte que a gente chamou de aquaviário¹⁰⁶ e a gente conseguiu engajar uma dessas nossas propostas que foi aprovada dentro do plano Diretor. Inclusive há estudos tanto da UFAM, como da UEA, levantando propostas para o transporte aquaviário na cidade. A gente também pautou a questão do uso dos rios de utilizá-lo como meio de turismo e de transporte, para transporte escolar, transporte de pessoas, o que leva também as nossas grandes praias. Manaus tem uma praia que é pouco conhecida por grande parte dos manauaras e quem chega de fora é que possibilita contratar uma lancha ou um barco regional um recreio pra levar até a praia do Tupé¹⁰⁷ que é uma praia de uma beleza exuberante da cidade de Manaus e fica poucos minutos daqui. Fica de 30 a 35 minutos de lancha, há também a praia da Lua¹⁰⁸ e poderei citar aqui inúmeras praias. É uma questão turística que é pouco utilizada mas que tem projetos para essa área (Entrevista /2017).

Adnamar enumera algumas propostas aprovadas pelo Plano Diretor em torno do uso dos igarapés e ressalta as praias do Tupé e da Lua como lugares de grande beleza. “A gente tenta resgatar pelo plano diretor toda área da Cachoeira Alta, Cachoeira da Almas ali do Tarumã [...] e transformar num grande parque. Nós tínhamos balneários como o Tarumã, a Ponte da Bolívia que era um dos mais visitados da nossa cidade e hoje é um igarapé podre” (Adnamar, entrevista/2017). Para o informante existe solução para essas áreas que estão hoje completamente abandonadas. “O primeiro passo seria infraestruturar essas áreas e o segundo passo é bem oneroso mas é possível” (Adnamar, entrevista/2017).

É visível nas palavras de Adnamar a compreensão de que há um descompromisso do Estado para com as questões ambientais. Pereira (2017, p.165), adverte dizendo que “o Estado não pode mais atender à lógica do capital [...], deve, também, responder a lógica da organização – a lógica do conhecimento e da meritocracia – e à lógica da democracia – a

¹⁰⁶ O transporte aquático, aquaviário ou hidroviário consiste no transporte de mercadorias e de passageiros por barcos, navios ou balsas, via um corpo de água, tais como oceanos, mares, lagos, rios ou canais.

¹⁰⁷ Praia do Tupé -Localizada a pouco mais de 25km de Manaus. Muito visitada por turistas e banhistas em feriado, temporadas e finais de semana.

¹⁰⁸ A Praia da Lua é uma praia fluvial situada na margem esquerda do rio Negro, a 23 quilômetros de Manaus, acessada por barcos e lanchas. Seu nome deriva do formato da praia, similar ao da lua em quarto crescente. Muito procurada por turistas e residentes, foi mencionada pelo guia *Lonely Planet* como a melhor praia de Manaus.

lógica da igualdade”. Quando os bens naturais são ultrajados desdobram-se e repercutem-se males no seio da própria sociedade, na busca de minimizar efeitos oriundos do descompromisso com o patrimônio público. Para Engels (1984, p.191), “o Estado não é, pois, de modo algum, um poder que se impôs à sociedade de fora para dentro. É antes um produto da sociedade quando esta chega a um determinado grau de desenvolvimento”. Este poder, nascido, da sociedade, é o Estado.

Se houver compromisso com as questões ambientais forçosamente haverá mudanças em consonância com o bem estar dos cidadãos. Adnamar assegura que há experiências exitosas em vários países de retomada de áreas degradadas em áreas de balneabilidade e a água se torna novamente a ser agradável aos olhos. E acrescenta: “o debate começou na discussão de revisão do plano diretor quando a sociedade apontou diretrizes para falar sobre a necessidade de pensar a cidade, nossos rios e igarapés como uso coletivo. E quando esse debate é posto como diretriz, já se tem uma semente boa”.

É preciso compreender a responsabilidade de nossas ações no que concerne ao patrimônio natural da cidade, o que nos permitirá viver a contemporaneidade como “uma singular relação com o próprio tempo” (AGAMBER, 2009, p. 59). É um tempo que desafia o passado posto que se distancia e se consubstancia na plenitude de um porvir que será, sobretudo, um tempo presente.

Jansen Zuanon (2015, p.1) chama a atenção para o fato de que “ainda há nascentes de igarapés em Manaus em boas condições dentro de fragmentos florestais. Em um igarapé típico de um a três metros de largura podemos encontrar até 50 espécies nativas de peixes”. E acrescentou que quando o ambiente é degradado, com a retirada da floresta e com a poluição, estas espécies podem simplesmente desaparecer daquele local.

Para resolver esta questão nos ambientes urbanos, dois caminhos são apontados pelo pesquisador: “o primeiro, é o planejamento de proteção dessas nascentes. O segundo caminho é construir soluções técnicas para remediar a situação que já existe”. O ponto importante dessa questão é a coleta e o tratamento de esgoto doméstico. É preciso haver lixeiras estrategicamente espalhadas e coleta geral e seletiva de resíduos, para evitar que as enxurradas carreguem mais lixo para os igarapés.

Há, no entanto, outras pesquisas que vem se somar ao pensamento de Zuanon. No que concerne ao Prosamim, Bringel (2015, p.1), considera que “a construção de moradias sociais vem trazendo muitos males à sociedade”. Segundo ele, os prejuízos causados pela poluição dos recursos hídricos dos igarapés não servem mais para contato

Foto: Poluição dos Igarapés e rios 2013

Fonte: Google

humano. Efluentes das unidades habitacionais estariam sendo despejados sem tratamento nos igarapés porque não há sistema de saneamento básico.

Zuanon (2015, p.1), insiste: “é fundamental que haja um forte investimento em educação para a cidadania, que inclui a educação ambiental, de maneira que a população esteja cada vez melhor informada e mais atenta à necessidade de preservar esse valioso patrimônio natural que são os nossos igarapés”. Ou seja, segundo ele é preciso ter uma política pública agressiva para proteger essas áreas. Estas falas são vozes que pertencem a cidade e tentam não se calar frente ao extermínio de áreas cruciais para o desenvolvimento e equilíbrio da região. Trata-se de alertas que visam trazer a lume a consciência de que os igarapés não são vias de escoamento de dejetos e lixo, dentre outras preocupações.

O importante é que há propostas nesse sentido, haja vista o Projeto Igarapés¹⁰⁹ idealizado por alguns pesquisadores que hoje apresenta resultados consistentes associados aos pequenos corpos d’água da Amazônia.

Estas iniciativas remetem para uma compreensão do que pode ocorrer com a degradação ambiental que atingem os igarapés da capital, posto que conforme Zuanon (2012, p.1) “são fontes de alimento e água potável, regulador natural do clima e modal de transporte. Estes são apenas alguns dos benefícios que a população de Manaus perde com a atual situação de degradação ambiental em que se encontram os igarapés da capital, que tendem a desaparecer”.

Nos igarapés Mindu, Quarenta e São Raimundo que cortam grande parte da capital, uma espécie de peixe denominada tamuatá¹¹⁰ está lutando para sobreviver. O tamuatá é um peixe de várzea, de rios volumosos e barrentos. E por ser capaz de retirar oxigênio do ar e da água, ele ainda é visto em alguns trechos de igarapés urbanos poluídos, sendo que o consumo desta espécie não é indicado em ambientes de degradação.

O que se acaba de expor nos permite visualizar propostas imbuídas na vontade de transformação ao tentar plasmar ações para conhecer melhor os espaços hídricos sobretudo para tomar atitudes nessa direção. É preciso adquirir conhecimentos neste domínio e provocar

¹⁰⁹ Projeto Igarapés- Nasceu de fato em 2001, por pesquisadores ligados ao Projeto Dinâmica Biológica de Fragmentos Florestais (PDBF/INPA), especialmente Jansen Zuanon (INPA), Paulo de Marco Jr. (UFG), Eduardo Ventincique (WCS/UFAM), Marcelo Gordo (UFAM) e Jorge Nessimian (UFRJ), que viam uma lacuna no conhecimento sobre os efeitos das mudanças da cobertura do solo sobre a fauna aquática ou associada. Os estudos vão desde taxonomia, história natural e ecologia, a avaliações de efeito de fragmentação, urbanização ou manejo florestal sobre a fauna associada aos pequenos corpos d’água da Amazônia.

¹¹⁰ O tamauatá é uma espécie de peixe da família dos calictídeos. Tais animais habitam diversos rios da América do Sul e chegam a medir até 20 cm de comprimento. Possuem o corpo revestido por duas séries de pequenas placas ósseas verticais e são capazes de construir ninhos flutuantes, uma vez que podem respirar fora d’água durante curtos períodos de tempo.

uma reflexão crítica dentro dessas proposições. Trata-se de assuntos em voga que são relevantes no âmbito da cidade o que suscita uma série de pesquisas. Considera-se que a construção de moradias sociais do Prosamim e o despejo diário de esgoto doméstico sem tratamento em canais de água estão causando danos ao meio ambiente, além de problemas de saúde à população da capital.

Bringel (2015, p.1) ressalta que “ o Prosamim tinha como objetivo a preservação, o saneamento básico, mas isso não está ocorrendo. O que houve foi uma modificação de paisagismo com a retirada de palafitas e flutuantes”. E complementa: os prejuízos causados pela poluição dos recursos hídricos se intensificaram na última década.

Ao qualificar a política do Prosamim pelo poder público estadual, Zuanon (2013, p.1), considera “totalmente inadequada do ponto de vista ambiental”. Segundo ele as pessoas certamente estão mais felizes por terem residências dignas e a aparência desses lugares melhorou. Mas não seria possível dizer que essa suposta recuperação salvou os igarapés, referindo-se ao Prosamim; para ele, o Prosamim drenou os igarapés em grandes tubulações subterrâneas ou modificou seus cursos, transformando o percurso da água em grandes “canais de cimento”. Perde-se o trajeto natural do igarapé e a vegetação é extinta gradativamente junto com os animais. Esse tipo de situação, segundo o autor, leva os igarapés a extinção. Não há igarapés sem vegetação ou sem vida animal. Serão meros canais para correr água da chuva e/ou esgoto. Silva (2016, p.1) considera que,

Os últimos 16 anos, o potencial de Hidrogênio (pH) no rio Negro passou de 4,5 para 6,6. Isso significa que o rio vem perdendo sua acidez natural e as bacias hidrográficas de São Raimundo, Educandos e Tarumã estão cada contribuindo com esta pressão e mudando o nível de qualidade das águas deixando-as cada vez mais suscetíveis a poluição (INPA).

De acordo com essa autora, “existem comunidades de peixes que vivem com estas características de rio. A mudança de oxigênio dificulta a vida deles que tendem a desaparecer e no lugar surgem organismos até nocivo a saúde”, ou seja, para o sistema aquático, afeta o conjunto de todos os seres vivos da região do sistema aquático.

Essas práticas de contaminação das águas certamente impactam a balneabilidade, deixando “as praias da Ponta Negra e da Lua impróprias para o banho. Tem o perigo pelo aumento de bactérias patogênicas (que causam doenças, como a tuberculose e lepra, entre outras” (IBIDEM, p. 1).

Não há que se negar que o poder público necessita estar organizado para discutir a necessidade de aperfeiçoamento de seu sistema de decisão pois existe um desrespeito

sistemático das populações, dos empresários e do governo a natureza, haja vista o sistema precário de acomodação dos resíduos sólidos. Esta assertiva denota a deterioração dos mananciais que abastecem as principais cidades, em razão da ocupação imobiliária, do planejamento urbano sem visão estratégica e do desenvolvimento industrial.

A movimentação das águas que saem das fontes e formam o riacho é um ciclo natural e que precisa ser entendido pelo homem. Há necessidade de se aliar tecnologia e educação para o adequado uso desses recursos, e ao considerar o aquífero um bem da humanidade certamente haverá a compreensão de geri-lo de forma idônea. A forma como uma população trata os seus recursos hídricos denota o desvelo de seu compromisso no que concerne a sua administração sendo um reflexo de sua consciência ambiental. Enquanto não houver a compreensão que homem e natureza estão imbricados torna-se difícil o entendimento de determinadas questões.

As culturas indígenas, conforme Dias (2002, p.218), têm como cerne de sua vida espiritual, rituais e cerimônias que reconhecem e alimentam sua interligação com a grande família da vida. No mundo contemporâneo os rituais indígenas são vistos como uma superstição primitiva e ao nos colocarmos como seres cultos, acima da natureza do alto dessa arrogância ameaçamos destruir a nós mesmos.

Faz-se necessário implantar estratégias para interromper os processos poluidores que é o nó górdio que precisamos combater. A compreensão desse valor deve fazer parte da educação da criança para ao tornar-se adulta e profissional saber discernir o que é importante; saber criar novas maneiras de controle, captação e distribuição da água. O ponto fulcral é ter condições de entender o que deve ou não ser exterminado. Ter consciência que o problema é complexo e que de fato exige uma compreensão dos componentes que o constituem.

4.3 – O que dizem os banhistas atuais sobre o fim os balneários

Manaus é privilegiada por concentrar em seu espaço inúmeros pontos encharcados onde desabrocham as misteriosas e fenomenais nascentes. “As nascentes de cursos d’água são elementos geomorfológicos e hidrológicos com significativa heterogeneidade ambiental. Sua complexidade se materializa na grande diversidade de contextos morfológicos [...] e hidrológicos em que ocorrem” (FELIPPE E JÚNIOR, 2013, p. 71). É o afloramento do lençol freático, que origina os cursos d’água. Santos e Crispim (2011, p. 3) consideram que “as nascentes são enquadradas como área de preservação permanente (APP) e protegidas pelo Código Florestal (Lei nº. 4.771, de 15 de setembro de 1965)”.

As nascentes fornecem água de boa qualidade, abundante e contínua, e seu bom aproveitamento está ligado a importância para a vida de todos os indivíduos do planeta. Não se deve somente permanecer em reflexões para com os recursos hídricos, mas sobretudo em ações concretas no qual envolva metodologias eficazes para a permanência de sua pureza e o bom aproveitamento de suas águas.

É um desafio conciliar preservação com uso dos recursos naturais, não obstante, sabe-se que essa preocupação está em pauta nas agendas locais. É complexo e denso tratar de questões ambientais pois exige esforço lutar contra interesses por vezes já consolidados. A incapacidade de resolver entre preservar os recursos hídricos e dispor desses bens redundam muitas vezes na dificuldade de escolha. Especialistas oferecem seus préstimos, seu conhecimento para a solução de inúmeros impasses, mais percebe-se que quando há valores econômicos em jogo as decisões parecem ser efetivamente parciais.

A proteção de tal patrimônio é uma realidade que denota que o manauense compreende a importância de seu espaço, de seus referenciais, de sua memória coletiva que faz parte do legado da história de Manaus. Há a pungente necessidade de se fazer trincheiras para sua conservação. O planeta hoje implora uma gota d’água e não se pode brincar de *to plug the hole*¹¹¹ no que se refere às nascentes. Faz-se mister mantê-las intactas.

O valor singular de sua existência não pode ser rechaçado. É desolador a capacidade do homem aterrar veios tão preciosos. Se no passado essas decisões foram implementadas já não se pode persistir, tendo em vista toda uma compreensão que nos permite considerar a água como um símbolo do sagrado. Rodrigues (2004, p.8) alerta dizendo que “a visão que temos da água é uma visão utilitarista e positivista”. Daí as representações valorativas que construímos não conseguirem resolver os problemas enfrentados.

¹¹¹ Tapar o buraco.

Constrói-se hoje uma gama de conhecimentos sobre a importância da água mas há sempre uma conotação utilitarista que permeia tal discurso. É premente que o homem compreenda de forma cabal o sentido cósmico da existência desse bem maior que, em sua quietude, vive enraizado de poder. “A quietude aquieta-se dando suporte ao modo de ser de mundo e coisa” (HEIDEGGER, 2008, p. 24).

O homem manauense, os governantes devem reconhecer por meio do contemplar e do sentir que a fatia maior que se possui, não poderá ser ultrajada com medidas que empobrecem esse mineral enquanto elemento vital. A relação com o sagrado pressupõe um ato que evoca o ideal, o esperado. Atentar para o não extermínio dos riachos e conservação das nascentes reside no campo das ações com metas que se traduzem em esperança para as gerações vindouras. “Aquilo que foi uma vez compreendido não pode ser arbitrariamente esquecido, mas tão somente recalçado ou corrigido por melhores compreensões” (HABERMAS, 1985, p. 33).

As futuras gerações hão também de querer regalar-se com o movimento suave das árvores, o murmurar dos riachos na cadência de suas águas, o bailar de passarinhos como pipiras, sanhaços, bem te vis e até o cair das folhas no bailado do vento. Essas regalias devem ser vividas na cidade para que os cidadãos se sintam motivados pela natureza que é certamente a sua mais viva morada.

Socorro Dantas (59) ao ser inquirida sobre o fim dos balneários fala: “ meus netos nem sabem o que isso significou. Mas como não existem mais os banhos, passeio muitos nos shoppings, o da Negra, o Plaza e até o Millenium tenho visitado. Essas são as minhas diversões atuais (Entrevista/2017). Para Vasques e Donaire (2003, p.101), ”embora os shopping centers estejam investindo em atividades de lazer, [...], ainda não atingem todas as camadas sociais à medida que oferecem atividades de entretenimento pagas e as gratuitas não compensam as que exigem pagamento”. O lazer de hoje perpassa e se robustece por um ladrilho que se movimenta em oferecer diversas estratégias de entretenimento, conquanto de certa forma imbricada e fortemente ligada ao capital. Padilha (2008 p.108), considera que “o lazer oferecido em shopping centers é alienado, leva ao distanciamento dos sujeitos consigo próprios ao mesmo tempo em que os empobrece”. São muitos os espaços na cidade onde o indivíduo sente-se reduzido a um mero objeto e ao respirar próximo a lugares tão refinados e imponentes desperta em alguma medida a sensação de não possuidor de condições econômicas suficientes para o seu alcance ou consumo, daí Adorno (1995,p. 178) considerar bvgnhv que ”as pessoas aceitam com maior ou menor resistência aquilo que a existência dominante apresenta à sua vista e ainda por cima lhes inculca à força, como se aquilo que

existe precisasse existir dessa forma”. As relações travadas nesses espaços estão certamente ligadas a compras. Atrai-se sempre por artigos que se deseja possuir. “O shopping center acaba transformando-se num significativo instrumento de manutenção do capitalismo, o qual reconfigura as cidades de forma a extirpar, junto com os espaços públicos, os valores da coletividade” (PADILHA, 2008, p.115). Trata-se de espaços com uma sociabilidade diferenciada pois o vínculo social que se estabelece com os frequentadores dos shoppings está de certa forma ligada ao capital.

As oportunidades de lazer condizem com uma cidade que não mais possui em seus territórios espaços de banhos como outrora. O que possui são banhos particulares e os públicos afora a Ponta Negra requerem pagamentos e o uso de seus restaurantes, o que acaba afugentando uma classe menos capitalizada. O mais cômodo para uma boa parte da população parece ser os shoppings que dispõem de várias metodologias para tentar agradar a clientela. Aponta-se hoje a necessidade de compreender a cidade não somente na sua morfologia mas nas questões relacionadas a sua prática sócio espacial. Deve-se levar em consideração os métodos de utilização dos espaços para propiciar aos manauenses entretenimentos que privilegie o habitar refletindo o sentido da cidade e suas possibilidades.

Há que se discutir a problemática da cidade no conjunto de suas contradições encetando reflexões mais acuradas sobre o cuidado com os igarapés que ainda sobrevivem. Deve-se chamar atenção para o fato de que não se pode punir os governantes que outrora realizaram condutas consideradas hoje arbitrárias no tocante ao aterro de igarapés. Está-se diante de contextos diferentes com suas próprias formas de interpretar a realidade.

Hoje com a tecnologia que dispomos, com o nível de experiências que se tem e com a busca incessante de países em torno da água vê-se forçosamente que não se pode mais tratar estas questões com descaso. A conservação dessas nascentes são importantes para o equilíbrio dos ecossistemas natural e a manutenção da vida. Trata-se do direito à cidade. Um direito que transcende o valor de troca mas que reforça e imprime o valor de uso, e põe a imaginação no punctum proximum¹¹² e nesse domínio perceber-se-á que o manauense toma um novo rumo ao reivindicar, também, de forma objetiva o direito à cidade.

Faz-se necessário que o cidadão busque estratégias para melhor conservar os recursos naturais, possibilitando o conhecimento da cidade. “Ser capaz de fazer isto é ser alguém que sabe, e só aquele que sabe comunicar possibilidades [...] comunica o saber. (KIERKEGAARD, 2005, p. 261). É preciso, sobretudo pensar no que já foi perdido, e ter

¹¹² Le Punctum proximum est le point le plus proche que l'on peut voir distinctement. Il en existe deux types: de convergence et d'accommodation.

consciência da importância da manutenção e respeito pelos bens naturais ainda existentes. Ao deparar-se com resquícios de igarapés urbanos é importante ter a conduta de observar suas riquezas e lutar por sua continuidade. Somente por uma perspectiva de criticidade é que se pode dizer “não” para ações que cerceiem o uso natural dos bens a que temos direito. É um desafio que implica debates, posicionamentos, críticas no sentido de buscar soluções sob a ótica de um caminhar atrelado ao enlace cálido do homem com a natureza, de abrir possibilidades que se entrelaçam por vários modos do ser. E “nesta habitação do ser mora o homem” (HEIDEGGER, 2005, p. 8).

Proteger o patrimônio da cidade de Manaus reside no fato de se irmanar com práticas institucionais imbricadas na visão do outro e não práticas onde se desenvolve interesses que não correspondem a idealização do ser.

Para os banhistas a proteção dos espaços naturais como igarapés, córregos pelo poder público os inquietam, pois em sua maioria as ações advindas do governo, em geral são propostas que se deparam com uma série de críticas por não atentarem para uma gestão compartilhada. Questiona-se hoje o espaço no qual nossa sociedade está sendo construída e com isso pretende-se o fruir das belezas naturais de modo mais democrático. O tão propalado banho, conforme diz Lefebvre (1978, p. 10) “adquire um valor simbólico. Simboliza a luta pelo espaço, pelo uso, pela fruição para o corpo”.

Os manauenses na busca de contato com as cachoeiras como foi exposto por Raimunda investem uma parcela de seu tempo mobilizando-se para espaços mais distantes. Antônio Loureiro argumenta que os banhos ainda existem e fala sobre estes lugares:

Quando você atravessa a ponte tem vários balneários que são alugados. O cara explora como se fosse um aluguel onde vende a bebida, a comida e na beira de Manacapuru também. É um balneário diferente, já não é um balneário familiar, nem o balneário do literato nem o balneário do bacanal. É um balneário social. Desapareceu as características antigas. Vai quem pode pagar. Não havia obrigação de comprar nem bebida nem comida. Passou a ser uma exploração da natureza através da compra e venda de bebidas e comidas. Quem não tem dinheiro não participa do balneário. Antigamente havia os balneários públicos para isso o prefeito Maia fez o Parque Dez de Novembro. Se não fosse a Ponta Negra para extravasar.

Há uma profusão de banhos convidativos para um agradável final de semana, mas nesses banhos há um comércio que se beneficia com a venda de comidas e bebidas, o que não ocorria nos banhos passados. Naquele tempo era uma vida farta de natureza com cascatas de águas bem próximas do cidadão manauense, sem ônus.

Compreende-se, *mutatis mutandis*, o valor a eles consagrados. Hoje é como se houvesse deliberadamente fraturado algo, sem condições de solda. Daí escorrer líquidos de saudades mediante os quais os riachos urbanos da velha cidade de Manaus despencam e conclamam a todos os ventos a pungência de seus queixumes. E é num Soneto alexandrino¹¹³ que se pode ouvi-lo. Ouçamo-lo.

Os riachos urbanos da velha cidade de Manaus chorosos despencam e conclamam a todos os ventos a pungência de seus queixumes, e é num Soneto alexandrino¹¹⁴ que se pode ouvi-lo. Ouçamo-lo.

Olho d'água

Banhistas que sentem **ardor**, por fios d'água que ainda **clamam**
 No final desta **tarde** o olho d'água é só **saudade**
 Sucumbiu ao **partir! Oh**, que **infelicidade**
 Soturnos e também **tristes**, apagam suas **chamas**
 Do instante saudoso a este rio que se **inflama**
 Lá do infinito, o olho d'água em **fragilidade**
 Da saudade é inscrito e a imensa terra invade
 Para reclamar a nós: - que volte a antiga chama

Banhistas que sentem **ardor**, por fios d'água que ainda **clamam**
 Olha! Quanta saudade a sentir do céu amado!
 Toda estrela um **sinal** de vida no infinito

Sol! Para **agradar**, a tristeza, no **escrito**
 E nas manhãs **lembrar**, as nascentes embaraçadas
 Que o perder é o principal responsável da trama¹¹⁵

O sexto verso do soneto denota a vulnerabilidade do olho d'água quando o homem por fim o aniquila. O olho d'água ao parecer frágil não sucumbe pois ao acumular o universo dentro de si poderá despontar, posto que Vitorino (2007, p.64), considera que “todo grande rio nasce de um pequeno filete de água que depois se agiganta para atravessar cidades, campos, matas, plantações e indústrias, demarcando os sinais da sobrevivência de cada atividade”.

Sua grandiosidade é suprema, eles riquezas cósmicas camufladas em um pequeno olho. A dialética do interior do olho d'água parece tênue por fora e fácil de ser riscada. Está-

¹¹³ Todo soneto Alexandrino clássico deve ser constituído de 14 versos divididos em 4 (quatro) estrofes.

Podendo variar a disposição dos versos na folha. O mais usual é valer-se da disposição característica do soneto Italiano (petrarquiano) que está

¹¹⁴ Todo soneto Alexandrino clássico deve ser constituído de 14 versos divididos em 4 (quatro) estrofes. Podendo variar a disposição dos versos na folha. O mais usual é valer-se da disposição característica do soneto Italiano (petrarquiano) que está dividido em 2 (duas) estrofes de 4 (quatro) versos, seguidas de 2 (duas) estrofes de três versos.

¹¹⁵ Soneto Alexandrino de autoria de Eveline Maria Damasceno do Nascimento

se diante de um tesouro que se fosse inventariado o valor excederia o cognoscível, ou seja, abre-se uma nuvem e penetra-se no céu.

O soneto expõe traz a alegria mas também a nostalgia que ficou no seio dos banhistas. Oferece convites a imaginação de se pensar o olho d'água tão simples que o olhar aprisionado talvez não possa enxergá-lo, mas que se pode constituir em algo portentoso, de magnitude ímpar, capaz de nutrir e habitar a terra na fartura de seu legado. Quando se deixa ir ao sabor das reflexões surgem a imagem do olho d'água. É como um olho aberto solitário e prisioneiro que quer florir e como uma luz disposta a se propagar, parece que vem do firmamento habitar a terra. É num signo que nasce e brilha na terra. É nessa dialética que o universo contempla lá do alto, olhos d'água escondidos e hipnotizados nem sempre banhados pela lua.

Ao contemplar tais imagens que o soneto evoca imagina-se a força da primitividade daquilo que independe do ser, mas que ofertados pela natureza, pensá-los é também vigiá-los, espreitá-los. São exercícios para a fenomenologia da imaginação como assinala Bachelard (1998, p, 219), “quanto mais fino é o filete de luz, mais penetrante é a vigilância”.

Por si só a palavra *balneários* é uma particularidade que não se pode rechaçar. A cidade de Manaus parece lembrar que nela se conjugam ideias que permitem pensá-la como fim e como recomeço. Ao pensá-los enquanto fim lembra-se de todos os banhos da cidade que praticamente desapareceram principalmente os mais pitorescos. E enquanto recomeço significa hoje a perspectiva de acesso a banhos nos municípios vizinhos que detentores de cachoeiras, grutas, corredeiras ainda guardam a esperança de um lazer pleno afora suas limitações.

Considerações finais

Assinalar o final de um estudo investigativo de quatro anos, supõe sublinharmos algumas questões que constatamos em nossa pesquisa. No âmbito das concepções teóricas convém destacarmos o projeto de modernidade, que subjaz às discussões travadas nesta tese. A modernidade engendra um tipo de sociedade que deveria caminhar para o desenvolvimento humano e para o progresso. Nota-se que em relação ao progresso houve substanciais ganhos, todavia não observamos saltos qualitativos no que diz respeito ao desenvolvimento humano. Esse processo em alguma medida afugenta e dilui o que é subjetivo e livre. O progresso hoje, de alguma forma, tece ligações que unem as sociedades a um passado não tão longínquo.

Esta tese discute o processo de modernidade que se sobrepôs os instintos, os afetos, as emoções, domesticou as subjetividades e as sociabilidades, em proveito da razão baseada no desenvolvimento e no progresso.

Ao anunciar o fim do sagrado que marcava a pré-modernidade, a sacralidade da crença na salvação, suprimiu-se da conduta individual o encantamento da existência e o ideal de progresso articulou-se com suportes notadamente nefastos para a humanidade.

O componente da modernização foi encarnado no Estado que introduziu os princípios de dever, de direitos e responsabilidades e, não menos importante, de cidadania. Dentro do cenário iluminista, o componente tecnológico desenvolveu-se de forma significativa.

No início do século XX, com a segunda Revolução Industrial, a complexa interação da ciência junto com a tecnologia parece constituir o foco essencial do caminhar da humanidade. A tecnologia contrasta totalmente com as antigas atividades manufatureiras e estava fortemente ligada à ideologia de progresso humano. Nesse diapasão, aprisiona-se o homem e o sujeito. A falta de perspectiva diante de uma maquinaria que parecia massacrar o indivíduo em todos os âmbitos suscitava a desesperança, o desencantamento do mundo como percebeu Bourdieu.

Já na metade do século XX, e novos desafios, com um conhecimento tecnológico colossal desenvolveu-se inúmeras teorias baseada em estudos da não-linearidade, complexidade, ligadas à engenharia genética, cibernética, geração da realidade virtual com novos dispositivos epistemológicos. Esses novos domínios cognitivos buscam enfatizar não mais o pensamento único, linear, fragmentado, mas sim a indeterminação e a contingência. Trata-se de elementos que perpassam todo o pensamento pós-moderno.

A modernidade representa significativos avanços da democracia. Consagra-se uma compreensão dos direitos e deveres individuais. Por conseguinte, o indivíduo ainda é tolhido de direitos fundamentais. A ordem, a racionalidade e a hierarquia ainda constituem imperativos rígidos a serem abolidos, a qual, por sua vez, constitui o fundamento de um Estado amarrado ao capital.

Não queremos dizer que a modernidade irrompe em mecanismos herméticos, sem aberturas. A transformação e a dinâmica estão incorporadas em suas leis. Em alguma medida o progresso parece realizar-se confinado a princípios lineares e deterministas.

Nos tempo contemporâneo postula-se que a fé pública na ciência é abalada. As trajetórias sociais e pessoais do indivíduo parecem ir na contramão da linearidade, da disciplinaridade acadêmica, da universalidade, e a modernidade sofre duros revezes. O compromisso da pós-modernidade definitivamente é menos homogêneo. Há inúmeras sutilezas presentes numa lógica que não mais se coaduna com o determinismo ou com a certeza epistemológica, mas molda-se no caos, na complexidade, na não-linearidade. A modernidade contribuiu para um exacerbado consumismo o que trouxe também uma significativa deterioração ambiental. Surgem inúmeras crises incluindo a descrença na ciência e as inquietações acerca de muitos aspectos relacionados à modernidade, o que preparou a emergência da visão de um mundo pós-moderno.

Há muitas assertivas que atestam que a humanidade não progrediu cognitivamente em termos de liberdade, igualdade e fraternidade. Muitos estudiosos rejeitam a alegação de que a humanidade progrediu nos séculos recentes e de que há hoje um estoque maior de liberdade do que no passado. A pós-modernidade parece ser uma alternativa à todo ideário da modernidade. O fato é que, se agrava, de forma contundente o problema do mundo atual.

Esta pesquisa constatou que o progresso gerou mudanças significativas na cidade onde a utilização dos recursos naturais aumentou consideravelmente. Se, por um lado, esse aumento possibilitou um crescimento expressivo da população na cidade, por outro, foi responsável pela gradativa degradação dos ecossistemas. Compreender tais questões é importante para subsidiar a construção de políticas públicas, que atuem nas múltiplas causas dos problemas socioambientais urbanos.

Um outro ponto que a tese constatou é que ainda com significativas mudanças, a perda de vários elementos naturais e valores soterrados não significou uma ruptura total da esperança. Os indivíduos buscam dar continuidade vivendo os atrativos presentes, o que abre caminho para muitas outras formas de identidade. O manauense tem buscado formas de

inovar e de dar continuidade aos banhos. Dispõe-se a procurar banhos, cascatas e cachoeiras e, ainda que distante, do centro da cidade, tem caminhado na direção dessa busca.

A pesquisa constatou também que é preciso politizar o cidadão para entender a relevância da participação social junto ao do Plano Diretor levando em consideração seus dispositivos. Deve ser levado em consideração as regras e princípios que estão elencadas nos dispositivos de lei sobre meio ambiente, ou seja, faz-se necessário aplicar os princípios garantidos na Constituição Federal, pois são normas que disciplinam o meio ambiente saudável e conservado. A poluição numa bacia hidrográfica vai de uma forma ou outra afetar a qualidade da água desse manancial. A proteção dos mananciais e a recuperação daqueles que já estão prejudicados são modos de conservar a água que ainda temos. Se os dispositivos que regem os códigos de meio ambiente não forem observados, é de se esperar numa escala interpretativa que os recursos naturais, a curto ou médio prazo, estarão não só dilapidados mas tenderão ao desaparecimento. A interpretação que se extrai é que aquilo que não é pensado com vagar e sensatez frente aos problemas ambientais, além de reputados como arbitrários reflexamente viola a Constituição Federal.

A tese também constatou que a memória do manauense é um documentário vivo e pulsante. E o que mais se percebe nas entrevistas realizadas durante a pesquisa é a certeza da inviabilidade da recuperação dos igarapés. Aposta-se também que a despeito da sua recuperação, os igarapés podem até emergir em um futuro longínquo, mas em nenhuma medida em sua integralidade. É um posicionamento que pode ou não estar equivocado mas que é presente neta pesquisa. O tempo revelará o que há de ocorrer no espaço das cidades. Oculta-se, porém, um matiz, que é o desconhecido, o mistério. O que se pode levar em consideração é que com ou sem a anuência de qualquer especialista na temática só o tempo dará as respostas cabíveis. Os banhistas da cidade de Manaus referem-se a este tempo como um tempo duradouro e que parecia sem fim. Para uma efetiva gestão dos recursos hídricos é preciso que sejam discutidas questões sociais, políticas e ambientais para se formular estratégias viáveis e seguras. É necessário uma análise minuciosa de cada bacia para o planejamento desses espaços. Urge a implantação de projetos que fomentem o interesse pelo uso adequado dos recursos naturais, criando assim, oportunidades para uma melhor qualidade de vida. A despeito de todos os percalços e inconsistências, o homem pode redefinir seus rumos e criar um modo de vida que não oprima, mas que recupere tudo o que é original. Se não se cogita mais a possibilidade de resgate dos igarapés faz-se mister dar ao cidadão de Manaus estrutura para um lazer que se revele frutuoso, que não se limite a uma esfera restrita, mas que se estenda de forma gratuita a todos os cidadãos manauenses.

Os problemas da cidade de Manaus devem ser pensados, alinhavados com todos os percalços, ponderados, meditados e insurgidos no meio dos impasses. O que se pode concluir com as proposições encetadas é que os balneários podem ser entendidos, dialeticamente, enquanto meio para a compreensão das perdas ambientais na capital de Manaus, mas no que se refere ao desaparecimento dos balneários os frequentadores destes espaços certamente ressentem-se de tais perdas.

Este estudo mostra, por fim, que os banhistas se veem tomados pelas lembranças do passado, assinalaram na memória os momentos agradáveis de outrora. Situações que nos informa como eles elaboram essa perda de momentos tão significativos em seu viver, em sua subjetividade nos balneários.

REFERÊNCIAS

AB'SABER, Aziz Nacib. **A cidade de Manaus**. Boletim Paulista de Geografia. São Paulo. 15: 18-45, out. de 1953.

_____. **Os Domínios de Natureza no Brasil- Potencialidades Paisagísticas/** Aziz Ab'Saber.- São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

AGAMBER, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução Vinícius Nicastro Honesko Chapecó, SC: Argos, 2009

AGASSIZ, Elizabeth Cary. **Viagem ao Brasil 1865-1866**. (Tradução e notas de Edgar Süsskind de Mendonça). Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000.

AGASSIZ, Jean Louis Rodolph (1807-1873). **Viagem ao Brasil: 1865-1866**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **A cartografia social se consolida como instrumento de defesa de direitos**. In: Ceará: UFC, 2014.

ALMEIDA, Marco Antônio Bettine; GUTIERREZ, Luís Gustavo. **Subsídios teóricos do conceito cultura para entender o lazer e suas políticas públicas** Faculdade de Educação Física/UNICAMP Conexões v. 2, n.1, 2004.

ALMEIDA ET AL. **Os Igarapés na Cidade de Manaus: uma dupla visão**. ANPPAS, . www.anppas.org.br/encontro6/anais/, 2012.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Declarações de amor**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ANDRADE, Moacir. Manaus: **Ruas, Fachadas e Varandas**. Editora: ver Curiosidades, 1984.

ARANTES, Guilherme. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/guilherme-arantes/46315/> Acesso: 03/02/2015.

ARAÚJO, A. V. **Sociologia de Manaus: aspectos de sua aculturação**. Manaus: Fundação Cultura, 1973.

ARAÚJO, Patrício Câmara. **Aristóteles: Poiésis Mimética e o aparecimento da physis**. Revista Pesquisa em Foco: Educação e Filosofia ISSN 1983-3946 33. Volume 4, Número 4, Ano 4, Julho 2011.

ARISTÓTELES. **Política**. 5. ed. Texto integral. Tradução de Pedro Constantin Tolens. São Paulo: Martin Claret, 2001.

_____. **Poética**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

_____. **Ética a Nicômano**. 4.ed. **Os pensadores**: v.2 São Paulo: Nova Cultural,1991.

ÁVILA, Contrera Rebeqa. PORTES, Écio Antônio. **A tríplice jornada de mulheres pobres na universidade pública: trabalho doméstico, trabalho remunerado e estudos.** Revista Estudos Feministas. Ver. Estud. Fem. Vol.20 no.3 Florianópolis Sept, Dec. 2012.

BATISTA, Sema Paula. **Injustiça Socioambiental: o caso PROSAMIM.** (Tese de Doutorado). São Paulo: Faculdade, Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2013.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico: contribuindo para uma psicanálise do conhecimento.** Rio de Janeiro: Contraponto.1996.

_____. **A Água e os Sonhos Ensaio sobre a imaginação da matéria** Martins Fontes São Paulo 1998.

_____. **A terra e os devaneios do repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade.** Tradução de Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____. **A Poética do espaço.** Tradução de Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

_____. **A água e os sonhos: ensaios sobre a imaginação da matéria.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade das relações humanas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.

_____, 1925- **Medo líquido** / Zygmunt Bauman; tradução, Carlos Alberto Medeiros. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

_____. **O mal-estar da pós-modernidade.** Tradução Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama; revisão técnica Luis Carlos Fridman – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,1998.

_____. 1925- B341 **Modernidade e ambivalência** / Zygmunt Bauman; tradução Marcus Penchel. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999

BAUDELAIRE, Charles. **As flores do mal. Poesia lírica.** Editora Auguste Poulet- Malassis, 1857.

_____. **O pintor da vida moderna.** In: COELHO, Teixeira. (Org.). A modernidade de Baudelaire. Trad: Suely Cassal. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988

BENTES, Rosalvo Machado. **A Zona Franca e o Processo Migratório para Manaus.** Dissertação - Belém, NAEA, 1993.

BENTES, Rosineide. **A intervenção do ambientalismo internacional na Amazônia** ESTUDOS AVANÇADOS 19 (54), 2005.

BENJAMIN, W. **Charles Baudelaire.: um lírico no auge do capitalismo** (Obras escolhidas, Vol.3). São Paulo: Brasiliense, 2011.

_____. **Obras escolhidas III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo.** 3a . ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação.** São Paulo: Summus, 1984.

_____. **O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov.** In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, (Obras escolhidas; vol. 1), 1994.

BRINGEL, Sérgio. <http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2015/09/despejo-de-esgoto-do-prosamim-polui-igarapes-de-manaus>, 2015.

BITTENCOURT, Renato Nunes. **As falácias da ideia de progresso segundo Nietzsche.** Programa de Pós-graduação em Filosofia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Largo de São Francisco de Paula, 1, 20051-070, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Maringá, v. 33, n. 1, p. 81-96, 2011.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

_____. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos.** São Paulo, Cia. das Letras, 1995.

BERTOLDO, Raquel Bohn. BARBARÁ, Andréa. **Representação social do namoro: a intimidade na visão dos jovens.** Psico-USF, v. 11, n. 2, p. 229-237, jul./dez. 2006 Psico-USF, v. 9, n. 2, p. - Jul./Dez. 2004.

BOBBIO, Norberto. **O futuro da democracia.** 9. ed. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2004.

_____. **A era dos Direitos.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

_____. **A era dos Direitos.** Rio de Janeiro: Campus, 1992

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** Vários tradutores. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BRAMANTE, A. C. **Lazer: concepções e significados.** In: Revista Licere, v.1, n.1, Belo Horizonte, 1998.

BRANDÃO, C. R. **Aqui é onde eu moro, aqui nós vivemos: escritos para conhecer, pensar e praticar o município educador sustentável.** 2.ed. – Brasília: MMA, Programa Nacional de Educação Ambiental. 2005.

_____. **Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural.** São Paulo: Brasiliense, 1990.

BRITO, Álvaro de Azevedo Alves. **Revista Jus Navigandi**, Teresina, ano 17, n. 3147, 12 fev. 2012. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/21042>>. Acesso em: 23 jun. 2016.

BRUSCHINI, Cristina. **Trabalho doméstico: Inatividade econômica ou trabalho não remunerado?** R. Brás. Est. Pop. São Paulo v. 23, n. 2 p. 331-353, jul./dez. 2006.

BUENO, Ricardo. **Borracha na Amazônia: as cicatrizes de um ciclo fugaz e o início da industrialização.** 1ª. ed. – Porto Alegre: Quatro Projetos; v.2. 2012.

BURNS, E. Bradford. **Manaus 1910: retrato de uma cidade em expansão.** Manaus: Edição do Governo do Estado, 1966.

BUTTNER, Anna. **Aprendendo o dinamismo do mundo vivido.** In: CHRISTOFOLLETTI, Antônio. *Perspectiva da Geografia.* São Paulo: Difel, 1982.

CARVALHO, Pompeu Figueiredo de; FRANCISCO, José. A Função das Áreas de Preservação Permanente nas Cidades. In: Encontro Nacional Sobre Edificações e Comunidades Sustentáveis, 2003, São Carlos. Anais do Encontro Nacional sobre Edificações e Comunidades Sustentáveis -ENECS 2003. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2003.

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas.** Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia da Letras, 1990.

_____. **As cidades invisíveis.** São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **O que é lazer.** São Paulo: Brasiliense, 1992.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Imaginários Culturais da Cidade: conhecimento/espetáculo/desconhecimento.** In: COELHO TEIXEIRA, José. (Org.). *A Cultura pela cidade.* São Paulo: Iluminuras, 2008.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. (Org) **Ensaio de Geografia contemporânea: Milton Santos obra revisitada.** São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **O Espaço urbano: novos escritos sobre a cidade.** FFLCH, 2007.

_____. **O lugar no/do mundo.** São Paulo: Hucitec, 1996

CAETANO, Marcelo José. **Ética e meio ambiente: reflexões sobre os lugares do homem na contemporaneidade.** In: HISSA, Cássio Eduardo Viana (Org.). *Saberes ambientais: desafios para o conhecimento disciplinar.* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008

CARVALHO, M. C. B. **A reemergência das solidariedades microterritoriais na formação política contemporânea.** São Paulo em perspectiva, São Paulo: Fundação SEAD, v.11, n.4, out./dez. 1997.

CASTORIADIS, Cornelius. **As encruzilhadas do labirinto VI: Figuras do pensável.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano.** Artes de fazer. Nova edição estabelecida por Luce Giardi. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. 3ª edição. Editora Vozes, 1998.

_____. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 2001.

COELHO, Karla Nunes de Barros. **XII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo** Porto Alegre - RS – Brasil, 2012.

COELHO, Teixeira (Org.) **A cultura pela cidade.** São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2008.

CORREA, L. M. **Guia de Manaus: roteiro histórico e sentimental da cidade do Rio Negro.** Rio de Janeiro: Artenova, 1969.

COSTA et. al. **Avaliação das áreas verdes públicas da cidade de Manaus: situação em 1991.** Caminhos de Geografia Uberlândia, 2006.

COSTA, Danielle Pereira da, SCHMITT, Jair. **A Geografia urbana de Manaus: Desafios para mobilidade e circulação,** 2010. Disponível em: <http://pluris2010.civil.uminho.pt/Actas/PDF/Paper500.pdf> Acesso em 5 de março de 2017.

COSTA, Maria Cristina Castilho. O Objeto, o Colecionador e o Museu. In: Imaginário. Revista do Núcleo Interdisciplinar do Imaginário e Memória NIME/Universidade de São Paulo. São Paulo, nº 2. Jan/1995.

COVRE, Maria de Lourdes. **O que é Cidadania.** 3. ed., 11ª reimpressão, São Paulo: Brasiliense, 2003.

CRUZ, Dayana Aparecida Marques de Oliveira. **As faces do Planejamento Urbano.** Revista Pegada, v. 12, n. 2, dezembro, 2011. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/viewFile/938/1059>. Acesso em 19.03.2017.

DANTAS, Francisco Clementino de San Tiago. **Direito de família e das sucessões.** Rev. e atual. Por José Gomes Bezerra Câmara e Jair Barros. Rio de Janeiro: forense, 1991.

DAOU, Ana Maria. **A Belle Époque amazônica.** Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

DARDEL, Eric. **L'Homme et la Terre - Nature de la Réalité Géographique**. Paris: CTHS, [PUF, 1952], 1990.

DELEUZE, Gilles. **Empirismo e subjetividade Ensaio sobre a natureza humana segundo Deleuze**, Gilles. Conversações, 1972-1990/ Gilles Deleuze; Tradução de Peter Pál Pelbart - São Paulo. Ed. 34, (Coleções Trans), 1992. **Hume**. Coleção TRANS Tradução Luiz B. L. Orlandi, 1953.

_____. **Controle e Devir**. In: Conversações. Trad. de Peter Pál Pelbart. SP: Editora 34, 1992.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **A thousand plateaus**. Trans. B. Massumi. London: Continuum, 2004.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. vol.4. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 1995.

DIAS, Genebaldo Freire. **Pegada Ecológica e Sustentabilidade Humana** - Ed.Gaia/2002.

DIAS, Ednéia Mascarenhas A. **A ilusão do fausto: Manaus 1890- 1920**. Manaus: Valer, 1999.

DI SARNO, Daniela Campos Libório. **Elementos de Direito Urbanístico**. 1. Ed. Barueri: Manole, 2004.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DUVIGNAUD, Jean. **Lieux et non lieux**. Éditions Galilée, Paris 1977.

ELIAS, N.& DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, N. **Processos de formação de Estados e construção de nações**. In:..... Escritos e ensaios 1: Estado, processo e opinião pública. Organizados por Federico Neiburg e Leopoldo Waizbort. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1970.

ENGELS, Friedrich, **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**, 9ª ed., Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1984.

EPICURO. **Carta sobre a felicidade: (a Menelau)** / Epicuro; tradução e apresentação de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore - São Paulo: Editora UNESP, 2002.

FELIPPE, Miguel Fernandes; MAGALHÃES JÚNIOR. Antônio Pereira. **Conflitos conceituais sobre nascentes de cursos d'água e propostas de especialistas**. Geografia – Artigos Científicos- Belo Horizonte, 17 de janeiro - 06 de junho de 2013. Vol. 9, nº 1, 2013,

FERREIRA, Camila Lopes. **Trabalho, tempo livre e lazer: uma reflexão sobre o uso do tempo da população brasileira** (Dissertação de Mestrado em Engenharia de Produção) Universidade Federal do Paraná, Campus Ponta Grossa: [s.n.], 2010.

FERREIRA, Luiz Felipe. **Iluminando o Lugar: três abordagens** (Relph, Buttimer e Harvey). Boletim Goiano de Geografia. Goiânia, jan/julho de 2002.

FREIRE, Cristina. **Além dos Mapas: Os Monumentos no Imaginário Urbano Contemporâneo**. São Paulo: SESC: Annablume, 1997.

FLICKINGER, H-G. **Da experiência da arte à hermenêutica filosófica**. In: ALMEIDA, C. L.; FLICKINGER, H. G.; ROHDEN, L. *Hermenêutica filosófica: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

FROTA, Karla Patrícia Palmeira. **Igarapé do quarenta: gênero e linguagem**. Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia. Universidade Federal do Amazonas (UFAM), 2012.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do Cárcere**, vol. 3: Maquiavel: notas sobre o Estado e a Política. COUTINHO, C. N. (Trad.); HENRIQUES, L. S.; NOGUEIRA, M. A. (Co-edição). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. **Escritos políticos**, vol. 1. COUTINHO, C. N. (Trad.); HENRIQUES, L. S.; NOGUEIRA, M. A. (Co-edição). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

_____. *Quaderni del carcere*. A cura di Valentino Gerratana. Torino : Einaudi, 2001.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método: traços fundamentais de um hermenêutica filosófica**. 3 ed.- Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

_____. **A incapacidade para o diálogo**. In: ALMEIDA, C. L.; FLICKINGER, H. G.; ROHDEN, L. *Hermenêutica filosófica: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo, Ed. 34, 1991.

GEERTZ, Clifford, 1926- **A interpretação das culturas** / Clifford Geertz. - 1. Ed., IS. reimpr. - Rio de Janeiro: LTC, 2008.

_____. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1989.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade** /Anthony Giddens; tradução de Raul Fiker. - São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GODBEY, G. **Leisure in your life: an exploration**. Pennsylvania: Venture Publishing, 3rd ed., 1990.

GOHN, M. da G. **A força da periferia: A luta das mulheres por creches em São Paulo**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

GOMES, C. L. **Lazer – Concepções**. In: GOMES, C. L. (org.) Dicionário Crítico do Lazer. Belo horizonte: Autêntica, 2004.

GURGEL, Núbia Irailde Fernandes. OLIVEIRA, José Aldemir de. **Moradias em áreas inundáveis: as intervenções do Prosamim em Manaus- Zona Oeste**. II Encontro da Sociedade Brasileira de Sociologia da Região Norte 13 a 15 de setembro de 2011, Belém (PA), Grupo de trabalho 16- Cidades Amazônicas, Urbanização e Produção de Desigualdade, 2010.

HABERMAS, Yurgen. **Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos**/yurgrn Habermas .- Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. (Trad.) Beatriz Sidou. São Paulo: Ed. Vértice, 1990.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. (Trad. de Beatriz Sidou). São Paulo: Centauro, 2006.

HEIDEGGER, M. **Cartas sobre o humanismo**. São Paulo: Centauro, 2005.

HAYDEN, Dolores. **The power of place: urban landscapes as public history**. Cambridge, Mass: The MIT Press, 1997.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Parte I Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback 13ª Edição Editora Vozes, Universidade São Francisco, 2005.

_____. **Ser e Tempo**. Parte II Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback 13ª Edição Editora Vozes, Universidade São Francisco, 2005.

HEIDEGGER, M. (1959). **O caminho para a linguagem**. In: _____. A caminho da linguagem. Petrópolis: Vozes, 2008.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

HÉLITO, Alfredo Salim. **Mitos e verdades sobre a popular congestão alimentar**. Disponível em: <https://www.hospitalsiriolibanes.org.br/sua-saude/Paginas/mitos-verdades-congestao-alimentar.aspx>. 2017. Acesso em: 20.02. 2017.

HEGEL, G. W. Friedrich. **Ciência da lógica (excertos)**. São Paulo: Barcarolla, 2011.

HOBSBAWM, Eric. **Globalização, democracia e terrorismo**. Tradução de José Viegas. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira. **Fundamentos da Educação Patrimonial**. Ciências & Letras – Educação e Patrimônio Histórico – Cultural: revista da Faculdade Porto Alegrense de Educação, Ciências e Letras, Porto alegre, n.27, jan.jun. 2000.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira et. al. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN/Museu Imperial, 1999.

IPEA – **Sustentabilidade ambiental no Brasil: biodiversidade, economia e bem-estar humano** / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília: Ipea, 640 p.: gráfs., mapas, tabs. (Série Eixos Estratégicos do Desenvolvimento Brasileiro; Sustentabilidade Ambiental; Livro 7) 2010.

JACKSON, John Brinckerhoff. **A sense of place, a sense of time**. New Haven/ London: Yale University Press. 1994.

JACOBI, P. **Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade**. Cadernos de Pesquisa, n. 118, nº 89.p. 189-205, março/ 2003.

_____. **Cidade e Meio Ambiente: percepções e práticas em São Paulo**. 2. Ed. São Paulo: Annablume, 2006.

JÚNIOR, Waldemir Rodrigues Costa; NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **A requalificação ambiental dos igarapés de Manaus (2005-2008): um contínuum das políticas de urbanização do século XIX?** Cad. Pesq. Cdhis, Uberlândia, v.24, n.1, 2011.

KIEKERGAARD, Soren Aabye. **Textos selecionados**, Trad. e org. de Ernani Reichmann, Curitiba : Publicação do Organizador, 1971.

_____, **As obras do amor – Algumas considerações cristãs em forma de discursos**, Trad. Alvaro Valls, Petrópolis: Vozes, 2005.

KREPPNER, K. **The child and the family: Interdependence in developmental pathways**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 16(1), 2000.

KHOURY, Yara Aun. **“Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história”** in *Muitas memórias outras histórias*. São Paulo: Olho D’água, 2004.

LARA, Mayra Viviane Rochavetz de. **Análise crítica de programas de revitalização de rios urbanos na bacia hidrográfica do Rio Belém em Curitiba-Pr.**/ Mayra Viviane Rochavetz de Lara. - Curitiba, 2014.

LE CORBUSIER, **Planejamento Urbano**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à cidade**. (Traduzido por Rubens Eduardo Frias). São Paulo: Centauro, 2001.

_____. **Espaço e política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

_____. **La vida cotidiana en el mundo moderno**. Madrid: Alianza Editorial, 1972.

_____. **O Direito à cidade**. [&.I.]: Editora Anthropos, 1968.

_____. **A revolução urbana**. Tradução Sérgio Martins. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2004.

_____. Capítulo V. **O espaço e o Estado**. Tradução: José Augusto M. Pessoa. In: De l'État, tome IV, Les contradictions de l'État moderne. Paris: Union Générale d'Éditions, 1978.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1990.

LEONHARDT, Ruth Rieth. **As reflexões éticas de Paul Ricoeur**. Departamento de Filosofia Unicentro Guarapuava – PR Anacleto Guarapuava, Paraná v. 7 no 2 p. 61-76 jul./dez. 2006.

LEVINAS. Emmanuel **Da Existência ao Existente**. Tradução de Paul Albert Simon. Campinas: Papirus, 1998.

_____. **De l'Existence à l'Existent**. Paris: Vrin, 1990

_____. **Totalidade e infinito: ensaio sobre a exterioridade**. Tradução de José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1988b

_____. **Entre Nós: ensaios sobre a alteridade**. Tradução de Pergentino Stefano et al. Petrópolis: Vozes, 1997b.

_____. **Autrement qu'être ou au-delà de l'essence**. Le Livre de Poche. Paris: Martinus Nijhoff, 1978.

LIBERATI, Anna Maria; BOURBON, Fabio. **A Roma Antiga**. Barcelona, Ediciones Folio, S.A. (Coleção Grandes Civilizações do passado), 2005.

LIRA, Bárbara Rebeka Gomes de. **A difícil vida fácil: O mundo da prostituição e suas representações na cidade de Manaus (1890-1925)** Universidade Federal do Amazonas Instituto de Ciências Humanas e Letras Programa de Pós- Graduação Mestrado em História, 2014.

LISBOA. Apolo Heringer - **Revitalização de rios no mundo: América, Europa e Ásia / Org: Antônio Thumaz Gonzaga das Matta Machado, Apolo Heringer Lisboa, Carlos Bernardo Mascarenhas Alves, Danielle Alves Lopes, Eugênio Marcos Andrade Goulart, Fernando Antônio Leite, Marcus Vinícius Polígano, Belo Horizont: Instituto Guaicuy, 2010.**

LOCKE. John. **Ensaio acerca do entendimento humano**. Tradução de Anoar Alex/ Editora Nova Cultural. LTDA. 1999.

LODY, Raul. **Vatapá: para comer e pensar** - Antropólogo e pensador da comida e da alimentação – axe.luar@gmail.com Disponível em: (<http://atarde.uol.com.br/gastronomia/noticias/1750490-vatapa-para-comer-e-pensar>, 2006. Acesso em 01.02.2017.

LONDRES, Flávia. **Agrotóxicos no Brasil um guia para ação em defesa da vida** Flavia Londres Realização ANA - Articulação Nacional de Agroecologia RBJA - Rede Brasileira de Justiça Ambiental- Rio de Janeiro, 2011.

LOUREIRO, Antônio José Souto. **A grande crise (1908-1916)**. Manaus: Edição do Autor, 1986.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 11ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

_____. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. Pró-Posições. v.19, n.2, maio-ago, 2008.

LOWENTHAL, David. **Geografia, Experiência e Imaginação**. In: CHRISTOFOLETTI, A.(org.). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel, 1985.

LYNCH, Kevin **A imagem da cidade**, 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999. *The Image of the city*. 1ª ed. 1960.

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. 23ª Edição s/d.

MACIEL, M. E. **Introdução. Comida**. *Horizontes Antropológicos*, 4:7-8, 1996.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo, Cosac e Naify, 2003.

MACHADO, Thomáz Gonzaga da Mata. **Revitalização de Rios no Mundo: América, Europa e Ásia** / Org.: Antônio Thomáz Gonzaga da Matta Machado, Apolo Heringer Lisboa, Carlos Bernardo Mascarenhas Alves, Danielle Alves Lopes, Eugênio Marcos Andrade Goulart, Fernando Antônio Leite, Marcus Vinícius Polignano. Belo Horizonte: Instituto Guaicuy, 2010.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo retorna: formas elementares da pós-modernidade**/ Michel Maffesoli; tradução de Teresa Dias Carneiro; revisão técnica de Abner Chiquieri. – Rio de Janeiro: Forense Universária, 2012.

_____. **O Instante Eterno: o retorno trágico nas sociedades pós-modernas**/ Michel Maffesoli; tradução Rogério de Almeida, Alexandre Dias. São Paulo: Zouk, 2003.

_____, Michel. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. *Revista FAMECOS •Entrevista. Porto Alegre • nº 15 • quadrimestral*, agosto 2001. Entrevista concedida a Juremir Machado da Silva, em Paris, em 20/03/2001.

MARCELINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Educação**. Campinas: Papyrus, 1990.

MARCOVITCH, Jacques. **A universidade (im)possível**. São Paulo: Futura, 1998.

MARICATO, Ermínia. **O ministério das cidades e a política nacional de desenvolvimento urbano**. Políticas sociais – acompanhamento e análise | 12 | IPEA, fev. 2006.

MARINHO, José Lino do Nascimento. **Seringueiros do Médio Solimões fragmentos e memórias de vida e trabalho** (Dissertação de Mestrado). Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2013.

MASCARENHAS, Fernando. **Lazer e Grupos sociais: Concepções e métodos**. 2000. Dissertação (Mestrado) – UNICAMP, Campinas, 2000.

MASSEY, Doreen. **A global sense of place**. In: Barnes, T., Gregory, D.(orgs.). Reading human geography. London: Arnold, 1977.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento**. As bases biológicas do entendimento humano. Campinas: Psy II, 1995.

MELO, E.G.F.; SILVA, M.S.R. do.; MIRANDA, S.A.T. **Influência Antrópica nos Igarapés de Manaus**. Artigo. Revista on line: Caminhos de Geografia, p. 73-79, 2006.

MELLO, Thiago de. **Amazonas, pátria da água**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

MENESES. U.T.B. **Os “usos culturais” da cultura. Contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais**. In: YAGIZI, E. et al. (org). Turismo, paisagem e cultura. São paulo: ed. Hucitec, 1996.

MERLEAU- PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

_____. 1908-1961 **Fenomenologia da percepção** / Maurice Merleau-Ponty; (tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura). 2ª Ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MESQUITA, Otoni Moreira de. **La Belle Vitrine O Mito do progresso na refundação da cidade de Manaus**. Tese de doutorado em História Contemporânea. Niterói, 2005.

MENDONÇA, Luís Eduardo Carvalheira de. **Fiepe 65 anos: preservando valores e ampliando conquistas**. Recife: Federação das Indústrias do Estado de Pernambuco, 2005.

MOREIRA, Erika Vanessa. HESPANHOL, Rosângela Aparecida de Medeiros. **O lugar como uma construção social**. Revista Formação, nº14 volume 2, 2007.

MOREIRA, Helion França. **O Plano Diretor e as funções sociais da cidade** CPRM Serviço Geológico do Brasil. Rio de Janeiro 2008.

MORIN, Edgar. **Amor, Poesia Sabedoria** 7ª ed. – Rio de Janeiro Tradução Edgar de Assis Carvalho Bertrand Brasil, 2005.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. Revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 9ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2004.

_____. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução de Eloá Jacobina. 16ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

_____. **A cabeça bem-feita. Repensar a reforma Reformar o pensamento** 8ª edição Tradução Eloá Jacobina. Bertrand Brasil, 2003.

NASÃO, Públio Ovídio. **A arte de Amar**. Texto integral. Tradução: Pietro Nasseti ABDR Associação Brasileira de Direitos Reprográficos Editora Afiliada. Livro 127, 2005.

NASCIMENTO, Eveline Maria Damasceno do. **Parque Municipal do Mindu: um olhar para sua problemática ambiental**. Editora EDUA, 2013.

Nietzsche. **Vontade de poder**. Rio de Janeiro: Contaponto, 2008.

NUNES, Maiana Farias Oliveira; HUTZ, Cláudio Simon. **Análise da Produção de Artigos Científicos sobre o Lazer: Uma Revisão**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Vol. 30, n. 3, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

Norte Filho, Antônio Ferreira do. **Operações Urbanas Consorciadas: Manaus como sub sede da copa do mundo de 2014**. Hiléia: Revista do Direito Ambiental da Amazônia nº 15. Jul-dez/2011.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral: uma polêmica**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999b.

O ALCORÃO SAGRADO. Tradução de Samir El Hayek Fontes digitais: Centro Cultural Beneficente Árabe Islâmico de Foz do Iguaçu www.islam.com.br ccbi@foz.net Versão para Rocket Edition LCC Publicações Eletrônicas eBooksBrasil.com Edições em pdf e BookLibris e BooksBrasil.org 2006.

OLIVEIRA, Isabel Cristina Eiras de. **Estatuto da Cidade para compreender**. Rio de Janeiro: IBAM/DUMA, 2001.

OLIVEIRA, Euclides. **União estável do concubinato ao casamento**. 6.ed. São Paulo: Método, 2003.

Oliveira, José Aldemir de, GUIDOTTI, Humberto. **A igreja arma sua tenda na Amazônia**. Manaus: Edua, 2000.

OLIVEIRA, José Aldemir de Oliveira. **Cidade de Manaus: Visões interdisciplinares**. Organizado por José Aldemir de Oliveira In: A cidade de Manaus: a análise da produção do espaço urbano a partir dos igarapés. Valle, Arthemísia de Souza e Oliveira, José Aldemir. Manaus: EDUA, 2003.

_____. **Cidade de Manaus: visões interdisciplinares**. Organizado por José Aldemir de Oliveira. Manaus: EDUA, 2003.

_____. **Espaço-tempo de Manaus: a natureza das águas na produção do espaço urbano**. Espaço e Cultura, UERJ, RJ, n. 23, jan./jun. de 2008.

_____. **A cultura, a cidade e os rios na Amazônia**. Cienc. Cult. vol.58 no. 3 São Paulo July/Sept. 2006.

_____. **Manaus de 1920-1967: A cidade doce e dura em excesso.** Manaus: ed. Valer / Governo do Estado do Amazonas / Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2003.

PADILHA, V. **Shopping Center – a catedral das mercadorias.** São Paulo. Editora Boitempo. 2006.

PEREIRA, Potyara A.P. **Discussões conceituais sobre política pública como política pública e direito de cidadania.** I. BOSCHETTI, Ivonete. et al. (org) ed. São Paulo: Cortez, 2009.

PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. **Estado, Estado- Nação e formas de intermediação política** Lua Nova, São Paulo, 100: 155-185, 2017.

PERROUX, F. **Ensaio sobre A Filosofia do Novo Desenvolvimento.** Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.

PENA, Rodolfo F. Alves. "**Conflitos pela água no mundo**"; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/geografia/conflitos-pela-agua-no-mundo.htm>>. Acesso em 18 de agosto de 2017.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no Porto de Manaus - 1899-1925.** 2ª ed. Manaus: Edua, 2000.

_____. **A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no Porto de Manaus - 1899-1925.** 2ª ed. Manaus: Edua, 2003.

Plano Diretor Participativo. **Ministério das Cidades.** Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva Ministro de Estado das Cidades Marcio Fortes de Almeida Secretária Nacional de Programas Urbanos Raquel Rolnik Diretor de Planejamento Urbano Benny Schasberg Diretora de Apoio à Gestão Municipal e Territorial Otilie Macedo Pinheiro Diretor de Assuntos Fundiários Celso Santos Carvalho, 2005.

Plano Diretor Urbano e Ambiental do Município de Manaus. Lei Complementar Nº 2, de 16 de janeiro de 2014.

PLATÃO. **A República.** Texto integral. Tradução de Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2003.

PINTAUDI, S. M. **O Templo da Mercadoria. Estudo sobre os Shoppings Centers do Estado de São Paulo.** 1989. (156 f.) Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH). Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 1989.

PINHEIRO, Lady Mariana Siqueira. **As mulheres do Prosamim: ambiente, gênero e cidade.** 2008. (Dissertação de mestrado em ciências do ambiente) Universidade Federal do Amazonas, 2008.

PRIETO, Élisson Cesar. **O Estatuto da Cidade e o Meio Ambiente.** Artigo para o IV Congresso Brasileiro de Direito Urbanístico São Paulo, 05 a 09 de dezembro de 2006.

PRIORE, Mary Del. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005.

PONDÉ, Luis Felipe. **A era do ressentimento: uma agenda para o contemporâneo** / Luis Felipe Pondé. São Paulo: LeYa, 2014

PORTELLI, Alessandro. **O Que Faz A História Oral Diferente**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História, n.º 14, São Paulo, 1997.

PORATH, S. L. **A Paisagem de Rios Urbanos. A Presença do Rio Itajaí-Açu na cidade de Blumenau**. 2004. 166 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Santa Catarina UFSC, Florianópolis Santa Catarina, 2011.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

REIS, Arthur. et al. **Apostila de restauração ambiental sistêmica**. Florianópolis, UFSC, 2008.

REIS FILHO, Milton Melo dos. **Memória do operariado amazonense: a festa como constructo e expressão da subjetividade operária (Tese de Doutorado)**. Manaus: UFAM, 2013.

RELPH, Edward. **Place and placelessness**. London: Pion, 1980.

REVEL, Jacques (Org.) **Jogos de escala: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

REZENDE, Denis Alcides e ULTRAMARI, Clóvis. **Plano Diretor e Planejamento estratégico municipal: introdução teórico-conceitual**. RAP Rio de Janeiro 41(2):255-71, Mar./Abr. 2007.

RIBEIRO, Eduardo Gonçalves. **Mensagem do Governador do Estado lida perante o Congresso dos representantes, por ocasião da abertura da segunda sessão ordinária**, em 10 de julho de 1893.

RIBEIRO, Eduardo Gonçalves. **Mensagem emitida em 10 de julho de 1984**. Manaus: Imprensa oficial.1984.

RIOS, Isabela. <http://www.webventure.com.br/h/noticias/beneficios-do-banho-de-cachoeira-para-o-corpo/33356s>, 2014.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2010.

_____. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2008.

RODRIGUES, Arlete Moysés. **Estatuto da cidade: função social da cidade e da propriedade**. Alguns aspectos sobre população urbana e espaço. Cadernos Metrópole, n.12, 2º sem. 2004.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: Melhoramentos, 1995.

SAFFIOTI, H.I.B. **Rearticulando gênero e classe social**. In: COSTA, A.O. e BRUSCHINI, C. (Org). Uma questão de gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos e Fundação Carlos Chagas, 1992.

SALAZAR, João Pinheiro. **O Abrigo dos Deserdados: estudo sobre a remoção dos moradores da Cidade Flutuante e os reflexos da Zona Franca na habitação da população de baixa renda em Manaus**. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Sociologia apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP, 1985.

SALEME, Edson Ricardo e SILVA, Solange Teles da. **Plano Diretor, participação popular e responsabilidades**. Edson Ricardo. XVI Congresso Nacional do CONPEDI, 2007.

SANTOS, Dalva de Cássia Sampaio dos. **O lazer no plano diretor das metrópoles amazônicas: um estudo comparativo entre Belém e Manaus**. (Dissertação de Mestrado). Belém: Unama, 2010.

SANTOS, Bruna Srutkowiski, CRISPIM, Jefferson de Queiroz. **Recuperação e preservação de nascentes: Uma alternativa de melhoria socioambiental para pequenos agricultores da comunidade de Barreiro das frutas –Campo Mourão- FECILCAM – VIII EPCC – Encontro Internacional de Produção Científica Cesumar CESUMAR – Centro Universitário de Maringá Editora CESUMAR Maringá – Paraná – Brasil, 2011.**

SANTOS, Fabiani; RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira de. **Afetividade: Abordagem no Desenvolvimento da Aprendizagem no Ensino Fundamental** - Uma Contribuição Teórica Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 3 - nº 1 – 2012.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado, fundamentos Teórico metodológico da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2005.

_____. **A natureza do espaço: espaço e tempo: razão e emoção**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. **Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record. 2007.

SANTOS, L.G. **Politizar as novas tecnologias: o impacto sócio-técnico da informação digital e genética**. São Paulo: Ed. 34, 2003

SARAIVA, Maria do Carmo. **Co-educação física e esportes: quando a diferença é mito**. Ijuí: Editora Unijuí, 1999.

SARTRE, J-P. Apresentação da revista “**Les Temps Modernes**”. In: Situações II. Trad. Rui Mário Gonçalves. Lisboa: Publicações Europa-América. 1968.

_____. **O existencialismo é um humanismo.** Tradução Rita Guedes, Luiz Forte e Bento Prado Jr. In: Coleção os pensadores. São Paulo: Ed. Nova cultural, 1987.

_____. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica.** 10.ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **O existencialismo é um humanismo. a imaginação** - questão de método. Seleção de Textos de: PESSANHA, José Américo Motta. Traduções de: GUEDES Rita Correia; FORTE, Luiz Roberto Salinas; PRADO JÚNIOR, Bento (Coord.). 3.ed. São Paulo: Nova Cultura, 1987.

SHAKESPEARE, teatro completo – **Tragédias**, página 557. Ediouro, Rio de Janeiro, s/d.

SERÁFICO, José; SERÁFICO, Marcelo. **A Zona Franca de Manaus e o capitalismo no Brasil**, Estudos Avançados 19 (54), 2005.

SENNET, Richard, 1943- **Carne e pedra/** Richard Sennet: tradução de Marcos Aarão Reis-3ª ed.- Rio de Janeiro: Record, 2003.

SCHERER, Elenise Faria; FILHO, Ivanhoé Mendes. **Injustiça ambiental em Manaus.** III Conferência da Amazônia realizada em Porto Velho no período de 01 a 04 de abril de 2004.

SCHERER, Elenise Faria. **Desemprego, trabalho precário e des-cidadanização na Zona Franca de Manaus** Somanlu, ano 4, n.1, jan/jun. 2004.

SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e relações sociais.** Organização e introdução de Helmut R. Wagner. Zahar: Rio de Janeiro, 1979.

SEIXAS, Paulo Castro. **Selva Tropical ou Tropicalização da Selva? Ensaio sobre a Cidade de Manaus.** Tempo e Ciência, Manaus, n.9/10, 2002/2003.

SHANLEY, Patrícia. **Frutíferas e Plantas Úteis na Vida Amazônica.** Patricia Shanley, Gabriel Medina; ilustrado por Silvia Cordeiro, Antônio Valente, Bee Gunn, Miguel Imbiriba, Fábio Strympl. Belém: CIFOR, Imazon, 2005.

SHINYASHIKI, Roberto. **A Carícia Essencial.** Uma psicologia do afeto. Editora: Gente. 2005.

SILVA, e al. **Buriti.** Série Frutas Nativas 2010. Edição Comemorativa dos 40 anos da SBF. Jaboticabal: Funep, 2010.

SILVA, José Afonso da. **Direito Urbanístico Brasileiro.** 4ª Ed. SP: Malheiros, 2006.

SILVA, Maria do Socorro Rocha da Silva. Amazônia (Inpa) WEd <http://www.acritica.com/channels/manaus/news/quinta-feira-estamos-matando-nossos-igarapes> A crítica Poluição dos igarapés está diminuindo a acidez do rio Negro, 2016.

SIQUEIRA, R. M. O. **Representações sociais de jovens estudantes do ensino médio em Itajaí/SC, sobre relações íntimas no contexto da AIDS** (Dissertação de Mestrado). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2001.

SOUSA, N. **Manaus: Realidade e contrastes sociais**. Manaus: Valer/Cáritas Arquidiocesana de Manaus, 2005.

SPOSITO, Maria E. B. **Urbanização e cidade: Perspectivas Geográficas**. Presidente Prudente ed. Gasper, 2001.

TAHIM, Demetrius Oliveira. **Rosto e ética no pensamento de Emmanuel Levinas**. Dissertação de... Programa de Pós Graduação da Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008.

TEIXEIRA, SILVANA. www.cpt.com.br Ou <https://www.cpt.com.br/cursos-meioambiente/artigos/nascentes-importancia-processo-de-recuperacao-e-conservacao-da-agua>. Consulta realizada em 13/10/2017.

TORRES, Iraíldes Caldas Torres. **As novas amazônidas**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2005.

TUNDISI, José Galizia. **Recursos hídricos no futuro: problemas e soluções**- estudos avançados 22 (63), 2008.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História Oral**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

VASQUES, Mônica Heloisa Braga; DONAIRE, Denis. **Um estudo sobre lazer e entretenimento nos shoppings centers regionais do município de São Paulo**. Ano VI - Nº 13/2003.

VEYNE, Paul. **O Império romano**. In: ARIES, P., dir; DUBY, G., dir; História da vida privada: v1, Do Império Romano ao ano mil (Org.) VEYNE, Paul. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

VICTORINO, Célia Jurema Aito **Planeta água morrendo de sede : uma visão analítica na metodologia do uso e abuso dos recursos hídricos** / Célia Jurema Aito Victorino. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

VIGOTSKY, L. S. **Pensamento e Palavra**. Madrid: Visor, 1932.

VILLAÇA, F. **Dilemas do Plano Diretor**. In: O município no século XXI: cenários e perspectivas. São Paulo: Fundação Prefeito Faria Lima - Cepam, Edição especial, 1999.

WALLACE, Alfred Russel. **Viagens pelos Rios Amazonas e Negro**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. **O que é universidade?** São Paulo: Editora Brasiliense. 9. ed. – Coleção Primeiros Passos, 1988.

WEBER, M. **Classe, “status”, partido**. In: VELHO, O. G.; PALMEIRA, M. G. S.; BERTELLI, A. R. (Org.). Estrutura de classe e estratificação Social. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

YASSUDA, E. R. **Gestão de recursos hídricos: fundamentos e aspectos institucionais**. Rev. Adm. Púb., v.27, n.2, p.5-18, 1993.

ZUANON, Jansen. **Pequenos igarapés abrigam até 50 espécies de peixes, que correm risco de extinção**. Orgulho da Amazônia – INPA, 2015.

ZUANON, Jansen. <http://www.acritica.com/channels/manaus/news/biologo-diz-que-igarapes-de-manaus-podem-desaparecer-se-poluicao-continuar>. INPA, 2012.

ZUANON, Jansen. [https://www.google.com.br/search?q=Zuanon+\(2013\)+leva+os+igarapés+a+extinção.+Não+há+igarapés+sem+vegetação+ou+sem+vida+anima](https://www.google.com.br/search?q=Zuanon+(2013)+leva+os+igarapés+a+extinção.+Não+há+igarapés+sem+vegetação+ou+sem+vida+anima), INPA, 2013.

FONTES DE INTERNET

<http://enefmao2017.wixsite.com/enefmanaus2017/cidade>. Consulta realizada em 10 de fevereiro de 2017.

http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2016/estimativa_tcu.shtm. IBGE - Consulta realizada em 16 de março de 2017.

Seguindopassoshistoria.blogspot.com.br/2014/01/os-banhos-publicos-na-roma-antiga.html (consulta realizada em 23/08/2016).-

<https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/potira/>